UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

CAMILA BORDONAL CLEMPI

CONTRIBUIÇÕES DE TEORIAS SOCIAIS DE GÊNERO PARA O ESTUDO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA:

uma discussão sobre a implementação de marcas de 3P associadas a 'você'

Araraquara
2024

CAMILA BORDONAL CLEMPI

CONTRIBUIÇÕES DE TEORIAS SOCIAIS DE GÊNERO PARA O ESTUDO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA:

uma discussão sobre a implementação de marcas de 3P associadas a 'você'

Tese de doutorado apresentada ao Conselho do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues.

Bolsa: CNPq (Processo n.141965/2020-7).

Araraquara
2024

C626c

Clempi, Camila Bordonal
Contribuições de teorias sociais de gênero para o estudo da mudança linguística : uma discussão sobre a implementação de marcas de 3P associadas a ‘você’ / Camila Bordonal Clempi. -- Araraquara, 2024
210 f.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

1. Sociolinguística Variacionista. 2. Sociolinguística Histórica. 3. Estudos de Gênero. 4. Gênero feminino. 5. Marcas de 3P associadas a ‘você’. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CAMILA BORDONAL CLEMPI

CONTRIBUIÇÕES DE TEORIAS SOCIAIS DE GÊNERO PARA O ESTUDO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA:

uma discussão sobre a implementação de marcas de 3P associadas a ‘você’

Tese de doutorado apresentada ao Conselho do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Data da defesa: 10/05/2024

MEMBRAS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

_____

Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues
Universidade Estadual Paulista – UNESP/FCLAr

_____

Membra Titular: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
Universidade Estadual Paulista – UNESP/FCLAr

_____

Membra Titular: Profa. Dra. Julia Lourenço Costa
Universidade Estadual Paulista – UNESP/FCLAr

_____

Membra Titular: Profa. Dra. Livia Oushiro
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/IEL

_____

Membra Titular: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico esta tese à minha mãe, Rita.

AGRADECIMENTOS

Esta tese não foi feita sem contribuições, apoio e acolhimento. As linhas que seguem são, portanto, um modo de agradecer, ainda que brevemente, aqueles que passaram por mim e que vivenciaram, cada qual à sua maneira, essa etapa comigo.

Aos meus pais, Rita e Humberto, agradeço por acreditarem que eu era capaz (quando eu mesma não acreditava), por apoiarem todas as minhas escolhas e por idealizarem essa conquista comigo, mesmo nos momentos mais difíceis (que não foram poucos). Todo o esforço mobilizado para eu me graduar em Letras e me tornar Mestre e Doutora em Linguística e Língua Portuguesa veio, primeiramente, de vocês.

À minha irmã, Sabrina, meu maior exemplo de determinação, agradeço por ser a minha melhor amiga e por ter me presenteado com meus sobrinhos, Luiz e Monique, que trouxeram a leveza necessária para encarar os últimos quatro anos.

Ao meu companheiro de quase uma década, Mateus, agradeço pelo amor e carinho diário e por ter se tornado meu lugar seguro. Obrigada por sempre me motivar a seguir minhas decisões, por saber compreender as fases em que eu me encontrava, por estar junto em qualquer situação e por superar comigo minhas inseguranças e incertezas. Obrigada também por ser o meu maior admirador, que, apesar de não entender totalmente o meu trabalho, acha incrível o que faço. Sou muito grata por partilhar a vida com você!

À minha orientadora, Angélica, agradeço por me acolher na UNESP, por aceitar me orientar em 2017, ainda no mestrado, sem me conhecer, e por confiar no meu potencial e na minha pesquisa desde então. Obrigada por todas as discussões e por todos os conselhos (de estudo e de vida), por me mostrar que realizar uma pesquisa é um ato político e por proporcionar uma relação orientadora-orientanda leve e tranquila.

Aos membros do Núcleo de Pesquisa em Sociolinguística de Araraquara (SoLAr), agradeço pelas tardes produtivas dedicadas às discussões sociolinguísticas e por contribuírem para a realização de minha pesquisa. Em especial, à Rosane, agradeço por me acolher no grupo e por me acompanhar de perto durante a minha trajetória na UNESP.

A todos os amigos e colegas da pós-graduação, agradeço por todos os momentos compartilhados. À Mirella, agradeço por estar no primeiro dia de aula da disciplina de Morfologia de Português em 2017 e por ter iniciado aquela conversa. Desde então, a nossa amizade só se fortaleceu. Obrigada por ser minha parceira de eventos, artigos, publicações e revisão! À Milena e Letícia, também agradeço a aproximação e por todas as nossas conversas

– de surtos acadêmicos e/ou de descontração – que me fizeram tão bem, principalmente nos anos de doutorado!

À Livia e Ana Cristina, agradeço a participação na banca de qualificação e pelas discussões e contribuições para o refinamento de meu trabalho. Em especial, à Livia, obrigada por ser sempre tão solícita e por responder minhas dúvidas sobre análises estatísticas em R.

À Rosane, Júlia, Livia e Caroline, agradeço por aceitarem o convite para compor minha banca de defesa. Obrigada pela leitura atenciosa e pelas colocações e sugestões incorporadas na versão final desta tese.

Aos docentes e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/FCLAr, agradeço por todo apoio a mim concedido.

Ao CNPq (Processo n. 141965/2020-7), pelo apoio financeiro, fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar a relação entre mudança linguística e gênero feminino. À luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]) e da Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009 [1982]), nossa proposta se assenta na análise do papel do gênero enquanto uma categoria fundamentada em teorias sociais em dados de estratégias variáveis de referência ao interlocutor (marcas de segunda pessoa do singular (2P) associadas a 'tu' e marcas de terceira pessoa do singular (3P) associadas a 'você') na posição sintática de sujeito. Com base em evidências de textos pretéritos (1915-1932) do português brasileiro, nosso interesse é discutir como questões sociais relacionadas ao gênero feminino impactam a língua, ou seja, como essa categoria social pode explicar um determinado resultado quanto ao uso do fenômeno linguístico. Para isso, propomos a leitura de gênero a partir da teoria da performatividade (Butler, 2018 [1988], 2018 [1990]) e trazemos uma perspectiva metodológica que leva em consideração a mídia impressa feminina, nos termos de Lauretis (1994), como "tecnologia de gênero". Nesse sentido, compusemos um córpus de 432 cartas publicadas na revista *A Cigarra* (publicação feminina). Além disso, vimos a necessidade de analisar os resultados em comparação a um grupo controle, composto por 432 cartas distribuídas em duas diferentes amostras e definido por meio de um *continuum* de práticas sociais e de representações de gênero: a *Revista da Semana* (publicação [+feminina ↔ -masculina]) e o *Correio Paulistano* (publicação [+masculina ↔ -feminina]). Os resultados, com base em 3.450 ocorrências das variantes, apontam para uma direção contrária em relação a outros estudos (Rumeu, 2008; Pereira, 2012; Souza, 2012) e ao Paradoxo do gênero (Labov, 1990, 2001), que sinalizam as mulheres, em relação aos homens, como líderes da implementação de uma variante inovadora (aqui, marcas de 3P associadas a 'você'). Nesta pesquisa, o grupo controle de publicação [+masculina ↔ -feminina], as cartas do jornal *Correio Paulistano*, avança rapidamente rumo à mudança linguística se comparado às cartas da revista *A Cigarra* (publicação feminina) e da *Revista da Semana* (publicação [+feminina ↔ -masculina). Nas análises multivariadas, os resultados das variáveis previsoras linguísticas (*tipo de sujeito*, *contexto verbal* e *paralelismo linguístico*), além de *faixa temporal*, mostram que as tendências evidenciadas por estudos sociolinguísticos (Barcia, 2006; Rumeu, 2008; Lopes; Marcotulio, 2011; Pereira, 2012; Souza, 2012) se confirmam neste trabalho, independentemente de questões de gênero, em *A Cigarra* (uso de 3P/'você' favorecido quando o sujeito é pleno, entre os anos de 1927-1932, e desfavorecido em contexto verbal não imperativo e em ocorrência precedida por 2P/'tu') com alguns padrões de uso que se repetem no grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*). Enquanto as variáveis que se relacionam com a configuração das cartas (*tipo de comunicação*, *temática* e *papel social do referente*) revelam que, em *A Cigarra*, o emprego de 3P/'você' é desfavorecido quando os tipos de comunicação do trecho/dado são de conselho ou de relato e quando as temáticas envolvem cultura e política ou relacionamento, com menor frequência de uso, em termos percentuais, no momento que o referente é uma pessoa amada, uma pessoa amiga ou o redator. Nesses casos, ainda que algumas dessas tendências se confirmem para as amostras do grupo controle, com as interpretações dos dados, destacamos que os significados sociais de cada categoria em análise se modificam de acordo com o córpus, mesmo nas situações em que há discursos performados pelo gênero feminino (*A Cigarra* e *Revista da Semana*), levando a diferentes escolhas das variantes e permitindo, nesse viés, uma discussão de como a proposta de publicação das cartas, o gênero feminino e a conservação do uso de 2P/'tu' em *A Cigarra* estão articulados nesta pesquisa.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Sociolinguística Histórica. Estudos de Gênero. Gênero feminino. Marcas de 3P associadas a 'você'.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate the relation between linguistic change and the female gender. In light of the theoretical and methodological assumptions of the Theory of Variation and Change (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]) and Historical Sociolinguistics (Romaine, 2009 [1982]), our proposal is based on analyzing the role of gender (as a category grounded in social theories) in data concerning variable strategies of reference to the interlocutor (marks of the second person singular (2P) associated with 'tu' and marks of the third person singular (3P) associated with 'você') in the syntactic position of the subject. According to evidence from past texts (1915-1932) of Brazilian Portuguese, our interest lies in discussing how social issues related to the female gender impact language, that is, how this social category can explain a specific result regarding the use of the linguistic phenomenon under analysis. We suggest a gender reading from the Theory of Performativity (Butler, 2018 [1988], 2018 [1990]) and, additionally, we bring a methodological perspective that considers women's print media as "gender technology", in conformity with Lauretis (1994). With that in mind, we compiled a corpus of 432 letters published in the magazine *A Cigarra* (a women's publication). We found it necessary to also analyze the results in comparison to a control group, composed of 432 letters distributed in two different samples and defined through a *continuum* of social practices and gender representations: *Revista da Semana* (publication [+female ↔ -male]) and *Correio Paulistano* (publication [+male ↔ -female]). The results, based on 3,450 occurrences of the variants, point towards a contrary direction compared to other studies (Rumeu, 2008; Pereira, 2012; Souza, 2012) and to the Gender Paradox (Labov, 1990, 2001), which indicate that women, in relation to men, lead the implementation of an innovative variant (here, marks of 3P associated to 'você'). In this research, the control group of publication [+male ↔ -female], the letters from the newspaper *Correio Paulistano*, progress more rapidly towards linguistic change when compared to the letters from *A Cigarra* (a women's publication) and *Revista da Semana* (publication [+female ↔ -male]). In the multivariate analyses, the results of linguistic predictor variables (*subject type*, *verbal context*, and *linguistic parallelism*), besides *temporal span*, show that the tendency evidenced by other sociolinguistic studies (Barcia, 2006; Rumeu, 2008; Lopes; Marcotulio, 2011; Pereira, 2012; Souza, 2012), regardless of gender matters, are confirmed in this work in *A Cigarra* (use of 3P/'você' favored when the subject is plural, between the years 1927-1932, and disfavored in non-imperative verbal context as well as in occurrence preceded by 2P/'tu'), with some patterns reproduced in the control group (*Revista da Semana* and *Correio Paulistano*). On the other hand, the variables that relate to the configuration of the letters (*communication type*, *theme*, and *social role of the referent*) reveal that, in *A Cigarra*, the use of 3P/'você' is disfavored when the communication types of the excerpt/data are advice or narrative and when the themes involve culture and politics or relationships; with even lower frequency of use, in percentage terms, when the referent is a loved one, a friend, or the writer. In these cases, although some of these tendencies are also confirmed for the control group samples, with data interpretations we emphasize that the social meanings of each category under analysis change according to the corpus, even in cases where discourses are performed by the female gender (*A Cigarra* and *Revista da Semana*), leading to different choices of variants and thus allowing a discussion of how the letter publication proposal, female gender, and conservation of the use of 2P/'tu' in *A Cigarra* are articulated in this research.

Keywords: Variationists Sociolinguistics. Historical Sociolinguistics. Gender Studies. Female gender. Marks of 3P associated with 'você'

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Anúncio publicado na revista *A Cigarra* (ano de 1915) 19
Figura 2 - Capa da revista *A Cigarra* (ano de 1919) 19
Figura 3 - Painel de uso de 'você'-sujeito entre mulheres de uma família ilustre 57
Figura 4 - Capas da revista *A Cigarra* (anos de 1920 e 1930) 94
Figura 5 - Anúncios publicados na revista *A Cigarra* (ano de 1925) 95
Figura 6 - Capas da revista *A Cigarra* (anos de 1922 e 1930) 104
Figura 7 - Fotografias em *A Cigarra* - bailes (anos de 1925 e 1930) 106
Figura 8 - Fotografias em *A Cigarra* - casamentos (anos de 1917, 1922 e 1924) 109
Figura 9 - Capas da *Revista da Semana* (anos de 1915, 1921, 1927 e 1932) 112
Figura 10 - Anúncio publicado na *Revista da Semana* (ano de 1921) 114
Figura 11 - Primeiras páginas jornal *Correio Paulistano* (anos de 1915 e 1930) 117
Figura 12 - Anúncio publicado no jornal *Correio Paulistano* (ano de 1920) 119
Figura 13 - Árvore de inferência condicional para a variável resposta quanto aos córpus ... 147
Figura 14 - Proporção de uso da variável resposta quanto ao tipo de sujeito em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*) 155
Figura 15 - Proporção de uso da variável resposta quanto ao contexto verbal em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*) 157
Figura 16 - Proporção de uso da variável resposta quanto ao contexto verbal de sujeitos plenos em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*) 159
Figura 17 - Proporção de uso da variável resposta quanto ao paralelismo linguístico em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*) 160
Figura 18 - Proporção de uso da variável resposta quanto ao tipo de comunicação em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*) 163
Figura 19 - Proporção de uso da variável resposta quanto à temática em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*) 169
Figura 20 - Proporção de uso de 3P/'você' quanto à faixa temporal em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*) 177
Figura 21 - Proporção de uso da variável resposta quanto ao papel social do referente em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*) 179

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Alfabetização de acordo com sexo (1872-1940)..... 79
Tabela 2 - Matrículas escolares no Estado de São Paulo de acordo com o sexo (1930) 103
Tabela 3 - Distribuição da população do Estado de São Paulo de acordo com cor/sexo (1940) 105
Tabela 4 - Idade de casamento de mulheres na cidade de São Paulo (1901-1937) 110
Tabela 5 - Exemplo de células vazias - cruzamento entre tipo de comunicação e temática em *A Cigarra* 150
Tabela 6 - Análises de regressão logística de efeitos mistos (*A Cigarra*, *Revista da Semana*, *Correio Paulistano*). Resultados para o uso de 3P/'você' em relação ao uso de 2P/'tu' na posição sintática de sujeito. Identificação de autoria como variável aleatória 154
Tabela 7 - Distribuição geral dos resultados (níveis sem amálgamas) para o uso de 3P/'você' em relação ao uso de 3P/'tu' na posição sintática de sujeito (*A Cigarra*, *Revista da Semana*, *Correio Paulistano*) 209
Tabela 8 - Análises de regressão logística de efeitos fixos (*A Cigarra*). Resultado para o uso de 3P/'você' em relação ao uso de 2P/'tu' na posição sintática de sujeito 210
Tabela 9 - Análises de regressão logística de efeitos fixos (*Revista da Semana*). Resultado para o uso de 3P/'você' em relação ao uso de 2P/'tu' na posição sintática de sujeito 211
Tabela 10 - Análises de regressão logística de efeitos fixos (*Correio Paulistano*). Resultado para o uso de 3P/'você' em relação ao uso de 2P/'tu' na posição sintática de sujeito 212

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças e similitudes entre Sociolinguística Variacionista e Sociolinguística Histórica 38
Quadro 2 - Extensão dos córpus 122
Quadro 3 - Critérios de seleção de cartas para construção dos córpus 123
Quadro 4 - Síntese das variáveis previsoras controladas 145
Quadro 5 - Variáveis acomodadas na análise de dados com reorganização de níveis 152

LISTA DE ABREVIATURAS

2P - Segunda Pessoa do Singular

3P - Terceira Pessoa do Singular

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
2 SOCIOLINGUÍSTICA E GÊNERO 23
2.1 A Sociolinguística e o Paradoxo do gênero 23
2.1.1 (Des)caminhos para o tratamento do gênero enquanto variável sociolinguística 27
2.1.2 Novas perspectivas sobre gênero: em busca do significado social da variação linguística 31
2.2 Dos cinco problemas para a análise empírica da mudança linguística 34
2.3 Desafios de investigação sociolinguística histórica 37
2.4 Da história do fenômeno linguístico 41
2.4.1 Estudos sociolinguísticos sobre o fenômeno variável tu/você na passagem dos séculos XIX-XX 46
2.4.2 Papel das mulheres na implementação de 'você' na passagem dos séculos XIX-XX 55
2.5 Em resumo 60
3 MULHER(ES) E GÊNERO 64
3.1 De mulher(es) ao gênero: compreendendo as teorias feministas 64
3.1.1 Performatividade de gênero 72
3.1.2 Tecnologia de gênero 75
3.2 Educação das mulheres e desigualdade de gênero 77
3.2.1 Práticas de leitura e escrita numa perspectiva de gênero 81
3.2.2 Imprensa feminina e Imprensa feminista 84
3.3 Em resumo 87
4 METODOLOGIA 89
4.1 Operacionalização do gênero em estudos sociolinguísticos: uma proposta 90
4.2 Córpus de publicação feminina: *A Cigarra* 92
4.2.1 Perfis de leitoras da revista *A Cigarra*: uma proposta de caracterização 100
4.3 Recurso metodológico de comparação entre córpus: a criação de um grupo controle 110
4.3.1 *Revista da Semana*: grupo controle de publicação [+feminina ↔ - masculina] 111

4.3.2 *Correio Paulistano*: grupo controle de publicação [+masculina ↔ - feminina] 116
4.4 Procedimentos para a construção dos córpus 120
4.5 Variáveis controladas 124
4.5.1 Variável resposta 124
4.5.2 Variáveis previsoras 126
4.6 Tratamento estatístico e decisões metodológicas para exclusão de dados 139
4.7 Em resumo 143
5 RESULTADOS 146
5.1 Visão geral da distribuição de usos de 2P/'tu' e de 3P/'você' 146
5.2 Análises 149
5.2.1 Do *papel social do referente* 178
5.3 Em resumo 187
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 192
REFERÊNCIAS 197
APÊNDICES 209

1 INTRODUÇÃO

A variável gênero, também entendida em outros termos (sexo, sexo/gênero, gênero/sexo), recebe destaque nas pesquisas sociolinguísticas de orientação laboviana (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2016 [1972]) e é assumida como um elemento importante para a estratificação social. Chamamos a atenção, todavia, para o fato de que o tratamento de gênero e as reflexões de seu condicionamento na mudança linguística, diferentemente do que ocorre com outras categorias de análise sociolinguística, muitas vezes, envolvem generalizações e abstrações em demasia, conforme ponderam Eckert e McConnell-Ginet (2010 [1992]). Nesse contexto, a ausência da acomodação de uma teoria social às interpretações de gênero em processos de variação/mudança na língua pode levar à visão essencialista[1] de uma categoria complexa (Eckert; McConnell-Ginet, 2010 [1992]; Bucholtz, 2002; Wodak; Benke, 2017)[2].

Neste estudo, com base nos preceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2016 [1972]) e da Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009 [1982]), partimos de uma leitura de gênero socialmente fundamentada (Butler, 2018 [1988], 2018 [1990]; Lauretis, 1994) para trazer à luz, por meio de evidências de textos pretéritos, como a construção social de papéis de gênero feminino pode ser sensível aos processos de variação e mudança linguísticas.

Para alcançar este objetivo, nos propusemos a analisar marcas (quer seja o pronome, quer seja o traço morfológico do verbo) de segunda pessoa do singular (2P) e de terceira pessoa do singular (3P) associadas a ‘tu e a ‘você’, respectivamente, na posição sintática de sujeito[3]. A investigação é feita com base nos anos de 1915 a 1932, recorte temporal em que a variante inovadora (marcas de 3P associadas a ‘você’), cujo surgimento se deu *a posteriori* no sistema linguístico, parece competir mais assiduamente com a conservadora (marcas de 2P associadas a ‘tu’), uma estratégia mais antiga de referência ao interlocutor, e se implementar no sistema pronominal do português brasileiro (Lopes; Duarte, 2007; Machado, 2006; Rumeu, 2008, 2013; Pereira, 2012; Souza, 2012).

---

[1] Por “essencialismo”, entendemos, tal como propõe Tosald (2010, p. 169), a “necessidade de estabilizar determinados grupos sociais enquanto sujeitos políticos”. Numa perspectiva essencialista, desse modo, as identidades que compõem os sujeitos são estanques.

[2] Essa questão também pode se estender a outras categorias de análise sociolinguística, como raça/etnia, idade/faixa etária e identidade, por exemplo.

[3] É necessário ressaltar que, em nossos dados, não houve ocorrência de sujeito pleno ‘tu’ + verbo sem concordância, fato que nos permite assegurar que, em casos de sujeito nulo, o verbo é capaz de indicar qual é a variante em análise.

Estudos como os de Faraco (2017 [1996]), Rumeu (2008) e Lopes *et al.* (2018) indicam que diferentes valores (semânticos, pragmáticos, sociais e estilísticos) podem se correlacionar a essa mudança linguística, como os traços de distanciamento e de intimidade[4]. Nesse sentido, as razões que movem a escolha do fenômeno linguístico nesta tese estão associadas, sobretudo, à expectativa de que diferentes significados sociais, aqui incluídos os relacionados a gênero, possam emergir com o uso de marcas de 2P/3P ligadas, respectivamente, a tu/você.

Um dos grandes desafios que se coloca frente a esta pesquisa, entretanto, é determinar um método de controle da variável gênero em dados de escrita do passado, uma vez que as principais fontes de material histórico (jornais e documentos oficiais) são de autoria masculina (Auer *et al.*, 2015; Conde-Silvestre, 2007, 2020). Por essa razão, organizamos e utilizamos como fonte de extração de dados um córpus que toca às questões sociais de gênero feminino – cartas publicadas em revista de publicação feminina. Tal como em Clempi (2019) e em Rodrigues, Clempi e Félix (2023), assumimos que o trabalho com textos escritos nesse hipergênero[5] pode ser favorável a esse tipo de análise sociolinguística, sem perder de vista que a imprensa feminina constrói a imagem de seu grupo de leitoras (público-alvo) a partir de um padrão hegemônico e representa a imagem da mulher segundo um determinado perfil.

Em congruência com Bassanezi (1996, p. 15), compreendemos que:

> As revistas buscam, na medida do possível, refletir um aparente consenso social, ou melhor, as idéias dominantes sobre o masculino, o feminino e as relações homem-mulher. Assim, elas também são espaços onde as relações sociais, com sua distribuição de poder, se estabelecem, são produzidas, reforçadas e reproduzidas[6].

Coletamos, portanto, 432 cartas publicadas em *A Cigarra* (SP), de periodicidade quinzenal, direcionada a um público consumidor feminino, por hipótese, branco, jovem-adulto, culto, letrado, de camadas médias a altas e situado no Estado e na cidade de São Paulo (*cf.* subseção 4.2.1). Fundada por Gelásio Pimenta, a fase da revista em que o córpus é composto

[4] Embora, na sincronia atual, a motivação dessa variação linguística seja, entre outras, regional e social, no passado, ela estava mais fortemente atrelada ao social. De início, marcas de 3P associadas a 'você', como abordaremos neste estudo, remetiam ao valor de distanciamento advindo da forma-fonte 'Vossa Mercê', enquanto marcas de 2P associadas a 'tu' eram mais frequentemente empregadas no plano da intimidade.

[5] Baseamo-nos na proposta de Bonini (2011), que trata, a partir de uma perspectiva bakhtiniana, revistas e jornais, por exemplo, como hipergênero. Em suas palavras, os gêneros "são produzidos em agrupamento, compondo uma unidade de interação maior (um grande enunciado) que estou chamando de hipergênero. [...]. Todo hipergênero, como o jornal, a revista, o site, apresenta um sistema de disposição dos enunciados que envolve gêneros organizadores (sumário, introdução, editorial, chamada etc.) e gêneros de funcionamento (notícia, romance, tratado, entrevista etc.)" (Bonini, 2011, p. 691-692).

[6] Apesar de Bassanezi (1996) trabalhar com revistas publicadas entre os anos de 1945 e 1962, essa afirmação pode se correlacionar tanto ao período de surgimento da imprensa feminina quanto ao período atual. Revistas femininas ainda podem ser entendidas como local em que a representação de mulher (no singular) reflete uma visão patriarcal.

foi pensada, paradoxalmente, por homens. Não por acaso, ao ser uma representação da sociedade paulista(na) de elite, de acordo com Moreira (2011, p. 94), havia "uma tendência particular da própria *A Cigarra* em destacar assuntos mais suaves que se "adequavam" às mulheres".

Os resultados obtidos são interpretados com base na comparação e no confronto com dados de outros córpus, os quais constituem o que denominamos de grupo controle, formado por 216 cartas da *Revista da Semana* (RJ), de periodicidade semanal, e 216 cartas do *Correio Paulistano* (SP), um jornal diário. Embora ambas as amostras não tenham uma segmentação de gênero explícita, na prática, podem ter um direcionamento maior dos conteúdos, ora para mulheres, ora para homens, como nos sugerem capas, textos, anúncios e vendas dos periódicos, além de estudos sobre a história de revistas e jornais do século XX de maneira geral (Buitoni, 1990; Mira, 2001; Czrnorski; Meyrer, 2016; Scalzo, 2016; Casadei, 2017 e outros).

A *Revista da Semana*, apesar de voltada, de início, a um público diversificado de classe média, passa a direcionar os conteúdos às mulheres e, afirma Casadei (2017), com o interesse em comercializar modos de vida validados no contexto carioca. Por outro lado, o *Correio Paulistano*, um dos jornais de maior circulação de São Paulo entre os séculos XIX e XX, trazia comunicação rápida e notícia objetiva a um público paulista(no), em teoria, majoritariamente masculino.

Nesses casos, optamos por estabelecer uma classificação das amostras controle conforme um *continuum* de publicações [+feminina ↔ -masculina] ou [+masculina ↔ -feminina], levando em consideração a perspectiva butleriana de que as práticas sociais, e não as categorias, são responsáveis por definir as identidades dos sujeitos e de que a representação de gênero se manifesta publicamente segundo o imaginário social acerca da feminilidade e da masculinidade (*cf*. subseção 3.1.1). Desse modo, assumimos, enquanto recurso metodológico de pesquisa, o córpus da *Revista da Semana* como grupo controle de publicação [+feminina ↔ - masculina] e o córpus *Correio Paulistano*, em contrapartida, de publicação [+masculina ↔ -feminina] (*cf*. subseções 4.3.1 e 4.3.2)[7].

Vale ressaltar que, apesar dos córpus serem publicados e divulgados em regiões distintas – São Paulo (*A Cigarra* e *Correio Paulistano*) e Rio de Janeiro (*Revista da Semana*) –, não é nosso objetivo, nesta tese, analisar a localidade na implementação de marcas de 3P associadas a 'você'. Sobre a questão, os resultados de Lopes *et al.* (2018) mostram que há, de modo geral:

[7] As amostras, quais sejam *A Cigarra*, *Revista da Semana* e *Correio Paulistano*, estão disponíveis para consulta em acervos digitalizados – Arquivo Público de São Paulo e Biblioteca Nacional Digital (*cf*. Referências).

> nas amostras de RJ, MG, SP, BA, PE e RN uma perda gradativa do pronome *tu* em proveito da nova forma gramaticalizada *você*. Tal perda foi observada majoritariamente na primeira metade do século XX. As taxas dessas formas de tratamento, no entanto, apresentam uma produtividade distinta em termos regionais (Lopes *et al.*, 2018, p. 139).

Nesse contexto, ainda que a mudança em favor da variante nova tenha se instaurado no início dos anos novecentos, a variação entre tu/você ganha contornos a partir de outro período – que não o analisado aqui –, mais especificamente, do último quartel do século XX, em comunidades de determinadas regiões brasileiras[8]. Defendemos, nessa perspectiva, que os mesmos valores sociopragmáticos podem estar atrelados a esse cenário de variação nas diferentes localidades das amostras (São Paulo e Rio de Janeiro) e na faixa temporal em análise (1915-1932)[9].

Os dados, transcritos na forma original, ilustram o fenômeno linguístico e os córpus em análise[10]:

(i) *A Cigarra* (publicação feminina)*:*

(01) [...]. ah! "Cigarrinha", não **imaginas** o meu constante soffrer com essa ingratidão! Se **tu** visses a magoa do meu coração, talvez **virias** enxugar as minhas lagrimas. Julgo-me a mais infeliz entre as moças. A unica consolação que me resta é fazer de ti a minha confidente, [...] (*A Cigarra*, novembro de 1917).

(02) Sou de facto muito animada. Diz **você** que se sentiu lisonjeada com a leitura de minha cartinha, pois, confessando-me ao Alcebiades, usei das mesmas expressões que **você** empregou numa carta dirigida ao poeta Guilherme de Almeida [...] (*A Cigarra*, março de 1922).

(ii) Grupo controle de publicação [+feminina ↔ -masculina] *Revista da Semana*:

(03) Pensam que estou louca, meu amigo. Louca?!... Que imbecis! Imagina **tu** que pensariam si soubessem que ha muito tempo, observando-lhes a vida, a maneira automatica por que andam, agem, comem, dormem, dansam, [...]. (*Revista da Semana*, junho de 1926).

---

[8] Lopes e Duarte (2007) advogam, baseadas nos trabalhos de Duarte (1993) e Paredes Silva (2003), que, em peças teatrais cariocas, há indícios de que o uso de 'você' é quase exclusivo nas décadas de 1920 e 1930. Todavia, no ano de 1970, nesse mesmo tipo de texto, 'tu' retorna ao Rio de Janeiro, dessa vez, com a flexão verbal de 3P. Já no contexto de São Paulo, a mudança se efetiva e, atualmente, com exceção da cidade de Santos, o emprego de 'você' (e variantes 'ocê e 'cê) é categórico, tal como mostram Scherre *et al.* (2015) e Lopes *et al.* (2018) (*cf.* subseção 2.4).

[9] Lopes *et al.* (2018, p. 139) também verificam que, nas amostras de RJ, MG, SP, BA, PE e RN, os usos de 'tu' e 'você' foram registrados nos mesmos tipos de relação, independentemente da região, na passagem dos séculos XIX-XX. Nos estudos, 'tu' é empregado em relações assimétricas descendentes e/ou simétricas mais solidárias, e 'você', em relações assimétricas (ascendentes ou descendentes) e/ou nas relações simétricas (mais ou menos solidárias).

[10] Nos exemplos, quando o sujeito é pleno, tu/você estão destacados em negrito, já os verbos que os acompanham encontram-se sublinhados. Quando se trata de sujeito nulo (sem preenchimento), os verbos, que carregam o traço de pessoa do discurso, estão em negrito e sublinhado.

(04) [...] Vocês gostariam de ver o viveiro que fizemos no pomar: canarios, pintassilgos, sonhaços, arapongas... são tantos os passarinhos! **Você** bem sabe como é o Mario: de quando em quando muda de mania. Agora já não quer saber da collecção de sellos [...] (*Revista da Semana*, julho de 1931).

(iii) Grupo controle de publicação [+masculina ↔ -feminina] *Correio Paulistano*:

(05) [...] Visses **tu** esse fragmento de pelle exposto á voracidade dos meus olhos allucinados... Perdi o negocio do feijão, porquanto, preso ao engôdo desse escandaloso e divino decote, não desci, como projectára na praça Antonio Prado. Segui, preso áquelle trecho sublime de paizegem humana, mudo, fascinado, extatico, cataleptico... [...] (*Correio Paulistano*, abril de 1920).

(06) [...] Não quiz agradecer a gentileza com que **você** me offereceu um exemplar da sua obra, com generosa de dicatoria, antes de percorrer o seu trabalho. . Não faço restricções nos applausos que lhe envio. É seguramente um grande livro [...] (*Correio Paulistano*, outubro de 1926).

Embora seja comum a caracterização sociodemográfica de cada informante em estudos sociolinguísticos, trabalhamos com textos escritos em que a autoria não é atestada. À medida que nos ocupamos de um córpus constituído por cartas publicadas no início do século XX em uma revista de publicação feminina, *A Cigarra*, trazemos uma perspectiva sociolinguística histórica que leva em consideração a premissa de que a mídia impressa feminina pode ser vista, nos termos de Lauretis (1994) (*cf*. subseção 3.1.2), como "tecnologia de gênero".

A Cigarra pode ser, em alinhamento com Lauretis (1994), considerada uma tecnologia de gênero por acionar práticas e discursos a fim de produzir identificações e papéis normatizados como femininos. Entendemos que o gênero feminino é criado e representado por textos, fotografias e ilustrações que perpassam as páginas do periódico, como buscamos demonstrar, por exemplo, ao descrever e caracterizar o material mencionado (*cf*. subseções 4.2 e 4.2.1). Ilustramos, na sequência, como a revista reforça o papel de mulher atrelado à beleza por meio de um anúncio (Figura 1) e o papel de mãe zelosa[11] por meio da fotografia inserida em sua capa (Figura 2):

[11] Sobre o papel de mãe zelosa, é interessante recuperar o que destaca Rago (2014, p. 91) ao afirmar que, "certamente, a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devotada e inteira sacrifício implicou sua completa desvalorização profissional, política e intelectual. Esta desvalorização é imensa porque parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido".

Figura 1 - Anúncio publicado na revista *A Cigarra* (ano de 1915)

Arte de ser bella

O MAIOR predicado da mulher é ser bella. Nada ha comparavel a um lindo rosto de cutis homogenea, levemente rosada, emoldurado por sedosos e ondulantes cabellos; nada ha comparavel a uns olhos, sejam de que côr e tamanho forem, desde que sejam sombreados por bem traçadas sobrancelhas e pestanas, dos quaes realçam o br.lho e a ternura e dão expressão ao olhar; nada ha comparavel a uma bocca bem tratada, os dentes como o jaspe, os labios finos e rosados como o coral e o halito das rosas; nada ha comparavel, emfim, a umas mãos fidalgas, de unhas bem desenhadas, rosadas e luzidas.

Excmas. Senhoras e Senhoritas: Foi para attendel-as e facilitar-lhes estes grandes requisitos, que ora lhes apresento os "**Productos de Belleza Oriental**". (Todos os pedidos de productos abaixo devem ser dirigidos á Secção de Perfumarias da CASA EDISON, rua 15 de Novembro 55—S. Paulo. (Toda correspondencia é tratada confidencialmente).

Fonte: *A Cigarra*, edição 23 (ano de 1915).

Figura 2 - Capa da revista *A Cigarra* (ano de 1919)

Fonte: *A Cigarra*, edição 110 (ano de 1919).

Nessa conjuntura, revistas femininas brasileiras, desde seu surgimento em meados dos anos oitocentos, podem ser adotadas como fonte de dados na investigação de gênero (feminino)

em estudos sociolinguísticos, em especial os que se voltam à verificação do passado da língua, haja vista que esse tipo de amostra traz representações de uma determinada imagem de mulher, majoritariamente associada a um conceito de "feminilidade". A esse respeito, Beauvoir (2019 [1949], p. 165) sinaliza que, para alcançar a condição de "verdadeira mulher" ou "mulher feminina", em suas palavras, "um produto artificial que a civilização fabrica", é necessário seguir padrões de feminilidade. Conforme a autora, a feminilidade (a qual consiste em uma série de comportamentos esperados para uma mulher, como o cuidado com o outro, a realização de tarefas domésticas e a preparação para o casamento e para a maternidade) é uma construção do patriarcado.

Trazemos também a noção butleriana a fim de amparar a leitura de gênero neste estudo, sem ignorar as complexidades e a variabilidade para a sua compreensão nas teorias feministas de maneira geral (*cf*. subseção 3.1). Butler (2018 [1988], 2018 [1990]) se vale da teoria da performatividade para afirmar que gênero pode ser concebido como uma representação de uma imagem socialmente difundida e institucionalizada, ou seja, uma ação pública e coletiva que requer performance, a qual, para a autora, é construída por certos significados e por certas expectativas sociais sobre ser mulher/homem (*cf*. 3.1.1).

Operacionalizamos e investigamos, pois, a variável social "gênero" de modo a contemplar o conjunto-revista, e não o sujeito escrevente individualmente. Tendo em vista uma perspectiva teórico-metodológica social, em vez de biológica, sustentamos que as cartas publicadas na revista têm um discurso performado socialmente como feminino, sem desprezar o fato de que "[...] revistas femininas não são o espelho fiel (ou mesmo o distorcido) d'A Realidade (sic), apenas contêm uma visão desta (ao mesmo tempo em que fazem parte da própria realidade social)" (Bassanezi, 1996, p. 17).

Temos como objetivo, então, investigar como questões sociais atreladas ao gênero feminino na revista *A Cigarra* podem explicar um determinado resultado quanto ao uso de marcas de 2P/3P associadas, respectivamente, a tu/você na posição sintática de sujeito nos dados. A proposta se assenta em uma análise em que os papéis histórico-sociais de gênero feminino sejam acomodados na discussão da mudança linguística nos moldes labovianos. Para isso, selecionamos variáveis que são aplicadas na literatura sociolinguística sobre o fenômeno (*cf*. Barcia, 2006; Rumeu, 2008; Lopes; Marcotulio, 2011; Pereira, 2012; Souza, 2012) e são eleitas empiricamente como condicionadoras de uso de uma ou de outra forma, como *tipo de sujeito*, *contexto verbal* e *paralelismo linguístico*.

Também apostamos em variáveis que se relacionam com a proposta e a configuração das cartas publicadas. É o caso de *tipo de comunicação, temática* e *papel social do referente*. Além disso, controlamos *identificação de autoria* como efeito aleatório.

Uma vez que revistas direcionadas ao público leitor feminino priorizam um tom pessoal, de intimidade, ao mesmo tempo que "procuram discipliná-lo e enquadrá-lo nas relações de poder existentes" (Bassanezi, 1996, p. 16), colaborando "para a mistificação do ser feminino, ajudando a manter padrões" (Buitoni, 1981, p. 144), temos a hipótese de que os papéis de gênero feminino, associados a um ideal de feminilidade e estampados em *A Cigarra*, podem atuar como um quadro de conservação de marcas de 2P relacionadas a 'tu' e de resistência em relação ao processo de implementação de marcas de 3P relacionadas a 'você' nos dados. Essa expectativa está articulada, principalmente, ao que apontam autores, como Lopes e Marcotulio (2011), a respeito da preservação dos traços de intimidade [+pessoal] e distanciamento [-pessoal] de tu/você, nessa ordem, no início dos anos novecentos (1915-1932).

Assim, damos início à tese com a discussão sobre **Sociolinguística e gênero**, seção 2. Num primeiro momento, trazemos os postulados que orientam as hipóteses sobre o Paradoxo do gênero (Labov, 1990, 2001) para, em seguida, apresentar os (des)caminhos para o tratamento dessa variável social em estudos sociolinguísticos e as novas perspectivas em análises de variação linguística e gênero. Nessa seção, também contemplamos os cinco problemas teóricos e metodológicos para a verificação empírica da mudança linguística. Buscamos tratar, além dos principais conceitos e problemas norteadores da área, os desafios e as saídas, sobretudo de ordem metodológica, que se colocam frente a uma análise sociolinguística histórica. Demonstramos ainda o percurso histórico do fenômeno linguístico variável no português brasileiro. Nesse sentido, abordamos o que revelam os estudos sociolinguísticos diacrônicos/históricos sobre a variação e mudança de tu/você. Em subseção específica, destacamos as principais discussões e os resultados encontrados acerca do desempenho de mulheres na implementação da variante inovadora.

Na seção 3, **Mulher(es) e gênero**, expomos o percurso de categorias e de conceitos, alinhados ao movimento feminista, até se chegar aos diferentes entendimentos de "gênero". Além disso, evidenciamos a teoria da performatividade, de Butler ([1988], 2018 [1990]), e a teoria da tecnologia de gênero, de Lauretis (1994). Recuperamos aspectos sócio-históricos sobre educação de mulheres e práticas de leitura e escrita, dado que o trabalho com textos escritos precisa dialogar com questões que tocam a desigualdade de gênero no que diz respeito ao acesso à alfabetização e à escrita como tecnologias discursivas. Discutimos, nesse mesmo

tópico, o cenário de surgimento e as principais diferenças no que se refere às imprensas feminina e feminista.

Em **Metodologia**, seção 4, colocamos em evidência a proposta de operacionalização de gênero em trabalhos sociolinguísticos históricos. Contextualizamos a amostra *A Cigarra* e propomos a caracterização do público feminino e, logo após, apresentamos o grupo controle – as amostras *Revista da Semana* e *Correio Paulistano*. Explicitamos ainda os procedimentos de constituição dos córpus, as variáveis (resposta e previsoras) controladas conforme a metodologia sociolinguística e, por último, o tratamento estatístico e as decisões metodológicas para exclusão de dados.

Já na seção 5, **Resultados**, trazemos os resultados alcançados por meio de uma análise quantitativa, em consonância com os nossos objetivos e as hipóteses de pesquisa. Finalizamos este texto com as **Considerações finais** (seção 6) e com as seções de **Referências** e de **Apêndices**.

2 SOCIOLINGUÍSTICA E GÊNERO

Abordamos, num primeiro momento desta seção, os pressupostos que fundamentam a Sociolinguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2016 [1972]) e o Paradoxo do gênero (Labov, 1990, 2001). Em continuidade, colocamos em evidência o modo como tem sido tratado gênero enquanto variável sociolinguística, realçando a necessidade de implementar teorias antropológicas e sociológicas nos procedimentos metodológicos e nas interpretações de seu condicionamento na mudança linguística. Apresentamos, em nossas discussões, alguns estudos que têm se dedicado à análise de gênero e da variação linguística por uma perspectiva social a fim de demonstrar as possibilidades de investigação que fogem do que entendemos ser uma visão tradicional do condicionamento de sexo/gênero em dados sociolinguísticos.

Trazemos à luz, na sequência, os cinco problemas, elaborados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), que devem ser encarados para a análise da mudança linguística, ainda que este estudo possa lidar mais diretamente com um deles (problema de encaixamento). Logo depois, tratamos dos desafios de investigação da Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009 [1982]).

Com o objetivo de contextualizar o fenômeno variável, objeto de estudo desta pesquisa, visitamos o percurso histórico da entrada de 'você' no sistema pronominal do português e os trabalhos sociolinguísticos que se propõem a verificar a alternância entre as formas (ou marcas associadas a) tu/você em dados pretéritos. Além disso, apontamos os resultados e as discussões de estudos que se voltam ao papel das mulheres nesse processo.

Ao final desta seção, trazemos um resumo das principais discussões levantadas.

2.1 A Sociolinguística e o Paradoxo do gênero

A Teoria da Variação e Mudança – também conhecida sob os rótulos de Sociolinguística Variacionista, Laboviana ou Quantitativa – se desenvolve, nos anos de 1960, como uma maneira de romper com o axioma da categoricidade em que se baseavam algumas correntes teóricas vigentes, como a estruturalista e a gerativista. Teorias linguísticas, até aquele momento, lidavam com a língua como objeto de estudo abstrato, autônomo e homogêneo, desvinculado, pois, de aspectos histórico-sociais.

Ao propor uma análise de língua e sociedade como indissociáveis, trabalhos fundadores de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2016 [1972]) se assentam no pressuposto de que toda e qualquer língua natural é heterogênea, ou seja, é constituída de uma

variabilidade inerente[12]. Esses autores lançam mão de preceitos teórico-metodológicos nos quais fenômenos linguísticos variáveis podem ser sistematizados dentro do contexto social, levando em consideração que a heterogeneidade não é aleatória, mas ordenada. De acordo com o que defendem, a explicação da mudança linguística depende da "possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua" (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 88).

São os estudos sociolinguísticos, portanto, aqueles que conferem destaque às questões sociais. Semelhante à escolaridade, à idade e à classe social, o gênero tem sido encarado como um importante elemento na estratificação social e, nesse caso, percebido como um dos possíveis condicionadores do favorecimento ou desfavorecimento da implementação de uma variante na língua.

Labov (2016 [1972]) é o pioneiro a testar o papel dessa categoria social em processos de variação e mudança, conforme sugerem Wodak e Benke (2017 [1998]). Amparado nos indícios encontrados fundamentalmente a partir de seus trabalhos de variações fonológicas em dados espontâneos da fala e em diferentes comunidades estadunidenses, Labov (1990, 2001) introduz alguns princípios gerais – reconhecidos como Paradoxo do sexo, uma década depois revistos como Paradoxo do gênero – na tentativa de entender os aspectos sociais das diferenciações linguísticas entre homens e mulheres.

Dentro do que Labov (2001) prevê, realçamos, nesta subseção, aqueles princípios que se referem especificamente ao processo de mudança na língua. O primeiro deles pode ser descrito nos seguintes termos:

(i) "Em mudanças vindas de cima (*changes from above*)[13], as mulheres adotam mais frequentemente formas de prestígio do que os homens" (Labov, 2001, p. 274, tradução nossa[14]).

Segundo a perspectiva do autor, mulheres conduzem a mudança linguística e colaboram não somente para a formação de novos padrões de prestígio, geralmente introduzidos por camadas mais altas da sociedade, mas também eliminam variantes estigmatizadas.

Para interpretar essa tendência, Labov (2001) se vale dos estudos de Wolfram e Schilling-Estes (1998) e parte de um olhar essencialista ao dizer que mulheres se inclinam a

[12] Para os autores, a língua comporta regras variáveis. A regra variável, como afirma Labov (2003), é aquela que atua com uma frequência proporcional entre 5-95% na língua, diferentemente de regras semivariáveis (95-99%) e categóricas (100%), e se aplica quando duas ou mais formas, nomeadas como variantes, apresentam o mesmo valor de verdade e, portanto, co-ocorrem e/ou concorrem no mesmo contexto discursivo e funcional.

[13] Mudanças vindas de cima são aquelas incorporadas pela classe socioeconômica dominante e, em geral, estão acima do nível de consciência (Labov, 1994).

[14] "*In linguistic change from above, women adopt prestige forms at a higher rate than men*" (Labov, 2001, p. 274).

utilizar formas menos estigmatizadas socialmente por possuírem menor poder econômico e dependerem de um capital simbólico – a língua(gem). A hipótese é de que quanto menor o poder econômico, maior será a conformidade das mulheres em relação às normas prescritas. Em outros termos, o comportamento cuidadoso seria um reflexo da fragilidade socioeconômica feminina, o que acarretaria insegurança psicológica e social (Labov, 2001).

Além disso, o teórico salienta que o conformismo linguístico das mulheres deve ser analisado como uma questão social, muito embora a caracterização dessa categoria nos estudos sociolinguísticos seja, em grande parte, de ordem biológica. Labov (2001), desse modo, observa a insegurança linguística não como insegurança social, mas como um elemento atrelado à mobilidade social.

De acordo com ele, a conformidade feminina às variantes prestigiadas corresponde ao papel na educação dos filhos e é reflexo, pois, das responsabilidades assumidas pelas mulheres no que concerne à esperada mobilidade social e à preparação do capital simbólico dos filhos. O papel feminino na mudança linguística, nesse contexto, está em consonância com o papel socialmente imposto de "mãe educadora" (Labov, 2001, p. 278).

O fenômeno linguístico em análise pode estar associado a esse primeiro princípio. A mudança que levou 'você' a se implementar como pronome no sistema do português brasileiro ('Vossa Mercê → 'você') pode ser caracterizada como vinda de cima. Rumeu (2013, p. 571) aponta as mulheres como líderes dessa mudança linguística e indica que "o empreendedorismo linguístico das mulheres está no fato de selecionarem uma forma que se inseriu *a posteriori* no quadro pronominal do PB como resultado de um processo gradual e paulatino de uma **mudança linguística de cima para baixo**" (*cf*. subseção 2.4.2).

O segundo princípio destacado por nós sobre gênero e mudança linguística é definido nas palavras de Labov (2001):

(ii) "Em mudanças vindas de baixo (*changes from below*)[15], as mulheres usam mais frequentemente formas inovadoras do que os homens" (Labov, 2001, p. 292, tradução nossa[16]).

Labov (2001) afirma que, quando mudanças linguísticas se iniciam, mulheres tendem a ser líderes do processo e a usar mais regularmente variantes inovadoras do que os homens, ainda que desviem das normas abertamente prescritas.

[15] Mudanças vindas de baixo surgem, num primeiro momento, no vernáculo e estão abaixo do nível de consciência social (Labov, 1994).
[16] "*In linguistic change from below, women use higher frequencies of innovative forms than men do*" (Labov, 2001, p. 292).

Para interpretar esse princípio, o autor se vale da noção de redes sociais (Milroy, 1980) e vai além de uma visão tradicional. Em Labov (2001), os resultados alcançados com base em uma comunidade de fala da Filadélfia apontam para a análise de que as mulheres, líderes da mudança, possuem uma posição fundamental em suas redes sociais, na medida em que influenciam parentes e amigos e compartilham relações que extrapolam as localidades em que vivem. A liderança feminina pode ser explicada, nessa lógica, a partir dos contatos sociais das mulheres. Como conclui Labov (2001, p. 410, tradução nossa[17]), "a história de nossas líderes de mudança linguística é uma história de não conformidade, e sua posição sociolinguística é uma demonstração de não conformidade".

Em resumo, podemos destacar que o Paradoxo do gênero, associado ao conformismo, liga-se à premissa de que as mulheres se conformam mais e se desviam menos do que os homens em relação às normas sociolinguísticas abertamente prescritas, porém se conformam menos e se desviam mais do que os homens quando não são (Labov, 2001). Dessa maneira, Labov (2001) verifica que as diferenciações linguísticas em relação ao gênero envolvem atitudes, culturas e ideologias da comunidade de fala investigada. Isso significa, como o autor evidencia, que as explicações para a pergunta norteadora podem ser de caráter incerto.

Chamamos a atenção para o fato de que Labov (2016 [1972]), desde os trabalhos pioneiros, traz à luz a configuração social da comunidade como central para a explicação da heterogeneidade linguística. Por esse caminho, segundo o autor, hipóteses podem ser (re)formuladas e resultados podem ser (re)interpretados, levando em consideração o contexto em que os processos de variação e mudança da língua se desenvolvem. De acordo com ele:

> [...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (Labov, 2016 [1972], p. 21).

Entretanto, vemos que as considerações que permeiam os postulados delineados por Labov (2001), quando discute e estabelece o Paradoxo do gênero, são aplicadas e replicadas em estudos sociolinguísticos sem que necessariamente oposições e reflexões em torno de questões contextuais sócio-históricas sejam mobilizadas. Em outras palavras, as explicações do papel do gênero social na mudança linguística, na maioria das vezes, amparam-se nas primeiras formulações, feitas por pesquisadores – homens – que buscam explicações sobre padrões de

[17] "*The history of our leaders of linguistic change is a history of nonconformity, and their sociolinguistic position is a display of nonconformity*" (Labov, 2001, p. 410).

usos linguísticos alinhados com um pensamento de uma outra época, tendo como base uma determinada comunidade.

Essa é a discussão da subseção seguinte, a qual almeja revelar problematizações no que se refere às práticas de tratamento teórico-metodológico e de interpretação de resultados em torno da variável social gênero, sem a pretensão de colocar em debate a relevância de trabalhos sociolinguísticos, sobretudo os brasileiros, que se apoiam nas tendências labovianas apontadas.

2.1.1 (Des)caminhos para o tratamento do gênero enquanto variável sociolinguística

Apesar de estudos de segunda e terceira ondas sociolinguísticas[18] proporem a análise de gênero, como prevê Eckert (2012), como categoria [+abstrata] no interior de um contexto social específico (comunidades de fala localmente definidas) ou como resultado de engajamentos sociais nas práticas de interação (comunidades de prática), a sociolinguística brasileira tem se desenvolvido, conforme apontam Freitag, Martins e Tavares (2012), majoritariamente com base na abordagem de primeira onda. Afirmam os autores que pesquisas sociolinguísticas, nesse cenário, valem-se, muitas vezes, de bancos de dados (de fala) baseados em categoriais sociodemográficas amplas (idade, escolaridade e sexo/gênero[19]), tendo como interesse verificar tendências gerais de variação em comunidades de fala.

Na linha do que apura Freitag (2016), entendemos que a constituição de bancos de dados de fala do português brasileiro é um dos aspectos que colaboram para que o controle da variável sexo/gênero seja feito sem que uma discussão teórica de gênero seja abraçada. A questão que se coloca diante das pesquisas de primeira onda sociolinguística amparadas em bancos de dados é de que a caracterização dos informantes é feita a partir do sexo biológico (categoria dada em termos binários)[20]. Nesse caso, por ser *default*, "controlar a variável sexo/gênero é uma praxe;

[18]As ondas sociolinguísticas representam, tal como propõe Eckert (2012), tendências distintas (e coexistentes) de análise do contexto social da variação linguística. A primeira, fundamental para a definição da metodologia da área, lida com a identificação de padrões regulares nos processos de variação a partir da correlação de fenômenos linguísticos variáveis e categorias macrossociológicas, como escolaridade, idade e sexo/gênero. Os estudos de segunda onda, por sua vez, diferenciam-se da primeira ao adotar o método etnográfico para a análise da variação linguística em comunidades de fala localmente definidas. Em contrapartida, a perspectiva de terceira onda tem interesse na verificação da variação linguística pensada como um mecanismo de significado social em comunidades de prática (agrupamento de sujeitos que se relacionam e partilham objetivos, interesses e valores em comum).

[19] Optamos por usar o termo "sexo/gênero" para se referir à prática sociolinguística de operacionalização da variável em geral.

[20] Todavia, concordamos também com Freitag (2016, p. 456) na afirmação de que "a trajetória de constituição de bancos de dados sociolinguísticos deve ser mantida, pois já temos uma série histórica que permite identificar tendências a partir da distribuição de resultados em função das categorias sociodemográficas de estratificação de amostras". A autora propõe que esse trabalho seja denominado "documentação sociolinguística". O que sugere é um maior "investimento em diversidade metodológica, aos moldes dos estudos pioneiros (com testes de atitude, diferentes tipos de coleta e maior investimento em coletas de longo termo)" (Freitag, 2016, p. 456).

tendo ou não uma hipótese do seu efeito sobre o fenômeno, não há custo operacional em incluí-la na análise, na medida que a categorização já vem pronta, sem requerer reflexões analíticas do pesquisador" (Freitag, 2015, p. 46).

Por um lado, a operacionalização do sexo/gênero de um falante é uma tarefa compreendida como simples e propositalmente ampla, sendo uma maneira de garantir a viabilização de estudos quantitativos e comparativos de variadas comunidades. Por outro, como Cheshire (2002) sinaliza, esse procedimento metodológico, que tem como base apenas critérios biológicos, acaba por produzir afirmações cada vez mais generalizadas, o que o torna, então, insuficiente para dar conta da interpretação dos resultados da relação entre gênero e variação linguística.

Em muitas circunstâncias, noções como as de "mulher" e de "homem", por exemplo, são simplesmente deduzidas, de tal modo que a homogeneização e a universalização em relação ao sexo/gênero do informante têm se tornado uma tendência, conforme verificam Eckert e McConnell-Ginet (2010 [1992]). Muitas pesquisas, ao se valerem de alguns sujeitos, tomam o recorte de usos linguísticos em análise como representativos de todas.

Além disso, é prática nos estudos sociolinguísticos do português brasileiro correlacionar prestígio à mulher, levando em consideração, principalmente, os postulados labovianos sobre o Paradoxo do gênero (cf. subseção 2.1). Por essa razão, Freitag (2015) evidencia que a análise do condicionamento dessa variável social em processos de variação e mudança linguísticas, muitas vezes, é circular: (i) se, de início, assume-se que determinada variante é prestigiada, mulheres tendem a usar mais; (ii) se as mulheres usam mais frequentemente a variante, a forma passa a ser lida como prestigiada[21].

Essa correlação, todavia, não deve ser considerada como um ponto de partida, tendo em vista que são os dados analisados e as testagens com outras variáveis que podem indicar o caminho de interpretação dos resultados (Oushiro, 2020). De fato, há trabalhos em que a hipótese laboviana não se sustenta, por não evidenciarem correlação entre sexo/gênero e o fenômeno variável ou por obterem um resultado oposto, isto é, o uso mais frequente de variantes estigmatizadas ou não padrão por mulheres, como são os casos de Rodrigues (2007) e Luchesi (2015).

Rodrigues (2007) analisa a concordância verbal de falantes de favelas paulistanas nos anos de 1980. Em dados de terceira pessoa do plural, a autora verifica que não há correlação

[21] Na subseção 2.4.2, em que nos voltamos ao papel das mulheres na implementação de 'você' no português brasileiro, trazemos exemplos de estudos sociolinguísticos que estão em consonância com uma das hipóteses do Paradoxo do gênero de Labov (2001) no que toca ao inovadorismo de mulheres frente à mudança linguística.

entre o fenômeno e o sexo/gênero do informante. Já em relação às ocorrências de primeira pessoa do plural, são as mulheres que aderem à variante não padrão e que tendem a, nesse caso, se valer da não marcação da concordância do verbo com o seu sujeito. Para dar conta desse resultado, Rodrigues (2007), apoiada em suas observações etnográficas sobre aquela comunidade rurbana, remete ao significado social da variação:

> As mulheres analfabetas ou de baixo nível de escolaridade da periferia de São Paulo tendem a manter os hábitos adquiridos em suas regiões de origem, inclusive as realizações verbais estigmatizadas no mundo urbano. São menos conscientes do significado social de sua fala, da estigmatização de certos traços típicos da fala popular no seio da comunidade urbana mais ampla, já que vivem mais ou menos à margem dela. Por outro lado, os homens sentem logo o peso da discriminação social ao buscar meios de sobrevivência fora de seu bairro. Sentem-se impelidos a se tornarem um igual com relação aos moradores da cidade grande. Faz parte desse processo de assimilação das coisas urbanas o abandono de traços de fala que o identificam como migrante (Rodrigues, 2007, p. 129).

A questão da mobilidade também está presente nas interpretações de Lucchesi (2015). Em seu estudo sobre a variação de concordância verbal na fala de moradores de quatro bairros populares na cidade de Salvador, o autor indica os homens, e não mulheres, como aqueles que empregam mais frequentemente a variante de prestígio (marcação da concordância). Para Lucchesi (2015), assim como para Rodrigues (2007) e para outros trabalhos, como os de Bortoni-Ricardo (2011), há uma tendência no que diz respeito à integração e à urbanização dos moradores localizados em polos mais rurais:

> Nessas comunidades pobres da periferia das grandes cidades e da zona rural, enquanto as mulheres ficam mais presas ao universo doméstico, e mesmo ao trabalho de cultivo da roça, os homens estão mais inseridos no mercado de trabalho e mantêm mais relações com o mundo exterior, portanto acabam por assimilar primeiro as variantes que são trazidas de cima para baixo na escala social e de fora para dentro da comunidade (Lucchesi, 2015, p. 194).

Nesse sentido, explicações universais sobre o condicionamento do sexo/gênero, conforme demonstra Cheshire (2002), não são capazes de abranger um fenômeno social complexo e multifacetado. Assim, se a tradição laboviana tem atuado no sentido de verificar como o componente externo atua na língua, as construções sociais sobre os papéis e os valores atribuídos ao gênero de sujeitos diversos devem fazer parte das discussões sociolinguísticas sobre essa variável.

A implementação de teorias sociais, dessa maneira, se faz cada vez mais necessária nesse tipo de investigação. Mesmo que se tenha um movimento de sociolinguistas nessa direção (Eckert; McConnell-Ginet, 2010 [1992]; Wodak; Benke, 2017 [1998]; Cheshire, 2002; Bucholtz, 2002; e outros), muitos estudos têm apenas adotado uma mudança de termos – o que antes era chamado de "sexo" passou a ser "gênero" (Cheshire, 2002; Bucholtz, 2002).

Para Bucholtz (2002), ao contrário de outras variáveis sociais analisadas no campo sociolinguístico, como a classe social, cuja operacionalização vem sendo debatida e (re)elaborada de modo constante, os conceitos de sexo e gênero são dados sem implicar uma explicação teórica acerca da complexidade que envolve essa categoria social. Também afirmam Eckert e McConnell-Ginet (2010 [1992]) e Wodak e Benke (2017 [1998]) que não há uma definição específica do gênero, ao contrário, parte-se de aspectos biológicos para explicar questões sociais de diferenciações linguísticas. Nessas situações, o comportamento linguístico de homens e mulheres é investigado sem discutir e problematizar as noções de sexo e de gênero e sem incorporar, pois, teorias sociais que lidam especificamente com essa categoria.

Nessa orientação, consideramos útil trazer para mais perto dos estudos sociolinguísticos as contribuições dos estudos de gênero, tendo em vista que, de acordo com M. Matos (2008):

> Muito mais do que um terreno definitivo e consolidado de construção epistemológica, as reflexões a respeito dos "estudos de gênero" têm funcionado como um eixo aglutinador de intensa movimentação teórico-empírica, tendo suscitado, inclusive de outras tradições disciplinares (tais como a demografia, a estatística, a química etc.) menos 'light' do que o campo já estabelecido das ciências sociais (de onde o conceito emergiu inicialmente), [...], muito espaço crítico e reflexivo (Matos, M., 2008, p. 339).

Portanto, há desafios na análise de gênero em processos de variação e mudança linguísticas (i) pelo modo como as estratificações são tradicionalmente realizadas, no caso de amostras obtidas por meio de banco de dados de fala, e (ii) pelo acesso parcial ou integral aos perfis sociais, em amostras obtidas por materiais históricos (*cf*. subseção 2.3). Em função disso, os resultados devem ser relativizados, tendo em mente o tempo, a comunidade investigada e as diferentes abordagens sociais sobre gênero, sem recorrer a um modelo pré-definido de mulher/homem, como discutimos a seguir.

2.1.2 Novas perspectivas sobre gênero: em busca do significado social da variação linguística

Vimos, na subseção anterior (2.1.1), que a prática sociolinguística, no que se refere ao controle e à análise da variável social gênero, tem esbarrado em uma visão essencialista e em abstrações demográficas ao levar em consideração (i) estereótipos sociais sobre sexo/gênero e (ii) tendências inflexíveis sobre prestígio social de formas linguísticas para o condicionamento de sexo/gênero em processos de variação e mudança. Por essa razão, entendemos, neste estudo, que teorias sociais podem contribuir para que novas perspectivas sejam implementadas na investigação sociolinguística de gênero e linguagem.

Na busca pelo significado social da variação linguística, Eckert e McConnell-Ginet (2010 [1992]) propõem a noção de gênero como uma construção que se realiza por intermédio de práticas sociais cotidianas em comunidades locais específicas (comunidades de prática). Em consonância com as autoras, "compreensões teóricas sobre como linguagem e gênero interagem demandam cuidadosa observação das práticas sociais nas quais são conjuntamente produzidos" (Eckert; McConnell-Ginet, 2010 [1992], p. 94). Assim, Eckert e McConnell-Ginet (2010 [1992]) trazem à cena a possibilidade de operacionalizar a performance de gênero[22] por meio da prática social e relacioná-la com padrões de variação e de mudança na língua.

Para o tratamento de gênero nesses termos, Eckert (2000) parte de um estudo etnográfico e observa a variação linguística de alunos de uma escola pública de nível médio na cidade de Detroit, nos Estados Unidos. A autora identifica as atividades extracurriculares como um sistema no qual os adolescentes se organizam hierarquicamente na sociedade. Nesse contexto, dois grupos, com normas sociais, identidades, estilos e usos linguísticos distintos, são autonomeados por Eckert (2000) como os *jocks* e os *burnouts*. Enquanto o primeiro deles representa a classe média e constitui uma comunidade de prática orientada institucionalmente[23], cuja tendência é o acatamento de regras impostas pela escola, o segundo representa a classe trabalhadora e se estabelece como uma comunidade de prática mais local e orientada pessoalmente[24], com conduta direcionada a não submissão e subversão da autoridade escolar.

Nesse estudo, Eckert (2000) chega a resultados que revelam os grupos como os responsáveis por definirem as relações e os papéis de gênero, como também padrões de comportamento (modo de vestir, agir e gosto musical). Em síntese, a autora demonstra que

[22] A noção de gênero, apresentada por Eckert e McConnell-Ginet (2010 [1992]), como algo que se faz nas práticas sociais nos parece alinhada ao modo como Butler (2018 [1990]) compreende a identidade de gênero – fluida e efeito da performatividade (*cf*. subseção 3.1.1).
[23] *Institutionally oriented community of practice* (Eckert, 2000, p. 50).
[24] *More locally and personally oriented [community of practice]* (Eckert, 2000, p. 50).

certas marcas linguísticas em variação estão atreladas às identidades de um grupo. É, por exemplo, em referência às meninas do seu grupo que as *burnouts* criam uma identificação (social e linguística), além de produzir um distanciamento (social e linguístico) com as *jocks*. Embora Eckert (2000) tenha encontrado alguns resultados que colocam em evidência as meninas, de modo geral, como mais conservadoras no uso de variáveis estigmatizadas, ou como mais inclinadas a usar variantes prestigiadas, o restante dos resultados não se apoia nesse padrão.

A maioria das variáveis linguísticas em controle apresenta uma diversidade de usos entre as meninas *jocks* e *burnouts*. É o que foi encontrado com os dados de variação do ditongo [ay] (elevação do núcleo da vogal ou apagamento do glide em palavras como *right* e *twice*, por exemplo). Por meio de uma análise quantitativa, Eckert (2000) aponta para as meninas *burnouts* como as que se valem mais frequentemente do apagamento do glide do que as *jocks*. Essa tendência é maior entre as meninas do que entre os meninos. Para a autora, é essa diferença que melhor caracteriza a fala das meninas, em contraste com a dos meninos, relativamente mais estáveis aos usos linguísticos (*cf*. Eckert, 2000, p. 123-124).

Abordagens etnográficas, como a de Eckert (2000), mostram a complexidade da relação entre gênero e linguagem, cuja análise não pode se basear em generalizações feitas a partir da oposição de um modelo binário apenas. A autora demonstra que gênero pode ter diferentes valores sociais a depender das etapas da vida e dos locais de interação. A construção das identidades do sujeito, nesse caso, as quais envolvem a construção de gênero, responde muito mais ao modo como a variação linguística assume significado social.

Entretanto, devemos reconhecer que a pesquisa sociolinguística não se faz somente em pequena escala. De fato, os trabalhos em grande escala são os mais populares e mais adequados para caracterizar um processo amplo de mudança linguística, tal como Cheshire (2002) destaca, o que não exclui a necessidade de uma investigação detalhada sobre a estrutura social da comunidade investigada.

Dubois e Horvath (2000, p. 291, tradução nossa[25]), nessa conjuntura, argumentam que:

[25] "*The ethnographic approach represents an important adjunct rather than a replacement for the urban survey. But it is also true that urban survey methods need to be supplemented by social analysis. What we need, then, are alternatives that do not give up the benefits of large scale studies, but that give us a closer picture of the social intricacies of the community*" (Dubois e Horvath, 2000, p. 291).

> A abordagem etnográfica representa um complemento importante e não um substituto da pesquisa urbana. Mas também é verdade que os métodos de pesquisa urbana precisam ser complementados pela análise social. O que precisamos, então, são de alternativas que não excluam os benefícios de estudos em larga escala, mas que deem uma visão mais próxima das complexidades sociais da comunidade tradução nossa).

As autoras, na análise sobre mudança linguística e gênero na variedade de inglês Cajun, adotam uma combinação de métodos e abordagens alternativas, que inclui (i) levantamento de pesquisas em ciências sociais sobre a comunidade, (ii) aplicação de questionário social, utilizado em uma pesquisa sociológica, a fim de compreender a organização daquela comunidade, (iii) observação da comunidade durante o processo de coleta de dados e (iv) realização de entrevistas com perguntas intencionalmente elaboradas para revelar a história de vida do entrevistado (Dubois; Horvath, 2000).

Com essa metodologia, em linhas gerais, Dubois e Horvath (2000) verificam que os papéis sociolinguísticos de mulheres e de homens na comunidade Cajun são complexos a depender da geração – condicionada pelo contexto sócio-histórico – e das redes sociais em que se encontram, de modo que nem sempre os resultados vão na direção de apontar um ou outro sexo/gênero como líder da mudança linguística.

Cheshire (2002), todavia, coloca o desafio de que poucos pesquisadores têm a disponibilidade de acesso a pesquisas sociológicas sobre a comunidade, como é o caso de Dubois e Horvath (2000). A autora indica a possibilidade de se chegar a histórias sociais da vida individual e do cotidiano por meio das entrevistas gravadas. Esse é um dos caminhos, pois, para a delimitação de categorias, de acordo com a realidade social da comunidade em análise e a interpretação do condicionamento de gênero frente aos resultados de pesquisa[26].

Em relação aos estudos sociolinguísticos históricos, um dos recursos viáveis para a análise de gênero e mudança linguística é o levantamento social e histórico de gênero em torno da amostra de dados. É o que fazemos, nesta pesquisa, quando acessamos os dados de desigualdade de gênero na educação e trazemos à cena as práticas de leitura e escrita de mulheres no início dos anos 1900 (*cf.* subseções 3.2 e 3.2.1). Outras discussões específicas, detalhadas na seção de metodologia (seção 4), como aspectos histórico-sociais sobre os córpus e perfil social de leitoras, são igualmente relevantes para nos fornecer pistas no que diz respeito à estrutura da sociedade da época.

Na tentativa de escapar de uma perspectiva essencialista, concordamos com McElhinny

[26] De todo modo, para estabelecer a composição da amostra de dados, é necessário conhecer o máximo possível a comunidade em análise.

(2003), a qual defende que "as teorias sobre gênero têm sempre mais do que significância teórica, elas sempre sugerem a causa das desigualdades e, portanto, indicam para onde a sociedade deve direcionar seus recursos para corrigir a desigualdade" (McElhinny, 2003, p. 22, tradução nossa[27]). Ademais, partimos da compreensão de que uma abordagem teórica social sobre gênero deve guiar previamente uma análise do significado social da variação linguística. Vale destacar que a leitura de gênero é feita mediante a teoria da performatividade (Butler, 2018 [1988], 2018 [1990]) (*cf*. subseção 3.1.1) e a noção de tecnologia de gênero (Lauretis, 1994) (*cf*. subseção 3.1.2), com o propósito de captar questões sociais de gênero e operacionalizar a variável em dados linguísticos do passado.

Na próxima subseção, trazemos para a discussão os cinco problemas, firmados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), que dão suporte à Sociolinguística. Na medida em que os problemas integram uma extensa agenda de estudos sobre a mudança linguística, apontamos um que nos ajuda a buscar respostas, atendendo à questão central que move esta pesquisa (de que modo aspectos sociais relacionados ao gênero feminino levam ao uso de uma determinada variante linguística).

2.2 Dos cinco problemas para a análise empírica da mudança linguística

Para estabelecer uma teoria empiricamente fundamentada sobre a mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) propõem que seja necessário, na investigação dos mecanismos que atuam na língua em uso na sociedade, lidar com cinco problemas, quais sejam: (i) fatores condicionantes, (ii) transição, (iii) encaixamento, (iv) avaliação e (v) implementação.

O problema dos fatores condicionantes envolve a necessidade de apontar quais são as condições – de ordem linguística (níveis fonético-fonológico, morfossintático e semântico-discursivo) e social (categorias macro e microssociológicas) – que subjazem o desenvolvimento de uma mudança linguística. Segundo os autores:

> Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 126).

[27] "*Theories about gender always have more than theoretical significance; they always suggest the cause of inequities and thus indicate where society should direct its resources to redress inequity*" (McElhinny, 2003, p. 22).

Vale evidenciar que o trabalho sociolinguístico variacionista utiliza-se do método quantitativo de levantamento e de análise de dados de falantes reais em situações concretas de comunicação. A análise quantitativa de um grande número de dados de diferentes falantes permite, com maior controle de precisão e confiabilidade, de acordo com Guy e Zilles (2007), verificar os possíveis contextos que conduzem ou inibem, em simultaneidade, a entrada de uma variante na língua.

Além dos fatores condicionantes, é necessário investigar estágios intermediários de mudança (problema de transição), tendo em vista que "a mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta" (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 122). Em outras palavras, a mudança ocorre de forma lenta e gradual, já que formas linguísticas variantes não são abruptamente substituídas. O problema da transição diz respeito, portanto, ao modo como a mudança se difunde na sociedade e passa de um estágio para outro.

À visto disso, é fundamental levar em consideração o fato de que "nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade" (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 126). O cenário de variação pode, pois, configurar-se como mudança em progresso ou como variação estável. No primeiro caso, é possível observar que o quadro de variação tende a se resolver em favor de uma das variantes em disputa. No segundo caso, por outro lado, as formas convivem por um longo período, sem que uma delas prevaleça.

Outro aspecto importante é o de que a mudança, como afirmam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), está encaixada no sistema linguístico (possibilidade de estar relacionada a outras mudanças internas) e no contexto social (possibilidade de estar relacionada a mudanças no meio social). O problema do encaixamento se refere, dessa maneira, à verificação do grau de correlação (interno e externo) em que a mudança se insere, levando em conta que o processo não é uniforme, nem instantâneo. Como explicam os estudiosos:

> No desenvolvimento da mudança linguística, encontramos estruturas linguísticas encaixadas desigualmente na estrutura social; e nos estágios iniciais e finais de uma mudança linguística, pode haver muito pouca correlação com fatores sociais. Assim, a tarefa do linguista não é tanto demonstrar a motivação social de uma mudança quanto determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico abstrato (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 123).

O encaixamento, dessa forma, incorpora como certas mudanças linguísticas acontecem junto a mudanças sociais e linguísticas. Para lidar com isso, Labov (2016 [1972], p. 193) afirma que "o principal caminho para a solução está na descoberta das correlações entre os elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não-linguístico de comportamento social". Destacamos que o encaixamento da mudança linguística na estrutura social é um aspecto fundamental desta tese, já que tratamos mais diretamente da discussão de como certas construções sociais e históricas em torno do gênero feminino podem explicar certos padrões linguísticos, buscando identificar o significado social dos usos linguísticos em análise.

Ademais, para sistematização da mudança linguística, o problema de avaliação é levantado. Nessa circunstância, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 124) chamam a atenção para o reconhecimento de um falante ativo, de forma que se torna substancial (i) a análise do grau de consciência social do falante em relação a uma variável e (ii) a maneira como a avaliação subjetiva pode afetar o andamento da mudança. Testes sociolinguísticos, como os de avaliação, atitude e percepção, por exemplo, permitem identificar os significados sociais atribuídos pelos falantes acerca de determinados usos linguísticos variáveis.

O último problema apontado por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 124-125) é o da implementação. Para os autores, "o processo global da mudança linguística pode envolver estímulos e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura da língua" (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 124). É preciso, assim, determinar os fatores responsáveis pela mudança, ou seja, os condicionadores que levam a um processo de mudança linguística em determinados momentos e lugares e não em outros, o que envolve a combinação dos demais problemas abordados.

Cabe ressaltar que não é nosso objetivo, nesta pesquisa, trazer respostas para os cinco problemas apresentados. Com a análise de textos escritos do português brasileiro do início dos anos novecentos (1915-1932), abordamos o papel do gênero feminino na implementação de uma variante na língua ou, em termos mais específicos, investigamos como aspectos sociais do gênero feminino levam a um resultado ao uso do fenômeno variável. Portanto, a proposta do trabalho se associa mais fortemente ao problema do encaixamento, conforme argumentamos em momento anterior.

Como nos ocupamos de textos pretéritos, contemplamos, na subseção à frente, os desafios, relacionados à adoção da metodologia variacionista, que se colocam a uma análise sociolinguística que se volta ao passado da língua.

2.3 Desafios de investigação sociolinguística histórica

Com o objetivo de encontrar explicações para os fenômenos variáveis do passado em seu contexto social, a Sociolinguística Histórica germina nos anos de 1980 com Romaine (2009 [1982]). Para a investigação dos condicionamentos (internos e externos) que perpassam os processos de variação e mudança linguísticas de outros períodos, Romaine (2009 [1982]) defende e propõe uma articulação entre a Sociolinguística Variacionista, disciplina que se ocupa da relação entre língua e sociedade, e a Linguística Histórica, disciplina que, nas palavras de Mattos e Silva (2008, p. 8), "trata de interpretar mudanças - fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais - ao longo do tempo histórico".

A condição de se inaugurar um subcampo (Bergs, 2005; Auer *et al.*, 2015) no interior da Sociolinguística Variacionista – e da Linguística Histórica – está na premissa de que um estudo sociolinguístico que busca resgatar a história de uma mudança linguística deve lidar com questões e problemas, sobretudo de ordem metodológica, que não atingem, necessariamente, um estudo sociolinguístico situado na sincronia ou, ainda, um estudo linguístico histórico que almeja descrever e comparar uma mudança apenas no nível linguístico.

Em outras palavras, os recursos utilizados para os estudos sociolinguísticos históricos devem ser revistos e adaptados para se chegar o mais próximo do vernáculo (menor grau de monitoramento da língua em uso) em dados pretéritos. Em vista disso, concordamos com Bergs (2005) na afirmação de que, embora a Sociolinguística Histórica possa convergir teoricamente com a Sociolinguística Variacionista e com a Linguística Histórica, a metodologia utilizada nessa nova abordagem pode ser considerada inovadora e diverge, então, das demais.

Recuperamos o quadro de Conde-Silvestre (2007), na sequência, para ilustrar e discutir, de modo específico, as principais diferenças e similitudes entre o desenvolvimento dos preceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e da Histórica. Vejamos:

Quadro 1 – Diferenças e similitudes entre Sociolinguística Variacionista e Sociolinguística Histórica

	Sociolinguística Variacionista	**Sociolinguística Histórica**
Material	Dados procedentes do meio oral	Dados procedentes do meio escrito
	Material autêntico	Material enviesado, que sobreviveu ao acaso
	Dados representativos de todos os membros da comunidade e de todos os estilos e registros	Dados relativos aos grupos alfabetizados da comunidade (geralmente homens, de *status* médio a alto) e apenas de determinados estilos e registros
Objeto de investigação	Variação e mudança no nível de análise fonológico	Variação e mudança no nível de análise gramatical
Contexto social	Conhecido de primeira mão, disponibilidade de dados suficientes	Desconhecido, deve ser reconstruído a partir de pesquisas históricas
Disciplina vinculada	Sociologia	História social
Influência do padrão	Muito significativa	Variável, de acordo com o período investigado
Amplitudes e resultados das mudanças linguísticas	Desconhecidos	Conhecidos

Fonte: Traduzido e adaptado de Conde-Silvestre (2007, p. 38).

A respeito dos materiais nos quais se fundamentam as duas abordagens sociolinguísticas, Conde-Silvestre (2007) destaca que, ao passo que os estudos sociolinguísticos variacionistas lidam mais diretamente com dados espontâneos de fala, desde os trabalhos precursores de Labov (2016 [1972])[28], os estudos conduzidos pela Sociolinguística Histórica devem utilizar (inevitavelmente) fontes escritas. Nesse contexto, se, num primeiro momento, dados de fala tenham sido privilegiados para o alcance de um retrato mais fiel acerca do real funcionamento da língua, com enfoque para a análise de variáveis fonológicas, Romaine (2009 [1982]) traz à luz a perspectiva de que textos escritos, do mesmo modo que textos falados,

[28] Podemos apontar, entretanto, a atual expansão de trabalhos sociolinguísticos com dados de escrita no plano sincrônico (*cf.* Paiva; Gomes, 2015).

manifestam casos de variação linguística e viabilizam a análise sociolinguística histórica, com a verificação de variáveis não fonológicas[29].

É imprescindível, portanto, a aceitação da validade do material escrito para investigação dos casos de variação e mudança linguísticas do passado. Nessa perspectiva, embora Labov (1994) coloque o desafio de se chegar ao vernáculo por meio de fontes escritas pretéritas, Romaine (2009 [1982], p. 122, tradução nossa[30]) sustenta que:

> Os dados históricos podem ser válidos por direito próprio (tal como outras instâncias da língua escrita) independentemente da medida em que refletem ou são retirados das produções de falantes nativos. Essa não é uma questão empírica; e não precisa impedir o estudo sociolinguístico da língua escrita, quer sincronicamente quer diacronicamente.

Compartilhamos do entendimento da autora de que qualquer modalidade da língua – falada e escrita – pode ser investigada nos estudos sociolinguísticos. Somente a análise da língua falada, segundo Romaine (2009 [1982]), poderia restringir o alcance e a aplicação da teoria sociolinguística. A saída metodológica para o trabalho com textos escritos é, pois, a de privilegiar amostras que sejam mais próximas, na medida do possível, do pretendido vernáculo e que oportunizem a análise das condições de produção.

Contudo, devemos destacar que amostras escritas do passado, comumente, são escassas e limitadas. Berlinck *et al.* (2023, p. 2) observam que, "para a maior parte do período histórico de uma língua como o português, a história tem de ser reconstruída a partir de textos escritos, fragmentários em termos cronológicos e genéricos". Conforme Conde-Silvestre (2007), vários são os problemas encarados no tratamento de materiais históricos. São exemplos (i) a dificuldade de acesso, (ii) a disponibilidade irregular (maior quantidade em certos períodos do que em outros), (iii) a qualidade do texto e (iv) a menor garantia de representatividade da amostra e, consequentemente, de controle experimental.

Esses são aspectos presentes neste estudo, discutidos mais atentamente na subseção 4.4 ao abordarmos os procedimentos para a construção dos córpus de pesquisa. Desse modo, é fundamental, nos termos de Labov (1994, p. 11), "fazer o melhor uso de maus dados".

---

[29] Cabe ressaltar que, embora os estudos sociolinguísticos tenham se desenvolvido a partir de variáveis fonológicas, estudos que contemplam a verificação empírica em níveis mais altos de análise linguística têm ganhado cada vez mais espaço, seja pela perspectiva sincrônica, seja pela diacrônica.

[30] "*Historical data can be valid in their own right (as can other instances of the written language) regardless of the extent to which they reflect or are removed from the productions of native speakers. This is not an empirical issue; and it need not hinder sociolinguistic study of the written language, either synchronically or diachronically*" (Romaine, 2009 [1982], p. 122).

Soma-se a isso o fato de que a Sociolinguística Variacionista usufrui da possibilidade de coleta de dados de variados perfis sociais de informantes em diferentes comunidades de fala por meio de células sociais homogêneas. Em contrapartida, a Sociolinguística Histórica, por manipular dados escritos do passado, pode se deparar com a ausência ou com a parcialidade de informações sociais dos escreventes, o que tende a dificultar (ou impossibilitar) a sistematização de variáveis extralinguísticas tradicionalmente previstas em estudos sociolinguísticos sincrônicos, como a idade/faixa etária, a escolaridade e o sexo/gênero.

Apesar do recente esforço para a reconstrução histórica da língua "de baixo para cima" ("*language history from below*"), Conde-Silvestre (2007) e Auer *et al.* (2015) constatam que os textos históricos acessíveis estão fortemente circunscritos a um grupo específico – o grupo dominante, que detém o controle social, cultural, político e econômico –, homens brancos letrados de classes mais altas da sociedade. Dadas as circunstâncias, a história sociolinguística de grupos minoritários, como o das mulheres, tem estado à margem. Por essa razão, nesta pesquisa, defendemos que o trabalho com a escrita não pode – e não deve – se desprender de questões sociais relativas ao gênero, especialmente no que tange aos diferentes valores histórico-culturais construídos e assumidos em torno do "feminino" e do "masculino", visto que resultam em distintos meios de socialização (*cf.* subseções 3.2 e 3.2.1).

Vale afirmar que trabalhos sociolinguísticos, de modo geral, devem atrelar discussões interdisciplinares na investigação dos valores socialmente atribuídos às variedades linguísticas. Contudo, é parte específica da agenda da Sociolinguística Histórica, como consideram Auer *et al.* (2015, p. 4-5), realizar uma reconstrução ampla da sociedade em que formas variáveis conviviam em determinadas épocas, com atenção para não recorrer a anacronismos[31], a fim de identificar as condições sociais de variação e mudança e garantir, assim, validade empírica, social e histórica. Salientamos que essa tarefa está ligada ao paradoxo histórico, proposto por Labov (1994, p. 21), o qual remete à compreensão de que, embora o passado se diferencie do presente, é necessário um esforço em captar o quão diferente o passado era.

Conde-Silvestre (2007) também identifica que, na verificação de estágios de variação anteriores, a influência da norma-padrão depende da conjuntura social e das situações históricas de determinados tempos. A norma prescrita, então, pode não ser suficientemente compreensível em determinados textos escritos. Por outro lado, o sociolinguista histórico tem conhecimento sobre as amplitudes e os resultados das mudanças linguísticas, desconhecidas em casos de uma pesquisa sociolinguística de uma sincronia atual.

[31] Entendemos, aqui, como anacronismo a transferência indevida de valores, fatos, ideias e conceitos do tempo presente para o tempo passado (Conde-Silvestre, 2007; Bergs, 2012).

Podemos ressaltar, por fim, que o objetivo da Sociolinguística Histórica, em conformidade com Auer *et al.* (2015, p. 9), para além de uma "linguística histórica socialmente informada (*socially informed historical linguistics*) ou de uma sociolinguística historicamente informada (*historically informed sociolinguistics*), é fornecer contribuições para a história social da língua. Nesse sentido, refinamentos teóricos são realizados e novas abordagens metodológicas são implementadas para dar conta de problemas e desafios que se manifestam nesse subcampo, assim como buscamos demonstrar nesta subseção.

À frente, apresentamos o fenômeno variável em estudo, buscando demonstrar como a análise da variação de estratégias de referência a um interlocutor, aqui em dados pretéritos, pode oportunizar discussões sociais, culturais e pragmáticas que, por sua vez, tendem a ser produtivas na investigação da variável extralinguística gênero no processo de mudança na língua.

2.4 Da história do fenômeno linguístico

A história da mudança entre tu/você deixa entrever uma história de mudança em torno de aspectos socioculturais de uma comunidade. Estudos diversos – Faraco (2017 [1996]) e Lopes *et al.* (2018), por exemplo – têm notado que a emergência de novas construções na língua para se dirigir a interlocutor(es) acompanhou as alterações das relações sociais e dos valores culturais num percurso lento e gradual, o que resultou numa mudança no sistema pronominal brasileiro.

A propósito, é Faraco (2017 [1996], p. 117) quem argumenta que:

> [a] dinâmica inter-relação entre fatores sociais e verbais pode ser particularmente visível no sistema de tratamento do interlocutor, já que esse sistema representa talvez da forma mais direta alguns dos fundamentos axiológicos da organização do status social. Assim, se uma sociedade passou ou está passando por rápidas mudanças que se refletem nas relações interpessoais possíveis, pode-se esperar que mudanças lingüísticas na área do tratamento venham a ocorrer, com possíveis conseqüências para outros aspectos da estrutura da língua.

Várias são as razões para se estudar estratégias de tratamento numa perspectiva funcionalista e/ou sociolinguística. Faraco (2017 [1996]) antecipa que os estudos que se voltam a esse fenômeno, de modo geral, são conduzidos a observar (i) as repercussões gramaticais que decorrem da diferenciação entre as formas, (ii) as questões pragmáticas no que se refere às condições de uso das formas, correlacionadas à variação linguística, e (iii) a mudança entre as formas ao longo do tempo. Cabe reforçar, nessa orientação, que esta pesquisa tem interesse na

variação e na mudança de tu/você (marcas de 2P associadas a ‘tu’ e marcas de 3P associadas a ‘você’ na posição sintática de sujeito) num dado recorte temporal (1915-1932), tendo em vista as implicações sociais de gênero feminino nesse cenário.

Para melhor compreender o fenômeno variável, é necessária uma contextualização, ainda que breve, de aspectos que envolvem a entrada de ‘você’ no português brasileiro. Nesse ângulo, evidenciamos que a variante ‘você’ advém de um processo de gramaticalização em que ‘Vossa Mercê’ (forma-fonte), num movimento socioeconômico de cima para baixo, passa de um item [+lexical], uma forma abstrata de tratamento, a um item [+gramatical], um pronome de segunda pessoa do discurso.

Recuperamos que ‘Vossa Mercê’, tal como outras formas nominais, ‘Vossa Alteza’ e ‘Vossa Excelência’, atende a uma estrutura criada a partir de VOSSA (=vós) + NOME e emerge entre os séculos XIV e XV como uma alternativa, ao lado de ‘vós’, de tratamento cerimonioso para membros de maior *status* da realeza portuguesa.

Antes usada como forma de tratamento respeitosa ao rei para destacar a benevolência inerente da figura de maior poder no século XV, ‘Vossa Mercê’, de acordo com Faraco (2017 [1996]), é abraçada por outras camadas da sociedade no tratamento não íntimo entre iguais (classe alta) ou entre inferior-superior (classe baixa → classe alta). Com a perda semântica de benignidade e com a generalização do uso para indicar um distanciamento na referência ao interlocutor, ‘Vossa Mercê’ sofre erosão fonética ao longo do tempo e passa a coexistir com variantes – como ‘*vossemecê’*, ‘*vosmecê’*, ‘*vassuncê’* e ‘*vacê’* –, culminando, em momento posterior, na entrada de ‘você’ (forma-alvo) no quadro pronominal.

No Brasil do século XVI, com o início da ocupação de portugueses no país, o processo de pronominalização de ‘Vossa Mercê’ → ‘você’ estava bastante avançado, como afirmam Lopes *et al.* (2018), de maneira que diferentes variantes chegaram até aqui, incluindo ‘você’. Ao mesmo tempo, o uso de ‘vós’, forma produtiva desde o latim na referência cortês ao interlocutor, encontrava-se em decadência e se configurava como arcaizante. Nesse contexto, ‘tu’ ainda predomina como forma pronominal de segunda pessoa do discurso preferida em tratamentos familiares com valor sociopragmático atrelado à intimidade.

Lopes *et al.* (2018, p. 31) confirmam que, embora ‘você’ apareça no português escrito no Brasil do século XVIII como uma estratégia efetiva para indicar cortesia descendente (de superior para inferior), é o período oitocentista que tem sido assumido, em estudos diversos (*cf.* subseção 2.4.1), como principiante no emprego da variante inovadora na função de pronome-sujeito de segunda pessoa do singular, ao lado do conservador ‘tu’, no português brasileiro.

Podemos salientar que essa estratégia, em fins de 1800, era revestida de um comportamento híbrido e instável, como afirmam Lopes e Marcotulio (2011), uma vez que é identificada tanto em escritos da sociedade de elite, com traço semântico cerimonioso, quanto em escritos circunscritos no espaço doméstico-familiar, em variação com 'tu'-íntimo. A transição em diferentes espaços discursivos e sociopragmáticos, para os autores, é característica da origem dessa mudança.

Nas palavras de Lopes e Marcotulio (2011, p. 3), "na medida em que se tornou gradativamente divergente do tratamento-fonte (Vossa Mercê), você passou a concorrer com o solidário tu nos mesmos contextos funcionais". Entretanto, a forma parece ter resguardado alguns traços do tratamento nominal que lhe deu origem. Além da combinação com a terceira pessoa do verbo, 'você' teria herdado o caráter indireto e de distanciamento de 'Vossa Mercê' e, portanto, seria uma estratégia menos invasiva, nos termos de Koch (2008). Nesse sentido, o emprego em lugar de 'tu' poderia ser, num primeiro momento, um método de exprimir polidez, tal como Lopes e Marcotulio (2011) preveem.

Faraco (2017 [1996], 118) complementa que:

> O mais interessante, porém, é que esse processo – comum a várias outras línguas europeias – conheceu, no caso específico do português, uma dinâmica social e lingüística peculiar, tanto pela extensão social do uso das novas formas, como pela criação de um novo pronome de segunda pessoa do discurso e os respectivos impactos gramaticais desse fato.

No geral, com a gramaticalização de 'Vossa Mercê' → 'você', o sistema de tratamento passa por uma série de mudanças morfológicas e sintáticas relacionadas ao paradigma da terceira pessoa. As repercussões, como sintetiza Faraco (2017 [1996], p. 122), incluem:

> a) reformulação do sistema de tratamento da segunda pessoa do discurso (especialmente a arcaização de vós e o desenvolvimento de você/s); b) rearranjos no sistema pronominal, com algumas das antigas formas dativas e possessivas desenvolvendo novos valores na língua; c) rearranjos na conjugação verbal (arcaização das formas verbais de segunda pessoa do plural; acréscimo de novos valores para as formas de terceira pessoa verbal; e alterações na composição do imperativo); d) rearranjos na estrutura sintática, com uma forte tendência de o pronome nominativo ocorrer obrigatoriamente.

Além disso, salienta Faraco (2017 [1996], 122) que:

> o português, num período de trezentos a quatrocentos anos, entre os séculos XIV e XVIII, mudou completamente o sistema de tratamento do interlocutor, substituindo o sistema tardio do latim (tu/vós-vós) por um sistema particular em que as novas formas de tratamento têm como característica o fato de que elas se combinam com a terceira pessoa do verbo e não mais com a segunda pessoa.

Essas circunstâncias que levaram à implementação da forma ‘você’ como um pronome de referência ao interlocutor e à consequente redução de desinências verbais do quadro pronominal fizeram com que o português brasileiro passasse, a partir do século XX, de uma língua de sujeito nulo (língua *pro-drop*) a uma língua em que o sujeito tende a ser preenchido, como defende Duarte (1995). A autora verifica, com seus resultados de pesquisa, que o português brasileiro “perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo *pro-drop* por força do enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente ‘rica’ para tal processo” (Duarte, 1995, p. 141).

Além dessas mudanças linguísticas, ocasionadas pela gramaticalização de ‘você’, é relevante apontar que a frequência de uso da forma inovadora como estratégia para se dirigir à segunda pessoa do discurso se intensifica no século XX e chega a suplantar o uso de ‘tu’ após 1930, conforme atestam diversos estudos diacrônicos (*cf*. subseção 2.4.1). Todavia, a história de variação entre tu/você não deve ser encarada como trivial. Embora ‘você’ tenha se disseminado no português brasileiro, Paredes Silva (2003) comprova o retorno de ‘tu’ em 1970 no contexto carioca, dessa vez acompanhado da marcação verbal de 3P.

De fato, em algumas regiões do Brasil, é possível observar a coexistência de tu/você, com o uso de ‘tu’ com ou sem a concordância de 2P. Lopes *et al.* (2018) sistematizam os resultados levantados por Scherre *et al*. (2015), oriundos de dados de fala até o ano de 2012, e mapeiam os seis subsistemas de tratamento atuais, existentes no território brasileiro, na posição sintática de sujeito:

> 1. *VOCÊ*: uso exclusivo das variantes *você/cê/ocê*. Subsistema predominantemente concentrado na área central do país. Na região Centro-Oeste, com exceção de Brasília, é identificado nos estados de GO, MT e MS. Na região sudeste, é encontrado em MG (com exceção de São João da Ponte) e SP (com exceção de Santos). Na região Nordeste, aparece basicamente na capital da BA (Salvador). Na região Norte, foi localizado até agora em TO. Na região Sul, é encontrado no PR;
> 2. *TU com concordância baixa*: predomínio de *tu* acima de 60% com concordância abaixo de 10%. Subsistema que aparece apenas em duas regiões: Norte (AM) e Sul (RS);
> 3. *TU com concordância alta*: predomínio de *tu* acima de 60% com concordância entre 40% e 60%. Também aparece nos extremos: Região Norte (PA) e Região Sul (SC);
> 4. *TU/VOCÊ com concordância baixa*: uso médio de tu abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%. Identificado nas regiões Nordeste (MA) e Sul (SC);
> 5. *TU/VOCÊ com concordância média*: uso médio de *tu* abaixo de 60% com concordância entre 10% e 39%. Ocorre em vários estados da região Nordeste (MA, PI, CE, PB, PE). Na região Norte (AM) e na região Sul (SC);
> 6. *VOCÊ/TU sem concordância*: uso de *tu* de 1% a 90%. Identificado em todas as regiões do Brasil, com exceção na região Sul: Centro-Oeste (DF), Sudeste (RJ e SP, particularmente em Santos), MG (na área rural); Nordeste (MA, TO, BA fora da capital); Norte (RO, AC, TO) (Lopes *et al.*, 2018, p. 44).

Da configuração atual, chama-nos a atenção os subsistemas em uso na região sudeste. Visto que os córpus desta pesquisa atendem ao Estado de São Paulo (cartas publicadas na revista *A Cigarra* e no grupo controle *Correio Paulistano*) e ao do Rio de Janeiro (cartas publicadas no grupo controle *Revista da Semana*) nos anos de 1915 a1932, é relevante observar que, apesar do espraiamento de 'você' nessas regiões durante o século XX (*cf*. subseção 2.4.1), dois cenários se formaram no presente momento. No contexto da fala paulista, com exceção da cidade de Santos, o uso de 'você' (e variantes 'cê'/'ocê') é categórico. Já na fala carioca, há variação entre tu/você, com o uso de 'tu' sem a concordância verbal com 2P.

Estudos do passado[32] podem dar pistas do que desencadeou a conjuntura atual no que se refere aos diferentes usos das variantes tu/você em São Paulo e no Rio de Janeiro. Lopes *et al*. (2018), por exemplo, realizaram uma descrição das formas de tratamento do passado (séculos XIX e XX) a fim de investigar como se caracterizavam os subsistemas em diferentes regiões brasileiras. Na subseção seguinte, fazemos um movimento similar no sentido de trazer uma discussão detalhada do fenômeno à luz de estudos sociolinguísticos diacrônicos/históricos da região sudeste do Brasil na passagem dos séculos XIX e XX.

[32] Nesta tese, usamos o termo no sentido de estudos históricos ou estudos que se voltam a outras épocas.

2.4.1 Estudos sociolinguísticos sobre o fenômeno variável tu/você na passagem dos séculos XIX-XX

Visitamos, nesta subseção, estudos sociolinguísticos que se voltam ao fenômeno variável tu/você no passado do português brasileiro. A intenção é realizar um breve mapeamento das discussões em torno dessa mudança linguística, tendo em vista correlações e tendências de ordem morfossintática, socioestilística e semântico-pragmática, de modo a captar os principais aspectos envolvidos nesse processo. São retomados resultados de estudos que, em diálogo com esta pesquisa, se pautaram em córpus compostos por cartas[33] e que se propuseram a delinear a variação de tu/você numa trajetória diacrônica/histórica na região sudeste do Brasil.

Para a contextualização do fenômeno linguístico em investigação, abordamos trabalhos que se debruçam sobre a passagem do século XIX para o XX em distintos recortes temporais – anos de 1827 a 1927 (Pereira, 2012), anos de 1879 a 1939 (Balsalobre; Monte, 2018), anos de 1890 a 1920 (Carreão, 2022), anos de 1877 a 1948 (Rumeu, 2008) e anos de 1870 a 1979 (Souza, 2012).

Com o olhar histórico direcionado à escrita mineira, Pereira (2012) analisa a variação das estratégias de tratamento a um interlocutor em diferentes contextos morfossintáticos considerando dois grupos distintos: (i) formas relacionadas a 'tu' (pronome pessoal do caso reto que exerce função de sujeito ('tu'), pronomes oblíquos não preposicionados ('te'), pronomes oblíquos preposicionados ('de ti', 'para ti', 'contigo' e outros), pronomes possessivos ('teu(s)'/'tua(s)') e desinências verbais correspondentes a 2P, com a exclusão de casos de imperativo); e (ii) formas relacionadas a 'você' (pronome pessoal na função de sujeito ('você'), pronomes complementos não preposicionados ('você', 'lhe', 'o'), pronomes complementos preposicionados ('para você', 'com você' e outros) e desinências verbais correspondentes a 3P, também com a exclusão de casos de imperativo) (Pereira, 2012).

A amostra de pesquisa em Pereira (2012) é constituída por 149 cartas pessoais de uma família ilustre de Minas Gerais, Penna, no final do século XIX e começo do século XX (anos de 1827 a 1927). Além disso, a autora propõe a subdivisão da amostra em cartas familiares (87 cartas) e amorosas (62 cartas) para averiguar se esse aspecto poderia influenciar a distribuição de uso do fenômeno variável, dado que "o tratamento pode variar a depender do caráter mais íntimo e pessoal estabelecidos (sic) entre remetente e destinatário" (Pereira, 2012, p. 35).

Com base em 1.203 ocorrências, é verificado que estratégias relacionadas a 'tu' são as mais empregadas, com percentual de 77% (922 dados), pelos membros da família Penna na

[33] Nos estudos apresentados nesta subseção, os córpus utilizados são constituídos por cartas pessoais.

fatia temporal em análise. Todavia, quando se comparam as cartas (familiares e amorosas), há uma diferenciação de usos. Os resultados de Pereira (2012) revelam que, em cartas familiares, os percentuais de aplicação de formas de 2P (‘tu’) (359 de 613 dados, 59%) e de 3P (‘você’) (254 de 613 dados, 41%) se aproximam. No entanto, em cartas amorosas, a frequência da primeira variante é quase categórica (563 de 590 dados, 95%).

A autora também aponta para o favorecimento da implementação de formas associadas a ‘você’ em determinados contextos morfossintáticos mais do que em outros, tendo em mente que há uma maior frequência de uso quando se encontram na posição sintática de sujeito e de complemento preposicionado. Formas associadas a ‘tu’, em compensação, persistem em casos de complementação não preposicionada. Conforme afirma Pereira (2012, p. 92), “tais resultados elucidam que você já vinha adquirindo status de pronome pessoal, pelo fato de aparecer nos mesmos contextos que favoreceriam o uso de tu, especializando-se (Hopper, 1991) como forma de segunda pessoa na posição de sujeito”.

Vale mencionar que esses resultados corroboram trabalhos anteriores, como o de Lopes e Marcotulio (2011), que trazem evidências de que o sistema pronominal não se modificou de maneira equilibrada. Os autores sinalizam que o pronome reto, o pronome complemento com preposição e o verbo imperativo favorecem a inserção de marcas linguísticas associadas à variante ‘você’, enquanto o pronome complemento sem preposição, o pronome possessivo e o verbo não imperativo mostram-se como um cenário linguístico de resistência e favorecem, pois, a manutenção de marcas associadas ao conservador ‘tu’.

Quando as formas exercem a função sintática de sujeito, Pereira (2012) estabelece o tipo de sujeito como uma variável previsora que pode atuar na escolha das formas em uso. Em cartas familiares, a variante ‘tu’ tende a ocorrer como sujeito nulo (149 de 209 dados, 71%) e a variante ‘você’, como sujeito pleno (79 de 82 dados, 96%). Nas cartas amorosas, o preenchimento do sujeito acontece apenas em 14 dos 590 dados, sendo 7 ocorrências (50%) concernentes a ‘tu’ e 7 ocorrências (50%) a ‘você’.

Alicerçada na análise temporal em cartas familiares, Pereira (2012) demonstra ainda que a forma ‘você’-sujeito passa a ser mais utilizada à medida que as décadas avançam. Paralelamente, ‘tu’-sujeito perde espaço na amostra em estudo. De acordo com os dados apresentados, é no ano de 1910 que a frequência da variante inovadora ultrapassa a da variante conservadora, com percentual de 57% (31 de 54 dados).

Variáveis como geração, parentesco/papel social e sexo/gênero (*cf.* subseção 2.4.2) são discutidas e analisadas pela autora e se apresentam como primordiais para a explicação da variação nos córpus. Nesses casos, Pereira (2012) destaca que, “no período em questão, a forma

você ainda era híbrida sendo empregada como forma mitigadora de solicitações ou ordens e quando o missivista [Affonso Penna Júnior] trata de assuntos menos íntimos, no caso das cartas masculinas em geral" (Pereira, 2012, p. 136). Por fim, a autora salienta que:

> A forma você aproxima-se um pouco do uso cerimonioso do tratamento nominal que a originou, Vossa Mercê, como também aparece nos mesmos espaços funcionais de tu, como uma verdadeira variante pronominal, no caso das missivas escritas por Maria Guilhermina e Affonso Penna Júnior (Pereira, 2012, p. 136).

Já Balsalobre e Monte (2018) investigam a expressão (nula/plena) das formas tu/você e as formas de tratamento 'Vossa Excelência', 'Vossa Senhoria' e 'senhor(a)'[34] na posição sintática de sujeito em cartas extraídas do córpus do PHPP (Projeto de História do Português Paulista). Trata-se de 67 cartas escritas de 1870 a 1939, trocadas entre pessoas ilustres, de famílias mais abastadas da sociedade paulista, com temáticas variadas (assuntos familiares, de política e de negócios).

A partir de 148 ocorrências, Balsalobre e Monte (2018) percebem resultados percentuais próximos quanto ao emprego de tu/você. A variante 'tu' aparece com uma frequência de 41% (60 de 148 dados) e a variante 'você' tem o percentual de uso de 46% (68 de 148 dados). As demais formas em análise – 'Vossa Excelência', 'Vossa Senhoria' e 'senhor(a)' – compõem o restante dos dados.

Nas cartas paulistas, as autoras observam o predomínio de 'você' na passagem dos anos analisados, com exceção ao período de 1890 a 1899. Ademais, 'tu' aparece por meio de sujeito nulo em todas as ocorrências em análise. No caso de 'você', ao contrário, a forma plena é a preferida em 84% (57 de 68 dados) das vezes em que essa variante se manifesta. Para Balsalobre e Monte (2018, p. 82), "a realização do pronome pleno parece reforçar a origem do pronome você, advinda da forma nominal Vossa Mercê [...]. Já a forma nula de tu acompanha o resultado de outras localidades, à época, quando é apenas esporádico seu preenchimento".

No estudo em questão, o tipo de relação entre os interlocutores das cartas também é investigado, assentado na justificativa de que "há uma interligação entre as escolhas linguísticas e seus motivadores sociais/culturais" (Balsalobre; Monte, 2018, p. 84). As autoras chegam a resultados que evidenciam que, em relações de solidariedade e de simetria (entre iguais), há

[34] Balsalobre e Monte (2018) incorporam tanto o pronome pessoal do caso reto quanto as desinências verbais como parte das variantes 'tu' e 'você'. No caso das demais formas de tratamento em análise ('Vossa Excelência', 'Vossa Senhoria' e 'senhor(a)', as autoras também trazem resultados quanto ao preenchimento ou não das formas. Contudo, não há uma discussão mais detalhada de como o controle foi realizado (*cf*. Balsalobre; Monte, 2018).

uma distribuição equilibrada das variantes, particularmente quando se trata de primos e cunhados como interlocutores.

Em cartas entre amigos, no entanto, Balsalobre e Monte (2018) chamam a atenção para o fato de que, nesses casos, é encontrada a forma "Vossa Senhoria". A temática das cartas trocadas entre amigos, geralmente associada a assuntos políticos (menos íntimos), pode interferir no uso de formas de tratamento cerimoniosas, como explicam. No que se refere às relações de assimetria e poder, Balsalobre e Monte (2018) afirmam que, "no geral, o uso desinencial de tu ocorre em contextos em que há a intenção de estabelecer intimidade e afeto, e o pronome você, em situações em que há o desejo de mitigar a possibilidade de ameaça à face do seu interlocutor [...]" (Balsalobre; Monte, 2018, p. 88).

As autoras concluem que o reconhecimento da hierarquia das relações pode condicionar a escolha das variantes pelo missivista. No córpus em análise, Balsalobre e Monte (2018) observam que o maior grau de assimetria das relações está associado à diminuição de uso de tu/você e ao aumento de uso de formas de tratamento mais corteses, como 'senhor(a)'.

Igualmente, Carreão (2022) se propõe a examinar, entre outros fenômenos variáveis[35], as formas de tratamento ('senhor(a)', 'tu', 'você' e outros, como SNs) na posição de sujeito (nulo/pleno) em duas amostras. A primeira delas é constituída por 114 cartas pessoais escritas por imigrantes portugueses residentes do Estado de São Paulo em fins do século XIX e começo do século XX (anos de 1879 a 1920), ao passo que a segunda amostra é composta por 67 cartas pessoais trocadas entre portugueses, muitos deles soldados da Primeira Guerra Mundial, entre os anos de 1917 e 1919.

Em uma perspectiva sociolinguística histórica de Contato, Carreão (2022) almeja discutir as repercussões do contato linguístico entre paulistas e imigrantes portugueses na transição entre os séculos XIX e XX. Nessa mesma faixa temporal, o autor analisa de que modo a fixação de imigrantes portugueses no litoral paulista, especificamente em Santos, deixou marcas linguísticas nos santistas. Em geral, o autor nota, num primeiro momento, certa estabilidade em relação à aplicação de formas de tratamento para os imigrantes em São Paulo e os portugueses na Europa. Para a forma 'você', por exemplo, Carreão (2022) indica percentuais de uso próximos em ambas as amostras, sendo apenas empregada em situações familiares, com relações sociais hierárquicas assimétricas (de inferior para superior).

A principal diferença de usos, segundo Carreão (2022), é de que, entre portugueses da Europa, a referência a um interlocutor em cartas de amizade é feita pela forma 'tu' (65%, 13 de

[35] Carreão (2022), em seu estudo, analisa quatro variáveis linguísticas, a saber: (i) formas de tratamento, (ii) ditongação de sílabas travadas em /s/, (iii) colocação pronominal e (iv) formas no gerúndio.

20 cartas), ao passo que, entre os imigrantes portugueses de São Paulo, outras estratégias são adotadas nesse contexto de comunicação, com destaque para a forma 'senhor(a)' (53%, 7 de 13 cartas). É importante salientar que "os portugueses na Europa não apresentam cartas ancoradas nesse tratamento, enquanto os imigrantes em SP têm 35 missivas, de um total de 92, com uso predominante de "senhor(a)" (Carreão, 2022).

Carreão (2022), com base nas relações hierárquicas de superior entre amigos e familiares, indica que os imigrantes localizados no litoral paulista não seguiram a inovação de tratamento com o uso de 'senhor(a)'(8 de 63 dados, 12,7%), se comparados aos imigrantes localizados na capital (24 de 63 dados, 38,1%) e no interior (32 de 63 dados, 50,8%). Tais resultados chamam a atenção e levam à compreensão, segundo o autor, de que "uma investigação sobre a sócio-história paulista seja uma possível fonte de pesquisa para entender como o contato entre duas variedades do português possa ter catalisado o uso de outras estratégias de tratamento" (Carreão, 2022, p. 121).

Na segunda parte do estudo, Carreão (2022) discute como as diversas ondas migratórias na virada do século XIX para o XX, especialmente em regiões litorâneas – como as cidades do Rio de Janeiro e de Santos – mudaram as dinâmicas socioeconômicas e deixaram traços na variedade linguística santista, como é o caso da permanência de 'tu'[36]. Um questionamento sensível, para ele, é: "por que o uso de "tu" se mantém em Santos, mas não em regiões específicas da cidade de São Paulo que também receberam grandes números de imigrantes portugueses? Por que encontramos esse traço na fala dos santistas, mas não o encontramos em outros locais?[37]" (Carreão, 2022, p. 224).

Em sua pesquisa (Carreão, 2022), é apontada uma alteridade entre "Santos portuguesa" e portugueses de outras cidades brasileiras, bem como a identificação e a relação entre os imigrantes portugueses e os imigrantes italianos de São Paulo, o que poderia levar, pois, ao (des)favorecimento de diferentes traços linguísticos. Numa discussão que atrela demografia, mobilidade e participação na comunidade, o autor sugere que o trabalho nos portos, a participação ativa nos movimentos sindicais e o casamento entre portugueses e brasileiras, por exemplo, podem ter ajudado a disseminar a forma mais familiar e solidária 'tu'.

Logo, a conclusão do autor é que:

---

[36] O movimento sociolinguístico que aconteceu em Santos é similar a outras regiões litorâneas em que se verifica o "subsistema *você/tu* sem concordância" nos registros sincrônicos de fala (Lopes *et al.*, 2018; *cf.* subseção 2.4). Parece que para a cidade do Rio de Janeiro o contato linguístico entre brasileiros e imigrantes portugueses também pode ter condicionado o retorno de 'tu' à cena carioca.

[37] Relembramos que, no Estado de São Paulo, atualmente o subsistema é 'você' (e variantes 'ocê' e 'cê') (*cf.* subseção 2.4).

> A ‘identidade’, relacionada à figura dos estivadores e dos movimentos sociais e sindicatos, reforça o uso desse tratamento e faz com que, para outros moradores de Santos, o ‘tu’ seja um caso de empréstimo. Como também nos mostram Thomason e Everett (2010), a adoção de alguns paradigmas pronominais pode vir parcialmente. O preenchimento da posição de sujeito é um traço do PB que se alia ao uso de ‘tu’, enquanto herança linguística. A conjugação do verbo cai, assim como a simplificação do paradigma verbal descrito por Duarte (1993) (que se encontra em voga na época), e ‘tu’ ganha um *status* local de identidade (Carreão, 2022, p. 233).

Com outros objetivos e por meio de dados de escrita carioca, Rumeu (2008) investiga a variação entre as estratégias relacionadas à forma de P2 (‘tu’) e de P3 (‘você’) em diferentes contextos morfossintáticos, os quais contemplam subtipos de pronome e desinência verbal (pronome pessoal do caso reto, pronome possessivo, pronomes oblíquos com ou sem preposição e formas verbais imperativas e não imperativas). Mais especificamente, a autora lida com uma amostra de 170 cartas pessoais da família ilustre Pedreira Ferraz-Magalhães, situada na cidade do Rio de Janeiro, no fim dos oitocentos e início dos novecentos (anos de 1877 a 1948). Rumeu (2008) busca examinar o processo de implementação de ‘você’ no quadro pronominal do português brasileiro e analisar os condicionamentos (linguísticos e sociais) que subjazem o cenário de variação com ‘tu’ na época em estudo.

Para isso, Rumeu (2008) baseia-se numa proposta metodológica na qual a mudança linguística é observada por meio do estudo em tempo real de curta duração do tipo painel em dados pretéritos. Diferentemente do estudo de painel tradicional (com dados sincrônicos de fala), em que se verifica o processo de variação e mudança linguísticas dos mesmos informantes em duas faixas temporais distintas, na pesquisa em evidência:

> [...] foi possível acompanhar, através da análise da produção escrita dos integrantes da família Pedreira-Magalhães, o comportamento do indivíduo ao longo de sua vida. Apesar de não se ter um *corpus* equilibrado pelas dificuldades intrínsecas a (sic) própria natureza de um estudo histórico, têm-se como observar, na amostra constituída, jovens passando à fase adulta (dois homens e três mulheres) e duas mulheres adultas que se tornam idosas (Rumeu, 2008, p. 96).

Rumeu (2008) observa um total de 496 dados, constatando que formas de 2P (‘tu’) são as preferidas, com 67% de uso (331 de 496 dados), enquanto formas de 3P (‘você’) acontecem em uma frequência de 33% (165 de 496 dados). Tais resultados vão ao encontro de estudos que demonstram a predominância de marcas linguísticas da variante ‘tu’ nesse período no português brasileiro (Lopes; Machado, 2005; Barcia, 2006; Lopes; Duarte, 2007).

Nas cartas de escritores cultos, de acordo com Rumeu (2008), mostram-se como contextos de resistência de 2P (‘tu’) formas verbais não imperativas nas quais o sujeito se apresenta como nulo (88 de 112 dados, 79%), complementos sem preposição (‘te’) (90 de 135 dados, 67%) e possessivos (‘teu’/’tua’) (115 de 157 dados, 73%). Já formas de 3P (‘você’) parecem ter se instalado mais rapidamente na posição sintática de sujeito com preenchimento (21 de 23 dados, 91%), como complemento preposicionado (‘por você’, ‘de você’ etc.) (13 de 19 dados, 68%) e na forma verbal imperativa (20 de 50 dados, 60%).

Importa mencionar que esses resultados, segundo Rumeu (2008), parecem confirmar a seguinte hipótese: a entrada de ‘você’ não se deu da mesma forma em todos os contextos morfossintáticos. A autora também destaca que as mesmas tendências apontadas na pesquisa, quanto ao (des)favorecimento da implementação de ‘você’, convergem com outros estudos diacrônicos (Lopes; Machado, 2005; Barcia, 2006; Machado, 2006).

Quanto à representação de tu/você na posição sintática de sujeito, cabe assinalar que Rumeu (2008) chega a resultados que evidenciam a preferência pelo não preenchimento (sujeito nulo), no caso de ‘tu’ (92 de 93 dados, 99%), e pelo preenchimento (sujeito pleno), ainda que de forma mais equilibrada, no caso de ‘você’ (24 de 45 dados, 53%). Nesse sentido, a autora aponta para ‘você’ como uma forma híbrida de referência ao interlocutor (Rumeu, 2008).

Para ela, a variante inovadora começa a entrar no mesmo domínio funcional que ‘tu’, principalmente em cartas femininas (*cf*. subseção 2.4.2), porém, ‘você’ deixa entrever traços semânticos da forma que lhe deu origem (Vossa Mercê) ao ocupar a posição plena de sujeito. Logo, “o inovador Você parece anunciar um estágio de transição para a mudança do parâmetro do sujeito nulo” (Rumeu, 2008, p. 250), tendência que se confirmou – maior preenchimento do sujeito no português brasileiro.

No estudo de painel, Rumeu (2008) ressalta que contextos favorecedores do uso de sujeito pleno têm uma motivação discursivo-pragmática. A autora, de modo geral, verifica que ‘você’ nessa posição sintática é utilizado quando se tem um referente específico e, nessa conjuntura, a forma pode ser usada para marcar “a ênfase, o contraste ou a individualização” (Rumeu, 2008, p. 251). Também é apontado o emprego da variante inovadora nos casos em que o sujeito da oração subordinada se difere da oração principal.

Rumeu (2008) também observa que os anos de 1925 a 1945 apresentam uma maior produtividade de ‘você’-sujeito. Esse período pode, em conformidade com outros estudos (Duarte, 1995; Machado, 2006; Rumeu, 2004), se configurar como uma fatia temporal na qual se efetiva a implementação da forma como pronome de referência determinada à segunda

pessoa do discurso[38], de maneira que as mulheres se mostram mais inovadoras e tendem, com base no córpus em análise, a liderarem a mudança linguística (*cf*. subseção 2.4.2).

De igual modo, Souza (2012) investiga a variação e a mudança da expressão (nula/plena) de tu/você[39] na posição sintática de sujeito mediante uma amostra constituída por 354 cartas pessoais escritas por moradores cultos, de famílias de elite e da cidade do Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX (anos de 1870 a 1970). Na pesquisa, a autora analisa variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem implicar a implementação de 'você'. Ela tem interesse em discutir se os condicionadores da mudança linguística e se a produção escrita dos missivistas, quanto ao uso do fenômeno variável, podem trazer indícios sobre o espraiamento de 'você' e, por fim, se há uma possível associação com as mudanças nas relações sociais do século XX. Souza (2012) busca respostas, então, para entender se a alternância entre tu/você pode ser um caso de variação prototípica, em outras palavras, se 'você' assume o mesmo domínio funcional que 'tu'.

Os resultados de Souza (2012), com base em 1.381 dados, apontam para um equilíbrio entre o uso das variantes. De modo geral, 762 ocorrências referem-se a 'tu' (55,2%) e 619, a 'você' (44,8%). Na comparação entre os séculos, contudo, a autora verifica o predomínio de 'tu'-sujeito nos anos oitocentos (370 de 500 dados, 74%) em relação a 'você'-sujeito (130 de 500 dados, 26%). Já nos anos novecentos, 'você' tem percentuais mais elevados de uso (489 de 881 dados, 55,1%) do que 'tu' (392 de 881 dados, 44,5%). Diante dessa tendência, o esquema seguinte é apresentado por Souza (2012, p. 90): "Período I (1870-1890): o tu é mais frequente que o você. Período II (1900-1930): o tu e o você apresentam frequências próximas. Período III (1930-1970): o você torna-se a estratégia preferida".

No que se refere à expressão do sujeito, Souza (2012) verifica que 'tu' é preferido em contexto de não preenchimento (644 de 860 dados, 74,9%), enquanto 'você' é preferido em contexto de preenchimento (403 de 521 dados, 77,4%). Em uma trajetória histórica, Souza (2012) confirma que o sujeito preenchido adquire espaço ao longo das décadas no córpus em estudo. Na linha do que indica Duarte (1995), Souza (2012) explica que:

[38] Na sincronia atual, como pontua Rumeu (2008), a forma 'você', além de ser utilizada como referência determinada, é frequente em contextos de referência indeterminada.

[39] Souza (2012) leva em consideração o pronome pessoal do caso reto e a desinência verbal como parte das variantes tu/você na posição sintática de sujeito.

> Por volta dos anos de 1930, o PB começou a deixar de ser uma língua *pro-drop*, tornando-se uma língua com maior preenchimento do sujeito. Esse aumento do preenchimento do sujeito poderia estar atrelado ao enfraquecimento do paradigma flexional/pronominal do PB. Com a redução do paradigma, os valores semânticos, antes expressos pelas desinências verbais, passaram a ser expressos pelo pronome-sujeito (Souza, 2012, p. 98).

A autora, ademais, verifica se as relações sociais podem interferir no uso de uma ou de outra estratégia variável de referência ao interlocutor. A hipótese levantada é de que a variante inovadora seria predominante em contextos de relações assimétricas [-solidárias], de inferior para superior, por resguardar uma semântica de maior cortesia, formalidade e distanciamento advinda de sua forma-fonte 'Vossa Mercê'. Ela observa que, em relações simétricas, há um predomínio de 'você' (515 de 1018 dados, 73,7%). Já em relações assimétricas, sejam ascendentes (de inferior para superior, como de filhos para pais, sobrinhos para tios), sejam descendentes (de superior para inferior, como de pais para filhos, tios para sobrinhos), há um desfavorecimento de uso de 'você'.

Outros estudos, tal como o de Machado (2006), sinalizam que, de início, 'você' ocorre em relações assimétricas ascendentes, fortemente marcado pelo caráter [- íntimo, + distante]. Após a gramaticalização e a ampliação de uso dessa forma, 'você' passa a atuar em outros tipos de relações (simétricas e assimétricas descendentes) e a concorrer, pois, no mesmo domínio pragmático do 'tu' [+íntimo, -distante]. Os resultados, conforme Souza (2012, p. 106), demonstram que:

> com o seu desbotamento semântico, a forma foi se tornando mais genérica, se distanciando do significado original. O sema de cortesia e respeito da antiga forma nominal de tratamento (Vossa Mercê) caiu em desuso e o pronome você ampliou seus contextos de uso, passando a concorrer com tu nos mesmos contextos discursivo-funcionais.

Importa mencionar que Souza (2012) controla o parentesco dos missivistas e mostra que, quanto maior o grau de intimidade entre os interlocutores, menor é a utilização de 'você'. As análises apontam para a questão que a forma ainda preserva, no tempo em estudo, uma semântica de [-solidariedade, +distanciamento].

Da mesma maneira, a divisão das cartas em amorosas, familiares e pessoais foi investigada pela autora. A partir do cruzamento com parentesco, Souza (2012) observa que 'você' é favorecido em cartas trocadas entre parente e amigos (família ampliada) (212 de 331 dados, 64%), de teor menos íntimo dentre os controlados, sendo desfavorecido em cartas

amorosas (entre casais) (56 de 333 dados, 16,8%). Esses resultados também são discutidos considerando sexo/gênero, variável abordada na próxima subseção.

Os estudos sociolinguísticos em discussão nesta subseção (Rumeu, 2008; Pereira, 2012; Souza, 2012; Balsalobre; Monte, 2018; Carreão, 2022) trazem contribuições para a descrição do português culto da região sudeste do Brasil. Vimos que, no quadro de variação e mudança do fenômeno linguístico em análise, parece ser o início do século XX o período em que a variante inovadora 'você' começa a suplantar o uso de 'tu' e a se implementar no sistema pronominal. Entretanto, como essa é uma mudança mais perceptível em alguns contextos, a entrada de formas de 3P ('você') para se dirigir a um interlocutor é favorecida na posição de sujeito, principalmente em casos de preenchimento, e com pronome complemento preposicionado.

Por se tratar de formas pronominais com diferentes valores (semânticos, pragmáticos, sociais e estilísticos) imbricados, que revelam a intimidade de 'tu' e o distanciamento de 'você', variáveis como destinatário das cartas e relações estabelecidas entre os pares são levadas em consideração na análise do condicionamento dessa mudança linguística.

Tendo em vista que esta pesquisa traz à luz a discussão do papel do gênero feminino na mudança linguística do fenômeno variável (marcas de 2P associadas a 'tu' e marcas de 3P associadas a 'você' na posição sintática de sujeito) por uma perspectiva social, passamos a debater, na subseção seguinte, os resultados e as discussões que tocam especificamente o papel das mulheres na implementação de 'você'.

2.4.2 Papel das mulheres na implementação de 'você' na passagem dos séculos XIX-XX

Em uma discussão maior, estudos sociolinguísticos – conduzidos a sistematizar os condicionadores em jogo no processo de mudança linguística – dedicam-se a verificar a atuação de sexo/gênero a partir de cartas pessoais (pessoais, familiares e/ou amorosas) em fins do século XIX e começo do XX, como é o caso de Rumeu (2008, 2013), Pereira (2012) e Souza (2012)[40].

Rumeu (2008), conforme vimos na subseção anterior (2.4.1), investiga a variação entre formas de P2 ('tu') e de P3 ('você') por meio de um estudo de painel baseado em uma amostra de cartas pessoais da família Pedreira Ferraz-Magalhães, situada na cidade do Rio de Janeiro, no final de 1800 e início de 1900. A autora confirma, apoiada nos resultados gerais, que estratégias associadas a 'tu' são as mais utilizadas (331 de 496 dados, 67%) no córpus em

[40] Nesta subseção, assim como na anterior, optamos por apresentar um recorte dos resultados e discussões de alguns dos estudos sociolinguísticos voltados à diacronia e à região sudeste que, nesse caso, se propõem a analisar e a discutir a variável sexo/gênero na mudança das estratégias de referência ao interlocutor tu/você.

análise. Ainda assim, são encontrados indícios de que as mulheres dessa família são mais propensas a utilizar a variante inovadora (formas de 3P – 'você') (147 de 339 dados, 43%) comparativamente aos homens que, por sua vez, favorecem o uso de formas de 2P ('tu') (139 de 157 dados, 89%).

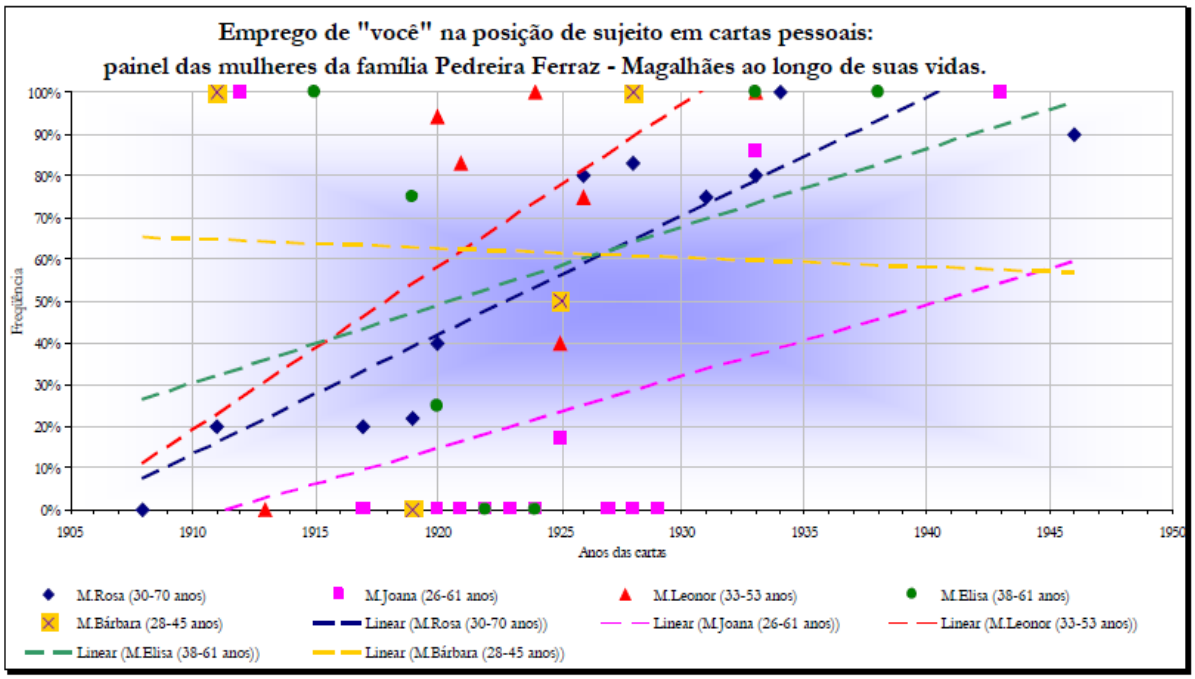
Para melhor compreender o papel dessas mulheres na mudança linguística de referência ao interlocutor, Rumeu (2008) realiza um cruzamento entre as variáveis sexo/gênero e faixa etária e chega a resultados que indicam a preferência dos homens de todas as faixas etárias em análise em empregar estruturas relacionadas a 'tu' em comparação a 'você', mostrando-se mais conservadores do ponto de vista linguístico. Em contrapartida, as mulheres jovens da família Pedreira Ferraz-Magalhães usam, de maneira categórica, estruturas relacionadas a 'você'.

A mesma tendência pode ser verificada em mulheres adultas, as quais elegem essa variante em 79% das vezes, num total de 68 dados. Já mulheres idosas, como Rumeu (2008) pontua, optam por utilizar estratégias relacionadas a 'tu' (75% de um total de 237 dados). Para a autora:

> As mulheres da família Pedreira Ferraz – Magalhães parecem ter impulsionado o processo de mudança em progresso na língua (cf. Labov, 1990), ao preferirem formas relacionadas ao inovador Você que, por sua vez, se inseriu no sistema pronominal como resultado de uma mudança lingüística advinda de cima para baixo (change from above) na pirâmide social portuguesa (Vossa Mercê > Você), encaixando-se (embedding problem, cf. Weinreich et alii), pois, no contexto histórico-social (Rumeu, 2008, p. 148).

No que se refere ao estudo de painel, chamamos a atenção para a seguinte figura, um gráfico de dispersão extraído de Rumeu (2008, p. 240):

Figura 3 - Painel de uso de ‘você’-sujeito entre mulheres de uma família ilustre



Fonte: Rumeu (2008, p. 240).

Conforme explica Rumeu (2008), as mulheres mostram uma ascendência contínua em relação ao uso de ‘você’ na posição de sujeito (nulo/pleno) entre os anos de 1925 e 1945, o oposto do que se verifica no caso dos homens, que apresentam uma linha descendente de uso da variante inovadora na mesma função sintática. Nesse sentido, a autora entende que “o inovadorismo das mulheres parece ter impulsionado o processo de mudança em progresso na língua, ao elegerem o Você como estratégia de referência ao interlocutor no PB” (Rumeu, 2008, p. 240).

As motivações sociais que subjazem à liderança feminina, de acordo com Rumeu (2008), dialogam com o perfil social da mulher brasileira no contexto estudado. A autora justifica que, “considerando, em termos lingüísticos, a responsabilidade de a mulher-mãe da elite brasileira ensinar aos filhos as primeiras letras, impõe-se a ela um comportamento educativo voltado para o recato” (Rumeu, 2008, p. 244). Em vista disso, o maior uso de ‘você’ se explicaria pelo fato de essa forma se constituir como uma estratégia mais neutra e menos invasiva de se referir a um interlocutor. A autora, dessa maneira, propõe a hipótese de que o maior uso da variante inovadora em cartas íntimas seria uma espécie de “recato linguístico” (Rumeu, 2008, p. 245), condizente com a condição de submissão da mulher naquele período.

Em outro momento, Rumeu (2013) complementa que:

> Tendo em vista o fato de se tratar de mulheres nascidas no Brasil da segunda metade do século XIX, momento ainda marcado pela subserviência feminina à figura do homem, a opção pelo Você evidencia muito mais o cumprimento a um padrão social de submissão concretizado na opção feminina por tornar mais produtiva uma estratégia de referência ao interlocutor menos invasiva, logo, mais neutra, como é o caso do Você no PB. Ainda que consciente da implicação social do tratamento do seu interlocutor por Você, a mulher-missivista, nas eras oitocentista e novecentista do PB, prefere um pronome que está em processo de inserção no quadro pronominal da língua, dotado ainda de uma relativa formalidade, o que permite confirmar a hipótese Laboviana de que a mulher tende a se encaminhar na direção histórica da mudança linguística (Rumeu, 2013, p. 571).

Corroboram os resultados de Rumeu (2008) os achados de Pereira (2012) na investigação da variação de formas relacionadas a tu/você (em diferentes contextos morfossintáticos) em cartas amorosas e familiares produzidas entre os anos de 1827 e 1927 por membros da família Penna. Além de verificar um comportamento diferenciado de acordo com os conteúdos temáticos dos textos em análise (*cf*. subseção 2.4.1), a autora traz à luz as mulheres como as mais dinâmicas na condução da implementação de 'você' na função de sujeito (nulo/pleno).

Pereira (2012) observa que os homens da família Penna tendem a empregar mais frequentemente 'tu'-sujeito do que as mulheres[41], de modo que aqueles que empregam 'você' na mesma função sintática em seus escritos o fazem mediante uma motivação discursivo-pragmática em contextos de ameaça. A explicação apresentada no estudo é de que, "nos dados de você produzidos pelos representantes masculinos da Família Penna, observou-se um uso motivado da nova forma, escolhido para suavizar solicitações feitas ou no momento em que os missivistas abordam assuntos que necessitam de mais cautela" (Pereira, 2012, p. 100).

São nos dados de mulheres, em especial, nos dados que correspondem aos escritos de Maria Guilhermina Penna, que 'você'-sujeito se faz mais produtivo, segundo afirma Pereira (2012, p. 102), "talvez pelo fato dessa estratégia ainda preservar algum distanciamento social". A autora pontua que a missivista utiliza 'você' em 60% de sua produção e que "Maria Guilhermina é a única missivista mulher e seu comportamento linguístico distancia-se do encontrado nas figuras masculinas" (Pereira, 2012, p. 102).

Além disso, Pereira (2012) nota que, ao longo da vida de Maria Guilhermina, a variante inovadora passa a ser paulatinamente utilizada conforme os anos avançam. Em suas palavras,

[41] Pereira (2012) realiza uma verificação de cada membro masculino da família Penna. Enquanto Álvaro e Manuel utilizam predominantemente 'tu' em seus escritos, Affonso Penna e Edmundo Veiga utilizam, de maneira equilibrada, as formas em variação, com índices percentuais de 52% e 56% da forma inovadora 'você', respectivamente.

“a análise do desempenho linguístico de Maria Guilhermina evidenciou que ela utiliza majoritariamente tu entre os anos de 1898 até 1907, nos quais se observa 100% de frequência do pronome nos anos de 1898, 1899 e 1907 [...]” (Pereira, 2012, p. 104-105). No entanto, “é a partir do ano de 1908 que se constata que a frequência de tu diminui gradativamente, tendo 45% de frequência em 1908, 2% em 1919 e 11% em 1920, enquanto as utilizações de você vão aumentando” (Pereira, 2012, p. 107).

Nesse caminho, Souza (2012) reforça essa tendência. A verificação empírica da variação tu/você na posição de sujeito (nulo/pleno) é feita com base em cartas distintas (pessoais, familiares e amorosas) escritas por moradores do Rio de Janeiro durante a passagem de cem anos (1870 a 1970). Assim, a análise de sexo/gênero leva em consideração, de início, uma subdivisão das cartas em pessoais (menos familiar), familiares e amorosas. Souza (2012) observa que, em cartas pessoais, os usos são bastante semelhantes entre homens e mulheres, favorecendo ‘você’-sujeito com índices acima de 60% (Souza, 2012, p. 117).

Todavia, nas cartas familiares, há uma diferença significativa, tendo em vista o maior uso da variante inovadora por mulheres (61%), enquanto o uso por homens é de 31% do córpus em investigação. Já nas cartas amorosas, nas quais ‘você’ não é o mais utilizado (16,8%), as mulheres apresentam percentuais de uso seis vezes maiores do que os homens para essa estratégia. Nesse viés, homens utilizam a variante inovadora 5% dos dados referentes às cartas amorosas, enquanto as mulheres, 34%.

Sobre isso, Souza (2012, p. 117) destaca que:

> o percentual de uso do *você* pelas mulheres se mostrou, nos três tipos de cartas, superior aos valores médios de uso. Diferentemente, os homens tiveram sempre frequências inferiores à média de uso da forma *você*. As mulheres, mesmo em contexto de maior intimidade (cartas amorosas), se mostraram resistentes ao uso do *tu*-íntimo, optando pela estratégia *você*.

A explicação é que ‘você’ ainda guardava características da forma-fonte ‘Vossa Mercê’ e, desse modo, “às mulheres, possivelmente, seria de ‘melhor tom’, (sic) utilizar uma forma de maior distanciamento e menor intimidade, devido à cultura patriarcal da sociedade, no século XIX, e as marcas deixadas por esta cultura, no século XX” (Souza, 2012, p. 117).

Souza (2012) também controla se o remetente e o destinatário poderiam interferir nos usos linguísticos por mulheres e homens. Ela ressalta que, em cartas trocadas entre homens, há um equilíbrio entre as formas, mesmo que ‘tu’ seja a variante mais frequente (51,6%). Quando o remetente é um homem e o destinatário uma mulher, em contrapartida, o conservador e íntimo ‘tu’ é o preferido (85%) nos dados em análise. Em situações de mulheres se referirem a uma

interlocutora também mulher, ‘você’ é a estrutura mais empregada (72,9%), tendo uma queda de usos quando o destinatário da carta é um homem (53,2%). Quanto a esse último resultado, Souza (2012) faz uma relação com a especificidade do córpus. De acordo com a autora, “grande parte das missivas trocadas entre homens e mulheres é de cunho amoroso, ou seja, são cartas trocadas por casais e, possivelmente, isso favoreceu o tu-íntimo” (Souza, 2012, p. 121).

Os resultados alcançados por Rumeu (2008), Pereira (2012) e Souza (2012) convergem ao apontar as mulheres como propulsoras da mudança em favor de ‘você’, tendência apresentada pelos estudos de Lopes e Machado (2005) e Chaves (2006), por exemplo. A base comum para a interpretação da liderança feminina é guiada pelo Paradoxo do Gênero (Labov, 1990, 2001), levando em consideração que elas assumem uma postura mais inovadora do que os homens (*cf*. subseção 2.1). Ademais, é resgatada a questão sociopragmática que envolve a relação de intimidade de ‘tu’, por um lado, e de distanciamento de ‘você’, por outro, sendo acomodadas algumas considerações a respeito do contexto sócio-histórico geral.

Em síntese, trabalhos como os destacados nesta subseção têm contribuído para a compreensão do fenômeno nos contextos específicos de análise. Nossa pesquisa traz como colaboração a adoção, além de teorias sociais para operacionalizar e analisar gênero, de um caminho de investigação contrário: enquanto os estudos, no geral, partem do fenômeno linguístico e investigam sexo/gênero como uma possível variável condicionante, um dos objetivos é verificar como questões sociais dessa categoria impactam a língua e levam a um determinado resultado no processo de variação/mudança da variação linguística em análise.

2.5 Em resumo

Nesta seção, acomodamos discussões de ordem teórico-metodológica no que se refere à sociolinguística e à variável extralinguística gênero. Na subseção 2.1, trazemos mais atentamente os princípios norteadores do Paradoxo do gênero, elaborado por Labov (2001), amplamente utilizados em análises sociolinguísticas. Já em 2.1.1, apontamos os percalços no controle e na interpretação da variável gênero em estudos sociolinguísticos. Buscamos sinalizar, entre outros aspectos, a necessidade de uma definição social prévia sobre a categoria social ‘gênero’.

Em outras palavras, salientamos a necessidade de que a explicação sobre o condicionamento de gênero nos processos variáveis e de mudança na língua seja feita com base em hipóteses bem delimitadas e a partir do contexto social diverso em que o fenômeno se insere, e não em conformidade com interpretações generalizadas e um modelo pré-definido de mulher ou homem.

Na subseção 2.1.2, discutimos, a partir de estudos sociolinguísticos, como os de Eckert (2000) e Dubois e Horvath (2000), métodos e abordagens para a análise de gênero e variação linguística que escapam de uma visão essencialista. Em nossas discussões, torna-se evidente que a compreensão sobre a estrutura social da comunidade/amostra em análise deve preceder a investigação sociolinguística sobre gênero. Por essa razão, além da adoção de uma perspectiva social para as interpretações sobre o condicionamento de gênero, é importante se valer de abordagens alternativas de coleta de dados e controle de variáveis sociais.

Na subseção 2.2, colocamos em evidência os cinco problemas, apontados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), que devem ser encarados em estudos que lidam diretamente com a heterogeneidade linguística. Ainda que não seja nosso objetivo, nesta tese, trazer respostas para todos os problemas, abordamos os seguintes: (i) fatores condicionantes, (ii) transição, (iii) encaixamento, (iv) avaliação e (v) implementação. Salientamos que podemos nos ocupar mais diretamente do problema do encaixamento, na medida em que este trabalho lida com a discussão de mudança linguística e estrutura social.

Discutimos, na subseção 2.3, as diferenças e as similitudes entre Sociolinguística Variacionista e Sociolinguística Histórica, argumentando que esta se constitui como um subcampo da primeira. A Sociolinguística Histórica depende do material histórico que sobreviveu ao acaso, o que implica desafios e limites em lidar com textos escritos do passado, muitas vezes escassos e limitados. Um dos exemplos é o fato de que as principais fontes de dados históricos (como jornais ou documentos oficiais) são de autoria masculina.

Nesse sentido, refinamentos teóricos e implementação de diferentes abordagens metodológicas são fundamentais para dar conta dos problemas que subjazem a esse subcampo, como procuramos trazer nesta subseção. É o caso de privilegiar amostras mais próximas do pretendido vernáculo, nas quais seja possível a verificação de condições de produção, e amostras que oportunizem o objetivo que se quer atingir na pesquisa. Neste trabalho, a saída metodológica foi a de compor um córpus que, além de ser favorável ao aparecimento do fenômeno, é sensível às questões sociais de gênero feminino.

Em 2.4, contextualizamos o fenômeno variável a partir da história da entrada de ‘você’ no português brasileiro. Conforme destacamos, ‘você’ advém de um processo de gramaticalização, em que a forma de tratamento (forma-fonte) ‘Vossa Mercê’ dá origem à forma pronominal ‘você’ (forma-alvo). Quando na função de pronome, a forma inovadora passa a concorrer com o conservador ‘tu’ no português brasileiro.

Vimos, na linha do que afirmam Lopes *et al.* (2018), que, embora ‘você’ circulasse em uso no Brasil desde o século XVI e fosse utilizado, nesse contexto, como estratégia para indicar

cortesia descendente desde o século XVIII, é no século XIX que a forma nova passa a efetivamente variar nos mesmos domínios funcionais que ‘tu’. Ademais, apontamos para a complexidade do cenário atual de variação das formas.

Em síntese, tencionamos apresentar, ao longo da subseção, o panorama sobre o fenômeno linguístico com o objetivo de compreender como as variantes tu/você começam a competir na história da língua e como aspectos culturais e pragmáticos estão envolvidos no processo. Somada a essa discussão, na subseção 2.4.1, trazemos os resultados de estudos sociolinguísticos sobre o fenômeno variável, com base em amostras constituídas por cartas, pela perspectiva histórica/diacrônica (séculos XIX e XX) na região sudeste do Brasil (Rumeu, 2008; Pereira, 2012; Souza, 2012; Balsalobre; Monte, 2018; Carreão, 2022).

Verificamos que a mudança linguística, a favor de ‘você’, tem motivações de ordem morfossintática, sócio-estilística e semântico-pragmática. Alguns resultados, trazidos por meio dos estudos destacados na subseção, se relacionam com a trajetória de gramaticalização da forma (‘Vossa Mercê’ → ‘você’) (Rumeu, 2008; Pereira, 2012; Souza, 2012; Balsalobre; Monte, 2018). Outros trazem à cena o processo sócio-histórico de contato linguístico entre brasileiros e imigrantes portugueses no início do século XX como possível desencadeador da permanência ou não permanência da forma ‘tu’ no português brasileiro atual (Carreão, 2022).

Das tendências indicadas em 2.4.1, destacamos que a variante ‘você’ alterna com ‘tu’ em contextos morfossintáticos específicos, preferencialmente em posição sintática de sujeito e de complemento preposicionado. Quando na função de sujeito, ‘você’ é utilizado em contexto de preenchimento (pleno), diferentemente de sua contraparte (‘tu’), preferida em contextos de não preenchimento (nulo). As relações sociais do interlocutor/destinatário da carta, por ser uma forma pronominal para se referir ao interlocutor, condicionam o uso de uma ou de outra variante.

O que apontam os estudos é que a semântica de [+distanciamento, -intimidade] de ‘você’, que advém da forma de tratamento ‘Vossa Mercê’, perde o valor cortês ao longo do tempo, de modo que a variante passa a ser usada com o mesmo valor sociopragmático do [-distante, +íntimo] ‘tu’. Nessa perspectiva, os trabalhos sobre o fenômeno linguístico têm apontado que a concorrência entre tu/você nos mesmos domínios (funcionais e sociopragmáticos) é mais produtiva no início do século XX, em particular na passagem entre as décadas de 1920 e 1930.

Para finalizar, na subseção seguinte, 2.4.2, expomos resultados e interpretações quanto ao papel das mulheres nessa mudança linguística. Focamos em apresentar três estudos (Rumeu, 2008, 2013; Pereira, 2012; Souza, 2012) que propõem uma discussão maior sobre o fenômeno

variável. De maneira geral, os trabalhos sociolinguísticos em destaque indicam as mulheres como líderes da mudança.

Em Rumeu (2008, 2013), Pereira (2012) e Souza (2012), por exemplo, há uma base comum para a explicação desse resultado: (i) o Paradoxo do gênero (Labov, 1990, 2001), tendo em vista que as mulheres assumem uma postura mais inovadora do que os homens, e (ii) a relação sociopragmática de intimidade da variante 'tu', por um lado, e de distanciamento da variante 'você', por outro, e a ligação com o contexto sócio-histórico geral. Portanto, os estudos abordados na subseção têm evidenciado que o menor ou maior uso da variante inovadora pelas mulheres em seus dados pode estar associado ao tipo de interlocutor (destinatário), ao tipo/tema da carta, à fase da vida e à faixa temporal, aspectos que levamos em consideração em nossa análise.

3 MULHER(ES) E GÊNERO

Nesta seção, colocamos em evidência conceitos e categorias emergentes das demandas sociais e políticas do(s) feminismo(s), em suas diferentes ondas, com o objetivo de alcançar algumas das maneiras de se entender gênero nas teorias sociais. Também abordamos, por estarem articuladas a nossa proposta, a teoria da performatividade de gênero, desenvolvida por Butler (2018 [1988], 2018 [1990]), e a proposta de Lauretis (1994) em relação à tecnologia de gênero.

Além disso, por defendermos que o trabalho com textos escritos não deve se desprender das questões de gênero e, por consequência, do(s) feminismo(s), contemplamos aspectos sócio-históricos sobre educação feminina e sobre a prática de leitura e escrita a fim de compreender as dinâmicas de poder da sociedade de uma época. Somamos a essa discussão uma contextualização sobre imprensa feminina e imprensa feminista nos anos 1800 e 1900 em razão da natureza de parte das amostras desta pesquisa.

Ao final, um resumo dos tópicos tratados ao longo da seção é apresentado.

3.1 De mulher(es) ao gênero: compreendendo as teorias feministas

Os estudos sobre "mulher", "mulheres" e "gênero" se desenvolveram a partir de pautas feministas na tentativa de desvelar as causas que levam à dominação masculina e às diferenças percebidas nas relações sociais. Gomes (2018) recupera a relação entre mulher(es), gênero e feminismo(s) ao afirmar que:

> Seja como movimento social, seja como teoria, o feminismo teve – e ainda tem – diferentes formas de identificar o seu "sujeito" ou de definir os termos segundos os quais organiza sua luta ou teoria: do feminismo que dependeu da essência de uma "identidade feminina" ou de uma "mulher" que identifica o sujeito em nome de quem se fala, ao feminismo que, diante da crítica de feministas negras e/ou da crítica do transfeminismo e da teoria queer, fala de "mulheres", suavizando o discurso universalizante; do feminismo que de um lado tem por foco o patriarcado, ao feminismo que tem o gênero como categoria (Gomes, 2018, p. 66).

Embora o gênero seja interpretado e reinterpretado como um conceito ou uma categoria fora de teorias feministas, sustentamos, assim como M. Matos (2008), que uma pesquisa, em qualquer área do conhecimento, que se proponha a investigar mulher(es) e/ou gênero deve partir de uma perspectiva emancipatória e incorporar, pois, questões do movimento feminista e de

teorias sociais que tocam o(s) feminismo(s) em suas diferentes ondas[42].

M. Matos (2008) indica que, entre os anos de 1900 e 1970, os movimentos organizados por mulheres e os movimentos feministas posteriores desempenharam mudanças sociais, inclusive na forma de se construir conhecimento. Num período em que o acesso à ciência era sistematicamente negado a várias mulheres, a autora afirma que "surgiram grupos de acadêmicas que problematizam a produção do conhecimento a partir de um viés crítico, gerando os estudos feministas (*feminist studies*) ou os estudos de mulheres (*women studies*)" (Matos, M., 2008, p. 335-336).

Nesse sentido, as primeiras feministas, de acordo com Pedro (2005) e Conceição (2009), buscavam acomodar, em seus estudos, questões particulares da "mulher", como grupo homogêneo, em contraposição ao "homem". Nessa primeira onda, o feminismo procurava questionar a posição de subordinação feminina e pregava a igualdade das relações na sociedade.

Sobre isso, M. Matos (2008, p. 338) resume que:

> O grande esforço da primeira onda do feminismo foi o de questionar, refletir, procurando desconstruir inúmeras formas de instituições e relações patriarcais no seio das quais se mantinham e se reproduziam estratégias de dominação masculina; isso se dando na arena da luta pelo sufrágio universal. Ou seja, tratou-se de uma batalha pela afirmação da condição fundamental e democrática da igualdade política entre os sexos (articulada evidentemente à dimensão universal).

Ativistas[43] de primeira onda, desse modo, levantavam demandas políticas, como o direito ao voto e à elegibilidade, e socioeconômicas, como o direito à educação formal e ao trabalho remunerado digno. Ressaltamos, no entanto, que as demandas centrais eram pensadas por (e para) mulheres brancas, apesar de a luta universalizar o seu sujeito. Soihet (2012) destaca que o trabalho para além do lar, na maioria das vezes em situações precárias e insalubres, era uma realidade vivenciada por diversas mulheres, que não as brancas de classes sociais médias e altas.

O uso de "mulher", nesse caso, somente era possível se pensado no plano ideológico – como uma identidade contraposta à identidade do "homem". É no contexto norte-americano, como Pedro (2005) aponta, que houve críticas mais enérgicas:

---

[42] Ondas do feminismo são diferentes momentos históricos marcados pelo advento de diferentes reivindicações e debates feministas.

[43] Importa mencionar que uma das precursoras do feminismo no Brasil é Nísia Floresta (1809-1885), que se dedicava, entre outras questões, à luta pela educação feminina, além de Marcia Lacerda de Moura (1887-1945) e Bertha Lutz (1894-1976) que lutavam, cada qual a seu modo, pela emancipação feminina. Foram essas últimas as criadoras da Liga para Emancipação Intelectual da Mulher (1920) e posterior Federação pelo Progresso Feminino (1922) (cf. Rabelo, 2022).

> Mulheres negras, índias, mestiças, pobres, trabalhadoras, muitas delas feministas, reivindicaram uma "diferença" – dentro da diferença [...]. Elas não consideravam que as reivindicações as incluíam. Não consideravam, como fez Betty Friedan na 'Mística Feminina', que o trabalho fora do lar, a carreira, seria uma 'libertação'. Estas mulheres há muito trabalhavam dentro e fora do lar. O trabalho fora do lar era para elas, apenas, uma fadiga a mais. Além disso, argumentavam, o trabalho 'mal remunerado' que muitas mulheres brancas de camadas médias reivindicavam como forma de satisfação pessoal, poderia ser o emprego que faltava para seus filhos, maridos e pais (Pedro, 2005, p. 82).

Assim, a universalização da categoria "mulher" não era capaz de comportar as diferentes formas de opressão sofridas por todas. Foi necessária uma mudança no enfoque dos estudos a partir de meados dos anos 1970 a fim de identificar e incorporar a pluralidade de "mulheres" – de diferentes raças, etnias, camadas socioeconômicas, sexualidades, idades e comunidades.

A segunda onda (anos 1960-70) do feminismo emerge nessa conjuntura na tentativa de ampliar os debates ao contemplar pautas que buscavam identificar a origem da condição feminina. Discussões sobre a opressão em torno do sexo e da reprodução foram propostas[44]. Algumas das principais lutas das feministas eram pelo direito ao corpo e ao prazer feminino, além de defender o fim do patriarcado – aqui entendido, da mesma maneira que Pedro (2005, p. 79), como "o poder dos homens na subordinação das mulheres".

Vale destacar que uma das primeiras obras a abordar "gênero" é publicada nesse período. Rubin (1993 [1975]), em *The traffic in women: notes on the political economy of sex*, por meio de teorias antropológicas, psicanalíticas e sociológicas, busca os motivos que levam mulheres a serem subordinadas quando propõe o sistema sexo/gênero. Para a autora, "gênero é uma divisão dos sexos imposta socialmente. É um produto das relações sociais de sexualidade" (Rubin, 1993 [1975], p. 27). São essas relações que constituem o sistema sexo/gênero, não como um sistema oposto, mas sim associado à transição entre natureza e cultura.

Nessa perspectiva, sexo biológico opera como suporte para a construção social do gênero, de modo que o sistema sexo/gênero é visto como "uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas" (Rubin, 1993 [1975], p. 3). Confirmamos, dessa forma, que as relações de gênero, apesar de constantemente reconhecidas como problema, apenas se desenvolveram como definição, conceito ou categoria de análise a partir dos estudos alinhados à segunda onda do feminismo.

A expansão do uso e de modos de entender "gênero" no final de 1970 e começo de 1980

[44] As teses filosóficas e as interpretações históricas apresentadas por Beauvoir (2019 [1949]) sobre a condição feminina e a luta pela libertação feminina ganhavam forças entre as feministas nesse momento.

se apresentou como uma maneira de firmar um objeto formal de investigação. Nas palavras de Conceição (2009, p. 740-741):

> A utilização do gênero altera o enfoque nas discussões, pois se inaugura uma nova problemática no campo feminista. O conceito de gênero promove um avanço nos estudos feministas ao incluir tendências universais em relação ao masculino e feminino com as especificidades históricas e culturais.

Os estudos de gênero, nesse segmento, nasceram da adoção de uma nova proposta, elaborada por mulheres acadêmicas, em estender as reflexões feministas. As primeiras teorizações sobre gênero buscavam ir além do determinismo biológico[45] sobre a condição das mulheres. Com esse objetivo, num primeiro momento, populariza-se a ideia de que, enquanto sexo é um dado natural/biológico, gênero pertence à dimensão em que as diferenças socioculturais, históricas e políticas se construiriam.

Uma das mais importantes contribuições desse período é a de Scott (1996 [1989]) ao propor gênero como uma categoria analítica possível para se compreender a história. A autora defende que a apreensão dos processos sociais que subjazem à diferenciação sexual é possível mediante uma discussão histórica. Nesse caso, gênero é entendido como um modo de fazer perguntas, e não como uma resposta. As motivações para essa proposta contemplam como "as hierarquias de gênero são construídas, legitimadas, contestadas e mantidas" (Scott, 1994 [1988], p. 14).

Fundamentada nos pressupostos foucaultianos, Scott (1996 [1989]) argumenta que gênero está imbricado à noção de poder, entendida, por sua vez, como "constelações dispersas de relações desiguais, constituídas pelo discurso" (Scott, 1996 [1989], p. 20). O gênero, em suas palavras, é "um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (Scott, 1996 [1989], p. 21).

Nessa lógica, a produção da diferenciação entre os sexos está inserida no interior das relações de poder por meio das quais o gênero se articula, embora essa categoria não seja a única envolvida. Tilio (2014, p. 134) resume essa ideia retomando que "não é a diferença sexual por si só que organiza as relações entre homens e mulheres, mas sim são as relações de poder que definem como os sexos devem manter suas interações".

---

[45] Conforme afirma Citeli (2001, p. 134), determinismo biológico é "o conjunto de teorias segundo as quais a posição ocupada por diferentes grupos nas sociedades – ou comportamentos e variações das habilidades, capacidades, padrões cognitivos e sexualidade humanos – derivam de limites ou privilégios inscritos na constituição biológica".

Pensando em gênero como representação simbólica, isto é, como uma questão que abre caminhos para investigar de que maneira as diferenças sexuais operam no interior das relações sociais, Scott (1996 [1989], p. 23) define que:

> O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os(as) historiadores(as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política.

Tal como Conceição (2009), podemos assinalar que os estudos que partem de Scott (1996 [1989]) visam identificar como diferentes sociedades em diferentes épocas entendem o feminino e o masculino. Para isso, as pesquisas tratam desses papéis não como categorias fixas, mas como mutáveis, apontando para a historicidade do gênero. Nessa perspectiva, é recusada a ideia de que a distinção sexual é natural, universal e invariante, tendo em vista que essa diferença é construída discursivamente, o que pressupõe relações hierárquicas e de dominação. Por essa razão, o principal interesse é analisar e compreender a constituição do gênero nos mais variados aspectos – na configuração de instituições, nas relações de dominação, nos símbolos e representações, nas normas e papéis sociais, nas identidades subjetivas e coletivas.

Entretanto, as formulações teóricas de Scott (1996 [1989]) não envolvem aqueles sujeitos que não se adequam às normas sexuais e ao binarismo mulher/homem, desconsiderando outros aspectos que constituem as subjetividades. Na pós-modernidade, conforme afirmam Narvaz e Koller (2006, p. 649), a finalidade do feminismo é levantar discussões em torno da "análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade", em busca de refletir, num mesmo plano, a igualdade e a diferença na subjetivação de masculinidades e feminilidades. Atrelada ao movimento de terceira onda do feminismo (anos 1990), é Butler (2018 [1990]) quem contesta, além da distinção sexo/gênero, a divisão binária em identidades femininas e masculinas.

Butler (2018 [1990]) revisita a oposição sexo/gênero e rejeita concepções que pensam essas categorias como dadas, ou seja, sexo como biológico e gênero como cultural. Para ela, tal distinção é problemática, dado que coloca em evidência a expressão de gênero como essência do sujeito. Nos dizeres da autora:

> Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído, consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo (Butler, 2018 [1990], p. 18).

As relações binárias feminino/masculino e mulher/homem, em conformidade com Butler (2018 [1990]), são vistas como representações simbólicas de poder, construídas pela cultura de uma sociedade, próprias de um momento da história. Assim sendo, sexo, da mesma maneira que gênero, pode ser culturalmente assumido. Por esse motivo, segundo a filósofa, o binarismo vigente é insuficiente para perceber as singularidades humanas.

É nesse sentido que Butler (2018 [1990]) propõe a noção de identidade(s) como uma construção variável realizada no (e pelo) discurso, ressaltando que "a reconceituação da identidade como efeito, isto é, como produzida ou gerada, abre possibilidades de "ação" que são insidiosamente excluídas pelas posturas que tomam as categorias da identidade como fundantes e fixas" (Butler, 2018 [1990], p. 178). A identidade passa a ser vista não como descrição do sujeito, mas sim como uma representação. Nesse caso, as identidades que compõem o sujeito, nas quais gênero se insere, são múltiplas e, de igual modo, relevantes.

Butler (2018 [1990]) destaca, dessa maneira, ser necessária uma subversão aos estereótipos relacionados ao gênero ao pensá-lo, para além de uma definição, como múltiplo, transitório, fluido e efeito da performatividade. Sobre isso, Tilio (2014, p. 139) afirma que, na noção butleriana:

> O sujeito e seu gênero é o resultado dos atos performáticos tanto de nomeação ("sou homem, sou mulher") como de comportamentos ("um homem age dessa maneira, uma mulher age de outra maneira") que ajudam a estabilizar provisoriamente a identificação com um ou outro sexo, criando uma ilusão de unidade e estabilidade entre corpo, desejo, sexualidade, orientação sexual e práticas sexuadas.

A performatividade pode ser compreendida, nessa perspectiva, como uma prática situacional – não somos ou temos um gênero, estamos em um gênero. O reconhecimento de ser mulher ou de ser homem, para a filósofa, advém da manifestação e da repetição de certos comportamentos que se ligam aos conceitos de feminilidade e masculinidade. Conforme afirma Butler (2018 [1990]), a performatividade de gênero é resultado de um efeito identificatório do sujeito que é reforçado por atos, gestos e representações, construídos a partir de signos corporais e meios discursivos. Em outras palavras, agimos, andamos e nos expressamos de um modo a

consolidar uma determinada impressão de ser mulher/ser homem[46].

Butler (2018 [1990]), portanto, lança um olhar importante para os estudos contemporâneos de gênero, uma vez que traz à luz a necessidade de se investigar a relação entre dominação, opressão e diferença numa reflexão para além das mulheres, como é o caso de estudos sobre masculinidades e estudos *queer*. Tilio (2009, p. 138) complementa essa questão dizendo:

> se por gênero entendermos (tal como propõem as perspectivas essencialistas tradicionais/ clássicas) a compulsoriedade heterossexual[47] e seu status de verdade, reforça-se a dominação masculina sobre as mulheres, e as mudanças tornam-se mais difíceis. Todavia, se compreendemos gênero como uma identidade fluida, transitória e necessária de constantes reafirmações e provações desvinculadas do condicionante sexo (biológico, natural), ou seja, como uma construção social performativa, os padrões de dominação e opressão entre os gêneros podem ser questionados de maneira mais profícua, visto que não haveria uma única verdade ou mesmo uma verdade última sobre o sexo, mas sim efeitos de poder naturalizados que podem e devem ser reconstruídos, possibilitando rupturas e deslocamentos no binarismo.

É importante sinalizar que Butler (2018 [1990]), no contexto em que escreve (final de 1980 e começo de 1990), não contempla, em suas formulações teóricas, outras categorias sociais interligadas, como raça e classe. A despeito disso, a filósofa pontua questões para além do gênero quando menciona a relevância de se pensar categorias que atravessam a experiência do sujeito, como a sexualidade, e propõe a discussão de performatividade como algo não estático, um acontecimento que se dá nas relações sociais.

Outras teóricas feministas vieram para pensar e discutir como gênero, raça, classe social e outros eixos de diferenciação social estão articulados. Crenshaw (1991), estudiosa feminista negra, considera os eixos de racismo, patriarcado e estrutura de classe na investigação de como desigualdade e discriminação resultam em formas de opressão. A autora é a pioneira a lançar mão de uma ferramenta analítica basilar para o debate da construção de estruturas sociais – a interseccionalidade. Conforme Crenshaw (2002, p. 177):

---

[46] Cabe ressaltarmos que a teoria da performatividade desenvolvida por Butler (2018 [1988], 2018 [1990]) será retomada mais detalhadamente em uma subseção específica (3.1.1).

[47] Vale destacar que o termo "heterossexualidade compulsória" se popularizou com Rich (2010 [1980]).

> A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Os escritos de feministas estadunidenses negras, como Davis (2016 [1981]), Collins (2019 [1990]) e hooks (2018 [2000]), além de feministas brasileiras negras, como Gonzales (1984) e Carneiro (2011), produzem reflexões que se somam aos estudos interseccionais ao trazer para o debate temas que tocam à mulheridade[48] negra, ao racismo, ao sexismo e à desigualdade social.

Mais recentemente, as transfeministas, alinhadas ao feminismo de terceira onda, levantaram novas pautas. Segundo Jesus e Alves (2012, p. 14):

> O feminismo transgênero surge como uma crítica ao cissexismo ou dimorfismo e à falha do feminismo de base biológica em reconhecer plenamente o gênero como uma categoria distinta da de sexo e mais importante do que esta para o entendimento dos corpos e das relações sociais entre homens e mulheres.

Em outros termos, o transfeminismo busca, por exemplo, redefinir a associação entre gênero e biologia, reiterar a propriedade interacional das opressões e lutar pelo reconhecimento da história de mulheres e população transgêneras como fundamental para a compreensão do movimento feminista (Jesus, 2013).

Vemos, de modo resumido, que gênero é um conceito variável a depender da perspectiva teórica adotada e está em constante questionamento, tendo em vista o objetivo de ampliar as possibilidades de compreensão das relações sociais. Em diálogo com M. Matos (2008), podemos destacar que as diferentes teorias de gênero se desenvolveram no sentido de tornar evidente a subalternidade feminina[49] e acompanhar as lutas traçadas pelo movimento feminista, mas, além disso, também buscaram apresentar de que modo a dinamicidade das interações sociais se constitui ao incluir a(s) perspectiva(s) masculina(s) e outros pontos de vista que

[48] "Mulheridade" é um termo utilizado com recorrência por hooks (2020). Segundo a autora, "não era possível para mulheres negras contemporâneas se juntarem para lutar pelos direitos das mulheres, porque não víamos "mulheridade" como aspecto importante da nossa identidade" (hooks, 2020, p. 17).

[49] Ainda que o movimento feminista abranja diferentes questões sociais e políticas, como vimos nesta subseção, a subalternidade feminina pode ser lida como uma pauta em comum entre todos os feminismos. De acordo com Piscitelli (2002), a subalternidade feminina, construída culturalmente, varia em função do contexto histórico, embora possa ser pensada como coletiva, uma vez que ocorre em todas as partes e em tempos conhecidos.

extrapolam o binarismo mulher/homem.

Dessa forma, o entendimento partilhado entre os feminismos – em suas mais variadas correntes (negro, trans, radical, interseccional etc.) – é de que o recorte de gênero não seja um impedimento para que a minoria social, em sua diversidade, seja livre e usufrua de seus direitos. Assim, propomos, neste estudo, que as complexidades de se entender gênero façam parte da agenda da Sociolinguística, em que o tratamento de gênero, enquanto variável extralinguística, possa se associar às contribuições teóricas de estudos feministas.

Nessa orientação, acomodamos, em seguida, discussões mais detalhadas sobre a performatividade de gênero (Butler, 2018 [1988], 2018 [1990]), tendo em vista que, como adiantamos, é uma teoria que será utilizada para a leitura de gênero nesta pesquisa.

3.1.1 Performatividade de gênero

A teoria da performatividade de gênero é uma entre as inúmeras contribuições pelas quais Butler (2018 [1988], 2018 [1990]) é conhecida. Levando em consideração o entendimento de que gênero não está na essência do sujeito, Butler (2018 [1988]) se vale de diferentes reflexões (teatrais, filosóficas, antropológicas e fenomenológicas) para pensar e discutir identidade de gênero enquanto uma "realização performativa compelida por sanções sociais e tabus" (Butler, 2018 [1988], p. 3).

Recuperamos, da subseção anterior (3.1), que um determinado gênero, na noção butleriana, é gerado por uma série de atos performativos, que se repetem ao longo do tempo, construídos não somente por signos corporais, mas também no e pelo discurso. A teórica explica, nesse contexto, que gênero pode ser compreendido como um ato, no sentido teatral, ao afirmar que:

> Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora existam corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em formas do gênero, essa 'ação' é uma ação pública. Essas ações têm dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequências; na verdade, a performance é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária — um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito (Butler, 2018 [1990], p. 160).

A atuação do gênero, nessa perspectiva, se dá por meio de repetições de normas estabelecidas e naturalizadas na sociedade e impostas por práticas regulatórias de poder. Por

esse motivo, em seus trabalhos, Butler (2018 [1988], 2018 [1990]) sustenta que gênero é algo que fazemos de modo contínuo, não por meio de uma criação individual e voluntária, mas sim por meio de uma encenação coletiva, haja vista os papéis binários e heteronormativos de mulher/homem sócio-historicamente definidos.

Nesse sentido, a ideia de performatividade de gênero em Butler, conforme Fischer (2020) afirma, está relacionada ao entendimento de que:

> Para sustentarmos um lugar que nos é atribuído por asserções como 'és um homem' ou 'és uma mulher' temos de realizar determinados gestos, temos que nos vestir de certa maneira, ou seja, temos de realizar uma performance. Algo semelhante ao que ocorre no teatro. É como se estivéssemos nos apresentando a um público (Fischer, 2020, p. 171-172).

Para Fischer (Nozcoletivo, 2020), como no teatro, a constituição do público telespectador, isto é, a quem o sujeito se dirige para a realização dos atos performáticos de gênero, é uma questão importante no pensamento butleriano. Nesse caso, o(s) "outro(s)" são constitutivos do imaginário social (Butler, 2018 [1988]), tendo em mente certas atitudes e certos comportamentos identificáveis, por modelos normativos, como femininos ou masculinos. Isso significa que a atuação de gênero se realiza consoante às expectativas sociais, que perpassam o modo como devemos agir e nos enquadrar dentro das possibilidades binárias de gênero.

Quando afirmamos, então, "sou mulher" ou "sou homem", por exemplo, passamos a exigir certas condutas, em acordo com um modelo prescrito culturalmente acerca da feminilidade e da masculinidade. Cyfer (2015), fundamentada na teoria butleriana, também percebe que o reconhecimento social de mulher e de homem é uma "condição alcançada pela manifestação pública de comportamentos associados à masculinidade e à feminilidade" (Cyfer, 2015, p. 46). Dessa maneira, não há uma essência natural que transcenda o sujeito. Na verdade, os atos performáticos fabricam uma identidade (feminina/masculina) e criam uma ilusão de pertencimento a determinado gênero[50].

Embora as reflexões de performatividade de gênero não estejam articuladas com outras categorias sociais (como raça e classe), como apontado na subseção 3.1, nesta pesquisa, a leitura de gênero amparada em Butler (2018 [1988], 2018 [1990]) pode ser útil, ainda que com ressalvas, para o tratamento da variável social gênero na análise da mudança do fenômeno

[50] Devemos ressaltar que performatividade e performance de gênero são noções distintas. Como afirma Borba (2014, p. 450), em Butler, "performatividade não é performance; a performatividade é o que possibilita, potencializa e limita a performance". Assim, ao passo que a performance pode ser um ato individual, a performatividade é um ato coletivo.

variável (marcas de 2P associadas a ‘tu’ e marcas de 3P associadas a ‘você na posição sintática de sujeito) em textos pretéritos, escritos e publicados em revista feminina. Trazemos essa discussão mais atentamente na seção de metodologia (*cf.* seção 4), em virtude de ser nosso interesse averiguar como o gênero feminino representado no córpus pode levar a determinados resultados em relação ao uso do fenômeno linguístico em análise.

Devemos esclarecer ainda que a concepção de performatividade butleriana pode ser considerada, como afirma Cyfer (2015, p. 46), uma “concepção de crítica performativa” – aquela que, “[...] em vez de confirmar as regras de feminilidade e masculinidade, as irá problematizar (*trouble*), ou seja, são performances que desestabilizam a coerência entre comportamento, orientação sexual e identidade de gênero” (Cyfer, 2015, p. 46-47).

Butler (2018 [1988]) se fundamenta na compreensão de gênero enquanto performatividade para propor a hipótese de que, se podemos repetir certos padrões, podemos, ao mesmo tempo, transformá-los nesse processo. A autora justifica que “é precisamente no caráter performativo da identidade de gênero que reside a possibilidade de questionar sua condição reificada” (Butler, 1990 [1988], p. 3) e complementa que o objetivo de refletir sobre os atos de gênero, semelhantes ao contexto teatral, é o de “examinar de que maneiras o gênero é construído por atos corporais específicos, e quais as possibilidades de transformação cultural do gênero por meio de tais atos” (Butler, 1990 [1988], p. 4).

Portanto, é preciso destacar que a repetição de atos performáticos, na teoria butleriana, abre caminhos para a subversão do binarismo e da heteronormatividade vigente na sociedade. A respeito disso, Graça (2016, p. 27-28) ressalta que “a repetição ritualizada [...] da performatividade do gênero, ao invés de significar a eterna constituição do mesmo, abre a possibilidade para apontar para os potenciais de subversão que coloquem em contradição os seus padrões ‘naturalizados’”.

O exemplo de travestis e a relação entre os papéis do teatro e da vida social dado por Butler (2018 [1988]) auxilia na compreensão de como performances de gênero podem ser atuadas e reguladas. Para a autora:

> As performances de gênero em contextos não teatrais são regidas por convenções sociais claramente mais punitivas e reguladoras. Desse modo, ver uma travesti subir ao palco pode suscitar prazer e aplausos, enquanto que vê-la sentada ao nosso lado no ônibus pode despertar medo, raiva e até mesmo violência (Butler, 2018 [1988], p. 11-12).

Na vida social, de acordo com Butler (2018 [1988]), não há convenções teatrais pelas quais o ato se realiza. Nesse contexto, “o ato não é contrastado com a realidade, mas constitui

uma realidade nova em um sentido, uma modalidade de gênero que não pode ser facilmente assimilada às categorias pré-existentes que regulam a realidade de gênero" (Butler, 2018 [1988], p. 12). A teórica argumenta que, se a realidade de gênero é gerada pela performance, como verificado nesta subseção, o gênero de uma travesti constitui uma realidade tanto quanto uma performance de gênero moldada pelas expectativas sociais (Butler, 2018 [1988]).

Em diálogo com a teoria da performatividade, a proposta de Lauretis (1994) sobre "tecnologia de gênero", apresentada na próxima subseção, também será utilizada nesta pesquisa para lidar com a operacionalização de gênero em nossos dados[51].

3.1.2 Tecnologia de gênero

Em um de seus escritos mais conhecidos, Lauretis (1994) reflete sobre "gênero" enquanto uma representação para elaborar a noção de "tecnologia de gênero". Como representação, segundo a autora, gênero não é uma propriedade dos corpos e não existe *a priori*, ao contrário disso, é uma construção. De acordo com ela:

> paradoxalmente, portanto, a construção de gênero também se faz por meio de sua descontrução, quer dizer, em qualquer discurso, feminista ou não, que veja o gênero como apenas uma representação ideológica falsa. O gênero, como o real, é não apenas o efeito da representação, mas também o seu excesso, aquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação (Lauretis, 1994, p. 209).

Lauretis (1994), nesse sentido, argumenta que a representação de gênero pode ser construída a partir de diferentes mecanismos, como é o caso das diferentes tecnologias sociais, como os veículos de comunicação (revistas e jornais, rádio, televisão e outros), "e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana" (Lauretis, 1994, p. 209). Sobre isso, a autora exemplifica que:

> a partir do momento em que assinalamos o F num formulário, ingresssamos oficialmente no sistema sexo-gênero, nas relações sociais de gênero, e fomos 'en-gendradas' como mulheres, isto é, não são apenas os outros que nos consideram do sexo feminino, mas a partir daquele momento, nós passamos a nos representar como mulheres (Lauretis, 1994, p. 220).

[51] Em nosso entendimento, a teoria da performatividade (Butler, 2018 [1988], 2018 [1990]) e a proposta de tecnologia de gênero (Lauretis, 1994) podem se complementar em muitos aspectos.

Em outras palavras, para Lauretis (1994), gênero não representa um indivíduo, mas uma relação social, e se manifesta, pois, através do que nomeia de "tecnologias de gênero", de discursos institucionais, "com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e "implantar" representações de gênero" (Lauretis, 1994, p. 228). Isso leva a determinados modelos binários de mulheres e homens e à produção do que pode ser entendido como feminilidade e masculinidade.

A fim de propor a noção de "tecnologia de gênero", Lauretis (1994) se apoia nos pressupostos foucaultianos sobre a definição de "tecnologia sexual" – um conjunto de técnicas, desenvolvidas pela burguesia durante o século XVIII para garantir a sobrevivência e a supremacia dessa classe. A elaboração de alguns discursos, implementados pela pedagogia e pela medicina, por exemplo, visavam classificar, mensurar e avaliar a sexualização de crianças e do corpo feminino, o controle de procriação e outros aspectos da sexualidade. Esses discursos, endossados pelas instituições do Estado, eram disseminados pela família. Nesse contexto, à luz da perspectiva focaultiana, a autora argumenta que a referida tecnologia tornou o sexo uma preocupação do Estado, de modo que corpo social e indivíduo estivessem em constante observação (Lauretis, 1994).

As contribuições no que diz respeito ao conceito de tecnologia sexual, contudo, referem-se aos aspectos de sexualidade, e não às questões de gênero. Lauretis (1994), então, faz uma apropriação crítica em seus estudos sobre aparato cinematográfico e expande a ideia foucaultiana ao considerar as dimensões simbólicas e as desigualdades entre gêneros. A pesquisadora, dessa maneira, defende que gênero é produzido por uma maquinaria, isto é, por várias tecnologias sociais, que também são instituídas pelo Estado. É o caso do cinema que, para Lauretis (1994), cria e modela, por intermédio da difusão de imagens, o gênero do sujeito social, o que provoca a formatação e a domesticação de vivências em sociedade.

Wittmann (2017, p. 2) recupera que "o cinema é uma mídia que se baseia na criação de narrativas, que por sua vez podem ser biográficas e também influenciam a percepção de seus espectadores e espectadoras sobre os temas apresentados". Em outros termos, as experiências cinematográficas geradas pelos filmes se relacionam às subjetividades do público. Lauretis (1994), assim, afirma que:

> o que eu estava tentando definir com o conceito de um complexo de hábito, associações, percepções e disposições que nos 'engendram' como femininas - era na verdade a experiência do gênero, os efeitos de significado e as auto-representações produzidas no sujeito pelas práticas, discursos e instituições socioculturais dedicados à produção de homens e mulheres. E não foi por acaso, então, que minhas análises se preocupavam com o cinema, a narrativa e a teoria. Pois esses já são em si tecnologias de gênero (Lauretis, 1994, p. 228-229).

Cabe ressaltar que, nesta tese, valemo-nos das contribuições de Lauretis (1994) para pensar a imprensa feminina enquanto tecnologia de gênero. Sustentamos que a imprensa feminina, assim como o cinema, é uma tecnologia de gênero que atua, mediante diferentes mecanismos, como textos, imagens e anúncios, em um processo dinâmico na construção de um certo conceito de "feminilidade". Desse modo, a operacionalização da variável extralinguística gênero (feminino), para a análise da variação de marcas de 2P associadas a 'tu' e marcas de 3P associadas a 'você na posição sintática de sujeito, tem respaldo tanto na leitura de gênero enquanto performatividade (Butler, 2018 [1988], 2018 [1990]) quanto na leitura de imprensa feminina enquanto tecnologia de gênero (Lauretis, 1994)[52].

Passamos, à frente, para a segunda parte desta seção, na qual focamos nos aspectos sócio-históricos atrelados à educação feminina e às desigualdades de gênero e na discussão de imprensa feminina e feminista. São temas que importam nesta pesquisa, na medida em que lidamos com textos escritos publicados no início do século XX, período em que nem todos contemplavam o domínio de leitura e de escrita.

3.2 Educação das mulheres e desigualdade de gênero

Em uma sociedade regida por relações patriarcais de dominação, o apagamento e a exclusão de mulheres se tornaram um projeto. Os discursos ideológicos de subordinação feminina, vindos de instituições como família, religião e escola alicerçam a manutenção da hierarquia de gênero. Essa condição recai, entre outros aspectos, nas maneiras de se acessar (ou não) à educação formal. Nesse sentido, um questionamento sensível nesta pesquisa, tendo em vista o trabalho com textos escritos pretéritos, é: num olhar histórico, a quem e para que fim era voltado o ensino no Brasil, especialmente entre os séculos XIX e início do XX?

É nos anos oitocentos, de forma mais específica em 1827, que a primeira lei sobre ensino emerge, conhecida como Lei Geral. Nela, era previsto que o currículo educacional fosse

[52] Os detalhes da proposta de operacionalização de gênero serão abordados na subseção 4.1.

diferenciado para meninas e meninos. Por acreditar na inferioridade intelectual feminina, dizeres como o do senador Marquês de Caravelas (BA) eram endossados:

> Em geral, as meninas não têm um desenvolvimento de raciocínio tão grande quanto os meninos, não prestam tanta atenção ao ensino. Parece que a sua mesma natureza repugna o trabalho árido e difícil e só abraça o deleitoso. Basta-lhes o saber ler, escrever e as quatro primeiras operações da aritmética. Se querem dar-lhes algumas prendas mais, ensinem-lhes a cantar e tocar, prendas que vão aumentar a sua beleza. O que importa é que elas sejam bem instruídas na economia da casa, para que o marido não se veja obrigado a entrar nos arranjos domésticos, distraindo-se dos seus negócios (Westin, 2020).

Nesse caso, a promoção da educação de (algumas) mulheres (brancas e de elite[53]) servia ao patriarcado, uma vez que o interesse em as educar estava ligado à preparação de papéis tidos como femininos. De acordo com Hahner (2012), por meio de um ensino segregatício inclinado ao exercício de responsabilidades domésticas, as mulheres brancas de elite eram instruídas a serem boas esposas e boas mães e serem guardiãs do lar. A prática de leitura e escrita, dessa forma, não era objetivo principal de ensino em escolas femininas, em sua maioria religiosas.

A entrada em instituições superiores de ensino também não se deu sem percalços. Apesar de existirem cursos, como de Medicina e de Direito, desde o início dos anos 1800, as mulheres eram proibidas de frequentá-los. Somente em 1879 é que se torna lei, com o Decreto n.º 7.247/1879 (Brasil, 1879), a garantia do ensino superior para ambos os sexos. Contudo, além de serem fixados cursos mais adequados ao público feminino, geralmente associados aos cuidados com o outro, tal como Enfermagem e Magistério, Hahner (2012) observa que poucas foram as que conseguiram ingressar na vida acadêmica, tendo em vista que "a maior parte dos homens cultos ainda supunha que as energias femininas deveriam ser direcionadas inteiramente ao serviço de suas famílias" (Hahner, 2012, p. 59).

De forma similar aos exemplos acima, que demostram como a emancipação intelectual feminina era sistematicamente barrada, a Tabela 1, extraída de Besse (1999, p. 126), ilustra o contexto de desigualdade de gênero na educação. Besse (1999) recupera os dados de recenseamento do Brasil nos anos de 1872, 1890, 1920 e 1940, de acordo com o sexo da

[53] Nesse período, o sistema escravista estava em vigor, o que significa que meninas negras escravizadas se encontravam em situação de maior vulnerabilidade em relação às meninas brancas pobres. A ambas fora negado o direito à educação (concedida, ainda que limitante, às mulheres brancas de classe média-alta e alta), mas com pesos diferentes. Enquanto as primeiras vivenciavam a violência, resistiam e lutavam pela sobrevivência, as últimas não podiam participar do processo de escolarização por terem de priorizar outras atividades, como cuidado com familiares, trabalhos em situações precárias e de risco (Cunha, 2014).

população (feminina e masculina) e a localidade (Brasil, cidade de São Paulo e cidade do Rio de Janeiro). Vejamos:

Tabela 1 - Alfabetização de acordo com sexo (1872-1940)

	% de Alfabetizados na População Masculina Total			% de Alfabetizados na População Feminina Total		
	Brasil	**São Paulo (cidade)**	**Rio de Janeiro (cidade)**	**Brasil**	**São Paulo (cidade)**	**Rio de Janeiro (cidade)**
1872	19,8	32,1	41,2	11,5	17,1	29,3
1890	19,1	35,2	57,9	10,4	22,1	43,8
1920	28,9	64,3	66,5	19,9	52,1	55,8
1940	42,3	76,3	72,9	34,1	67,5	65,6

Fonte: Adaptada de Besse (1999, p. 126).

Conforme vemos, no ano de 1872, a maioria dos brasileiros eram analfabetos. De modo geral, apenas 19,8% da população masculina sabia ler e escrever, enquanto os índices em relação à população feminina eram expressivamente baixos, 11,5%. Esse cenário permanece estável em 1890, tendo em vista que a maior parte da população brasileira era analfabeta e que as mulheres seguiam como o percentual menor de alfabetismo (somente 10,4% no Brasil) se comparadas aos homens (19,1% da população geral do Brasil).

Vale ressaltar que não há, na tabela acima, informações de raça e de classe social, aspecto que impacta, do mesmo modo, o acesso à educação[54]. Como enfatiza Machado (2009, p. 28):

> [...] o analfabetismo não atingia a todos do mesmo modo, já que ser mulher negra, indígena, homem negro e pobre, numa sociedade em transição de formas de governo e modos de produção, tinha suas peculiaridades. A interdição da mulher na educação formal perdurou até o final do século XIX. À mulher negra cabia somente trabalho pesado na cidade e no campo, os afazeres domésticos e a preparação para o matrimônio, assim como à mulher de elite eram reservadas principalmente as duas últimas incumbências. Historicamente, um número muito menor de mulheres do que de homens teve acesso à educação formal nas escolas.

Gonzales (2020), no que se refere à segunda metade do século XX, pontua que a inclusão de mulheres negras no ensino superior é limitada (2,5%) se comparada à de mulheres brancas (8,8%). Outro dado levantado pela autora é de que, embora a ocupação feminina em

[54] Os dados da população negra alfabetizada exemplificam a questão. De acordo com Machado (2009, p. 25), em 1872, apenas 0,09% (957 no total de 9.923.253 habitantes) da população negra, na época escravizada, era alfabetizada.

cargos de nível médio (como professoras de escolas primárias e recepcionistas, por exemplo) seja superior à ocupação masculina, se considerada a dimensão racial, a proporção de mulheres negras (14,4%) em comparação a mulheres brancas (29,7%) é menor. Nessa perspectiva, recuperamos as palavras de Gonzales (2020, p. 145) ao destacar que a "discriminação de sexo e raça faz das mulheres negras o segmento mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, limitando suas possibilidades de ascensão".

Portanto, mulheres, em sua diversidade, foram impactadas de maneiras distintas com o não acesso à educação formal. Besse (1999) afirma que, no final do século XIX, as poucas mulheres que sabiam ler e escrever "eram em geral estimuladas, pelos pais, pelas escolas e pela Igreja, a aperfeiçoar suas habilidades domésticas e artísticas, e não desenvolver suas mentes" (Besse, 1999, p. 126). O que se esperava dessas mulheres em processo de alfabetização e de profissionalização, de acordo com a autora, era a preparação para se tornarem professoras (quando essa era uma possibilidade viável socioeconomicamente) e para o casamento e a maternidade.

Embora o número de pessoas letradas tenha aumentado na passagem dos séculos XIX e XX, diversos trabalhos, como os de Besse (1999), Heller (1997, 2001), Hahner (2012) e Rosemberg (2012), sinalizam que a educação de mulheres até as primeiras décadas dos anos 1900 era percentualmente menor se comparada à de homens, levando em consideração o esforço em restringir as mulheres à domesticidade ou, ainda, ao trabalho em condições precárias e insalubres, no caso de mulheres pobres.

A alfabetização feminina começa a se expandir em 1920, principalmente se consideradas as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro (*cf.* Tabela 1). Conforme salienta Besse (1999), as mulheres de classe média urbana começaram "a buscar a educação como meio de garantir segurança econômica, bem como status social" (Besse, 1999, p. 127), embora a educação formal intencionasse manter a hierarquia de gênero e de classe.

Heller (1997), nessa direção, afirma que a expansão da instrução feminina em 1920 se deve a fatores como urbanização, industrialização e imigração. Para a autora, o desenvolvimento das cidades, a vinda de imigrantes e o crescente número de empregos gerados com a comercialização do café possibilitaram a construção de novas atividades científicas e literárias. Em suas palavras:

> Parece que a partir da Proclamação da República surgem não só campanhas contra o analfabetismo, como diversas atividades culturais. Os resultados começam a aparecer, também para as mulheres, embora não tenha surgido nessa época nenhuma nova corrente de idéias educacionais, nem uma nova política de educação no Brasil (Heller, 1997, p. 25).

Heller (2001), além disso, considera a possibilidade de ter existido uma prática informal de alfabetização feminina, que incluía mulheres (majoritariamente brancas) trabalhadoras e carentes socioeconomicamente. A alfabetização era alcançada "através de familiares, de relações adquiridas no mundo do trabalho ou até por esforço próprio" (Heller, 2001, p. 5).

Em diálogo com Besse (1999), podemos afirmar que se, por um lado, as novas condições sociais propiciaram a expansão da educação feminina, por outro, somente um pequeno número de mulheres de elite se beneficiaram em direção a alcançar "a auto-realização e a independência econômica por via da realização acadêmica e profissional" (Besse, 1999, p. 141). Além do mais, as aspirações femininas permaneciam controladas pelas escolas. Em outros termos, como destaca Besse (1999, p. 129), "os efeitos potencialmente radicais da expansão da educação foram atenuados pelo conteúdo da educação que as moças recebiam", como aqueles associados à maternidade e ao casamento, operantes desde a Lei Geral.

Assim, a educação era socializadora, visando à manutenção do lugar da mulher no espaço privado, e não libertadora, de modo que "a tarefa atribuída à mulher era 'civilizar', 'elevar' e 'redimir' o mundo, não transformá-lo" (Besse, 1999, p. 142). Vemos que, apesar das precursoras do movimento feminista brasileiro (em sua primeira onda), tal como Nísia Floresta (1809-1885), Marcia Lacerda de Moura (1887-1945) e Bertha Lutz (1894-1976), reivindicarem, entre os séculos XIX e XX, o acesso de mulheres ao ensino formal – requisito inicial para posteriores mudanças (políticas e econômicas) em relação às desigualdades de gênero –, a educação feminina, que predominantemente contemplava mulheres brancas de classe média e alta, foi concedida, nesse primeiro momento, sem emancipar.

Desse modo, podemos verificar que a discussão sobre desigualdade de gênero e educação pode levar ao debate sobre leitura e escrita, abordado na próxima subseção.

3.2.1 Práticas de leitura e escrita numa perspectiva de gênero

Num contexto em que a educação das mulheres era vista como um apoio para a preparação de papéis tidos como femininos, mantendo a hierarquia de gênero, como vimos na subseção anterior (3.2), os meios de mulheres alcançarem as práticas de leitura e de escrita eram, em consequência, dificultados e restritivos. Conforme Dumont e Santo (2007, p. 29), a partir do século XIX, havia "uma grande preocupação da sociedade patriarcal com o que elas

deveriam ler e com o conteúdo mais apropriado para direcionar tanto o ato-leitura como o sujeito-mulher". Podemos apontar, nessa perspectiva, que a regulamentação de determinadas atividades, como as de ler e escrever, relaciona-se ao poder e à dominação de um grupo social e culturalmente mais privilegiado: os homens.

Um dos discursos que se difundiu para se negar o acesso a uma educação emancipatória às mulheres era o de que o sistema reprodutor seria a base para a função feminina no meio social. Nesse caso, a ideia principal era, em conformidade com Dumont e Santo (2007, p. 31), de que, "se a menina se entusiasmasse pelo estudo, sobraria pouca energia em seu corpo para ser investida no amadurecimento de seus órgãos reprodutores, colocando em risco sua futura função maternal". Em vista disso, a instrução "exagerada" era considerada uma ameaça ao destino apresentado como "natural" de uma mulher.

Na linha do que Heller (2001) discute, "temia-se que mulheres letradas pudessem ler romances considerados perigosos à boa conduta e pudessem trocar bilhetes amorosos. A leitura, portanto, deveria ser vigiada e controlada. De preferência, pelo marido, pelo pai ou pela Igreja" (Heller, 2001, p. 2). Dumont e Santo (2007, p. 32) também afirmam que os textos lidos por mulheres deveriam ser circunscritos a temas relacionados ao amor (fraternal), à família e à religiosidade. A leitura direcionada a um público feminino era, então, associada à sensibilidade, à emoção e ao amor, como se tais aspectos pertencessem naturalmente a uma identidade feminina.

Somada às questões de leitura, Branco (1991, p. 14) argumenta que a escrita feminina pode se aproximar mais de aspectos relacionados ao "eu" do que ao "outro", ligando-se a assuntos relacionados à vida privada (maternidade, casa e infância) e distanciando-se daqueles da vida pública (negócios, vida urbana, guerras). Uma escrita compreendida como feminina poderia ser, nesses termos, identificada, entre outros elementos, por meio de um tom mais intimista reproduzido no texto.

Levando em consideração o trabalho com textos escritos neste estudo, surge um questionamento significativo: é possível que exista, de fato, uma escrita caracterizada como feminina, no sentido de ter traços lidos como femininos, ou essa escrita é culturalmente produzida e mesmo imposta sobre as mulheres, mas não obrigatoriamente feita por elas, ao longo da história? Devemos problematizar, além disso, a razão de existir uma caracterização de uma escrita feminina ligada, muitas vezes, ao emocional, enquanto a escrita feita por homens não passa por uma caracterização necessariamente.

Sobre isso, Branco (1991) coloca em evidência o questionamento se escrita tem um sexo. A autora defende que:

> [...] quando me refiro à escrita feminina, não entendo feminina como sinônimo de relativo às mulheres, no sentido que a autoria de textos que revelam esse tipo de escrita possa ser atribuída às mulheres. [...]. Entretanto, tenho consciência de que, ao escolher o adjetivo feminino para caracterizar certa modalidade de escrita, estou admitindo algo relativo às mulheres ocorrendo por aí, embora esse relativo às mulheres não deva ser entendido como produzido por mulheres (Branco, 1991, p. 12).

Assim como Branco (1991), entendemos que uma escrita atribuída como feminina não se refere a aspectos biológicos. Em outras palavras, a existência de uma escrita caracterizada como feminina (e não impreterivelmente feita por mulheres) não se dá ao acaso, na medida em que advém de imposições históricas e socioculturais. Nesse sentido, a autora argumenta que "[...] a caracterização de uma certa modalidade de escrita como feminina é incômoda não só para aqueles que se dedicam a essa questão, como também para as próprias mulheres, especialmente para algumas daquelas que acabam por ocupar esse lugar" (Branco, 1991, p. 16). Dadas as circunstâncias, ressaltamos que muitas mulheres, durante muito tempo, estavam atrás de pseudônimos masculinos[55] para que suas produções escritas pudessem ser socialmente aceitas e legitimadas.

Cabe esclarecer que, embora a prática de escrita tenha se mantido, até o começo do século XX, como atividade reservada aos homens, muitas das mulheres feministas do passado transgrediram as normas sociais ao publicarem textos (em jornais, em revistas[56] ou em livros), promovendo debates políticos sobre as condições das mulheres na sociedade. São exemplos as obras de Nísia Floresta, como "Direito das Mulheres e injustiça dos homens", texto publicado originalmente em 1932 (*cf*. Floresta, 1989), no qual é possível observar críticas e questionamentos acerca do papel social das mulheres à época, com temas que tocam à educação e ao trabalho.

Além dela, Virginia Woolf, quando publica, em 1929, o livro "*A room of one's own*" (Um teto todo seu), lançava mão da discussão da desigualdade de gênero no campo literário (*cf*. Woolf, 2019). Outro exemplo, por fim, é o de Maria Lacerda de Moura, que, em 1932, escrevia sobre a opressão vivida por mulheres e sobre os percalços em se alcançar a emancipação feminina na obra "Amai e… não vos multipliqueis" (*cf*. De Moura, 2023).

---

[55] Na Inglaterra do século XIX, por exemplo, as irmãs Brontë – Charlotte Brontë ("Jane Eyre"), Emily Brontë ("O Morro dos Ventos Uivantes") e Anne Brontë ("A senhora de Wildfell Hall") – assinavam, na época de publicação, suas obras com nomes masculinos, de modo respectivo: Currer Bell, Ellis Bell e Acton Bell.

[56] A discussão sobre imprensa feminina e imprensa feminista será realizada na subseção 3.2.2.

Associada a esse assunto, fazemos uma contextualização, na sequência, acerca da imprensa feminina e da imprensa feminista entre os séculos XIX e começo do século XX para melhor entendermos o papel da relação entre imprensa e mulheres.

3.2.2 Imprensa feminina e Imprensa feminista

Embora a imprensa dirigida às mulheres tenha se delineado em fins dos anos setecentos no ocidente, tendo como marco inicial a publicação do periódico britânico *Lady's Mercury*, no Brasil, os primeiros impressos voltados a um público feminino se consolidaram apenas no século XIX, após tardia incorporação da imprensa geral em 1808, conforme destaca Buitoni (1990). Esse era um período em que, num contexto geral, as taxas de alfabetização dos brasileiros eram baixas, especialmente das mulheres (*cf*. subseção 3.2).

Buitoni (1990) afirma que o primeiro periódico feminino brasileiro provavelmente tenha sido o intitulado *O Espelho Diamantino* (1827), de circulação carioca que, editado pelo francês Pierre Plancher, se declarava de política, literatura, belas artes, teatro e modas. Em seguida, surgem o *Espelho das Brasileiras* (1831), o *Correio das Modas* (1839), o *Jornal das Senhoras* (1852), o *Jornal das Famílias* (1863) e *A Família* (1888).

As publicações situadas no contexto do século XIX traziam conteúdos tidos – social e culturalmente – como mais adequados às mulheres. Muitos dos periódicos voltavam-se a assuntos ligados à moda e ao comportamento, além de literatura sentimental. Outros, como o *Jornal das Senhoras*, um dos primeiros jornais produzidos e feitos por/para mulheres (Hollanda, 1991; Muzart, 2003), com a direção de Joana Paulo Manso de Noronha, acomodava assuntos sociais e políticos, demonstrados no excerto abaixo:

(07) Eis-nos, pois, em campanha; o estandarte da ilustração ondula gracioso a brisa perfumada dos trópicos: acolhei-vos ele, todas as que possui uma faísca de inteligência, vinde! Confidente, discreto das nossas produções literárias; elas são publicadas debaixo do anônimo: porém não temais confiar-mo-las, nem temais dar expansão ao vosso pensamento; se o possuis é porque é dom da Divindade e aquilo que Deus dá, os homens não podem roubar (*Jornal das Senhoras*, janeiro de 1852).

O trecho faz um chamado às mulheres a uma emancipação intelectual. Convém recordar que o Brasil passava pela primeira onda do feminismo (*cf*. subseção 3.1), em que reivindicações por direitos – como o direito à educação, à profissão e, mais tarde, à participação política por meio do voto – eram suscitadas. De acordo com Muzart (2003), a necessidade de dar voz às lutas feministas travadas no período oitocentista está alinhada, pois, ao nascimento de periódicos editados e destinados ao público feminino.

No caso de periódicos como o *Jornal das Senhoras*, segundo evidencia Hollanda (1991, p. 16), por meio de seções de cartas, de contos e de crônicas:

> na maioria das vezes publicada[s] 'debaixo do anônimo', começa a se configurar uma crítica literária incipiente e 'amadora', muitas vezes aparentemente ingênua, mas que indiretamente sintonizava-se com o contexto das lutas das mulheres registradas pelos editoriais.

Devemos ressaltar, no entanto, que a maioria dos jornais que se ligava ao movimento feminista à época não sobreviviam em circulação por muito tempo, principalmente se comparados aos jornais da imprensa geral (Scalzo, 2016). O *Jornal das Senhoras*, por exemplo, foi produzido apenas durante os anos de 1852 a 1855. Ainda que não houvesse uma delimitação de "imprensa feminina" e "imprensa feminista" ou um veículo específico de comunicação para o público feminino, Bandeira (2015, p. 195) revela que:

> Ao longo do século XIX, o Brasil viu tanto o jornalismo feminino quanto o feminista surgirem e se disseminarem. Um, focado na vida, no cotidiano das mulheres, caracterizava-se pelo não factual e abordava temas como literatura e moda. Aos poucos, as temáticas beleza, sexo, educação dos filhos e carreira profissional foram se consolidando como assuntos em torno dos quais a imprensa feminina se detinha, à época. O Espelho Diamantino é o primeiro título desta natureza registrado no Brasil, com surgimento em 1827. O outro, intitulado feminista, representava as mulheres que, assim como os homens de então, recorriam à imprensa para disseminação de ideias, ações intelectuais de atividades. Nessa categoria de imprensa, o pioneiro foi O Jornal das Senhoras, lançado às ruas em 1852. Ainda que tratasse da temática família com maior destaque, esse periódico fez emergir as capacidades e necessidades das mulheres, numa considerada atitude vanguardista.

Nos anos novecentos, diante de algumas mudanças no início do século – como a industrialização e o aumento de instrução, sobretudo nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro –, a imprensa brasileira passa por uma modernização. Os reflexos desse processo envolvem, consoante a Lima (2007), (i) o aumento do número de tiragens, amparado pela publicidade, (ii) a intensificação do hábito de leitura de jornais e revistas e, em consequência, (iii) o aumento de veículos de comunicação impressos em circulação. Nesse contexto, publicações que constituem, na atualidade, uma segmentação própria no mercado editorial – a imprensa feminina – começam a se fortalecer, sobretudo a partir de revistas por intermédio da

moda e da literatura. São exemplos *Fon-fon* (1907), *A Cigarra* (1914), *Revista Feminina* (1915), *O Cruzeiro* (1928) e *Capricho* (1952)[57].

A imprensa feminina se consolida, nesse sentido, como aquela com temática e linguagem específicas. Moda, beleza, culinária, decoração e trabalhos manuais passam a ser conteúdos priorizados e divulgados por meio de um discurso intencionalmente mais pessoal, afetivo e persuasivo. Buitoni (1990) aponta uma série de gêneros textuais que parecem se enquadrar no formato de um periódico feminino, como "poesias, receitas de bolo, reportagens, figurinos, consultório sentimental, artigos de psicologia, entrevistas, testes, horóscopo, contos, fofocas, [...]" (Buitoni, 1990, p. 8).

Afirma Buitoni (1990), além disso, que a revista direcionada a um público-leitor feminino se interessa pela novidade dos conteúdos veiculados, diferentemente da imprensa geral, que se volta para a atualidade. Nessa esteira, mais do que a imprensa geral, a imprensa feminina se associa intimamente ao contexto sócio-histórico de diferentes grupos sociais e funciona, dessa maneira, como um "termômetro de costumes da época" (Buitoni, 1990, p. 24). Nas palavras da autora, "cada novidade é imediatamente incorporada, desenvolvida e disseminada. A movimentação social mais significativa também vai sendo registrada" (Buitoni, 1990, p. 24).

Todavia, algumas estudiosas, como Bassanezi (1996), consideram que a imprensa feminina não deve ser assumida como um retrato fiel (ou distorcido) da realidade, mas como uma representação do real. Concordamos com a autora na afirmação de que "muitos dos aspectos e conflitos do contexto social podem ser abafados em função da manutenção da dinâmica das relações de poder existentes. Muitas vezes, as revistas podem ir, por algum tempo, contra a corrente de transformações sociais" (Bassanezi, 1996, p. 17). Conforme Bassanezi (1996), as revistas femininas podem sofrer algum tipo de interferência e podem responder de maneiras diferentes às articulações de gênero e de classe. Nesse caso:

> As revistas evocavam as diferenças entre os sexos, consideradas "naturais", para definir normas, "verdades absolutas", identidades e papéis (aparentemente) fixos que implicaram em desigualdades (entre o masculino e o feminino, entre homens e mulheres, entre os que podiam e os que não podiam - como, por exemplo, as classes baixas - seguir os modelos dominantes) (Bassanezi, 1996, p. 19).

[57] Algumas das revistas citadas, como as revistas *Fon-fon*, *A Cigarra* e *O Cruzeiro*, nascem como ilustrada, embora, desde o surgimento, tenham conteúdos voltados a um público feminino, o que acaba por segmentar, em momento posterior, o público-alvo (*cf.* subseção 4.2).

A imprensa feminina pode ser entendida, nesses termos, como mais ideologizada do que a imprensa geral. Em outras palavras, a relação entre mulheres e imprensa feminina envolve questões mais amplas, como o papel feminino na sociedade da época (Buitoni, 1981).

A contextualização feita nesta subseção se faz, desse modo, fundamental, tendo em vista que temos o interesse de (i) verificar como determinadas revistas, destinadas a mulheres e dirigidas por homens no passado – realidade de parte dos córpus desta pesquisa – podem circunscrever o espaço de leitura e de escrita em determinados temas, servindo ao patriarcado, e (ii) descobrir de que modo essa questão impacta o uso do fenômeno variável (marcas de 2P e de 3P associadas a 'tu' ou a 'você', nessa ordem, na posição sintática de sujeito).

3.3 Em resumo

Uma pesquisa sociolinguística que se proponha a investigar gênero enquanto variável extralinguística no condicionamento de processos de variação e mudança linguísticas deve partir de teorias sociais. Por essa razão, acomodamos uma seção específica para tratar de Mulher(es) e gênero.

Na subseção 3.1, recapitulamos a trajetória de conceitos analíticos fundados pelo movimento feminista em suas diferentes ondas, particularmente "mulher", "mulheres" e "gênero", e discutimos algumas das maneiras de se entender gênero. Como apontamos, a compreensão de gênero tem sido associada a: (i) uma categoria/um conceito inserida(o) nas relações sociais e importante (mas não a/o única(o)) para se compreender a organização de uma sociedade em diferentes tempos; (ii) três pilares: cultura, sociedade e história, de maneira que papéis atribuídos aos sujeitos não são fixos e podem ser constantemente repensados e modificados; (iii) uma estrutura hierárquica, uma vez que é por meio desta e de outras categorias que se organizam as relações de poder; e (iv) uma performatividade, no sentido de que comportamentos (corporais, discursivos) correspondem a uma performance que se encaixa em expectativas sociais, isto é, em certos modelos pré-definidos do que é ser mulher/ser homem.

De modo mais detalhado, em 3.1.1, trazemos a noção butleriana sobre gênero, utilizada para a leitura de gênero na pesquisa, tendo em vista a compreensão de performatividade de gênero enquanto uma representação de uma imagem socialmente difundida e institucionalizada, ou seja, como ação pública e coletiva que requer performance, construída, por sua vez, por certos significados e por certas expectativas sociais (Butler, 2018 [1990]).

Também levamos em consideração as discussões de Lauretis (1994) em sua proposta sobre "tecnologia de gênero" na subseção 3.1.2. Para essa autora, gênero é uma representação que se constrói por meio de tecnologias sociais. Lauretis (1994), nessa direção, propõe os

aparatos (como o cinema e a mídia) enquanto tecnologias de gênero, os quais operam, com as relações de poder, no controle da significação social e na implantação de representações de gênero. Como adiantamos em 3.1.2, nesta tese, assumimos a imprensa feminina, nos moldes de Lauretis (1994), como uma tecnologia de gênero.

Esta pesquisa, a partir da articulação do que prevê Butler (2018 [1988], 2018 [1990]) e Lauretis (1994), sustenta que cartas publicadas em meios de comunicação, como revistas de publicação feminina, as quais formam parte dos córpus de análise, podem ser adotadas na investigação de gênero em estudos sociolinguísticos, especialmente em casos de verificação do passado da língua, posto que constituem material sensível às questões ligadas a essa variável social e representam uma determinada imagem de mulher baseada no conceito de feminilidade.

Já na subseção 3.2, procuramos demonstrar como o acesso à educação formal foi sistematicamente negado às mulheres, sobretudo entre os séculos XIX e XX, fato que garantia a manutenção da hierarquia de gênero na sociedade.

Por lidarmos com textos escritos pretéritos, aspectos sobre leitura e escrita feminina são tratados na subseção seguinte, 3.2.1. Assumimos, dada a situação histórica e social das mulheres, que a prática de leitura e escrita feminina está associada a uma produção cultural imposta sobre as mulheres. Em outros dizeres, a leitura e a escrita caracterizadas como femininas não se relacionam essencialmente a aspectos biológicos (leitura e escrita feitas por mulheres), mas sociais (o que se estabelece como práticas femininas de leitura e escrita).

Por fim, em 3.2.2, fazemos uma contextualização, que se soma às discussões anteriores, acerca da imprensa feminina e imprensa feminista. Vimos que a imprensa dirigida para mulher(es) desponta nos anos oitocentos com diferentes focos (vida cotidiana ou vida política, por exemplo). No entanto, nos anos novecentos, predomina-se a publicação de periódicos que buscavam se concentrar em escritos com temáticas associadas à moda, à literatura, à beleza e à vida doméstica, definindo normas e valores para o feminino, o que caracteriza uma imprensa designada como feminina.

O modo como essas questões podem se juntar à prática de análise sociolinguística será mais bem discutido na seção de metodologia.

4 METODOLOGIA

A verificação empírica desta pesquisa é feita com base em um córpus composto por 432 cartas publicadas na revista *A Cigarra* (publicação feminina) nos anos de 1915 a 1932. Somente esse córpus, contudo, não seria suficiente para amparar nossas discussões e responder as questões de pesquisa. Diante disso, vimos a necessidade de interpretar os resultados obtidos em comparação a um grupo controle, procedimento que foi realizado em Clempi (2019).

Nosso grupo controle, nessa perspectiva, é formado por 432 cartas produzidas na mesma fatia temporal e distribuídas entre *Revista da Semana* (216 cartas) e jornal *Correio Paulistano* (216 cartas). Nesses veículos de comunicação impressos, não há uma segmentação de gênero explícita. Todavia, por meio de capas, de textos, de anúncios e de dados sobre vendas, além de estudos sobre a história de revistas e jornais do século XX (Buitoni, 1990; Mira, 2001; Czrnorski; Meyrer, 2016; Scalzo, 2016; Casadei, 2017 e outros), compreendemos que, na prática, a *Revista da Semana* e o *Correio Paulistano* podem ter um direcionamento maior dos conteúdos para mulheres ou para homens.

Ainda que saibamos das críticas feministas e da limitação no que se refere ao modelo binário de gênero, estabelecemos uma classificação das amostras controle conforme um *continuum* de publicações [+feminina ↔ - masculina] ou [+masculina ↔ -feminina], levando em consideração a perspectiva butleriana de que são as práticas sociais, e não as categorias, que definem as identidades dos sujeitos e de que a atuação de gênero (como devemos agir, andar, falar e vestir) se manifesta publicamente em conformidade com o imaginário social sobre feminilidade e masculinidade (*cf.* subseção 3.1.1).

Nesse sentido, a *Revista da Semana* é admitida, nesta pesquisa, como grupo controle de publicação [+feminina ↔ -masculina], enquanto o jornal *Correio Paulistano*, como grupo controle de publicação [+masculina ↔ -feminina]. Diante desse recurso metodológico de comparação, será possível apontar as similitudes e, principalmente, as diferenças linguísticas e sociais entre os dados de cada córpus (*A Cigarra* x grupo controle).

Tendo em vista os córpus de análise, tratamos, nesta seção, de nossa proposta em relação à operacionalização de gênero em estudos sociolinguísticos históricos. Além disso, demonstramos, dentro do recorte temporal da pesquisa, como as amostras escolhidas, *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*), podem ser úteis para nossa investigação, contextualizando as amostras e propondo uma caracterização do público leitor feminino do córpus *A Cigarra*. Também explicitamos os procedimentos de constituição dos córpus, as variáveis (resposta e previsoras) controladas conforme a metodologia

sociolinguística e, por fim, o tratamento estatístico e as decisões metodológicas para exclusão de dados.

4.1 Operacionalização do gênero em estudos sociolinguísticos: uma proposta

A proposta metodológica deste estudo atende a uma operacionalização de gênero que difere da prática tradicionalmente adotada em pesquisas sociolinguísticas. Enquanto a Sociolinguística de ordem laboviana lida com a caracterização sociodemográfica individual dos informantes de acordo com categorias macrossociológicas, como o sexo biológico, para a composição de células sociais homogêneas, acomodamos teorias sociais e sugerimos a análise do contexto de uma amostra específica, sensível às questões de gênero feminino – as cartas da revista *A Cigarra* (contraposta a dados do grupo controle).

Uma análise sociolinguística de gênero nos possibilita uma discussão social e histórica mais ampla sobre essa categoria nos processos de mudança linguística. Como discutimos na subseção 2.3, os estudos sociolinguísticos históricos, como é o nosso caso, devem enfrentar, além da limitação de dados, a restrição de perfis sociais e de informações diretas acerca de variáveis extralinguísticas (Auer *et al.*, 2015; Conde-Silvestre, 2007, 2020). Tentamos trazer para mais perto, nesse sentido, questões sociais de gênero, debatidas por teóricas feministas (*cf.* subseção 3.1) e, em adição a isso, investigar o gênero feminino por uma perspectiva [+social] e [-biológica].

Para tanto, é necessário considerar o lugar social que ocupamos – o de mulheres pesquisadoras. À semelhança de Lauretis (1994), avaliamos que:

> a compreensão da condição pessoal de ser mulher em termos sociais e políticos e a constante revisão, reavaliação e reconceitualização dessa condição vis-à-vis à compreensão que outras mulheres têm de suas posições sociossexuais geram um modo de apreender a realidade social como um todo que é derivado da conscientização de gênero. E a partir desse entendimento, desse conhecimento pessoal, íntimo, analítico e político da universalidade do gênero, não há como retornar à inocência da 'biologia' (Lauretis, 1994, p. 230-231).

Abordar a variável gênero na posição de mulheres e na perspectiva de teorias sociais feministas não invalida o método, os resultados e a análise dos dados desta tese. Da mesma maneira, não impede que pesquisadores sociolinguistas, de outros lugares sociais, possam (re)pensar e desnaturalizar o controle e as interpretações de gênero nos processos de variação e mudança.

Nessa lógica, ao lidar com um córpus constituído por cartas de uma revista de publicação feminina (*A Cigarra*), assumimos, na linha do que afirma Swain (2001), que "[...] as representações sociais são consideradas como uma forma de construção social da realidade cuja mediação atravessa e constitui as práticas através das quais se expressam" (Swain, 2001, p. 13) e que o espaço midiático é "*locus* privilegiado de um imaginário instituinte de relações sociais" (Swain, 2001, p. 15). Dessa forma, revistas direcionadas a mulheres, em diferentes épocas e em diferentes espaços de interação, são capazes de veicular ou impor uma imagem social de mulheres na sociedade. Swain (2001) complementa:

> Assim, quer seja no rumor das conversas que fundamentam o senso comum, na literatura, no discurso científico, em tudo que é impresso ou falado, podemos encontrar representações sociais que instituem o mundo em suas clivagens valorativas, nos recortes significativos que definem as categorias de percepção, análise e definição do social (Swain, 2001, p. 13).

Nesta pesquisa, sustentamos que a revista *A Cigarra*, na medida em que se constitui como uma imprensa feminina, é identificada enquanto uma tecnologia de gênero na linha de Lauretis (1994) (*cf*. subseção 3.1.2), em que a implementação de textos, imagens e anúncios constroem um "feminino" e uma "feminilidade", como demonstramos na subseção 3.2.

Levando em consideração *A Cigarra* como uma tecnologia de gênero, argumentamos que os textos da revista se associam a uma performance de gênero feminino, no sentido de que buscam convencer o seu público o que é "ser mulher" – no singular – a partir de certas imagens consolidadas na sociedade. Nesse ângulo, a performatividade de gênero, assim como para Butler (2018 [1988], 2018 [1990]), é entendida, aqui, como uma ação coletiva. Em outros termos, a atuação de gênero se realiza não na singularidade, mas na prática reiterativa e citacional (*cf*. subseção 3.1.1).

A verificação empírica é feita, portanto, com base no conjunto-revista, com a intenção de investigar como o gênero feminino performado na revista *A Cigarra*, em contraposição aos córpus que compõem o grupo controle – a *Revista da Semana* (publicação [+feminina ↔ -masculina]) e o *Correio Paulistano* (publicação [+masculina ↔ -feminina]) –, pode interferir no uso do fenômeno linguístico em análise.

Vale ressaltar que não afirmamos, com essa proposta, que todas as(os) leitoras(es) performam gênero feminino da mesma forma, mas que a adoção de certos papéis femininos (normatizados) se revela fortemente em textos escritos nesse contexto. Não faz parte da agenda deste estudo, pois, discutir se as cartas são escritas por mulheres ou por homens. O que mais

nos interessa é que a amostra em questão representa e constrói uma mulher numa determinada época e numa determinada classe social e uma mulher-leitora do início do século XX.

Desse modo, não nos referimos ao agrupamento de mulheres apenas por algumas características, já que não conhecemos, de fato, a autoria das cartas. Defendemos que a revista acomoda (e regula) práticas e papéis tidos como femininos e essa circunstância é favorável à verificação de gênero por um viés social.

A análise dos dados, nesta pesquisa, se diferencia de outras análises sociolinguísticas por: (i) tratar o gênero por uma perspectiva social, e não biológica, em dados pretéritos de escrita por meio da articulação entre a teoria da perfomatividade (Butler, 2018 [1988], 2018 [1990]) e a noção de tecnologia de gênero (Lauretis, 1994); (ii) verificar gênero a partir de dados cuja autoria não é atestada, fazendo-o, como esboçado acima, com auxílio de teorias sobre gênero e de uma amostra representativa; (iii) adotar uma operacionalização não tradicional ao não categorizar cada escrevente e, sim, o contexto; e (iv) propor um método de comparação entre córpus mediante um grupo controle.

Para melhor compreender como a mídia impressa – nesta tese, a feminina – pode se configurar como uma tecnologia de gênero e, desse modo, revelar performatividade de gênero, apresentamos, à frente, aspectos referentes ao córpus *A Cigarra*, parte do universo da pesquisa, na qual é possível observar como uma revista direcionada às mulheres é capaz de representar (e mesmo impor) papéis e práticas de um certo conceito de "feminilidade".

4.2 Córpus de publicação feminina: *A Cigarra*

Ainda que possamos pontuar, no contexto sócio-histórico brasileiro, o fato de que nem toda publicação direcionada ao gênero feminino servia ao patriarcado, levando em consideração que alguns periódicos contemplavam e problematizavam a condição das mulheres (imprensa feminista), são as publicações cujos objetivos envolviam auxiliar mulheres a viverem em conformidade com o que os homens deseja(va)m as que se popularizaram e as que tornaram esse tipo de publicação em uma segmentação própria (imprensa feminina). Nesse sentido, a imprensa feminina, diferentemente da imprensa feminista, carrega concepções bem marcadas quanto aos deveres das mulheres na sociedade, sujeitos à avaliação masculina.

À vista disso, a revista *A Cigarra*, amostra por nós utilizada, deve ser lida pela perspectiva feminina (e não feminista). Fundada em 1914 e dirigida pelas mãos de Gelásio

Pimenta, *A Cigarra* é um periódico quinzenal, pensado e feito por homens[58]. Embora considerada, nos anos iniciais, ilustrada e de variedades, a revista "de maior circulação no Estado de S. Paulo"[59] contava com a maior parte dos conteúdos voltados às mulheres e aos papéis de boa esposa, boa mãe e dona de casa ideal, com temas relacionados à vida doméstica, à beleza, à moda e ao relacionamento (amoroso/familiar).

Partilham desse entendimento trabalhos como os de Buitoni (1981, 1990), Cruz (1997), Besse (1999) e Almeida (2015), os quais reiteram uma orientação de capas, textos, imagens, concursos e anúncios ao público feminino, aspecto que segmenta, em momento posterior, a revista em "feminina"[60]. Trazemos exemplos que sustentam e ilustram a questão:

[58] No período em que o córpus é constituído (1915-1932), a direção do periódico é formada apenas por homens. Logo após a morte do fundador, Gelásio Pimenta (1924), quem assume o comando é Luís Correia de Mello. Em 1930, Francisco de Assis Chateaubriand, proprietário da revista *O Cruzeiro* e fundador do *Diários Associados*, passa a ser o diretor. Destacamos, na linha do que verifica Almeida (2015, p. 33), que é "difícil encontrar o nome de alguma colaboradora (profissional) nessa primeira etapa da trajetória do impresso".

[59] Expressão que a revista *A Cigarra* utiliza desde a publicação das primeiras edições.

[60] Ao longo desta subseção, vale afirmar que fazemos análises de capas, fotografias e textos de modo a justificar a escolha do material.

Figura 4 - Capas da revista *A Cigarra* (anos de 1920 e 1930)

Fonte: *A Cigarra*, edições 133, 141 (ano de 1920) e 364, 366 (ano de 1930).

Ainda que não tenhamos um perfil social de consumidoras determinado pela revista, traçamos uma descrição do público-alvo nesta pesquisa (*cf*. subseção 4.2.1) por meio de dados sobre preço da tiragem, representação das capas e estudos históricos que se dedicam à análise de *A Cigarra*. Como Bassanezi (1996, p. 15-16), consideramos que:

> [...] alguns modelos presentes nestas revistas acabam enfatizando desigualdades de classe, de etnia e de gênero presentes na prática social como é o caso do 'ideal de mulher': branca, dona de casa, de classe média (alta), com determinado estilo de vida e capacidades do consumo; ou da "família modelo", nuclear hierárquica, com papéis masculinos e femininos definidos; ou dos 'valores corretos', os burgueses; ou da 'felicidade completa' ligada ao consumo de certos produtos e idéias, à adesão a certas normas e modas. Estes modelos - construídos socialmente - são apresentados como naturais, universais frutos do bom senso, verdades incontestáveis.

O direcionamento de conteúdos voltados às mulheres e, concomitantemente, à produção de um ideal de mulher, podem ser observados em anúncios voltados ao público feminino, como demonstra a Figura 5:

Figura 5 - Anúncios publicados na revista *A Cigarra* (ano de 1925)

Fonte: *A Cigarra*, edição 257 (ano de 1925).

A ilustração da primeira imagem à esquerda coloca em evidência o produto anunciado (tapetes), mas também apresenta outros aspectos, sobretudo sociais, que merecem destaque. Vemos uma sala composta por uma cristaleira, uma porta com uma cortina, mesas laterais com plantas e um lustre ao centro de uma grande mesa. O ambiente apresentado sugere-nos que o

produto não é para qualquer família, tendo em vista que é direcionado para aquelas de classes sociais mais abastadas. O adjetivo usado para atestar a qualidade do que se vende – "selo de ouro" – corrobora esse pressuposto. Ademais, o fato de o homem estar sentado e a mulher ao seu lado, em pé, a serviço do (que parece ser o) marido, representa a imagem que se quer passar – a posição feminina de "boa esposa" e serviçal na sociedade patriarcal.

O direcionamento do texto, após a ilustração, também aponta para um público feminino elitizado e com um papel de gênero bem definido:

(08) "Que allivio", disse recentemente uma dona de casa brasileira, "ver-me livre dos aborrecimentos que me davam os poeirentos tapetes tecidos". E isto expressa o sentimento de milhares de donas de casa que encontraram nos Tapetes Congoleum Sello-de-Ouro hygienicos e á prova de insectos a resolução do problema apresentado pela questão de tapetes (*A Cigarra*, julho de 1925)

O segundo anúncio, que se encontra no centro da Figura 5, refere-se a um produto de limpeza. É possível verificar que em todas as ilustrações inseridas há uma mulher sorridente desempenhando uma função doméstica de limpeza[61]. O produto é descrito, além disso, como "bom amigo" da dona de casa, o que, mais uma vez, reproduz um ideal feminino. Já no terceiro anúncio, localizado à direita da mesma figura, observamos a apresentação de um tônico para cabelos. A imagem de uma mulher branca ilustra o produto e revela um estereótipo de feminilidade da época.

Concursos destinados ao público feminino também eram comuns na revista *A Cigarra*, como os intitulados "Os concursos d'*A Cigarra*", "Partidos e feios" e "Na berlinda". Conforme indica Besse (1999, p. 30), "os concursos eram extremamente populares entre as leitoras e tinham bons impactos sobre as vendas das publicações".

Vejamos exemplos de cartas publicadas em relação à promoção desses concursos no ano de 1915, as quais compõem nosso córpus:

[61] Há uma imagem, nesse anúncio, em que o produto de limpeza é divulgado "para vidros e nickel". É a única ilustração, nesse contexto, na qual é possível visualizar a figura feminina acompanhada de uma figura masculina, em razão do que seria limpo – o vidro de um carro. Num período em que mulheres tinham muitos deveres e poucos direitos, verificamos a associação entre carro, homem e poder. Mesmo assim, por se tratar de um produto de limpeza, a mulher é inserida na figura que compõe o anúncio.

(09) Nos concertos realisados pelo distincto tenor Santo Moreira, tive o prazer de conhecer o dr. José Cajal Vivas e, achando-o um tanto sympathico, e muito culto, como pude apreciar pela bella poesia publicada na "Cigarra" intitulada Fé cristiana e em outras collaborações para diversos diarios da capital, resolvi manifestar pelas suas columnas, para affirmar que o dr. Vivas é um excellente "partido". Por isso, ahi vão dois coupons, que acredito valerem por mil, tal a sinceridade dos meus votos. Tenho muita vontade de assistir á sua conferencia. Porque motivo nos deixará tão breve o dr. Vivas? Peça-lhe, sr. redactor, que fique morando em S. Paulo e aconselhe-o a casar-se com uma paulista. Garanto que elle não se arrependerá, si essa paulista for eu. Fico-lhe summamente grata e ás suas ordens - M.B." (*A Cigarra*, fevereiro de 1915).

(10) Vejo com profundo pesar que votos do sr. A. Soter ainda vêm publicados salteadamente, pois em cima apparecerem 118, mais abaixo 16 e ainda em outro logar 14, o que lhe dá o bonito total de 148 votos para feio. Si os srs. fizessem a apuração em ordem, eu teria o grande, o immenso, o colossal prazer de o vêr em primeiro logar entre os feios. É essa a minha ambição, o meu sonho dourado. E não é para menos. Aquelle rapaz julga-se um irresistivel, gaba-se que não ha moça que não morra de amores por elle. Por esse motivo, eu e minhas companheiras, estamos dispostas a fazer tudo para que elle se capacite de que é mais "feiudo" da nossa poetica Paulicéa. O sr. redactor devia tirar alguns votos do dr. Sebastião Barroso de Lintz, que está carregando de mais, e despejal-os sobre os costados do sr. Soter. Eu e minhas amiguinhas temos gasto um dinheirão na compra d'*A Cigarra* para ver si conseguiremos o nosso desideratum. E, com esta crise, é dura a nossa tarefa. Faça tudo, sr. redactor, para que os votos não venham salteados, o que tambem não se coaduna com o esmero com que é feita a primeira revista de S. Paulo. Creia nos sinceros agradecimentos da - Moça gorda" (*A Cigarra*, fevereiro de 1915).

Os votos para o concurso de melhor partido da sociedade paulista, por exemplo, eram contabilizados pela venda de cupons, anexados às páginas da revista. Segundo Almeida (2015, p. 30-31), "para votar, as leitoras tinham que, obrigatoriamente, comprar pelo menos um exemplar da revista, completando os bilhetes [...] com os nomes dos indicados". A passagem do trecho (10), em que a leitora escreve "eu e minhas amiguinhas temos gasto um dinheirão na compra d'*A Cigarra* para ver si conseguiremos o nosso desideratum" (*A Cigarra*, fevereiro de 1915), dá indícios de que muitas leitoras adquiriam mais de um exemplar de um mesmo número do periódico.

É possível verificar, por meio dos exemplos acima, que os concursos promoviam uma discussão em torno da aparência pessoal de figuras masculinas – provavelmente conhecidas da sociedade da elite paulistana da época. Na carta evidenciada no primeiro trecho (09), o comentário da leitora M.B. é em relação ao dr. José Cajal Vivas, em que votos de bom partido são requeridos. No anonimato, a leitora, ao final da carta, corteja o candidato. Já no trecho (10), a "Moça gorda", pseudônimo assinado no texto, reforça os votos de "feio" para o sr. A. Soter e revela certo descontentamento com o rapaz.

A interação promovida por intermédio de concursos, assim, registra "diversas opiniões de jovens do 'belo sexo', grandes consumidoras da revista, acerca de vários assuntos (acontecimentos e fofocas locais, preferências relacionadas ao caráter e ao tipo físico dos homens ali apontados etc.)" (Almeida, 2015, p. 31-32).

Do mesmo modo, a seção de correspondências denominada “Collaboração das leitoras”, fundada em outubro de 1915, que compõe a maior parte de nosso córpus, é um espaço exclusivamente direcionado às mulheres. A seção, que permaneceu ativa até 1930, era um sucesso entre as leitoras (e consumidoras) da revista, tendo em vista que ocupava muitas páginas – uma média de 15 a 35 das 50-100 páginas, o que a tornava próxima de um suplemento. Para Buitoni (1981, p. 41), essa seção era “espelho da movimentada participação das leitoras em suas páginas”.

Os excertos abaixo, extraídos do início da seção e escritos pelo redator, ilustram o sucesso e a perspectiva d’*A Cigarra* em relação à “Collaboração das leitoras”:

(11) É com immenso prazer que registramos o successo sempre crescente desta secção d'<*A Cigarra*>, destinada ás nossas gentilissimas leitoras, para que possam manifestar-se sobre **assumptos de nossa vida social.** Augmentou consideravelmente o numero de cartas enviadas á nossa redacção e escriptas por **delicadas mãos femininas**. Na impossibilidade de publical-as todas, daremos apenas algumas neste numero (*A Cigarra*, outubro de 1915, grifos nossos).

(12) [...] Não são, como alguem poderia suppôr, meras banalidades essas cartas que chegam á redacção d'"*A Cigarra*", tão numerosas e assiduas, em papéis de todos os feitios, em letras de todos os talhes, essas parciles femininas onde passa, como num *film* innocente, a mocidade elegante, aureolada de sonhos. Banalidades, não, porque **mesmo nas coisas futeis a mulher tem o segredo de prender um encanto**. [...]. Que essas paginas, esparsas como perfumes derramados no ar, onde as nossas **collaboradoras de toda a parte**, anonymas tantas, desconhecidas quasi sempre, **nos enviam as suas tagarelices**, sejam de facto **ligeiros e inoffencivos estudos de almas juvenis** [...] (*A Cigarra*, junho de 1916, grifos nossos).

Na introdução da seção, a revista demarca bem o espaço das mulheres, conforme destacamos nos trechos (11) e (12): às mulheres competia tratar sobre aspectos circunscritos à vida social por meio de suas “delicadas mãos femininas”, o que deixa implícito o papel de fragilidade relegado às leitoras. Além disso, os temas abordados são considerados “fúteis”. Nesse contexto, a escrita feminina se caracteriza como “encantadora”. A seção, pelo ponto de vista do redator, servia às tagarelices das colaboradoras, com escritos “inofensivos”.

Devemos ter em mente que as possíveis autoras das cartas não saíam do ambiente doméstico, além do que se esperava, em termos de papel social, apenas por escrever num momento em que as taxas de alfabetização feminina ainda eram baixas. Recordamos que, em congruência com Heller (2001, p. 2-3), no período entre 1890-1920, somente 20% da população feminina sabia ler e escrever, contra 29% de homens alfabetizados (*cf*. subseção 3.2).

Heller (2001), nesse sentido, questiona a produtividade de circulação de periódicos destinado às mulheres, como é o caso d’*A Cigarra*, no período em questão. Nas palavras da autora, “parece ser bastante pertinente considerar a hipótese de que havia um número bem maior

de mulheres alfabetizadas do que os índices oficiais apontam" (Heller, 2001, p. 7). A hipótese é de que, para além da leitura pedagógica, formava-se uma prática feminina de leitura por prazer, que compreendia uma "leitura desinteressada, efetuada por mulheres que não foram contempladas pelas campanhas oficiais de alfabetização, nem incluídas nos recenseamentos de órgãos governamentais" (Heller, 2001, p. 7).

A Cigarra, portanto, traz a oportunidade de escrita para as mulheres, desde que seja uma escrita sobre determinados assuntos – ligados a um certo papel feminino e a um ideal de feminilidade. A "Collaboração das leitoras", nesse caso, concentrava-se em escritos femininos, não necessariamente feitos por mulheres, mas ligados a opiniões e a valores (re)produzidos como femininos (*cf*. subseções 3.2.1 e 3.2.2). Sobre isso, pontua Moreira (2011, p. 94) que, "ao contrário da literatura, em que mulheres eram obrigadas a assinar nomes masculinos para publicar seus escritos, na imprensa feminina foram os homens que tiveram que inventar pseudônimos com nomes de mulher".

Vejamos alguns exemplos de trechos de cartas publicadas em *A Cigarra*:

(13) Eis-me novamente aqui, "Cigarrinha" gentil, deixando na gaze finissima das tuas asas seductoras os affectuos beijos que te prometti. Com elles, receberás esta cartinha que te envio, esperando que não deixarás de leval-a comtigo, quando, brevemente, levantes o teu vôo pelas distantes paragens que irás percorrer, nessa tua perigrinação por todo o Brasil. Não te esqueças nunca querida, que eu sou tua amiga e que te adora immensamente; queres tambem ser minha amiguinha? Far-me-á com isso muito feliz e receberás como penhor do meu reconhecimento, todo o meu amor. Acceitas? Pois bem, então escuta-me agora, que eu te direi algumas cousas que sei de Mr. D. I. Tu o conheces sem duvida, não? [...] O jovem de quem falo é uma dessas creaturas para quem a vida não é senão um sorriso, um desabrochar perenne de flores. [...]. Já sabes quem é, "Cigarrinha"? Eu vou terminar porque já fui bastante cacete, não é? Espero que não te esquecerás de mim e que acceitarás o convite que te faço de ires á missa das 9 no Coração de Maria. Lá encontrarás o meu perfilado e a tua sempre amiguinha dedicada e agradecida. Cruz Vermelha" (*A Cigarra*, agosto de 1917).

(14) [...] Vejamos: pergunta ella, com a ingenuidade de uma sertaneja, quando deixaremos de usar carmim e outras quinquilharias proprias da toilette feminina. Peço-te permissão para responder por ti a esse respeito: Nós mulheres, Lyz de France, só poderemos deixar de nos enfeitar quando os homens deixarem de ser futeis; quando elles, desprezando a materia, preferirem a mulher pela virtude; quando elles respeitando o nono mandamento da lei de Deus, acharem a sua mulher, seja ella bonita ou feia, enfeitada ou desataviada, superior a todas as outras mulheres. Quando chegarem a essa perfeição que idealisamos, então nós, mulheres, poderemos, confiantes na felicidade presente e futura, depôr as nossas armas. Não concordas, Lys de France? Da leitora e amiga - 16 de Março (*A Cigarra*, outubro de 1922).

Observamos, com os exemplos, que o segmento era composto por sugestões, críticas, comentários e observações envolvendo aspectos da sociedade das primeiras décadas do século XX. Aparece como remetente a revista *A Cigarra*, como é o caso do trecho (13), considerada uma amiga das leitoras. Nesse contexto amigável, era comum o uso de diminutivos ("Cigarrinha", "amiguinha") para fazer referência ao periódico. Esse excerto apresenta

observações da leitora "Cruz Vermelha" à revista em relação a seu amado, identificado por iniciais (Mr. D. I.), como uma espécie de confissão entre amigas.

Também aparecem, nas cartas desta seção, outros interlocutores (amigas e enamorados, por exemplo), como é o caso do trecho (14), no qual uma leitora "16 de Março" escreve para outra, "Lyz de France", destacando e problematizando a necessidade de mulheres utilizarem determinados apetrechos como um modo de satisfazer os interesses masculinos. Assuntos como esse, voltados à cultura e política, embora não tão comuns, se manifestam na revista[62].

Vale destacarmos que o uso de pseudônimos ou iniciais era bastante recorrente em *A Cigarra*. Leitoras (e leitores), tanto da capital quanto do interior de São Paulo, escreviam nesse grande correio sentimental, nos termos de Lotito (2001), muitas vezes, garantindo o anonimato. Sobre isso, Besse (1999, p. 31) revela que "essa seção proporcionava um foro aberto mas anônimo para o debate sobre os costumes modernos e o comportamento adequado às mulheres e servia como uma coluna de mexericos e assuntos pessoais". A "Collaboração das leitoras", dessa maneira, integrava opiniões, comentários, descrições, pedidos, relatos de leitoras paulistas e paulistanas em torno de aspectos que constituíam grupos sociais específicos nos anos novecentos.

Tendo em vista que o espaço destinado aos textos de leitoras não deve ser encarado como pertencente a todas, na subseção seguinte, buscamos caracterizar o público-leitor feminino em *A Cigarra*.

4.2.1 Perfis de leitoras da revista *A Cigarra*: uma proposta de caracterização

Os discursos (verbal e não verbal) que perpassam as páginas da revista *A Cigarra* são direcionados para um público-leitor consumidor específico. Na subseção anterior (4.2), defendemos que o periódico pode ser compreendido como "feminino" e orientado, portanto, para mulheres. A questão que fica é: com que tipo de mulher estamos lidando? Ou ainda: que tipo de mulher a revista buscava atingir?

Como não havia, no contexto em que esta pesquisa é feita (1915-1932), um perfil socioeconômico das leitoras traçado pela própria revista, buscamos acomodar aspectos (preço das tiragens, capas, imagens, textos e alguns indicadores sociais) que nos dão pistas sobre uma caracterização do público d*'A Cigarra*. Levamos em consideração, nesse caso, a construção de um grupo-alvo delineado pela revista, que não necessariamente refletia a realidade de quem, de fato, consumia o produto, e dados sócio-históricos da sociedade paulista(na).

[62] *Tipo de comunicação* e *temática* são variáveis previsoras controladas na pesquisa (*cf.* subseção 4.5.2).

O valor de um exemplar d'*A Cigarra* no ano inicial de publicação (1914) era de "400 réis". Em sua primeira edição, de acordo com Almeida (2015), a revista alcança um total de 1.200 exemplares vendidos no Estado de São Paulo. Entre os anos de 1915 e 1932, período de circulação d'*A Cigarra* que nos ocupamos, a revista passa de "400 réis", com assinatura anual de "10$000 réis", a custar, no ano de 1932, "1$000 (julho)" e "1$200 (dezembro) réis" por exemplar avulso. Cruz (1997) ressalta que o grande sucesso de vendas – e do consequente aumento no valor da tiragem – é resultado da inserção de seções de interações com as leitoras, como a "Collaboração das leitoras" (*cf*. subseção 4.2).

Por ser voltada ao lazer, ter em mãos uma revista, à época, parece servir como uma forma de garantir certo *status* social. Sustentam esse pressuposto, para além do preço do exemplar, os dados extraídos da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE)[63], na medida em que apontam as mulheres de classe alta como o maior grupo consumidor de revista, seguido de mulheres de classe intermediária (*cf*. Almeida, 2015). Por essa razão, temos a hipótese de que *A Cigarra* direcionava seus conteúdos, ao menos no início do século XX, a um público feminino culto e letrado de camadas altas a médias da sociedade paulista(na).

Em diálogo com H. Matos (2008), consideramos que a linguagem utilizada em *A Cigarra*, desde a primeira edição, serve para segmentar o público. Vejamos o trecho à frente, retirado do primeiro exemplar datado de 1914:

(15) *A Cigarra*, sendo uma revista profundamente artística, acolhe com o máximo prazer toda a boa colaboração em **prosa ou verso** que os nossos leitores nos enviarem. Assim, publicaremos **croniquetas leves, contos graciosos, piadas de espírito e todos os versos**, vazados em forma elegante, sem defeitos de métrica que recebemos dos que pretenderem colaborar n'*A Cigarra*. As nossas colunas são franqueadas aos que, neste século de literatura enfermiça e cansada, ainda fazem, com a sonoridade do verso ou com o burilamento da frase, a delícia dos que sabem ler (*A Cigarra*, março de 1914, grifos nossos).

A chamada à colaboração literária de leitores traz indícios de que a revista privilegia uma linguagem, nos dizeres de H. Matos (2008, p. 4), "elaborada e seletiva, mais voltada para a população letrada apegada aos rigores da língua e aos moldes tradicionais da escrita literária". Nos anos iniciais de circulação, verificamos que *A Cigarra* produzia iniciativas artísticas e intelectuais – tais como poesias e contos –, mas também promovia concursos (*cf*. subseção 4.2) e trazia charadas e palavras-cruzadas, estratégia que permitia alcançar um maior número de

[63] Embora a pesquisa tenha sido realizada pelo IBOPE no ano de 1945 na cidade do Rio de Janeiro, ela foi a primeira a recolher dados em relação ao consumo de jornais e revistas.

leitores. No entanto, "a revista continua, muitas vezes, afirmando seu estilo formal e pomposo com um discurso requintado, frases ricamente estruturadas e uma linguagem apurada pontuada de superlativos, que pretendia exaltar a inteligência de seus leitores" (Matos, H., 2008, p. 4). A acomodação de uma linguagem mais formal pode revelar, pois, que a revista buscava moldar leitoras (social e linguisticamente).

É importante recordar que dados de alfabetização de 1920 (*cf*. subseção 3.2), por exemplo, apontam que as mulheres da cidade de São Paulo eram proporcionalmente mais alfabetizadas (52,1%) se comparadas à população feminina geral do Brasil (19,9%). Besse (1999, p. 127) explica que um dos motivos é que:

> O Estado de São Paulo tomou a dianteira, no início da década de 1890, na reforma do ensino primário e da escola normal [...]. Em 1894, instalou-se a Escola Normal de São Paulo num amplo prédio moderno anexo a uma escola-modelo onde os alunos faziam sua prática docente. O curso foi aprimorado e ampliado de dois para quatro anos, e novas escolas normais começaram a ser abertas por todo o Estado.

Somado a esse aspecto, Araújo (2013) discute que uma porcentagem significativa de imigrantes adultos residentes do Estado de São Paulo, à época, vinha de seus países de origem já alfabetizados[64]. Nas palavras da autora, "a escolaridade dos imigrantes elevou o índice de alfabetização geral da população paulistana" (Araújo, 2013, p. 78).

Em razão disso, na tentativa de auxiliar a compreensão de qual o possível nível de escolarização das leitoras d'*A Cigarra* e, assim, quais eram as mulheres que poderiam estar nos padrões de leitura esperados pela revista, anexamos, na sequência, a tabela de Besse (1999, p. 128), com os dados em relação às matrículas escolares em São Paulo, distribuídas por sexo, no ano de 1930[65]:

[64] Vale mencionar que o Estado e a cidade de São Paulo receberam um grande número de imigrantes no início do século XX. Nos anos de 1920, por exemplo, 18,1% (829.851 de 4.588.330) dos habitantes eram estrangeiros em todo o Estado, conforme os dados apresentados por Bassanezi *et al.* (2008, p. 22).

[65] Besse (1999, p. 128) organiza os dados de matrículas escolares de homens e mulheres no ano de 1930 por meio do documento "Estatística escolar de 1930", da Secção (sic) de Estatística e Arquivo da Diretoria Geral de Ensino do Estado de São Paulo.

Tabela 2 - Matrículas escolares no Estado de São Paulo de acordo com o sexo (1930)

	Matrículas	
Tipo de curso	**Homens**	**Mulheres**
Pré-primário e Primário	244.483	210.780
Complementar	559	1.938
Secundário	21.530	6.309
Profissionais		
Seminários	535	-
Pedagogia, magistério	691	7.010
Artes	178	1.584
Técnicos	11.827	6.912
Agronomia	138	-
Marinheiros	83	-
Obstetrícia	-	43
Universidade		
Direito	822	4
Medicina	284	11
Veterinária	25	-
Politécnica	447	7
Farmácia, Odontologia	1.516	536
Filosofia, Letras	45	-

Fonte: Adaptada de Besse (1999, p. 128).

Até o final de 1920, grande parte dos paulistanos, mulheres e homens, frequentavam escolas primárias. Dos 455.263 alunos matriculados nesse tipo de curso, 46,5% eram meninas. Embora fosse a maioria em cursos complementares, em escolas secundárias (comuns e comerciais) e profissionais, o número de meninas era superado pelo de meninos. De modo geral, a população feminina frequentava, em maior quantidade, cursos de preparação para o magistério e cursos técnicos, nos quais se formavam estenógrafas e datilógrafas.

Nesse período, as mulheres caminhavam a passos curtos para o ingresso em instituições de ensino superior, tendo em vista que as universidades eram majoritariamente frequentadas por homens. A Tabela 2 indica que, dentre aquelas que podiam estar nesse espaço, os cursos escolhidos eram Farmácia e Odontologia, profissões de menor prestígio naquele contexto. Para Besse (1999, p. 128), "a dualidade do sistema educacional brasileiro - no qual o ensino primário normal e profissional era desvinculado da universidade e do ensino secundário preparatório para a universidade – funcionava para manter as hierarquias de gênero, bem como as de classe"[66].

Podemos esperar, então, que as leitoras d'*A Cigarra* eram mulheres paulistanas letradas, as quais eram alfabetizadas informalmente (em casa) ou tinham condições socioeconômicas de

[66] Nesse levantamento, não há informações sobre raça. Contudo, não é difícil supor que a maior parte da população negra que habitava o Estado de São Paulo, por exemplo, não estava incluída nesses números.

frequentar escolas primárias, escolas técnicas (estenografia e datilografia) e profissionais (magistério).

Ademais, as fotografias divulgadas nas publicações, tanto em capas quanto no interior das páginas d'*A Cigarra*, conforme exemplificamos abaixo (Figuras 6), acrescentam-se à discussão sobre a caracterização do público-alvo da revista:

Figura 6 - Capas da revista *A Cigarra* (anos de 1922 e 1930)

Fonte: *A Cigarra*, edições 187 (ano de 1922) e 367 (ano de 1930).

Os exemplos acima, de capas d'*A Cigarra* acima, em dois diferentes momentos (1922 e 1930), se assemelham quanto à (pouca) representatividade da mulher. A imprensa feminina, nessa conjuntura, constrói e reforça a imagem de um grupo de leitoras a partir de um modelo de mulher baseado em um estereótipo – branco e jovem. Segundo Buitoni (1981), ainda que a condição social feminina mude, "a imagem apresentada pela imprensa feminina inclui poucos elementos de inovação" (Buitoni, 1981, p. 133). A autora, além disso, aponta que:

> A mulher branca, sorridente é rótulo e marca de produto chamado imprensa feminina. Verdadeira mulher de papel, que conserva fracos pontos de contato com a realidade. Num país de mestiços, a negra raramente surge em revistas femininas, a não ser como manequim exótico. Do mesmo modo, com toda a colônia japonesa que possuímos, a oriental também não tem vez (Buitoni, 1981, p. 142).

Apesar de a população geral, mulheres e homens, do Estado de São Paulo ser, conforme o recenseamento realizado em 1940[67], declarada branca (84,9%) majoritariamente, como a Tabela 3 abaixo demonstra, podemos afirmar que *A Cigarra* favorece a manutenção de padrões de gênero, raça e classe. A revista exclui, pois, mulheres que não se encaixam num modelo tido como ideal pela sociedade patriarcal. Dessa maneira, embora não seja possível sustentar que *A Cigarra* fosse lida exclusivamente por esse grupo (mulheres brancas, jovens e adultas, de classes socioeconômicas médias e altas), é a partir dele que os textos são construídos.

Tabela 3 - Distribuição da população do Estado de São Paulo de acordo com cor/sexo (1940)

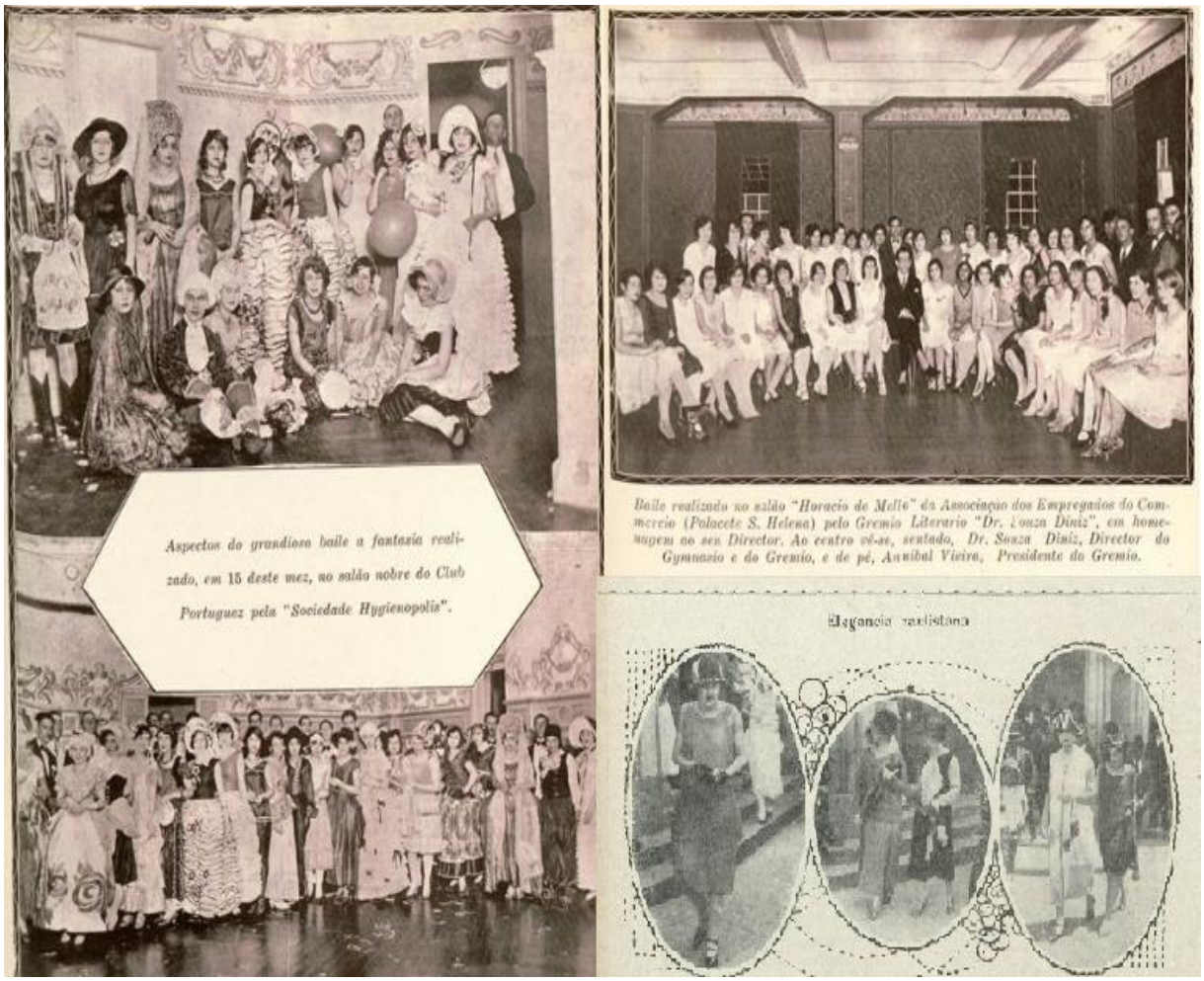
Cor	Homens	Mulheres	Total
Brancos	3.113.725	2.984.137	6.097.862
Pretos	266.252	258.189	524.441
Amarelos	144.631	100.217	214.848
Pardos	173.334	164.480	337.814
De cor não declarada	2.663	2.688	5.351
			7.180.316

Fonte: Adaptada do Recenseamento Geral do Brasil de 1940 (IBGE, 1946).

Outros exemplos reforçam essa perspectiva:

[67] Durante o início do século XX, os censos não incluíram a cor para realizar a coleta de dados.

Figura 7 - Fotografias em *A Cigarra* - bailes (anos de 1925 e 1930)



Fonte: *A Cigarra*, edições 245 (ano de 1925) e 367 (ano de 1930).

No início dos anos novecentos, em São Paulo, novos modelos de sociabilidade e convívio, inspirados nos costumes europeus[68], emergiram em meio à urbanização num processo, nos termos de Rago (2004), de privatização da vida pública. Sevcenko (1992), por exemplo, recupera que a cidade de São Paulo, entre os anos de 1890 e 1930, experienciou um movimento de modernização com a expansão da população[69], da atividade socioeconômica e da urbanização. Campos (2019) indica também que São Paulo, antes um núcleo provinciano,

[68] No período entre 1870 e 1922, o Brasil vivenciou a *Belle Époque*. Sobre esse movimento, Braglia (2010, p. 525) esclarece que "as ideias de progresso, civilização, modernidade e bom-gosto que provinham da Europa, sobretudo de Paris e Londres, marcaram definitivamente as características, a vida e as construções das principais cidades no Brasil. O desejo de se parecer com a Europa se revelou de maneira espantosa no país, influenciando o modo de vida dos brasileiros no começo do século XX". A autora também afirma que São Paulo "evidenciou as mudanças trazidas com as reformas urbanas que abriram espaço para um mundo elegante fascinado com a Europa, mais especificamente com Paris, o centro da moda na época, o lugar mais chique para se copiar" (Braglia, 2010, p. 525).
[69] Segundo os recenseamentos federais, a cidade de São Paulo passa de 64.934 habitantes em 1890 para 1.033.202 habitantes em 1934 (São Paulo, 1940).

passa à condição de região mais dinâmica em termos econômicos após 1890 graças ao impulso agroexportador de café, tornando a capital paulista em uma "metrópole industrial".

Os registros fotográficos incorporados nas páginas d'*A Cigarra*, em geral, revelam um cenário que agradava o público-alvo e que consolidava uma imagem fabricada pela elite daquele tempo. Ambientes requintados e eventos da alta sociedade paulistana, como os ilustrados na Figura 7, eram, muitas vezes, de acordo com Almeida (2015, p. 38), "[...] encarados como a própria realidade do que como uma representação do real". Cruz (2000, p. 142-143) também revela que as imagens anexadas na revista serviam "[...] como verdadeiros álbuns da vida social das elites dominantes, atraindo leitores que compõem seu repertório de personagens e situações e projetando para outras camadas sociais os padrões do viver e pensar do mundanismo internacional".

Os bailes, frequentemente divulgados nas publicações da revista (*cf*. Figura 7), apresentam mulheres, em sua totalidade, brancas em salões luxuosos de São Paulo. Diferente de fases anteriores, as mulheres de elite eram autorizadas a desfrutar de atividades de lazer – teatro, cinema, restaurantes e festas –, embora a vida doméstica (espaço privado) fosse vista como o seu lugar por excelência[70]. Sobre isso, Rago (2004) explica que:

> Nesse momento de intenso desenvolvimento industrial e comercial, o consumo expandia-se e passava a constituir uma importante forma de lazer, em especial para o crescente público feminino. Sobretudo desde o surgimento das fábricas, em São Paulo, aumentava a circulação feminina pelas ruas da cidade [...] para as mulheres das camadas médias e altas, sobre quem pesava um controle social e moral mais rígido, passear pelas ruas comerciais, observar calmamente as vitrines das lojas, fazer pequenas compras na Rua Direita, na 15 de Novembro, ou no 'Mappin Stores' e, em seguida, conversar nas confeitarias elegantes eram práticas recentes que começavam a ser incorporadas na rotina cotidiana (Rago, 2004, p. 393).

De igual modo, evidenciamos o vestuário das mulheres fotografadas, o qual é apontado como "elegante"[71] pela *A Cigarra*. Chamamos a atenção para o fato de que o tipo de vestimenta, à época, tem uma forte relação com classe, tendo em vista que um dos meios de camadas mais abastadas promoverem um distanciamento social entre camadas mais pobres da sociedade era através da aparência (Czrnorski; Meyer, 2016). O periódico reflete, por meio das imagens

[70] Um exemplo é a publicação, em *A Cigarra*, da seção intitulada "Vida doméstica", a qual incluía receitas culinárias e outras dicas relacionadas ao tema.

[71] A elegância, nesse caso, também pode se associar ao acatamento de determinadas condutas e comportamentos sociais pelas mulheres.

veiculadas (*cf*. Figura 7), certo prestígio social – ostentado ou almejado pelo público feminino consumidor da revista. Conforme demonstram Czrnorski e Meyrer (2016):

> As revistas tornaram-se um importante espaço de representação da sociabilidade da época, num momento em que a ascensão de uma classe média e a promoção da vida urbana, contribuía[m] para o surgimento de novos espaços públicos e eventos sociais para atender a demanda desses novos grupos: eventos, recepções, óperas, teatros, dentre outros (Czrnorski; Meyer, 2016, p. 252).

A população mais rica de São Paulo, então, definia novos padrões de hábitos, de comportamentos e de condutas na sociedade, amparados nas noções de civilização e de elegância, numa tentativa de erradicar o popular ou, como pontua Rago (2004), de destruir as diversas tradições culturais populares[72]. Esses padrões eram, em grande parte, acatados pela *A Cigarra*, que documentava e disseminava os estilos de vida burguesa e ignorava ou abafava as práticas sociais de classes mais baixas, fato que pode nos dar pistas, mais uma vez, de que os conteúdos das páginas eram construídos tendo em vista a mulher de elite.

A exposição, muitas vezes por meio de fotografias, de casamentos, conforme a Figura 8, exemplifica os novos padrões de sociabilidade elitizados em que o periódico se baseava:

[72] Importante recuperar o que Rago (2004) verifica no que se refere à segregação espacial e social na cidade de São Paulo no início do século XX. A autora assinala que imigrantes pobres, migrantes e negros, lançados em bairros mais periféricos, tiveram de criar seus modos de vida, sociabilidade e cultura. Ainda assim, eles eram, muitas vezes, proibidos de manifestar suas próprias práticas de lazer.

Figura 8 - Fotografias em *A Cigarra* - casamentos (anos de 1917, 1922 e 1924)

Fonte: *A Cigarra*, edições 64 (ano de 1917), 187 (ano de 1922) e 223 (ano de 1924).

As imagens de casamento eram acompanhadas de pequenos textos, com uma descrição do evento e os nomes dos noivos e dos familiares, geralmente, figuras importantes da época, como coronéis, médicos, comendadores etc. Nesse ponto, é válido apresentar a tabela de Besse (1999)[73] sobre a idade de casamento de mulheres na cidade de São Paulo no início do século XX:

[73] Besse (1999) utiliza os dados disponibilizados nos anuários estatísticos de São Paulo nos anos de 1900, 1910, 1915, 1921 e 1927.

Tabela 4 - Idade de casamento de mulheres na cidade de São Paulo (1901-1937)

	16-20 %	**21-25 %**	**26-30 %**	**31-35 %**	**36 e + %**
1901	55,4	29,3	6,9	3,7	4,7
1910	51,7	32,5	8,5	2,6	4,7
	menos de 20	**20-24**	**25-29**	**30-34**	**35 e +**
1915	36,1	48,7	7,1	3,5	4,6
1921	33,2	45,9	12,5	4,0	4,2
1927	30,8	47,4	12,9	4,1	4,7
1927 urbano	29,2	48,5	13,3	4,6	4,5
1927 suburbano	35,7	43,6	11,3	3,5	5,9
1937	25,1	46,3	17,3	5,5	5,9

Fonte: Adaptada de Besse (1999, p. 60).

De acordo com a tabela acima, o padrão de idade de casamento para mulheres paulistas até 1910 era entre 16 e 20 anos. De 1915 em diante, as mulheres se casavam mais tardiamente se comparado ao momento anterior, com a faixa etária entre 20 e 24 anos. Raras eram as que se casavam após completarem 30 anos. Esses dados trazem à cena a hipótese de que o público-alvo da revista poderia estar na fase mais jovem, com 20 anos ou menos, ou recém-casado, entre 20 e 24 anos, uma vez que as capas (mulheres jovens), as fotografias (bailes e casamentos) e o tipo de conteúdo veiculado (casa, vida doméstica, beleza, relacionamento) poderiam ser mais atrativos para essas faixas etárias.

Com o intuito de investigar a amostra *A Cigarra*, a partir de um córpus composto por cartas, e levantar discussões sociais sobre gênero feminino na mudança do fenômeno variável tu/você (marcas de 2P associadas a 'tu' e marcas de 3P associadas a 'você' na posição sintática de sujeito), levamos em consideração que os resultados desta pesquisa devem ser lidos tendo em vista que *A Cigarra*, conforme demonstramos nesta subseção, representa apenas um tipo de mulher – de classe alta e intermediária, letrada, jovem/adulta e branca, situada no Estado de São Paulo. É a partir, portanto, dessa condição que os dados são interpretados e comparados a outra(s) amostra(s) – a um grupo controle.

4.3 Recurso metodológico de comparação entre córpus: a criação de um grupo controle

O grupo controle desta pesquisa, no qual nos será possível sustentar a discussão em relação aos resultados alcançados em *A Cigarra*, é formado por dois córpus: as cartas publicadas na *Revista da Semana* (RJ) e no jornal *Correio Paulistano* (SP). Enquanto a primeira amostra pode ser considerada, dentro de um *continuum*, de publicação [+feminina ↔ -

masculina], a segunda pode ser lida como [+ masculina, -feminina], conforme sustentamos à frente.

A construção de um grupo controle pode ser produtiva para verificação da relação de semelhança e de diferença na comparação com os dados do córpus *A Cigarra* (publicação feminina). Assim, exploramos, nas subseções seguintes (4.3.1 e 4.3.2), as especificidades de cada amostra.

4.3.1 *Revista da Semana*: grupo controle de publicação [+feminina ↔ - masculina]

A *Revista da Semana* é uma revista considerada de variedades, de publicação semanal, fundada no ano de 1900 no Rio de Janeiro, distrito federal à época[74]. Idealizada por Álvaro de Teffé, a revista passa, no ano de 1915, a pertencer a Carlos Malheiro Dias, Aureliano Machado e Artur Brandão. Com a mudança editorial, o periódico, antes voltado a um público diversificado de classe média, dirige-se com mais ênfase às mulheres. Casadei (2017, p. 1) reforça que essa orientação "[...] começa a aparecer nos aspectos composicionais de suas capas. Das 42 capas publicadas em 1914, 74% delas continham mulheres, em contraste com a marcante presença masculina dos anos anteriores".

Apresentamos, na sequência, exemplos de capas de figuras femininas em diferentes edições da *Revista da Semana*:

[74] Vale salientar que a cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, é mais populosa do que a de São Paulo. Em 1920, por exemplo, a população do Rio de Janeiro era de 1.157.873, enquanto a de São Paulo era de 580.000 aproximadamente (Rio de Janeiro, 1926).

Figura 9 - Capas da *Revista da Semana* (anos de 1915, 1921, 1927 e 1932)

Fonte: *Revista da Semana*, edições 49 (ano de 1915), 9 (ano de 1921), 26 (ano de 1927) e 14 (ano de 1932).

As capas, como é possível observar na Figura 9, seguem um padrão de mulher bem definido – branca, com semblante feliz, maquiagem, vestidos, chapéus e outros acessórios (brincos, pulseiras, colares, sapato de salto etc.), o que parece indicar uma representação de uma mulher idealizada pelo periódico, similar ao contexto da revista *A Cigarra*[75], preocupada com penteados, vestimentas e adornos para se definir como "distinta, elegante e *chic*" (Czrnorski; Meyrer, 2016, p. 270).

Nesse caso, Casadei (2017) pontua que:

> Há, na *Revista da Semana* nesse período, certo modelo de mulher engendrado – ligado a um ideal imaginado de sociedade e de seus modos de funcionamento, em uma hierarquização de valores sociais, regras e normas e, fundamentalmente, de afetos que garantem a adesão imaginária a essas normas. Tais elementos podem ser correlacionados a valores de consumo que não estão postos na comercialização de produtos específicos, mas sim na venda de modos de vida validados, [...] (Casadei, 2017, p. 2).

A *Revista da Semana* inclui, além de capas de figuras femininas, diversas seções produzidas ou destinadas às mulheres. É o caso de "Chronica da Moda", dirigida por Jocelyne, "Consultório da Mulher", por Selda Potocka, e "Cartas de Mulher", por Iracema. Ainda que sejam seções assinadas por pseudônimos femininos, destacamos que alguns redatores masculinos se valiam de nomes femininos na escrita de textos para a revista. Sobre isso, Czrnorski e Meyrer (2016) verificam que, no início do século XX, "[...] era comum usar pseudônimos entre os colaboradores das revistas, sendo que é sabido que alguns redatores masculinos assinavam artigos com pseudônimo feminino, contribuindo para reforçar determinados estereótipos sobre as mulheres" (Czrnorski; Meyrer, 2016, p. 256).

Cabe assinalar que muitas das seções voltadas a um público feminino e inseridas na revista ligam-se à "literatura de aconselhamento" (Casadei, 2017), com temas que envolvem conselhos (médicos, sentimentais e de beleza, por exemplo) e sugestões de comportamento e conduta, cujo tom era disciplinador e conservador. A moda também era bastante presente em colunas – como a seção "Jornal das Famílias", uma das mais longas da revista, que evidenciava a sociabilidade de mulheres da elite carioca, em geral, mulheres escolarizadas, as quais de acordo com Czrnorski e Meyrer (2016, p. 255), "apreciavam a leitura como forma de instrução das novidades sobre moda e vestuários do seu tempo". A seção "Jornal das Famílias" contava

[75] Embora publicada no Rio de Janeiro, a *Revista da Semana* compreende um perfil de público consumidor feminino nos moldes d'*A Cigarra*. O valor do exemplar avulso, inclusive, é bastante similar entre as duas revistas. No caso da *Revista da Semana*, a primeira edição custava "300 réis", já no ano de 1915, "400 réis". Em 1932, o preço de um exemplar avulso chegou a "1$500 réis".

com textos diversos, além dos relacionados à moda, com conselhos sobre vida cotidiana, lar e beleza, comportamento e valores sociais, higiene e saúde direcionados ao público feminino.

Anúncios também circulavam nas páginas da revista, em muitos casos, trazendo ilustrações de mulheres, como a Figura 10 evidencia:

Figura 10 - Anúncio publicado na *Revista da Semana* (ano de 1921)

Fonte: *Revista da Semana*, edição 1 (ano de 1921).

O anúncio em foco é sobre beleza, em que o uso de um creme é prescrito para melhora da aparência das mulheres. A aparência feminina, do ponto de vista patriarcal daquele período, era uma das preocupações que envolvia o gênero feminino e a classe social. Em outras palavras, o cuidado com a beleza, associado à higiene, era um dos aspectos que definiam a construção da imagem da mulher de classe mais alta.

À vista disso, a *Revista da Semana* era um veículo que (i) representava a burguesia carioca, (ii) promovia a vida urbana e (iii) valorizava um modelo de vida da população, sobretudo das mulheres mais ricas da sociedade. Destacamos que, similar à cidade de São Paulo, a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX passava por um processo de modernização e urbanização na busca pela civilização e pelo progresso, nos moldes da *Belle Époque*, por parte da elite carioca.

Para Czrnorski e Meyrer (2016, p. 250), esse processo "não se baseava somente no remodelamento das cidades, mas também na ordenação das condutas sociais tanto das classes mais abastadas como das mais humildes, pois a modernidade, para as elites governantes, era sinônimo de progresso". Modernizar a cidade era, como afirma Nascimento (2017, p. 14),

"expulsar os indesejados, aqueles que não eram bem-vistos na região", de forma que "as culturas ibéricas, negras e ameríndias eram vistas como algo menor, elementos que não estava[m] ligado[s] a este projeto modernizador".

Nesse sentido, em diálogo com Casadei (2017), entendemos que a revista estava em consonância com o processo modernizador da cidade e:

> [...] criava diferenciações a partir de uma espécie de manual de boas maneiras, que indicava quais eram as leituras adequadas, quais conhecimentos de mundo dever-se-ia ter, quais as vivências necessárias, os hábitos mais saudáveis, os modelos de educação, entre outros aspectos do comportamento social (Casadei, 2017, p. 4).

Pelas razões apresentadas, consideramos essa amostra como [+feminina ↔ - masculina] e interpretamos, como Casadei (2017, p. 1), que, "embora fosse uma revista para o público geral e muitos homens ainda consumissem a *Revista da Semana* (com textos destinados a eles), passou-se para o direcionamento editorial de uma revista com um forte consumo feminino".

As cartas coletadas nesta pesquisa, publicadas em diferentes seções na *Revista da Semana*, são exemplificadas abaixo:

(16) Meu caro chronista: Porque não inicia você um concurso interessantíssimo nas columnas dessa folha? Seria curioso recolher os votos das leitoras da *Revista da Semana* e saber qual o velho mais moço de toda a luzida geração dos nossos elegantes de quasi ou mais de 50 annos… Sim: qual o que mais zomba dos annos que possue e permanece mais joven, alegre, feliz, fazendo inveja aos moços de menos de 50? [...]. Que acha da minha ideia? – X (*Revista da Semana*, outubro de 1915).

(17) Minha Fascinada: Como tua carta me faz triste, Elena, como tua carta entristece esta tua amiga habituada a decifrar, no que lhe dizem, tudo quanto não lhe ousariam dizer... Viste a felicidade, trazes ainda nos olhos encantados a fugidia visão da ultima fada? Que covardia essa que, num repente, se apossou de ti e fecha á verdade teus olhos lindos? Porque me queres illudir a mim como te buscas illudir a ti? Tu sabes que não viste tua felicidade. Não se vê o inexistente... [...] De ti guardo apenas vaga lembrança de uma desconhecida, a recordação do que me ensinou de bello e bom a futilidade jovial de tua alma cançada, por minutos, de ser jovial e de ser futil. [...]. Digo-te adeus sem tristeza, sem saudade, sem decepção. Tua vinda não me trouxe contemplamento (gosto de estar só); tua partida não me deixa magua; nada nunca me illude. Hoje que partes, digo-te adeus indifferentemente, como te acolhi quando chegaste. Zilda (*Revista da Semana*, março de 1925).

Como podemos visualizar no excerto (16), a pessoa que escreve para o periódico faz uma sugestão – recolher votos de leitoras para saber a opinião sobre o "velho mais moço" daquela sociedade. Concursos direcionados ao público feminino eram bastante comuns em revistas da época, a exemplo da *Revista da Semana*, semelhante ao que acontece na revista *A Cigarra* (*cf*. subseção 4.2). Também é possível verificar a publicação de cartas com distintos referentes e remetentes (trecho 17) e temas diversificados.

À frente, trazemos para a discussão aspectos em relação à amostra que compõe o nosso grupo controle de publicação [+masculina ↔ - feminina], o jornal *Correio Paulistano*.

4.3.2 *Correio Paulistano*: grupo controle de publicação [+masculina ↔ - feminina]

O *Correio Paulistano*, amostra que constitui parte de nosso grupo controle, é um dos maiores jornais da imprensa brasileira entre a passagem dos séculos XIX e XX. Lançado no ano de 1854[76], por Joaquim Roberto de Azevedo Marques, com colaborações de diversas figuras masculinas, é, de acordo com Thalassa (2007), o primeiro a circular diariamente em São Paulo num contexto sócio-histórico de altas taxas de analfabetismo (*cf*. subseção 3.2)[77].

Entre os marcos de pioneirismos do *Correio Paulistano*, destacamos:

> À época de sua fundação, ele foi o primeiro jornal independente não atrelado a um partido político[78] ou a uma escola literária; o primeiro a ser publicado diariamente em São Paulo e por longo período de tempo; o primeiro a ser impresso em máquina de aço [...]; o primeiro que montou oficinas a vapor; o primeiro que saiu às segundas-feiras; o primeiro a ser impresso numa máquina rotativa e o primeiro a sair em grande formato. Foi ainda o primeiro jornal matutino a estampar clichês e a contratar fotógrafos para seu corpo de redação, [...]. Foi o segundo a usar linotipos e o terceiro a completar um centenário em plena circulação no Brasil (Thalassa, 2007, p. 2)

A Figura 11, a seguir, exemplifica a composição do *Correio Paulistano*:

[76] O *Correio Paulistano* é conhecido por ser um dos jornais de longa circulação, com 109 anos de existência (1854-1963).
[77] Capelato (1988) revela que, entre os séculos XIX ao XX, a barreira do analfabetismo era contornada pela prática comum de leitura de jornais em voz alta em diversos ambientes.
[78] Thalassa (2007), entretanto, sinaliza que a premissa de ser um jornal apartidário teria durado não mais que duas décadas, tendo em vista que o *Correio Paulistano* foi adquirido por um grupo de republicanos em 1870.

Figura 11 - Primeiras páginas jornal *Correio Paulistano* (anos de 1915 e 1930)

Fonte: *Correio Paulistano*, edições 18484 (ano de 1915) e 23750 (ano de 1930).

A imprensa geral, como o jornal *Correio Paulistano*, prioriza a atualização dos conteúdos publicados. Em outras palavras, volta-se para a notícia objetiva com vistas à comunicação rápida de informações atuais aos leitores. Assim, enquanto revistas, afirma Scalzo (2016, p. 14), "une[m] e funde[m] entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos", os jornais, por outro lado, "nascem com a marca explícita da política, do engajamento claramente definido". Talvez em razão desses aspectos, a configuração desse tipo de periódico diário, diferentemente de revistas, inclui grande quantidade de textos e poucas imagens (ilustrações e fotografias).

As primeiras páginas do *Correio Paulistano* (*cf*. Figura 11) confirmam que, para consumir o jornal, o público deveria ter um bom domínio de leitura e escrita, na medida em que

grande parte de suas páginas é formada por textos – voltados a temas como guerra e política. O periódico era orientado, segundo Faggion e Souza (2019), aos interesses burgueses. Nossa hipótese, pois, é de que o jornal se dirigia a um seleto grupo letrado, formado por homens (brancos) e ocupava, nessa perspectiva, um lugar de prestígio na sociedade paulistana.

Salientamos, nesse sentido, que não havia imprensa masculina segmentada no período em análise nesta pesquisa (1915-1932)[79]. Ao passo que há a construção de uma imprensa dirigida à mulher desde os anos de 1800 (*cf*. subseção 3.2.2), para Buitoni (1990, p. 7-8):

> Na imprensa em geral, tal distinção de público não aconteceu no passado. Embora lidos predominantemente por homens – os únicos letrados que lhe tinham acesso – os jornais eram destinados a pessoas de ambos os sexos. Não existia uma imprensa masculina [...]. Enquanto a imprensa feminina teve em vista desde logo a mulher, a imprensa masculina, dirigida ao homem, só veio constituir-se bem, em função da segmentação do mercado.

Interpretamos, desse modo, em nossas análises dos dados, a publicação do jornal *Correio Paulistano* como [+masculina ↔ -feminina], tendo em vista que há um maior direcionamento do texto à opinião de homens em jornais do século XIX e início do século XX (Clempi, 2019). Tal como Mira (2001, p. 43), compreendemos que "a revista é a mídia mais feminina que existe. Tanto quanto o jornal é masculino".

A Figura 12, à frente, é um exemplo disso, na medida em que é possível observar que o anúncio de um tônico (dos nervos, do cérebro, dos músculos e do coração, conforme o texto escrito) acompanha um homem com as palavras "força", "saúde" e "vigor", o que deixa entrever que essas seriam qualidades masculinas e que se trata de um produto destinado ao consumo de homens:

[79] Scalzo (2016) indica o surgimento de revistas masculinas nos anos de 1960. Vale salientar que esse tipo de revista também serve para manutenção das normas de gênero favoráveis aos homens, uma vez que publica conteúdos normalizados como masculinos (esporte, veículos automotivos e, além disso, erotismo).

Figura 12 - Anúncio publicado no jornal *Correio Paulistano* (ano de 1920)

Fonte: *Correio Paulistano*, edição 20295 (ano de 1920).

Os excertos das cartas, retirados do córpus do *Correio Paulistano*, ilustram a questão:

(18) O trato diario e persistente com as mulheres traz aos homens - os mais analystas, está claro - uma desconfiança excessiva em literatura: percebe-se nellas, mesmo nas que o vulgo chama de prendadas, a falta das duzentas grammas de massa encephalica. Não vai nisso, minha amiga, e você mais que todos o sabe, malsinação ao espirito das mulheres ou mesmo prazerzinho tolo de rebaixal-as: noto apenas essa falha que, no nivel intellectual, as põe em doloroso cotejo com o homem, tanto assim que eu me habituei, de ha muito, a considerar a mulher como um ente á parte, ao qual não se póde e não se deve pedir idéas em literatura [...] (*Correio Paulistano*, maio de 1917).

(19) Si você, depois, quizer detalhes sobre a doutrina e processos dessa grey, poderei, com documentação farta, evidenciar a absoluta verdade do que allego. Deante de taes attitudes, comprehendo que, por obra de patroticas devoções civicas, o Brasil entra numa phase de disciplina rigorosa e reconstrucção nacional, [...]. Após 7 annos de pesquisas, é tempo de se entrar numa phase de reconstrucção sadia e fecunda. É o que eu queria explicar a v., meu amigo e confrade, para apaziguar seu pobre espirito justamente perplexo e atormentado (*Correio Paulistano*, maio de 1929).

Em linhas gerais, temos em (18) a opinião masculina (patriarcal) sobre as mulheres, em que o escrevente as coloca numa posição intelectual inferior aos homens por meio de um discurso pautado na biologia, mas que, sabemos, refere-se a um posicionamento social e cultural. Segundo a carta, às mulheres faltariam "duzentas grammas de massa encephalica", o que justificaria, na visão do escrevente, a não inclusão feminina em espaços literários. Cartas como o exemplo do trecho (19) aparecem nesse veículo de comunicação, abordando questões políticas e econômicas.

O jornal, nesse contexto, reforça desigualdades de gênero e deixa implícito, por se dirigir mais comumente a homens, quais conteúdos não são adequados à leitura de mulheres (*cf*. subseção 3.2.1). Nessa orientação, assumimos, como Faggion e Souza (2019), que:

> [...] a 'voz' da imprensa acessa a cultura cotidiana e que, ao transcrever acontecimentos e expressar opiniões de grupos específicos**, escolhe o que é dito e o que não vale o registro,** de tal forma que **seleciona, por aproximação ideológica, os discursos a serem distribuídos e expostos à comunidade** (Faggion; Souza, 2019, p. 65, grifos nossos).

Os procedimentos metodológicos adotados para delimitar os córpus desta tese são detalhados na próxima subseção.

4.4 Procedimentos para a construção dos córpus

Na análise de fenômenos de mudança linguística, a Linguística de Córpus (Sardinha, 2000) vem sendo eleita como uma saída metodológica para estudos sociolinguísticos históricos, que lidam com textos escritos do passado, muitas vezes, escassos e fragmentados (*cf*. subseção 2.3). Nas palavras de Conde-Silvestre e Hernández-Campoy (2012):

> Ao permitir aos pesquisadores lidarem simultaneamente com quase todos os textos que sobreviveram de um dado período, a Linguística de Córpus resolve em parte a natureza fragmentária do material histórico, garante que a variabilidade em estágios passados possa ser reconstruída de forma confiável e facilita a seleção das variáveis que são dignas de análise (Conde-Silvestre; Hernández-Campoy, 2012, p. 3, tradução nossa[80]).

Para elaboração e construção dos córpus desta pesquisa, valemo-nos dos pressupostos da Linguística de Córpus (Sardinha, 2000). Conforme destaca Sardinha (2000), um córpus é um conjunto de dados linguísticos sistematizado de acordo com critérios bem definidos em que aspectos como autenticidade, especificidade, adequação, representatividade e extensão estão envolvidos.

Nossos córpus são compostos por textos escritos no início do século XX (1915-1932) e correspondem a cartas publicadas em três meios impressos de comunicação – *A Cigarra*, *Revista da Semana* (grupo controle) e *Correio Paulistano* (grupo controle). Trata-se, portanto,

[80] "*By allowing researchers to deal simultaneously with almost all the texts that have survived from a given period, corpus linguistics partly solves the fragmentary nature of historical material, ensures that variability in past stages can reliably be reconstructed, and facilitates the selection of the variables that are worthy of analysis*" (Conde-Silvestre; Hernández-Campoy 2012, p. 3).

de córpus autênticos, na medida em que representam a língua em uso na modalidade escrita num determinado recorte temporal.

Além disso, os textos selecionados são representativos, levando em consideração que a representatividade está associada ao caráter probabilístico da língua e, nesse caso, "há a possibilidade de estabelecer uma relação entre traços que são mais comuns e menos comuns em determinado contexto" (Sardinha, 2000, p. 343). Ao lidarmos com cartas, assumimos que esse é um contexto de escrita favorável ao aparecimento do fenômeno variável em análise (marcas de 2P associadas a 'tu' e marcas de 3P associadas a 'você' na posição sintática de sujeito) devido a uma das características intrínsecas do gênero textual em questão ser a localização de um "eu" e de um "outro" (o interlocutor) no discurso.

A seleção de córpus que permita apreender a interação entre os escreventes é, no caso deste trabalho, primordial, considerando que a variação de estratégias de referência a um interlocutor (destinatário) tende a aparecer nessas circunstâncias linguísticas. Nesse sentido, podemos afirmar que os córpus atendem a uma especificidade de pesquisa e são adequados aos objetivos propostos.

No que toca à extensão, adotamos o procedimento de contagem de textos e de número de palavras. Nossos córpus são formados por 432 cartas publicadas em *A Cigarra* e por 432 cartas publicadas no grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*). No total, foram coletadas 864 cartas, distribuídas do seguinte modo:

Quadro 2 - Extensão dos córpus

A CIGARRA	**GRUPO CONTROLE**
432 cartas 62.050 palavras	432 cartas 88.172 palavras ↓ ***REVISTA DA SEMANA*** 216 cartas 43.457 palavras ***CORREIO PAULISTANO*** 216 cartas 44.625 palavras

Fonte: Própria.

É importante ressaltar que as amostras utilizadas são de domínio público, de modo que a disponibilização e a preservação são de responsabilidade dos repositórios acessados, especificamente do Arquivo Público do Estado de São Paulo e da Biblioteca Nacional Digital[81]. Destacamos que plataformas de arquivos digitais, como as mencionadas, possibilitam a conservação de fontes impressas e, consequentemente, o fácil acesso ao material histórico disponível, trazendo uma contribuição significativa para a construção de um patrimônio público e para a feitura de estudos diversos, com destaque, aqui, a pesquisas sociolinguísticas históricas[82].

Nossos critérios no que se refere à seleção de cartas para compor cada córpus estão sintetizados no quadro a seguir[83]:

[81] As edições das amostras utilizadas nesta pesquisa estão digitalizadas, de maneira que a digitação do conteúdo das cartas selecionadas foi realizada manualmente.

[82] Contudo, é preciso considerar que arquivos e bibliotecas digitais não se constituem como córpus, já que um córpus requer um desenho explícito e objetivos específicos para a sua organização, como apontado por Sardinha (2000).

[83] Em asterisco, inserimos informações concernentes, principalmente, às dificuldades encontradas na seleção de cartas.

Quadro 3 - Critérios de seleção de cartas para construção dos córpus

CÓRPUS	PUBLICAÇÃO	CRITÉRIOS
A CIGARRA	Quinzenal	OBJETIVO: Coleta de 24 cartas ao ano, sendo 2 cartas em cada mês do ano, a exemplo de Clempi (2019). Quando não havia carta(s) disponível(is) em determinados meses, coletamos a(s) do(s) mês(es) seguinte(s). A coleta foi realizada a partir das seções: "Os concursos d*'A Cigarra*", "Na berlinda" e "Collaboração das leitoras", sendo o maior número de cartas extraído da última seção mencionada. *Grande número de edições e de cartas disponíveis.
GRUPO CONTROLE *REVISTA DA SEMANA*	Semanal	OBJETIVO: Coleta de 12 cartas por ano, sendo 1 carta para cada mês do ano. Quando não havia carta(s) disponível(is) em determinados meses, coletamos a(s) do(s) mês(es) seguinte(s). Não há uma seção específica de cartas. A coleta foi realizada a partir do mecanismo de buscas de palavras no site da Biblioteca Nacional Digital. A busca se deu por palavras-chave, como "carta", "leitor" e "redactor" (sic). * Não há digitalização de edições para acesso entre os anos 1918 e 1920 no momento da coleta. * Há poucas cartas disponíveis, no momento da coleta, entre os anos 1924 e 1932.
GRUPO CONTROLE *CORREIO PAULISTANO*	Diária	OBJETIVO: Coleta de 12 cartas por ano, sendo 1 carta para cada mês do ano. Quando não havia carta(s) disponível(is) em determinados meses, coletamos a(s) do(s) mês(es) seguinte(s). Não há seção de cartas. A coleta foi realizada a partir do mecanismo de buscas de palavras no site da Biblioteca Nacional Digital. A busca se deu por palavras-chave, como "carta", "leitor" e "redactor" (sic). * As edições, no momento da coleta, vão até o mês de outubro de 1930.

Fonte: Própria.

De início, a fim de totalizar o número final de cartas que compõem os córpus, nosso objetivo era o de selecionar 24 cartas por ano publicadas em *A Cigarra* e 12 cartas por ano publicadas em cada grupo controle em análise (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*). Aos estudos sociolinguísticos históricos, como este, compete o desafio de lidar com o material acessível, muitas vezes limitado. Como é possível verificar no quadro acima, algumas

dificuldades em seguir rigorosamente os critérios em todas as amostras surgiram[84], uma vez que trabalhamos com textos pretéritos, publicados em diferentes hipergêneros e com variadas condições de publicação. Ademais, contamos com a disponibilidade de edições digitalizadas e legíveis.

Algumas adaptações, por esse motivo, foram necessárias. Em relação à *Revista da Semana*, fizemos um levantamento geral e optamos por coletar o maior número de cartas entre os anos de 1915 e 1918 e de 1921 a 1923, além de selecionar todas as cartas encontradas entre os anos de 1924 e 1932, dado o baixo número de textos para compor esse córpus. Já para o jornal *Correio Paulistano*, a solução foi a de reunir, nos dois anos anteriores ao fim do jornal (1928 e 1929), 24 cartas para cada ano.

Vale mencionar, para concluir, que a coleta de dados das amostras controle (cartas do *Correio Paulistano* e da *Revista da Semana)* foi realizada pelo mecanismo de busca disponível na Biblioteca Nacional Digital, haja vista que não há seções específicas de cartas, diferentemente do que acontece com *A Cigarra*. Embora nem sempre essa busca seja eficaz para colher a palavra por nós indicada devido à qualidade de digitalização, consideramos esse o método mais eficaz na busca pelo fenômeno no gênero textual delimitado no estudo.

Na sequência, apresentamos detalhadamente nossas variáveis (resposta e previsoras) em que a análise dos dados do córpus *A Cigarra* em comparação ao grupo controle se baseará para acomodar a discussão sociolinguística de gênero feminino.

4.5 Variáveis controladas

Com o fundamento da metodologia sociolinguística, nas subseções que seguem (4.5.1 e 4.5.2), sinalizamos e exemplificamos quais são a variável resposta e as variáveis previsoras, além de evidenciarmos as hipóteses construídas para cada uma delas.

4.5.1 Variável resposta

Os estudos inaugurados por Labov (2016 [1972]), ao se valerem de fenômenos fonológicos, passam a identificar uma regra variável como aquela em que duas ou mais formas intercambiáveis apresentam equivalência semântica no mesmo contexto comunicativo. Essa definição, contudo, não acomoda fenômenos em níveis mais altos de análises linguísticas. Lavandera (1978) é quem problematiza a questão e indica que, em casos de fenômenos não fonológicos, a regra variável deve ser revista por meio da noção de comparabilidade funcional

[84] As dificuldades surgiram nas amostras que compõem o grupo controle.

– isto é, a regra variável se aplica quando duas ou mais estruturas linguísticas são usadas com uma mesma função no mesmo contexto comunicativo.

Nessa lógica, "[...] dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade" (Labov, 1978, p. 2, tradução nossa[85]). Em outras palavras, a variável dependente (resposta) constitui-se, como prevê Labov (2016 [1972]), de duas ou mais variantes, ou seja, de duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa num mesmo contexto de uso ou, ainda, de acordo com Lavandera (1978), de diferentes formas que se equivalem funcionalmente.

Nossa variável resposta compreende às marcas de 2P associadas a 'tu' e às marcas de 3P associadas a 'você' na posição sintática de sujeito[86]. Temos interesse, mais especificamente, em relacionar a mudança linguística às questões sociais de gênero feminino. Trazemos, abaixo, exemplos das variantes linguísticas em análise[87].

(i) Marcas de 2P associadas a 'tu' na posição sintática de sujeito

(20) Obrigada, Filhinha. Sensibilisou-me immenso a tua prova sincera de solidariedade. [...]. Encontrei afinal uma alma que comprehenda a minha. Só **tu** poderás avaliar a verdade das minhas palavras, porque a tua dôr, que eu reconheço no deslise da tua penna nada mais é que a imagem da minha reflectida no crystal puro da tua sinceridade [...] (*A Cigarra*, junho de 1917).

(21) [...] Cartas, letras, palavras, interpretação de acontecimentos e emoções, de causas e effeitos, de tudo, emfim... [...]. Deshumanização... Não **calculas** o que significa isso para o humano! Sinto, penso, e é assim como si ha muitos, muitos annos, no tempo das fadas, a travessura de uma fada me houvesse transformado de arvore, ave ou alga neste enigma limitado e medroso - um ser humano [...] (*Revista da Semana*, junho de 1926).

(22) [...] não deves ser **tu**, um politico activo e representante da nação, com responsabilidades directas no desenvolvimento da vida republicana, quem se retire da direcção de um jornal, que é um patrimonio nacional, portador de gloriosas tradições e cheio de serviços ao regimen e á patria [...] (*Correio Paulistano*, julho de 1915).

(ii) Marcas de 3P associadas a 'você' na posição sintática de sujeito

(23) **Você** deve ser jovem e chego a duvidas da sua sinceridade. Se ainda ha mulher que não procuram "divertir-se á grande", é porque não o podem fazer, ou faltou-lhes opportunidade, até agora. E não creio absolutamente que tenham mais alma que as outras. Sejamos amigos, pois a diversidade dos pontos de vista, não impede a amizade. Aqui fica - "M.S.A." (*A Cigarra*, novembro de 1926).

[85] "[...] *two utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value*" (Labov, 1978, p. 2).
[86] Consideramos como "marcas" tanto a forma pronominal quanto o traço morfológico de pessoa do verbo.
[87] Além das formas 'você' e 'tu' estarem destacadas em negrito, sublinhamos a forma verbal que as acompanha. Em casos de sujeito nulo, o verbo que carrega o traço morfológico de pessoa do discurso está negritado e sublinhado. Também padronizamos, nesta subseção, a disposição dos exemplos por ordem dos córpus – (i) *A Cigarra*; (ii) *Revista da Semana* (grupo controle de publicação [+feminina ↔ - masculina]); (iii) *Correio Paulistano* (grupo controle de publicação [+masculina ↔ -feminina]) – sem obedecer a uma ordem cronológica.

(24) [...]. **Calcule** que uma manhã (tinha apenas acabado de ler o seu artigo) fui levada, graças a um acontecimento, a constatar quanto representava o ente egoista descripto pela senhora [...]. (*Revista da Semana*, dezembro de 1932).

(25) Si **você**, depois, quizer detalhes sobre a doutrina e processos dessa grey, poderei, com documentação farta, evidenciar a absoluta verdade do que allego. Deante de taes attitudes, comprehendo que, por obra de patroticas devoções civicas, o Brasil entra numa phase de disciplina rigorosa e reconstrucção nacional, [...]. Após 7 annos de pesquisas, é tempo de se entrar numa phase de reconstrucção sadia e fecunda [...] (*Correio Paulistano*, maio de 1929).

A análise dos dados, desse modo, é feita com base no controle de nossas variáveis previsoras (*cf*. subseção 4.5.2) em interação com nossa variável resposta e, concomitantemente, na comparação entre os córpus.

4.5.2 Variáveis previsoras

Em casos de variação e de mudança linguísticas, como tratado anteriormente (*cf*. subseção 2.2), tanto fatores externos quanto internos estão inter-relacionados e agem em simultaneidade no sistema no sentido de inibir e/ou favorecer determinada variante, tal como Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) postulam. Para um estudo sociolinguístico, faz-se necessária a análise de variáveis previsoras (linguísticas e sociais) que possam atuar sobre o fenômeno variável e condicionar, pois, o uso de uma ou de outra forma alternante.

Apresentamos, à frente, descrição e hipóteses para cada uma das variáveis previsoras aqui selecionadas[88]:

(1) *Tipo de sujeito*

A implementação da variante ‘você’ (ou das marcas de 3P associadas a ‘você’) na posição sintática de sujeito, conforme apontam estudos diversos (Rumeu, 2008; Pereira, 2012; Barcia, 2006 e outros), é favorecida com o preenchimento do sujeito (sujeito pleno), ao passo que a variante ‘tu’ (ou as marcas de 2P associadas a ‘tu’) na mesma posição sintática persiste, na fatia temporal em análise, em contextos em que não há preenchimento do sujeito (sujeito nulo).

Essa tendência acontece porque o português brasileiro modifica, na passagem dos séculos XIX e XX, seu parâmetro – passa de uma língua *pro-drop* a uma língua em que o sujeito

[88] Nesta subseção, selecionamos, de modo aleatório, dois exemplos para cada nível, levando em consideração as duas variantes. Para seguir uma padronização, ordenamos os trechos contemplando, num primeiro momento, as marcas de 2P associadas a ‘tu’ e, na sequência, as marcas de 3P associadas a ‘você’. Não há necessariamente uma organização temporal ou de córpus. Outra decisão foi a de priorizar, mas não limitar, os exemplos dos níveis ao córpus *A Cigarra*, de modo que também trechos do grupo controle são usados aqui para fins de exemplificação.

tende a aparecer, como indica Duarte (1995). Na mesma linha de raciocínio, Faraco (2017 [1996]) indica que uma das repercussões gramaticais produzidas a partir da entrada de 'você', advinda de 'Vossa Mercê', no quadro pronominal configura-se em "rearranjos na estrutura sintática, com uma forte tendência de o pronome nominativo ocorrer obrigatoriamente" (Faraco, 2017 [1996], p. 122) (*cf*. subseção 2.4).

Nosso objetivo é investigar se, no córpus *A Cigarra*, sensível às questões de gênero feminino, esse movimento de mudança pode ser comprovado (em comparação, recordamos, com o grupo controle).

Os exemplos a seguir ilustram os níveis (sujeito nulo e sujeito pleno) controlados:

(1a) NULO

(26) **Sabes** o que é sonhar acordada? É um meio de silencio da alcova, onde nos isolamos para pensar em alguem - escondendo a fronte entre as mãos, entregarmo-nos aos vôos do pensamento. É termos perto de nós o ente querido, embora ausente, e em sua doce companhia percorrer toda a escola da felicidade, [...] (*A Cigarra*, novembro de 1916).

(27) Boa ou má Fernanda, **fique** sabendo que o meu coração é quem dita os meus actos e procuro todos os modos fazer sempre o bem; logo, era impossivel que até agora estivesse enganando as gentis leitoras. Não enganei, e nunca farei isso. O meu modo de pensar é o mesmo. Continuarei a escrever sob este titulo, mas sempre contra os exaggeros da moda, contra os bailes que podem ser perigosos, contra o errado proceder de "algumas" jovens, e a favor do bello proceder da maioria dellas (*A Cigarra*, março de 1927).

(1b) PLENO

(28) Pensam que estou louca, meu amigo. Louca?!... Que imbecis! Imagina **tu** que pensariam si soubessem que ha muito tempo, observando-lhes a vida, a maneira automatica por que andam, agem, comem, dormem, dansam, [...]. Escrever-te-ei, dentro em pouco, dizendo qual o resultado de minha meditação. A ti, que palpita? Terei sido alga, ave ou arvore, meu amigo? Raitha (*Revista da Semana*, junho de 1926).

(29) Sou de facto muito animada. Diz **você** que se sentiu lisonjeada com a leitura de minha cartinha, pois, confessando-me ao Alcebiades, usei das mesmas expressões que **você** empregou numa carta dirigida ao poeta Guilherme de Almeida. Rita, ao lêr este paragrapho incompleto, senti, juro, um pudor inocente ruborejar-me as faces. Nunca li semelhante escripto n'<*A Cigarra*> e nem tampouco leitora alguma empregou nos seus artigos anteriores expressões semlhantes ás minhas. [...]. . Nós não imitamos; ignorava, como todas collegas leitoras, esse teu escripto. Concluo então que os espiritos de Rita e Genial Creadora são irmãos nas idéas, nas aspirações e nos pensamentos - Genial Creadora (*A Cigarra*, março de 1922).

(2) *Contexto verbal*

Estudos, como os de Rumeu (2008) e Lopes *et al.* (2018), apontam que a implementação da variante 'você' no português brasileiro não se deu de igual modo nos mesmos contextos funcionais (*cf*. subseções 2.4 e 2.4.1). Nosso objetivo é testar a hipótese, comprovada nesses estudos, de que, na posição sintática de sujeito, contextos verbais imperativos favorecem o uso de marcas de 3P relacionadas a 'você' e de que contextos verbais não imperativos, por outro lado, condicionem o uso de marcas de 2P relacionadas a 'tu'[89].

Além disso, pretendemos identificar se essa variável se relaciona, de alguma forma, com a configuração das cartas na comparação entre o córpus *A Cigarra* e os córpus que compõem o grupo controle, tendo em vista a característica de revistas femininas por meio de um tom amigável, um ordenamento de conduta nos dizeres de Buitoni (1981).

Exemplifiquemos:

(2a) IMPERATIVO

(30) <Cigarrita>. Não **sejas** ingrata para quem tanto te quer. [...] Outro dia, falando com um rapaz da nossa alta sociedade, cujo nome escondo para não ser indiscreta, 128ab 128abelo128t: Si ainda não me casei Senhorita, foi porque não encontrei um ideal. Só me casarei quando encontrar um joven que possua: a 128abelo128te, o andar e os 128abelo128 de Celeste Salles; a graça, o desembaraço e o sorrido que tanto seduzem e encantam em Mimi Guimarães; [...]. Eu respondi-lhe: casar-me-hei com o rapaz que possua os seguintes predicados: O andar e a 128abelo128te do Kant Lima; a gracinha e as maneiras affaveis do Carra: que use o pó de arroz do Horacio Macedo; [...]; o pouco caso do Toledinho pelas suas admiradoras. Cest fini, 128abelo128te <Cigale>, je vous remmercie de tout mon coeur. La malhereuse – Souer de Paquite (*A Cigarra*, julho de 1917).

(31) Sem você, o "jazz" não teria graça, o cinema não atrahiria as multidões nem os moços patinariam mais... **Faça** agora uma comparação: Imagine **você** mesma, no ga [?], um sorriso transparente 128abelo passado, linda, esgalnos lavios, mas com um vestido balão côr-de-rosa, enorme trepa-moleque no 128abelo e um festão de pedrarias a cahir-lhe como uma cascara espumejante [...] (*A Cigarra*, junho de 1932).

[89] Reconhecemos que há variação, ao menos sincronicamente, na expressão gramatical do imperativo, como é o caso da alternância entre "deixa" e "deixe" ou "abre" e "abra", sem que haja necessariamente variação pronominal (*cf.* Scherre, 2007). A variação do imperativo, nesse sentido, é uma questão à parte. Como controlamos as marcas (pronomes e traços do verbo) de 2P e 3P referentes a 'tu' e a 'você' nesta pesquisa, a decisão metodológica foi a de assumir a variante usada, quando o sujeito não é preenchido, por meio da morfologia verbal (2P ou 3P). É válido ressaltar que realizamos uma análise alternativa somente com os sujeitos plenos, excluindo as ocorrências de sujeitos nulos, a fim de comparar os resultados e verificar se os padrões permanecem os mesmos para o contexto verbal (*cf*. subseção 5.2).

(2b) NÃO IMPERATIVO

(32) [...] Ah! como **tu** foste cruel, não me dissimulando o terror que se apossou do teu espirito, deixando-me entrevêr as maiores desgraças e accusando-me de negligencia, como se tivesse sido eu, só eu, a culpada da perda das tuas cartas! [...]. Como **tu** foste egoista! [...] Já tenho as tuas cartas. [...] (*Revista da Semana*, julho de 1915).
(33) [...] Nunca vi uma pequena romantica, apaixonada e sem inspiração!... **Você** plagiou, virgula por virgula, ponto por ponto, tudo... tudo... Cuidado, menina, com esse teu costume de plagiar. **Você** gostou do meu escriptinho? [...] (*A Cigarra*, abril de 1928).

(3) *Paralelismo linguístico*

Para Scherre (1998, p. 30) "a própria repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso tem se evidenciado como uma restrição importante na análise de fenômenos variáveis de todos os subsistemas lingüísticos em diversas línguas". Essa repetição é o que se denomina aqui como paralelismo linguístico, variável previsora em controle. A intenção de verificarmos as repetições de estruturas é a de conferir se marcas levam a marcas. A aposta nesta pesquisa, a exemplo de Rumeu (2008) e Pereira (2012), é de que, na posição sintática de sujeito, marcas de 3P associadas a 'você' seriam um contexto favorável de precedência de uso de marcas de 3P associadas a 'você'.

Levando como critério de verificação o conteúdo de uma mesma carta, as ocorrências[90] podem ser (i) uma ocorrência isolada, (ii) a primeira de uma série de ocorrências, (iii) precedida por marcas de 2P associadas a 'tu' ou (iv) precedida por marcas de 3P associadas a 'você', conforme os exemplos abaixo esclarecem:

(3a) OCORRÊNCIA ISOLADA

(34) Por entre uns véos esfarrapados de nuvens, o sol escondia-se... O ambiente estava impregnado de perfume, que a aragem roubára ás flores palpitantes. Reverberos d'oiro brincavam nos telhados das casas... Eu, num scismar profundo, me extasiava ante a belleza dessa tarde doirada. Como não as flôres recebem os beijos quentes de Apollo, eu tambem os recebi. E, sorrindo nos braços de Cupido tudo senti... Foi por ahi que o sol fugiu... fugiu... E cahiu a noite. Veiu a nostalgia e o beijo férvido que me aqueceu os labios gelou-se... Deixei vagar o pensamento e a tua imagem surgiu por entre nuvens de esperança e me acariciou num dulcissimo beijo! Depois, fugindo, me **beijaste** de novo... Esse ultimo beijo foi um beijo de fogo... uma imarcessivel saudade. Só com as tuas abençoadas palavras, poder-se-á arrefecer! – Laly (*A Cigarra*, setembro de 1916).

(35) São Paulo, 4 de setembro de 1925. - Querido Nazarento. Queria deixar-lhe qualquer cousa, para que **você** não se esquecesse jámais de mim. Infelizmente, nada tenho. Por isso, ficam-lhe apenas esses versos da minha lavra, escriptos [...] (*Correio Paulistano*, setembro de 1925).

[90] É importante reforçar que as variantes podem se encontrar plenas (com o pronome expresso) ou nulas (com o traço morfológico de pessoa no verbo) e que ambas foram consideradas para o controle e análise dessa variável previsora.

(3b) PRIMEIRA OCORRÊNCIA DE UMA SÉRIE[91]

(36) Querida "Cigarra", não **IMAGINAS** o quanto tenho andado triste, como uma jurutí, á beira da logoa; e *sabes* por quem? Só por ti! Ha mais de...nem sei quanto, escrevi-te umas impressões colhidas nesta cidade, mas creio que tomaram a direcção do cesto? Acaso não estiveram a teu gosto? Não *sejas* má, linda "Cigarra". [...] (*A Cigarra*, fevereiro de 1917).

(37) (Ao N.C.). Se houve ventura maior, discreptivel, para mim, na vida; foi a [que] **VOCE** me CONCEDEU. A solidão negra, legada pelo Destino á gente, transforma a pessoa apaixonada em prosadora inegualavel... A minha penna sempre venceu minhas palavras. Porém, ha momentos em que a palavra torna-se banal, e a penna miseravel, mesquinha, imprestavel... ao descrever as emoções como esta que me vae na alma. [...]. As lagrimas não me vêm aos olhos, porque secaram na alma ardente, abrazada pelas chammas da afeição que lhe tributo... Seu coração, de excelsa bondade, teve compaixão do meu soffrimento, e satisfez de boamente o meu ideal ha tanto tempo sonhado... *** [...] Foi tão breve essa ventura... mas tão grande na sua curta duração... Do fundo da alma lhe agradeço a felicidade que tão bondosamente me *proporcionou*... [...] (*A Cigarra*, setembro de 1924).

(3c) OCORRÊNCIA PRECEDIDA POR MARCAS DE 2P ASSOCIADAS A 'TU'[92]

(38) Querida "Cigarra", não *imaginas* o quanto tenho andado triste, como uma jurutí, á beira da logoa; e **SABES** por quem? Só por ti! Ha mais de...nem sei quanto, escrevi-te umas impressões colhidas nesta cidade, mas creio que tomaram a direcção do cesto? Acaso não estiveram a teu gosto? [...]. (*A Cigarra*, fevereiro de 1917).

(3d) OCORRÊNCIA PRECEDIDA POR MARCAS DE 3P ASSOCIADAS A 'VOCÊ'[93]

(39) (Á "Pequena geniosa"). Ó garota, *você tem* mesmo um genio formidavel!!! **VOCÊ** não PERCEBE que Fernanda, toda convencia e nulificada como o é, offender-se-ia com a minima parcella de compaixão que se lhe dispensasse? [...] (*A Cigarra*, outubro de 1929).

(4) *Tipo de comunicação*

Ainda que o gênero textual "carta" tenha um formato bem definido (saudação inicial e final) e certas características funcionais específicas (ausência do contato imediato entre emissor (locutor) e destinatário (interlocutor)), concordamos com Paredes Silva (1997, p. 121) ao afirmar que "carta" é uma categoria demasiadamente ampla e pode abarcar uma diversidade de tipos de comunicação no corpo do texto (anúncios, reclamações, desabafos, descrições, entre outros).

Nesse caso, como critério para se categorizar "carta", a autora propõe que seja(m) considerado(s) o(s) propósito(s) do texto. Em vista disso, selecionamos seis tipos de

[91] O dado sob enfoque está em caixa alta, enquanto os demais estão destacados em itálico.
[92] O dado sob enfoque está em caixa alta, enquanto os demais estão destacados em itálico.
[93] O dado sob enfoque está em caixa alta, enquanto os demais estão destacados em itálico.

comunicação em cartas, frequentes e comuns nos córpus, para a análise, quais sejam: (i) agradecimento, (ii) conselho, (iii) crítica, (iv) pedido, (v) reclamação e (vi) relato.

Enfatizamos que a categorização e o procedimento para o controle dessa variável são similares aos adotados por Barcia (2006)[94]. Na análise de formas variáveis de se dirigir a um interlocutor em amostra composta por cartas de leitores de jornais do século XIX, Barcia (2006), com base em Paredes Silva (1997), defende que a classificação das cartas é feita a partir do papel do texto na interação social, ou seja, o tipo de comunicação define as atividades em que os sujeitos estão envolvidos e engajados linguisticamente ao escrever.

A autora afirma que, em tempos pretéritos[95], a finalidade das cartas publicadas em veículos de comunicação "era, em certos casos, pedir ajuda para resolver algum problema ou contar um episódio particular que precisava de uma solução" (Barcia, 2006, p. 92). Os tipos de comunicação em cartas selecionados aqui, tal como em Barcia (2006, p. 92), "remetem ao papel da carta na interação social, definindo a atividade na qual os participantes encontram-se engajados – nas relações pessoais, nos negócios, na política etc.". Trata-se, nessa perspectiva, de uma variável de maior complexidade se comparada a variáveis linguísticas, como *tipo de sujeito*, por exemplo.

Como critério de verificação, tomamos como base o tipo de comunicação predominante em cada trecho/dado, considerando o contexto geral do trecho[96]. Nosso objetivo é verificar o tipo de comunicação mais comum em cada córpus, e se esse é um aspecto condicionante no que se refere ao favorecimento ou desfavorecimento da mudança linguística a depender do contexto de publicação (*A Cigarra*, grupo controle *Revista da Semana* e grupo controle *Correio Paulistano*).

Seguem os exemplos de cada nível:

(4a) AGRADECIMENTO

(40) [...] Pessoalmente, manifestarei a minha gratidão a todos os dedicados e bons companheiros, pelo seu esforço a que deve a folha a sua situação moral e material. Para que **sintas** quanto a minha resolução é definitiva e inabalavel, terás a surpresa de lêr nas columnas do "Paiz" o teôr desta, antes que ella te chegue ás mãos. [...] (*Correio Paulistano*, julho de 1915).

[94] No estudo de Barcia (2006, p. 93), foram controlados os seguintes tipos de comunicação: cartas de crítica, cartas de comunicado ou informação geral, cartas de pedido, cartas de agradecimento, cartas de pedido de desculpas, cartas de resposta, cartas de relato e cartas de reclamação.
[95] A autora remete aos anos oitocentos, mas podemos fazer alusão, aqui, ao início do século XX.
[96] No controle das variáveis previsoras, o trecho em que havia o dado foi ampliado para que a leitura de um contexto mais geral pudesse ser realizada.

(41) (Prezada Joanna Ninguem). Ao seu pedido de licença, respondo. Minha cara amiga, o prazer é todo meu de poder entabolar conversa comtigo. Quando **quizer** trocar idéias commigo, **esteja** á vontade, que eu saberei corresponder á sua gentileza. Sempre o ente humano se compraz em encontrar uma alma sua irmã ou que julga ser assim para trocarem impressões. E quando, então, é uma mão amiga que se extende para coadjuval-a num ideal, então, como a nossa se expande e com que ardor agradece e corresponde na medida de suas forças a essa mão amiga! Não sei, cara amiguinha, se conseguirei corresponder á sua amizade; mas, o que sei é que, emquanto esta durar, ella, da minha parte será muito sincera. Irei prescrutar o seu intimo. [...] (*A Cigarra*, janeiro de 1924).

(4b) CONSELHO

(42) (Á J.L.R.). Querida amiguinha, **queres** um conselho? **Desiste** do J.A., pois o mesmo é noivo em Pirajú, para onde deverá seguir no fim do anno, conforme soube por um seu amiguinho, que merece toda confiança. Tua amiguinha dedicada – Lila (*A Cigarra*, dezembro de 1921).

(43) [...]. **Você**, pelo seu alto e reconhecido criterio revolucionario, está encarregado de bombas". Neste ultimo caso, não se **assuste**, como seria de justiça. **Tome** a bondade serenamente, serenamente **volte** para casa, **jante** socegado, **dê** o seu passeio de costume, e **continue**, antes de deitar-se, a leitura amavel da sua "Morgadinha do Cannaviaes". [...]. (*Correio Paulistano*, janeiro de 1919).

(4c) CRÍTICA

(44) [...] Eu não agarrei pela góla as <esposas modelos vindas de meios obscuros> como **affirmaste**! Não. **Comprehendeste** mal; agarrei pela góla, não a ellas, coitadinhas, mas sim aos seus Paes, em cujo lar < a educação deixou a desejar>. Porque, como tenho notado numerosamente, os Paes que mais incidem neste grave erro que ora discutimos não são os de cultura e posição mediocres, não são operarios rudes e illetrados. [...] (*A Cigarra*, maio de 1920).

(45) O trato diario e persistente com as mulheres traz aos homens - os mais analystas, está claro - uma desconfiança excessiva em literatura: percebe-se nellas, mesmo nas que o vulgo chama de prendadas, a falta das duzentas grammas de massa encephalica. Não vai nisso, minha amiga, e **você** mais que todos o sabe, malsinação ao espirito das mulheres ou mesmo prazerzinho tolo de rebaixal-as: noto apenas essa falha que, no nivel intellectual, as põe em doloroso cotejo com o homem, tanto assim que eu me habituei, de ha muito, a considerar a mulher como um ente á parte, ao qual não se póde e não se deve pedir idéas em literatura [...] (*Correio Paulistano*, maio de 1917).

(4d) PEDIDO

(46) Oh! Amor! Não **partas**... **fica** commigo... Não **vês** que minh'alma se contorce numa angustia terrivel e que sem ti a vida se torna cruel e os meus olhos cégos aos encantos e felicidades? Não **vás**...oh, Amôr! **olha**, já vão florindo as açucenas, as camelias parecem mais alvas e a relva mais feliz! Vamos passeiar nos bosques, gosar a pureza do ar, destas campinas que foram o berço em que eu nasci!... [...] (*A Cigarra*, janeiro de 1925).

(47) Sendo eu muito ajuizada e vendo que certas moças e rapazes precizam de conselhos peço-lhe que **publique** na sua apreciada revista "*A Cigarra*" as seguintes linhas [...] (*A Cigarra*, julho de 1916).

(4e) RECLAMAÇÃO

(48) Ah! como **tu** foste cruel, não me dissimulando o terror que se apossou do teu espirito, deixando-me entrevêr as maiores desgraças e accusando-me de negligencia, como se tivesse sido eu, só eu, a culpada da perda das tuas cartas! [...] (*Revista da Semana*, julho de 1915).

(49) Vaidosa amiguinha, concordo que nós todas tenhamos <garganta>, mas creio que a sua é descommunal. Peço-lhe não mais me incomodar com suas frivolas exigencias. Si **quizer**, **arranje** outro pseudonumo que não seja – Infeliz (*A Cigarra*, julho de 1921).

(4d) RELATO[97]

(50) [...] Já não te **lembras** mais, com certeza, do verão que passamos juntos em Petropolis, onde hoje **estás** desfructando a gloria da tua celebridade mundana. **Eras** ainda bem criança, dezoito annos, creio, que **terias**. Não **sabias** que a mulher podia gozar bem melhor só vivendo para o mundo do que para a felicidade de um triste homem qualquer. [...] (*Revista da Semana*, fevereiro de 1915).

(51) **Publique** isto sim Cigarrinha, nem que **você** não esteja de accordo. Fui ao ultimo concerto da Cultura Artistica. Meu Deus, como era classico! Era elevado, tão excepcionalmente artistico que eu quasi não o entendi; escutei, prestei attenção ao começo, mas depois, a musica começou a baralhar-se em meus ouvidos, o som foi amortecendo-se e eu comecei a sentir as palpebras pesadas, e... não ouvi mais nada. [...]. Depois acabou o concerto e todos sahiram. Com certeza o salão ficou triste e saudoso como aquelle que Alberto de Oliveira descreve no seu admiravel e primoroso "Espelho". Bôa Noite - Xexe, Bebê e... Zizi...zi (*A Cigarra*, fevereiro de 1916).

(5) *Temática*

Tendo em vista que a educação feminina, de mulheres brancas e de classes sociais mais altas, nos anos oitocentos e novecentos era socializadora, nos termos de Besse (1999), e não libertadora, no sentido de instruir sobre determinados papéis ligados, principalmente, à maternidade e ao casamento, e que havia grande preocupação da sociedade patriarcal com os conteúdos mais apropriados para leitura e escrita de acordo com o gênero (*cf*. subseções 3.2 e 3.2.1), é nosso objetivo verificar, na comparação entre os córpus (*A Cigarra* x grupo controle *Revista da Semana* x grupo controle *Correio Paulistano*), se determinados temas são mais sensíveis às questões de gênero (feminino) e ao uso do fenômeno linguístico.

Assim, controlamos quatro diferentes temáticas que aparecem nos córpus: (i) cotidiano, (ii) cultura, (iii) política e (iv) relacionamento. O critério de controle é a verificação da temática predominante no contexto geral de cada trecho de dado coletado para a análise, uma vez que é

[97] Esse nível também inclui o relato de envolvimento e alguns comunicados.

possível identificar mais de uma temática nas cartas[98]. Desse modo, tal como *tipo de comunicação*, *temática* é uma variável de maior complexidade.

Vejamos os exemplos dos níveis em análise:

(5a) COTIDIANO

Esse nível compreende trechos que envolvem questões da vida cotidiana: fatos sobre um baile, aspectos da vida de outro alguém, fofocas etc.

(52) Ainda hoje recordo-me com saudades do adoravel baile que assisti domingo, dia 15, na rua Santo Antonio, 67. Dansei muito, mas, assim mesmo, pude observar o seguinte: [...]; a Candinha oh! linda, de que modo **deixaste** o pobre Queiroz?; a Chiquinha, com aquelle narizinho, virou a cabeça de muita gente, principalmente do...; a Janoca, muito graciosa; a Noemia, adoravel pelo seu modinho; a Edna, não sei a quem escolheu; Daniel, a moreninha de branco é uma gracinha; Vicente não sahirá daqui cedo, pois está tão bom!; Dino, dansa muito bem; Alfredo, não fica atraz. Da leitora - "Só eu que sei" (*A Cigarra*, julho de 1927).

(53) Quando, ha dias, **você** me veiu buscar á redacção do "*Correio Paulistano*", insistindo por uma visita minha ao seu "atelier", áquella hora da madrugada, suppuz que ia tomar uma chavena de chá ou apreciar um fructo novo da sua arte bizarra e extravagante. Ao defrontar, porém, a minha cabeça, em legitima carraúba nacional, senti uma impressão tal, uma emoção tão profunda, que quasi... perdi a cabeça. [...] (*Correio Paulistano*, maio de 1922).

(5b) CULTURA

Esse nível compreende trechos que tocam questões culturais da sociedade.

(54) Quanto aos bailes modernos, que me **dizes**? **Concordas** nas dansas modernas? Eu, como vou poucas vezes a taes festas, não posso ajuizar exactamente o que venha a ser um baile moderno. Gosto de dansar. [...]. Si Paquita me disser algo severo, sentirei sim, mas tomarei por bons conselhos as suas palavras [...] (*A Cigarra*, junho de 1921).

(55) [...] A vida carioca é um deslumbramento de frivolidade. E eu tive que me adaptar ao meio. Aí do que resiste á assimillação! É posto de lado, como uma pequenina pedra que ficou no fundo da peneira. Vida intellectual? Mas **você** foi mal informado, como eu tambem o fui! O que existe aqui, nesta cidade de um milhão de futebolistas, são quatro ou cinco criaturas dispersas e que se desconhecem mutuamente, contentes dos seus livros e do seu sonho, [...] ...Isto é uma cidade de curiosos e cabotinos. Curiosos, porque se contentam com o brilho, a méra apparencia, pouco se importante do mysterio do amago [...]. (*Correio Paulistano*, janeiro de 1919).

[98] Tendo em vista que os trechos de cada dado foram coletados assumindo *a priori* que faríamos o controle desta variável previsora, compreendemos que o contexto dado pelo trecho foi o suficiente para a depreensão da temática.

(5c) POLÍTICA

Como decisão metodológica, esse nível compreende trechos sobre questões políticas não somente relacionadas a governo, mas também a aspectos relacionados a gênero, tais como feminismo e desigualdade.

(56) Venho minha correligionaria, dar-te um conselho de amiga. Para essa decisão, não é mistér possuir a sabedoria de Salomão, mas sim um bom golpe de vista, para separar o joio do trigo. É claro, insophismavel que, abraçando nós um ideal, tão justo como seja o da nossa egualdade com o sexo masculino, é claro, repito que todos os que forem a nosso favor são positivamente mulheres e os contra são indiscutivelmente os <archanjos>, que se rebelam. Partindo deste principio, não **percas** tempo com polemicas inuteis e estereis. O homem é por demais <turrão> para se declarar vencido ante a argumentação de uma mulher. Mas, como me pareceu que Talitha não deixa de ser uma mulher, e por signal que mulher muito ingenua, venho, Lyz France, formular comtigo uns commentarios sobre alguma de suas ponderações. [...] (*A Cigarra*, outubro de 1922).

(57) Mas os tempos correram. **Você** penetrou na policita. Era um differente, maior, amphiteatro que se abria. Sob o silencio da Camara, **você** subiu á tribuna [...].]. Bem disse Julio Prestes, com a sua larga visão de nossa gente, que você "illuminára a consciencia da nova geração republicana." [...] (*Correio Paulistano*, fevereiro de 1928).

(5d) RELACIONAMENTO

Esse nível compreende trechos que abordam relacionamentos de vários tipos (paquera, amor/amor platônico, amizade).

(58) <Cigarra> querida, confidente amavel que tão bondosamente me **tens** ouvido, **revela** a pena e **sê** mais uma vez indulgente, dando publicidade a estas linhas. Tenho immensa sympathia pelo dr. M.C. de F. e lastimo do fundo d'alma não ser possuidora de brilhante talento, não ser dotado do poder magico da poesia, para em doces carmes celebrar os encantos do meu avamal perfilado. [...] (*A Cigarra*, fevereiro de 1918).

(59) Meu amigo: Não gostei da sua carta de hoje... - Não gostei pelo que me revela de injusto - e ah! tão cruel!... - na sua alma quando, olhando a vida, julga os desgraçados que a vivem. [...]. Adivinho-lhe daqui o sorriso, meu amigo, e soffro porque o decifro... Sinto-lhe o desdem pela piedade com que olho os vivos; elle me traz a sua incomprehensão do carinho que lhes tenho. [...]. Sei que **soffreu**, sei que **soffre** [...] (*Revista da Semana*, outubro de 1925).

(6) *Papel social do referente*

Em razão do valor sócio-pragmático (intimidade/distanciamento) das estratégias de referência de interlocutor, temos o propósito de delimitar quem é o referente, ou seja, a quem as marcas de 2P/3P ligadas a tu/você são orientadas nas cartas por meio da análise da variável *papel social do referente*.

Conforme Modesto (2006, p. 10), "o uso das formas de tratamento sempre esteve ligado aos papéis sociais que os falantes desempenham na sociedade de uma maneira geral, e na interação verbal de que participam, mais especificamente". Para o autor, o papel social pode ser interpretado "como uma série de expectativas associadas em torno de uma função [...]" (Modesto, 2006, p. 12).

Vários estudos, nesse sentido, têm se dedicado à verificação de variáveis que se relacionam a essa, como Pereira (2012) e Souza (2012) (*cf*. subseção 2.4.1), os quais trazem evidências de que formas relacionadas a 'você' são favorecidas em contextos de relações [-solidárias] e [+distantes] e, em contrapartida, formas relacionadas a 'tu' permaneceriam em uso em relações [+solidárias] e [-distantes] entre os séculos XIX e começo do século XX.

Nosso objetivo é investigar se as cartas da revista *A Cigarra* (publicação feminina) e do grupo controle de publicação [+feminina ↔ -masculina] *Revista da Semana* têm um peso diferente das cartas do grupo controle de publicação [+masculina ↔ -feminina] *Correio Paulistano*, já que quem é o locutor e o interlocutor pode interferir no uso do fenômeno.

Selecionamos, dessa maneira, cinco níveis para a análise, mediante a especificidade dos córpus: (i) redator, (ii) leitor, (iii) pessoa amada, (iv) pessoa amiga e (v) pessoa ilustre, exemplificados na sequência. Para o controle da variável, o critério adotado é a verificação do referente de acordo com determinado trecho/dado, levando em conta que uma mesma carta pode conter distintos tipos de referentes (por exemplo, redator e pessoa amiga).

(6a) LEITOR

O nível "leitor" acomoda casos em que o veículo de comunicação responde uma carta, dirigindo-se, portanto, ao leitor (ou a um público em geral).

(62) Minha querida amiga: Infelizmente não **conseguiste** me attrahir para a causa do feminismo de que **és**, com a tua graça opulenta, um decisivo argumento a favor. E não me **attrahiste**, na carta em que **pedias** a adhesão ao movimento que tão confiantemente **defendes**, porque não **apellaste** para esse decisivo argumento. [...] (*Correio Paulistano*, agosto de 1928)[99].

(63) Illmo. Snr. Não lograram intimidar-me as severas advertencias de sua carta, nem conseguiram convencer-me os seus argumentos judiciosos. As mulheres, por isso mesmo que são as recem-chegadas á vida politica, juridica e economia das nações, não soffrem desse mesquinho fetichismo, desse apego idolatra á tradição, do que soffre o homem. [...]. Devo, porém, advetil-o de que ha muitas almas soffregas de piedade como a minha. Para compensar a sua carta de censura recebi dezenas de cartas de applausos e louvor. **Permitta**-me que lhe dê um conselho: **renuncie** á pretenção de converter as mulheres ás suas theorias. [...] (*Revista da Semana*, fevereiro de 1918)[100].

[99] Esse trecho foi retirado de uma carta de um jornalista do *Correio Paulistano*.
[100] Esse trecho foi retirado de uma carta de um(a) jornalista, que conduzia uma coluna da *Revista da Semana*.

(6b) REDATOR

O nível "redator" como referente compreende qualquer direcionamento explícito à revista *A Cigarra*, à *Revista da Semana* (grupo controle) e ao jornal *Correio Paulistano* (grupo controle). Em outras palavras, esse nível contempla qualquer interlocução explícita com a mídia impressa em questão (ao redator, sr. redator).

É importante destacar que, nos dados d'*A Cigarra*, a partir de 1916, a revista começa a ser personificada como "amiga/amiguinha *A Cigarra*", "querida *A Cigarra*", "Cigarrinha" – vista como uma figura amiga. Como, ainda assim, constitui-se em uma referência à revista (ou ao redator), a decisão foi a de manter o referente marcado como "redator" em vez de "pessoa amiga".

(60) Eis-me novamente aqui, "Cigarrinha" gentil, deixando na gaze finissima das tuas asas seductoras os affectuos beijos que te prometti. Com elles, **receberás** esta cartinha que te envio, esperando que não **deixarás** de leval-a comtigo, quando, brevemente, levantes o teu vôo pelas distantes paragens que **irás** percorrer, nessa tua perigrinação por todo o Brasil. [...] (*A Cigarra*, agosto de 1917).

(61) **Publique** isto sim Cigarrinha, nem que **você** não esteja de accordo. Fui ao ultimo concerto da Cultura Artistica. Meu Deus, como era classico! Era elevado, tão excepcionalmente artistico que eu quasi não o entendi; escutei, prestei attenção ao começo, mas depois, a musica começou a baralhar-se em meus ouvidos, o som foi amortecendo-se e eu comecei a sentir as palpebras pesadas, e... não ouvi mais nada. [...]. Depois acabou o concerto e todos sahiram. Com certeza o salão ficou triste e saudoso como aquelle que Alberto de Oliveira descreve no seu admiravel e primoroso "Espelho". Bôa Noite - Xexe, Bebê e... Zizi...zi (*A Cigarra*, fevereiro de 1916).

(6c) PESSOA AMADA

O nível "pessoa amada" faz referência a alguém pela qual o locutor se dirige e estabelece um vínculo amoroso. Se não há indícios que permitam aferir esse tipo de papel social, a decisão foi controlar o referente como "pessoa amiga".

(64) [...] **Tu** és o meu animador... Minh'alma titubeante precisa do longiquo effuvio de tua attenção, minha imaginação vive de ti... Todos nós pela vida em fóra arrastamos assim, na esteira ignorada do nosso caminho, sympathias, animosidades, admirações, odios que não sabemos.... [...] (*Revista da Semana*, janeiro de 1924).

(65) Menina moderna... Casquilha faceira, toda garradice e fragancia, talhe airoso, tendo sempre uma palavra boa nos labios vermelhos... Menina, **você** sabe que, com a polychromia do seu vestido, a fascinação maliciosa do seu olhar, a brejeirice das suas palavras, **você** é o apanagio da perfeição do seculo? [...] (*A Cigarra*, junho de 1932).

(6d) PESSOA AMIGA

O nível “pessoa amiga” como referente de uma carta abrange casos diversos. Cabe ressaltar que “pessoa amiga” não necessariamente significa que o referente é uma/um amiga(o), no sentido de se estabelecer um vínculo afetivo de amizade. Significa que, no contexto da carta, o papel social desempenhado pelo referente é de amigo/colega, mesmo que seja alguém (em teoria) desconhecido. Em “pessoa amiga” estão inclusos familiares.

(66) (Olga:). **Pediste**-me, minha amiga, que te dissesse em rapidas palavras, algo do que sinto de real sobre o amor - esse trefedo demonio que anda a cabriolar em certos corações. [...]. Banido por todos, por todos injuriado, bemdiz ainda o seu divino amor! [...] (*A Cigarra*, novembro de 1924).

(67) [...] Sua perplexidade é mesmo um grave symptoma da doença de inquietude que atormente a geração de agora. E sua alarmante afflicção pede o preconizado sedativo de uma disciplina necessaria. [...] Si **você**, depois, quizer detalhes sobre a doutrina e processos dessa grey, poderei, com documentação farta, evidenciar a absoluta verdade do que allego. Deante de taes attitudes, comprehendo que, por obra de patroticas devoções civicas, o Brasil entra numa phase de disciplina rigorosa e reconstrucção nacional, [...]. Após 7 annos de pesquisas, é tempo de se entrar numa phase de reconstrucção sadia e fecunda. É o que eu queria explicar a v., meu amigo e confrade, para apaziguar seu pobre espirito justamente perplexo e atormentado (*Correio Paulistano*, maio de 1929).

(6e) PESSOA ILUSTRE

O nível “pessoa ilustre” contempla referentes que exercem papel prestigiado na sociedade (políticos, literatos(as), escritores(as), poetas etc.). Para esse nível, vimos se havia uma identificação explícita do papel ilustre do referente e, do contrário, se havia indicação desse papel no contexto da carta. Em circunstâncias em que não foi possível atestar uma identificação do papel ilustre desempenhado pelo referente, mas que se aferia uma relação amigável, codificamos o dado como “pessoa amiga”.

(68) [Conforme noticiei hontem, em telegramma, o sr. João Lage deixou a direcção do "Paiz", confiando-a ao deputado Maximiano de Figueiredo, secretario daquella folha, a quem dirigiu uma carta nesse sentido. Mando hoje a integra dessa missiva:] Meu caro Maximiano: É 1 hora da noite. Depois que **sahiste** acabrunhado pela situação derivada da nossa conversa, fiquei reflectindo que não permitte a tua posição politica, que **dês** a tua co-responsabilidade ás apreciações que fiz á mensagem hontem enviada ao Congresso pelo presidente da Republica. [...] (*Correio Paulistano*, julho de 1915).

(69) [Ao Amadeu Amaral]. [...] Este seu novo livro de versos "Miserere", que **teve** a bondade de me enviar, revela com exuberancia o que eu já havia notado no anterior - "Poesias": talento, insipiração e arte. Pena é que o livro, muito farto de poesias tristes, apresente a nota predominante da melancolia que o faz parecer monotono. [...]. Eis ahi a falha unica que notei e que provavelmente passará despercebida á memoria dos seus leitores, jovens e namorados, e excessivamente sentimentaes, aos quaes a melancolia e a tristeza, mesmo em excesso, agrada, porque se casa ao estado de alma, ao seu modo de ver e de sentir. Á parte isso, o livro é encantador e prende, sem exigir esforço nem fadiga do leitor [...] (*Correio Paulistano*, setembro de 1916).

(7) *Faixa temporal*

Conforme apontam estudos diversos (Lopes; Duarte, 2007; Machado, 2006; Rumeu, 2008), é na passagem de 1920 e 1930 que 'você' passa a ser mais frequente, em relação a outros períodos, e compete mais assiduamente com 'tu'. Verificamos se essa tendência se confirma em nosso estudo, considerando a variável resposta em análise, a partir do controle de três recortes temporais, a saber: (i) 1915-1920, (ii) 1921-1926 e (iii) 1927-1932[101]. O intuito é verificar se a faixa temporal é uma variável motivadora de mudança na comparação entre os córpus.

Além das variáveis previsoras descritas nesta subseção, controlamos a *identificação de autoria*[102] como variável aleatória, ou seja, como variável específica das amostras em análise na pesquisa com o objetivo de identificar a influência (ou não) desse contexto nos resultados alcançados.

4.6 Tratamento estatístico e decisões metodológicas para exclusão de dados

Para a verificação de padrões em relação à mudança linguística pela perspectiva sociolinguística, devemos lidar com um número suficientemente grande de dados, de modo que análises estatísticas tornam-se fundamentais para testar hipóteses, comparar resultados e apontar tendências.

[101] A decisão metodológica de controlar três faixas de tempo se deve às limitações em relação à coleta de dados por ano em cada córpus (*cf.* subseção 4.4). Desse modo, para um controle da variável *faixa temporal*, em que os dados se dispusessem de forma mais equilibrada para a análise estatística, optamos por essa solução.

[102] A autoria das cartas foi controlada conforme a identificação de quem escreve, como, por exemplo, "M.B." (*A Cigarra*, fevereiro de 1915), "Moça Gorda" (*A Cigarra*, fevereiro de 1915) e "Beatriz" (*A Cigarra*, junho de 1915). Quando a autoria não se apresenta nas cartas (seja por uma escolha pessoal, seja por uma escolha do veículo de comunicação), o controle foi feito da seguinte maneira: "Anônimo 1", "Anônimo 2" e assim sucessivamente. Importa mencionar que, de modo particular, nas cartas da revista *A Cigarra*, é comum que o mesmo pseudônimo apareça em diferentes cartas, como em "Paquita". Tendo em vista que não há como prever se a escrevente é, de fato, a mesma em momentos distintos, optamos por controlar a identificação como "Paquita 1", "Paquita 2", por exemplo.

Em nosso estudo, o tratamento estatístico dos dados, após coleta e codificação, é feito com o auxílio da linguagem de programação R (Core Team, 2023). Nas palavras de Oushiro (2014, p. 130), "o R é uma linguagem de programação voltada à análise de dados, que pode ser utilizada para realizar computações estatísticas e gráficas, compilar e anotar córpus, produzir listas de frequências, entre diversas outras tarefas". A automatização dessas tarefas, possibilitadas pela manipulação dos dados no R, permite que nos dediquemos à descrição e à explicação da mudança linguística, bem como à interpretação e ao refinamento de análises (Oushiro, 2014).

Nesse sentido, em diálogo com Guy e Zilles (2007), compreendemos que o objetivo de um estudo de ordem quantitativa "não é produzir número (por exemplo, medidas estatísticas para resumir os dados), mas identificar e explicar fenômenos" (Guy; Zilles, 2007, p. 31). Com o auxílio do R, portanto, realizamos análises multivariadas que medem a atuação de diversas variáveis previsoras em conjunto sobre variável resposta nos dados para se chegar a um dos objetivos deste estudo – o de investigar como questões sociais relacionadas ao gênero feminino podem explicar o uso das variantes (marcas de 2P associadas a 'tu' e marcas de 3P associadas a 'você' na posição sintática de sujeito) no português brasileiro do início do século XX (1915-1932).

Além disso, ao empreender um estudo de mudança linguística em nível mais alto de análise (o morfossintático), deparamo-nos com problemas no que se refere ao contexto de uso em que o fenômeno variável se insere. Concordamos com Modesto (2006) ao afirmar que a alternância entre tu/você não pode ser considerada como um caso de variação prototípica por ter restrições quanto à equivalência de significados entre uma unidade e outra. Entretanto, ao adotarmos a proposta de Lavandera (1978), em que a variação é entendida em termos de comparabilidade funcional, contemplamos as marcas de 2P/3P relacionadas a tu/você na posição sintática de sujeito como variantes, já que ambas fazem referência à segunda pessoa do discurso no singular e têm a mesma função comunicativa.

Ainda que possamos sistematizar a variação do fenômeno linguístico a partir da perspectiva lavanderiana, não levamos em consideração os casos seguintes, enumerados de (i) a (iv)[103], para posterior análise dos dados[104]:

[103] Os trechos que servem de exemplo para cada caso foram transcritos como constam nos arquivos. Além disso, destacamos em negrito apenas as formas desconsideradas para a análise.
[104] No total, levando em consideração as três amostras, foram excluídos 204 dados da análise.

(i) Casos de ambiguidade/vagueza:

(70) Durante a matinéè do Municipal observei os seguintes voluntarios: [...] Orlando Penteado: Porque **esteve** tão triste? Não há razão, pois tantas e tão bellas jovens havia. Lazaro de Almeida: Muito enthusiasmado com a bella festa. Eu lá estive e gostei immensamente. Mais uma vez peço ao bondoso redactor da tão amada revista "Cigarra" que não jogue fóra esta lista, que tanto trabalho me deu para fazer. Agradecida, subscrevo-me – Babilas (*A Cigarra*, fevereiro de 1917).

Ocorrências como o exemplo acima aparecem mais comumente em cartas d'*A Cigarra*. Muitas vezes, a revista concedia um espaço para as leitoras comentarem sobre algum evento e sobre as pessoas nele presentes, conforme em (70). Como se sabe, a estratégia 'você', embora faça referência ao interlocutor, leva o verbo para a terceira pessoa do singular, o que pode ocasionar, em sentenças em que o pronome é nulo, ambiguidades semânticas. É o que acontece no trecho aqui selecionado.

Não é possível identificar, ao certo, se a escrevente dialoga diretamente com Orlando Penteado enquanto seu interlocutor ou apenas faz uma reflexão, sem um interlocutor específico, direcionando a pergunta às demais leitoras e à própria revista. A sentença, então, poderia ser interpretada de duas maneiras: Orlando Penteado: Porque **você esteve** tão triste?/Orlando Penteado: Porque **ele esteve** tão triste?.

(ii) Sentenças cristalizadas:

(71) Quero ver si ficará esquecida tambem. Si assim acontecer eu me fecharei num viveiro e não mais sahirei. Rapazes e Senhoritas em proverbios: Laura de Lourdes Pacheco, quem canta, seus males espanta - Diva Leite Chaves, quem tudo quer, tudo perde - [...] - Bibi, não **digas** desta agua não beberei - [...]. Muito lhe agradece a publicação destes proverbios a amiguinha Maitaca (*A Cigarra*, maio de 1916).

(72) Inah está no direito de fazer um juizo horrivel de V., e ainda mais no direito - e isto o peior (sic) - de não crer em suas palavras. [...]. **Dize-**me com quem **andas**... eis tudo! E nem mesmo a allegação de que toda a gente de sociedade age como V. resolverá o seu caso - porque é preciso não esquecer que isto já é um caso, e dos mais desagradaveis (*Revista da Semana*, maio de 1918).

Ainda que não apareçam com frequência nos córpus, algumas sentenças cristalizadas, como as que estão acima, foram encontradas nas cartas d'*A Cigarra* e da *Revista da Semana*. Por ter uma estrutura fixa, os verbos seguem um padrão de conjugação – nesses casos em específico, são conjugados no paradigma da segunda pessoa do singular (tu). Defendemos, assim, que tais dados poderiam enviesar a análise.

(iii) Possíveis erros de datilografia:

(73) Mas se me amas, porque tardas? Não era por isto que **suspirava** dantes? Não me repetiste mil vezes que só conhecerias a felicidade perfeita quando me tivesses só para ti, quando meus dias fossem tão completamente teus como as minhas noites? (*Revista da Semana*, agosto de 1915).

(74) Espero que voltes em Setembro e, se por uma malaventurada combinação tentas ficar ainda no Rio, mandar-me-ás expressamente resposta para onde estou e não **esquecer** a flôr, mensageira gentil e amorosa que fala ao meu coração com musica divina (*A Cigarra*, setembro de 1921).

(75) Todos nós ouvimos as mesmas vozes crueis: - "Eu sou o sonho em que encontrarias a realidade!..." [...] e todas - "Eu não nos **soubeste** ver" não nos **soubeste** ouvir!"... [...]. Minha amiga, do encantamento desse paiz aonde se vai neste momento minha mais suave saudade, do encantamento desse paiz onde me veio, neste instante, minha mais suave recordação, tu, recordaçção e saudade, falas á minha alma (*Revista da Semana*, agosto de 1925).

(76) Minha santa mãe. Meu ultimo pensamento é para ti, que tão abnegadamente se tem sacrificado por mim. Adeus minha Virgnia! Adeus meu Antonio. Não quero que realizem por mim qualquer pratica religiosa, nem quero o aparato das corôas. Ponha fogo em tudo que é meu e **aviso** o Serviço Sanitario para desinfecção completa do meu quarto – Leocadio (*Correio Paulistano*, dezembro de 1929).

Não selecionamos dados em que observamos possíveis erros de datilografia nas amostras. Em (73), tendo em vista um padrão de escrita em relação ao paradigma de segunda pessoa (tu), optamos por não coletar o dado destacado, uma vez que supomos ser um erro de digitação (“suspirava” ao invés de “suspiravas”). Também no excerto (74), pelo contexto da carta, observamos que o verbo, embora esteja no infinitivo (esquecer), refere-se à segunda pessoa do singular (esqueces). Podemos averiguar que, na forma nominal, o sentido da sentença se perde.

Já em (75), há duas possibilidades – ou se trata de um erro de datilografia ou de uma sentença cristalizada. Apesar de o sujeito se enquadrar na primeira pessoa do singular (eu), o verbo concorda com o paradigma de segunda pessoa (tu), causando certa estranheza no que se refere ao sentido geral da sentença. No último exemplo (76), é possível que o verbo “avisar” faça referência à forma imperativa (avisa) e não à forma no presente do indicativo (aviso).

(iv) Utilização de “vós” nulo para se referir ao interlocutor em alguns momentos (com o verbo no tempo pretérito perfeito do indicativo):

(77) Não permittem a minha consciencia e os deveres que assumi, em nome do "Paiz", e perante o publico, a modificação do julgamento que emitti sobre o documento, que reputo infeliz e desolador. Declaraste que a minha apreciação teria como consequencia immediata a tua retirada. Pedi que **reflectistes**, e, á noite, solicitei da tua nunca desmentida amizade, [...] (*Correio Paulistano*, julho de 1915).

(78) (A quem me entende). Foi em um baile que te vi pela primeira vez, lembras-te? Achei-te symphatico, mas um tanto orgulhoso; olhavas as moças, dos pés a cabeça, como se nenhuma delas te agradasse. Não me **fostes** apresentado, mas no entanto me vieste tirar para dansar (*A Cigarra*, fevereiro de 1927).

Provavelmente como um modo de conceder um tom mais formal à carta, em alguns casos, o escrevente utiliza verbos conjugados na segunda pessoa do plural (vós) para dialogar com um interlocutor. Nesse sentido, apesar de ter a função de se dirigir a apenas um interlocutor, não se refere à variável resposta que buscamos. Por esse motivo, esses dados foram descartados da análise dos resultados.

4.7 Em resumo

Nesta seção, expomos os pressupostos metodológicos que norteiam esta pesquisa. Na subseção 4.1, procuramos demonstrar o modo como operacionalizamos gênero. Ademais, ao lidarmos com uma amostra composta por cartas de revista feminina publicada no início do século XX, *A Cigarra*, trazemos uma perspectiva sociolinguística histórica que trata a mídia impressa como tecnologia de gênero (Lauretis, 1994). Com isso, compreendemos que o gênero feminino se produz por meio dos textos e imagens veiculados na revista em análise.

Nesse sentido, *A Cigarra*, por ser uma tecnologia de gênero, apresenta práticas e papéis normatizados como femininos. Analisamos essa variável social de maneira a contemplar o conjunto-revista, e não o sujeito escrevente individualmente. Um dos objetivos deste estudo é, portanto, realizar uma investigação social, e não biológica. Por essa razão, sustentamos que as cartas publicadas na revista performam (Butler, 2018 [1988], 2018 [1990]) um discurso lido socialmente como feminino.

Já na subseção seguinte, 4.2, apresentamos *A Cigarra*, amostra utilizada nesta pesquisa para a constituição do córpus de análise. Além de apontar aspectos gerais que cercam a revista, buscamos trazer à luz o modo como é feito o direcionamento do discurso (textos e imagens) nas páginas do periódico a leitoras e, além disso, como esse discurso pode revelar papéis de gênero bem definidos na sociedade da época, com a finalidade de apreender a configuração da imprensa feminina enquanto tecnologia de gênero. Também trazemos exemplos sobre as cartas

publicadas em *A Cigarra*, utilizadas para obtenção dos dados do fenômeno linguístico variável em análise nesta pesquisa.

Na subseção 4.2.1, procuramos delimitar o público-alvo d'*A Cigarra* e investigar qual era o tipo de mulher a que a revista se dirigia e em que estava interessada. Por meio de preço das tiragens, das capas, das imagens e dos textos da revista, além de alguns indicadores sociais da época, vimos que *A Cigarra* representa e se dirige a um tipo específico de mulher – de classe alta e/ou intermediária, letrada/culta, jovem/adulta e branca, situada no Estado de São Paulo. A análise dos dados desta pesquisa, dessa maneira, considera a condição de que os resultados de maior ou menor uso das variantes linguísticas nos córpus devem ser lidos em relação a esse perfil de mulher.

Apresentamos as amostras que compõem o grupo controle em 4.3. Um grupo controle, conforme explicamos, fornece subsídios, a partir da comparação e do confronto, para a interpretação dos resultados obtidos por meio da amostra *A Cigarra*. Na subseção 4.3.1, evidenciamos a *Revista da Semana* e justificamos o motivo dessa amostra ser considerada como uma publicação [+feminina ↔ -masculina], além de trazermos exemplos de trechos de cartas que foram selecionadas para a verificação empírica. Em 4.3.2, o jornal *Correio Paulistano*, grupo controle de publicação [+masculina ↔ -feminina], é a amostra em evidência na subseção. Buscamos apresentar, então, aspectos que nos permitam enquadrar a publicação do jornal, num *continuum*, como mais masculino, fazendo um contraponto com a imprensa geral e a imprensa feminina.

Na subseção 4.4, abordamos detalhadamente os procedimentos metodológicos adotados para delimitar os córpus desta pesquisa. Baseamo-nos nos pressupostos da Linguística de Córpus, que tem sido apontada como importante para a metodologia dos estudos sociolinguísticos históricos (mas não somente). Nesta pesquisa, coletamos um total de 864 cartas, distribuídas entre as amostras *A Cigarra* (432 cartas), grupo controle *Revista da Semana* (216 cartas) e grupo controle *Correio Paulistano* (216 cartas). Na subseção em questão, explicamos também os critérios de seleção de cartas e, consequentemente, os percalços ao lidar com o material histórico.

Já ao longo da subseção 4.5, descrevemos as nossas variáveis (resposta e previsoras). Em 4.5.1, explicitamos a nossa variável resposta, formada pelas marcas de 2P/3P associadas a 'tu' e 'você' na posição sintática de sujeito. Já as variáveis previsoras, eleitas como possíveis condicionadoras do fenômeno, são descritas e exemplificadas em 4.5.2. O quadro, na sequência, sumariza o controle das variáveis previsoras:

Quadro 4 - Síntese das variáveis previsoras controladas

VARIÁVEIS PREVISORAS	NÍVEIS
Tipo de sujeito	nulo pleno
Contexto verbal	imperativo não imperativo
Paralelismo linguístico	ocorrência isolada primeira ocorrência de uma série ocorrência precedida por marcas de 2P associadas a 'tu' ocorrência precedida por marcas de 3P associadas a 'você'
Tipo de comunicação	agradecimento conselho crítica pedido reclamação relato
Temática	cotidiano cultura política relacionamento
Papel social do referente	leitor redator pessoa amada pessoa amiga pessoa ilustre
Faixa temporal	1915-1920 1921-1926 1927-1932
VARIÁVEL ALEATÓRIA	
Identificação de autoria	

Fonte: Própria.

Além disso, abordamos as decisões metodológicas da pesquisa na subseção 4.6 e trazemos, ainda que brevemente, o modo como procedemos a análise estatística dos dados, com base na linguagem de programação R (Core Team, 2023), para atingir o objetivo principal desta pesquisa – uma análise sociolinguística histórica sobre implementação de uma variante na língua e gênero feminino. Destacamos, por fim, dados específicos retirados da análise em casos de ambiguidade/vagueza, sentenças cristalizadas, possíveis erros de datilografia e utilização de "vós" nulo para se referir ao interlocutor.

5 RESULTADOS

Nesta seção, acomodamos as análises quantitativas dos dados à luz da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2016 [1972]). Colocamos em evidência, na primeira subseção, uma visão geral dos resultados no que se refere à distribuição de uso da variável resposta conforme os córpus (as cartas publicadas na revista *A Cigarra* e no grupo controle, *Revista da Semana* e jornal *Correio Paulistano*) por meio de uma análise inferencial.

Na subseção seguinte, apresentamos os resultados de análises multivariadas de cada um dos córpus, geradas a partir de modelos de regressão logística de efeitos mistos, para o uso de marcas de 3P associadas a 'você' (variante reportada, daqui em diante, como 3P/'você') em relação ao uso de marcas de 2P associadas a 'tu' (variante reportada, daqui em diante, como 2P/'tu') na posição sintática de sujeito. Ademais, expomos separadamente os resultados da variável *papel social do referente* por não ser incluída nos modelos de regressão.

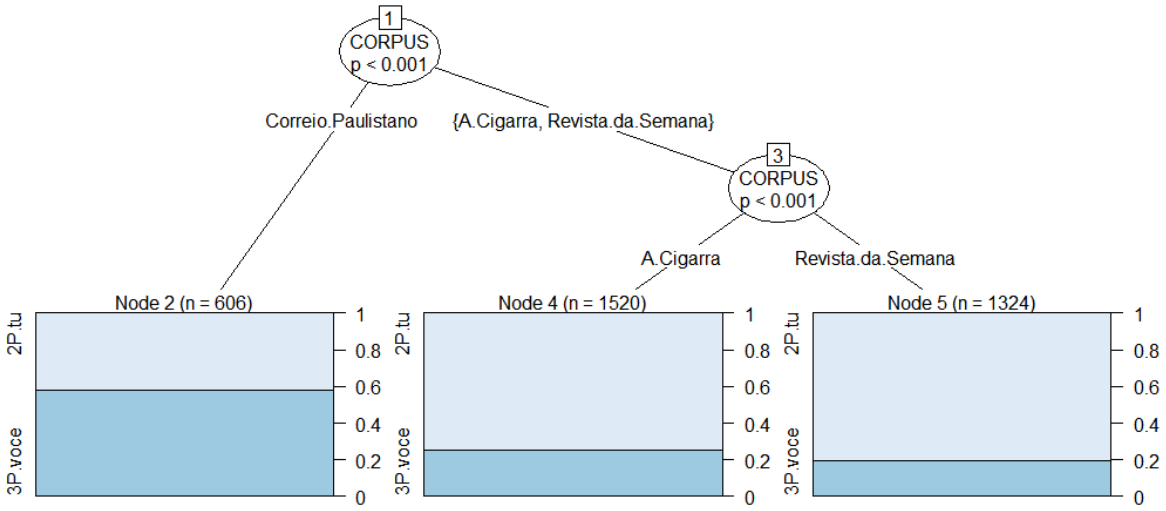
A interpretação desses resultados se constrói no contraste dos córpus e busca mobilizar, levando em consideração as hipóteses de pesquisa, de que maneira as questões sociais relacionadas ao gênero feminino podem explicar o uso variável do fenômeno linguístico em investigação. As principais considerações desta seção são resumidas ao final.

5.1 Visão geral da distribuição de usos de 2P/'tu' e de 3P/'você'

Nesta pesquisa, obtivemos um total de 3.450 dados do fenômeno linguístico variável. Os resultados, gerados por meio de uma análise inferencial, em relação à distribuição de uso da variável resposta quanto aos córpus estão dispostos na Figura 13, na sequência, que apresenta um modelo de árvore de inferência condicional[105]:

[105] Árvores de inferência condicional são geradas por meio de cálculos de regressão não paramétrica. Sobre esse método, Freitag e Pinheiro (2020, p. 318) assinalam que "essa é uma abordagem de exploração de dados, análise estatística exploratória, baseada em testes de significância, e que pode ser especialmente útil para auxiliar na descrição de usos linguísticos diversos e variáveis quanto à regularidade e à emergência da diversidade". Nesse sentido, um modelo de árvore funciona de modo a segmentar uma hierarquia de decisões. Freitag e Pinheiro (2020, p. 320) ainda explicam que, "como em uma árvore, uma árvore de inferências condicionais é um tipo de gráfico constituído por nódulos (*node*), que correspondem às folhas da árvore, e um conjunto de decisões de partição para cada nódulo, que corresponde ao tronco da árvore".

Figura 13 - Árvore de inferência condicional para a variável resposta quanto aos córpus



Modelo: ctree (VD~CORPUS, data=dados)

Fonte: Própria.

Da Figura 13, podemos visualizar padrões de comportamento quanto ao uso da variável resposta nos córpus. O primeiro nó da árvore apresenta duas ramificações para os córpus – a primeira, posicionada à esquerda, é referente aos dados do *Correio Paulistano* (grupo controle de publicação [+masculina ↔ -feminina]), enquanto a segunda, posicionada mais à direita da figura, estabelece-se em relação aos dados d'*A Cigarra* (publicação feminina) e da *Revista da Semana* (grupo controle de publicação [+feminina ↔ -masculina]). As ramificações também representam números mais baixos de *p*-valor ($p < 0,05$)[106], obtidos pelo conjunto de variáveis (nesse caso, a variável resposta + a variável previsora *córpus*) inseridas no modelo.

Nas cartas em análise, o uso de 3P/'você' em *A Cigarra* é proporcional a 26% dos 1.520 dados (N = 388 ocorrências). Para a *Revista da Semana*, a aplicação da variante em questão corresponde a 20% dos 1.324 dados (N = 262 ocorrências). Em contrapartida, no *Correio Paulistano*, 58% de 606 dados (N = 352 ocorrências) referem-se a essa estratégia de referência ao interlocutor. A árvore nos mostra que o córpus *Correio Paulistano* tem uma distribuição de dados que difere estatisticamente em comparação aos dados das amostras voltadas ao consumo feminino, d'*A Cigarra* e da *Revista da Semana*.

Trabalhos sociolinguísticos sobre o fenômeno variável, como os de Rumeu (2008), Pereira (2012) e Souza (2012), apontam para a maior produtividade de uso de formas de 2P/'tu'

[106] Convencionalmente, nas ciências humanas, os resultados são considerados significativos se o valor de *p* for igual ou menor que 0.05, o que leva à rejeição da hipótese nula, na qual a premissa é de que não há correlação entre as variáveis (Oushiro, 2022).

em relação ao uso de formas de 3P/‘você’ no início do século XX. Essa tendência pode ser comprovada por meio dos dados d’*A Cigarra* e do grupo controle *Revista da Semana*, mas não por meio dos dados do grupo controle *Correio Paulistano*, na medida em que esse último córpus, nessa comparação, parece ter avançado mais rapidamente em orientação à mudança linguística, com valores percentuais de uso de 3P/‘você’ acima de 50% entre os anos de 1915-1932.

As autoras (Rumeu, 2008; Pereira, 2012; Souza, 2012) também destacam que a implementação da estratégia inovadora, nesse período, se instaura mais em função das mulheres do que dos homens. Os resultados aqui reportados, na contramão, indicam que as leitoras e escreventes das cartas da revista *A Cigarra* e das cartas da *Revista da Semana*, em contraste com os leitores e escreventes das cartas do jornal *Correio Paulistano*, não se apresentam como as mais inovadoras no uso de 3P/‘você’ em relação ao uso de 2P/‘tu’ na faixa temporal em investigação.

A explicação para a liderança feminina na generalização de 3P/‘você, para os estudos citados, está em consonância com o contexto sócio-histórico de submissão feminina e com a garantia de maior neutralidade ao se dirigir a um interlocutor. Recuperamos os dizeres de Souza (2012) ao demonstrar que “às mulheres, possivelmente, seria de ‘melhor tom’, utilizar uma forma de maior distanciamento e menor intimidade [você], devido à cultura patriarcal da sociedade, no século XIX, e as marcas deixadas por esta cultura, no século XX” (Souza, 2012, p. 117) (cf. subseção 2.4.2). Na mesma linha, Lopes, Marcotulio e Oliveira (2018, p. 39, grifos nossos) afirmam que:

> Tal uso se explicaria pela manutenção da indiretividade do tratamento original Vossa Mercê, com a conservação de algum resquício de distanciamento, em um primeiro momento, e a generalização do emprego de você em diversas situações de uso em uma fase seguinte. [...] a forma você teria herdado, primeiramente, o caráter atenuante da estratégia- fonte Vossa Mercê, por isso seria menos “ameaçador ao interlocutor”. **Empregar tu poderia não ser tão “adequado” às figuras femininas no contexto social de fins do século XIX e início do XX**, uma vez que tratar o interlocutor de forma mais direta com um pronome de 2SG poderia ser um ato invasivo à face do destinatário (Brown e Levinson, 1987).

As direções de mudança para sexo/gênero previstas por Rumeu (2008), Pereira (2012) e Souza (2012), por exemplo, partem de outros contextos (córpus compostos por cartas pessoais trocadas entre familiares ilustres) e de correlações com outras variáveis (faixa etária, subdivisão de cartas, remetentes/destinatários e outras) (*cf.* subseções 2.4.1 e 2.4.2). Embora a verificação de maior frequência de uso de estruturas inovadoras de 3P/‘você’ por mulheres esteja em acordo

com uma das hipóteses levantadas por Labov (1990, 2001) a respeito do Paradoxo do gênero (*cf*. subseção 2.1), consideramos que a leitura dos resultados para o uso dessa variante deve ser feita com cautela.

Nesta análise, levamos em consideração que o córpus *A Cigarra* e o grupo controle *Revista da Semana* se inserem num contexto em que se engendra uma determinada representação de gênero feminino e se privilegia um contato mais íntimo, mesmo que em tempos principiantes dessa segmentação de imprensa (*cf*. subseção 3.2.2). Trata-se, nessa perspectiva, de amostras identificadas enquanto tecnologia de gênero, como propõe Lauretis (1994), uma vez que atuam, de diferentes maneiras (textos, imagens e anúncios), em um processo de construção de feminilidade (*cf*. subseção 3.1.2). Isso significa, então, que parece fazer mais sentido, nesses casos, a utilização de uma estratégia mais intimista (2P/'tu') do que uma estratégia de maior distanciamento (3P/'você').

Com o objetivo de melhor compreender e avaliar o comportamento da variável resposta em nossos dados, voltamo-nos, na sequência, às análises multivariadas[107], para o uso de 3P/'você' em relação a 2P/'tu' na posição sintática de sujeito em cada córpus.

5.2 Análises

As análises multivariadas, evidenciadas nesta subseção, foram obtidas por meio de modelos de regressão logística de efeitos mistos. Segundo Oushiro (2015), o cálculo estatístico gerado a partir desse tipo de modelo compreende tanto efeitos fixos (variáveis que podem ser replicadas em outros estudos, como *tipo de sujeito*) quanto efeitos aleatórios (variáveis específicas da amostra em análise, como os indivíduos selecionados aleatoriamente para compor os dados). A inclusão de efeitos mistos permite investigar, de modo mais confiável, se as correlações encontradas provêm de efeitos fixos ou se, ocasionalmente, há interferência de certos efeitos aleatórios.

Após a realização de análises exploratórias e de rodadas teste, verificamos um baixo número de ocorrências em níveis de algumas variáveis previsoras (mais especificamente, *paralelismo linguístico*, *tipo de comunicação*, *temática* e *papel social do referente*) para todos os conjuntos de dados, seja na amostra de cartas da revista *A Cigarra*, seja no grupo controle

[107] Análises multivariadas preveem a inserção simultânea de mais de uma variável no modelo estatístico. Idealmente, o caminho de investigação a se percorrer é o de realizar análises preliminares (frequência, proporção, gráficos) antes de se chegar aos testes de modelos multivariados (Oushiro, 2022). Ressaltamos, nesse sentido, que análises exploratórias univariadas (comportamento e distribuição geral de uma variável isolada) foram realizadas em um primeiro momento. O nosso objetivo, com esse arranjo, é apresentar uma visão geral de análise em modelos de efeitos mistos, em *A Cigarra* e no grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*), para se chegar a uma discussão e à comparação dos resultados mais detalhada.

(amostras de cartas da *Revista da Semana* e do jornal *Correio Paulistano*), o que gerou falta de ortogonalidade[108].

Para fins de exemplificação, a tabela abaixo mostra os resultados, em termos de frequência, do cruzamento entre *tipo de comunicação* e *temática* nos dados d'*A Cigarra*:

Tabela 5 - Exemplo de células vazias - cruzamento entre *tipo de comunicação* e *temática* em *A Cigarra*

		Temática			
		cotidiano	cultura	política	relacionamento
Tipo de comunicação	agradecimento	**3**	**2**	**0**	12
	conselho	46	**9**	**1**	164
	crítica	15	31	17	24
	pedido	57	**6**	**0**	127
	reclamação	22	**6**	**2**	41
	relato	306	28	**5**	596

Fonte: Própria.

Na Tabela 5, é possível observar que, em comunicações de agradecimento e de pedido com a temática de política, não há ocorrências da variável resposta em *A Cigarra*. Também estão em destaque frequências brutas que apresentam números próximos a 0, como comunicações de reclamação com temáticas de cultura (N = 6) e de política (N = 2). Esses resultados violam um dos pressupostos da regressão logística: a inexistência de multicolinearidade (*cf*. Oushiro, 2022).

Em conformidade com o estabelecimento de critérios metodológicos detalhados a seguir, optamos por (i) amalgamar níveis das variáveis *paralelismo linguístico*, *tipo de comunicação* e *temática*, e por (ii) não incluir a variável *papel social do referente* nos modelos reportados.

Guy e Zilles (2007) recomendam que, para criar amálgamas, deve haver coerência teórica e estatística. Os níveis a serem combinados, nessa lógica, devem ter semelhança linguística e/ou social e semelhança quantitativa (de dados, de percentuais, de pesos relativos etc.)[109]. Como o interesse, aqui, é comparar os resultados, os níveis combinados – levando em consideração as orientações dos autores – são os mesmos para *A Cigarra* e para o grupo controle, *Revista da Semana* e *Correio Paulistano*.

[108] Vale mencionar que rodadas para a verificação de ortogonalidade foram feitas para todas as variáveis e para todas as amostras, utilizando as funções *with* e *table* do pacote base do R (*cf*. Oushiro, 2022).
[109] É necessário levar em conta também que a diferença percentual entre os níveis de variáveis pode se associar à pouca quantidade de dados. Nesse caso, o critério teórico prevalece para as amálgamas.

Para *paralelismo linguístico*, a opção foi incluir a ocorrência isolada e a primeira ocorrência de uma série em um mesmo nível, tendo em vista a hipótese de que marcas levam a marcas, isto é, ocorrências precedidas por 3P/'você' levam a novas ocorrências precedidas por 3P/'você'. Já para a variável *tipo de comunicação*, a combinação se deu em torno dos níveis 'agradecimento' e 'pedido', além de 'crítica' e 'reclamação', por serem atos de fala similares nos córpus em investigação. Em relação à *temática*, os níveis 'política' e 'cultura' foram amalgamados, uma vez que podem se aproximar semanticamente nesta pesquisa. No tocante à 'política', vale dizer que a temática se refere não apenas a assuntos governamentais, mas também a outros aspectos sociopolíticos da sociedade – como aqueles relacionados a gênero. 'Cultura', por sua vez, remete às crenças e aos comportamentos sociais da época.

Embora *papel social do referente* também tenha gerado falta de ortogonalidade com outras variáveis, os níveis não poderiam ser amalgamados, visto que, da perspectiva social e semântica e dadas as especificidades de cada córpus, não se equiparam. Desse modo, a decisão foi a de não inserir a variável nas rodadas dos modelos de regressão, haja vista que poderia afetar a interpretação e comparação dos resultados[110].

O Quadro 5 sistematiza as variáveis acomodadas nas análises dos dados de todos os córpus[111], tendo em mente a reorganização dos níveis de *paralelismo linguístico, tipo de comunicação* e *temática*, e a exclusão da variável *papel social do referente* nas análises multivariadas:

[110] Apresentaremos os resultados da variável *papel social do referente* em uma subseção específica de análise (*cf.* subseção 5.2.1).

[111] Na seção de Apêndices, inserimos uma tabela com os resultados de frequência e proporção das variáveis previsoras, sem a inclusão das amálgamas.

Quadro 5 - Variáveis acomodadas na análise de dados com reorganização de níveis

VARIÁVEIS PREVISORAS	**NÍVEIS**
Tipo de sujeito	nulo pleno
Contexto verbal	imperativo não imperativo
Paralelismo linguístico	ocorrência isolada e primeira ocorrência de uma série ocorrência precedida por marcas de 2P associadas a 'tu' ocorrência precedida por marcas de 3P associadas a 'você'
Tipo de comunicação	agradecimento e pedido conselho crítica e reclamação relato
Temática	cotidiano cultura e política relacionamento
Faixa temporal	1915-1920 1921-1926 1927-1932
VARIÁVEL ALEATÓRIA	
Identificação de autoria	

Fonte: Própria.

É particularmente importante ressaltar que diversos testes foram realizados[112] com o objetivo de selecionar modelos que apresentassem o melhor índice de concordância (C), medida que afere a eficiência para a explicação da variação dos dados[113]. Nos modelos apresentados nesta tese, os índices de concordância C são superiores a 0.9, com C = 0.906 para os dados da revista *A Cigarra*, C = 0.983 para os da *Revista da Semana* e C = 0.977 para os do *Correio Paulistano*, o que demonstra poder notório de discriminação dos resultados.

[112] Inclusive, foram realizados modelos de interação entre as variáveis *tipo de comunicação* e *temática* para todos os córpus, uma vez que tais variáveis previsoras poderiam exercer uma relação de dependência entre si. Os resultados retornaram valores de *p* acima de 0.05 em todos os conjuntos de dados, mostrando que a interação não é significativa estatisticamente. Além disso, testamos, após as amálgamas e em modelos sem interações, se as variáveis incluídas eram colineares a partir da função *vif* () do pacote *car*. Os valores de GIFT dos modelos reportados nesta subseção estão abaixo de 5, o que significa afirmar, em outras palavras, que não há multicolinearidade (*cf.* Oushiro, 2022).

[113] Oushiro (2022, p. 330) remete a De Hosmer e Lemeshow (2000) para explicar que o índice de concordância é considerado com pouco poder de discriminação do resultado quando C = 0.5; com poder aceitável de discriminação do resultado quando os valores forem 0.7 < C < 0.8; com poder excelente de discriminação de resultado quando C < 0.9; e, por fim, com poder notório de discriminação de resultado quando C > 0.9.

Considerando que o objetivo das análises é comparar os resultados entre três amostras de dados, mais de um modelo de regressão logística de efeitos mistos é reportado em uma mesma tabela, com estatísticas resumidas, a exemplo de Silveira (2022), para melhor visualizar e comparar padrões e diferenças de uso.

Nesse contexto, para a leitura da Tabela 6, as seguintes regras se aplicam: (i) cada coluna corresponde a um modelo único e diferente para córpus diferentes – com exceção da primeira coluna à esquerda, referente às variáveis previsoras e seus níveis; (ii) os resultados dos modelos são lidos em termos do que aumenta ou diminui a probabilidade de ocorrência de 3P/'você', dado que temos mais interesse em verificar quais fatores (des)favorecem o uso da variante inovadora em córpus com distintas perspectivas sociais de gênero; (iii) as linhas dos níveis tomados como referência em cada variável previsora trazem os valores de frequência e proporção do uso de 3P/'você para cada coluna; e (iv) as linhas dos demais níveis apresentam, para cada coluna, os valores de estimativas, medidos em *logodds*[114], junto aos intervalos de confiança de 95% entre colchetes [][115], seguidos, abaixo, dos valores de *p*[116] e dos valores de frequência e proporção de uso de 3P/'você'.

Conforme dispostos na mesma tabela, os resultados das análises de regressão logística em modelos de efeitos mistos das variáveis previsoras e aleatória acerca do uso de 3P/'você nas cartas d'*A Cigarra* (publicação feminina) mostram que *tipo de sujeito*, *contexto verbal*, *paralelismo linguístico*, *tipo de comunicação*, *temática* e *faixa temporal* são estatisticamente significativas. Embora vejamos padrões de uso da variante inovadora para os dados de ambos os córpus do grupo controle em comparação aos dados d'*A Cigarra*, é interessante observar que não se mostram com significância estatística *tipo de sujeito*, *tipo de comunicação* e *faixa temporal* nas cartas da *Revista da Semana* (publicação [+feminina ↔ -masculina]), e *tipo de sujeito*, *contexto verbal* e *faixa temporal* nas cartas do *Correio Paulistano* (publicação [+masculina ↔ -feminina]).

---

[114] Os valores de estimativa, em *logodds*, devem ser lidos em relação à diferença entre o nível de referência (ou *Intercept*), especificados por nós no R, e os demais níveis de uma variável previsora. Também é relevante destacar que o valor de *logodds* se define como uma escala de probabilidade, que vai de -∞ a +∞, com ponto neutro em zero de algo ocorrer. Conforme as palavras de Oushiro (2022, n. 325), "um *logodds* de zero (ou próximo a ele) indica prontamente se há diferenças significativas; valores positivos indicam tendência a favorecimento (em relação a outro nível da mesma variável previsora); e valores negativos indicam tendência a desfavorecimento (em relação a outro nível da mesma variável previsora)".

[115] Oushiro (2022, p. 174) aponta que "o intervalo de confiança estabelece um valor mínimo e um valor máximo em que se calcula estar o verdadeiro parâmetro da população. Podemos não ter um valor exato, mas ter um intervalo em que é mais provável estar tal medida".

[116] O valor de *p* mensura a probabilidade de se observar a mesma distribuição (dos níveis das variáveis previsoras) no caso de a hipótese nula ser verdadeira. Na Tabela 6, valores de $p < 0.05$ acompanham asteriscos (*, ** ou ***), incorporados pela própria linguagem de programação R, que indicam * $p < 0.05$, ** $p < 0.01$ e *** $p < 0.001$.

Tabela 6 - Análises de regressão logística de efeitos mistos (*A Cigarra*, *Revista da Semana*, *Correio Paulistano*). Resultados para o uso de 3P/‘você’ em relação ao uso de 2P/‘tu’ na posição sintática de sujeito. *Identificação de autoria* como variável aleatória

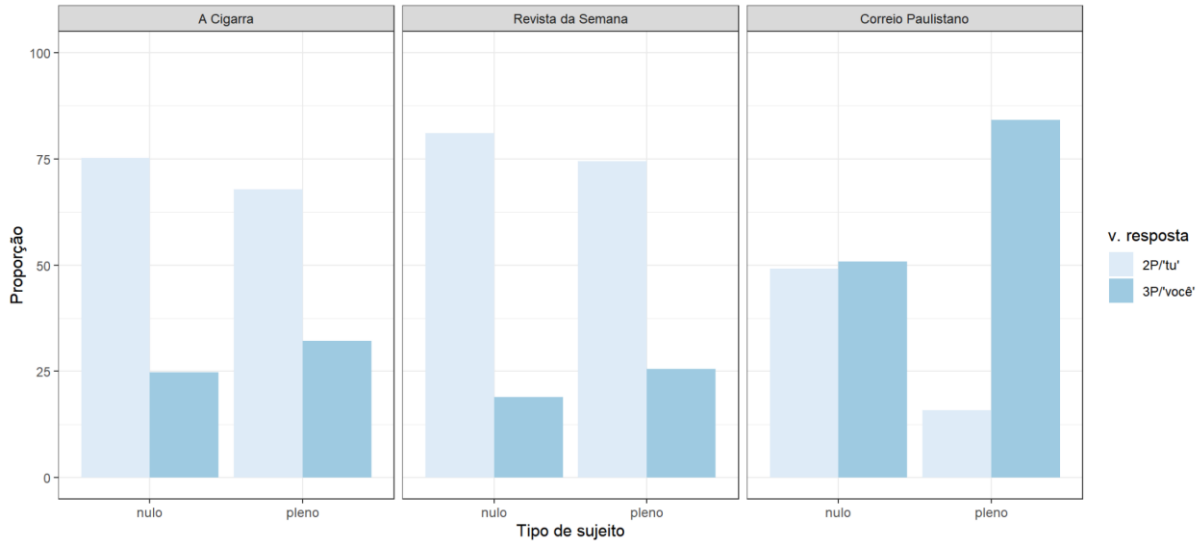
	A Cigarra	**Grupo controle** ***Revista da Semana***	**Grupo controle** ***Correio Paulistano***
Intercept	< 0.001	0.015	< 0.001
Tipo de sujeito			
nulo (referência)	343/1.380 (25%)	220/1.160 (19%)	241/474 (51%)
pleno	0.91 [0.08, 1.73] 0.031 * 45/140 (32%)	0.50 [-0.77, 1.78] 0.442 42/164 (26%)	1.90 [-0.64, 4.43] 0.143 111/132 (84%)
Contexto verbal			
imperativo (referência)	187/441 (42%)	102/315 (32%)	107/166 (64%)
não imperativo	-2.74 [-3.37, -2.10] < 0.001 *** 201/1.079 (19%)	-1.27 [-2.41, -0.12] 0.030 * 160/1.009 (16%)	0.80 [-1.24, 2.84] 0.442 245/440 (56%)
Paralelismo linguístico			
isolada e primeira (referência)	125/332 (38%)	68/177 (38%)	102/144 (71%)
precedida por 2P/‘tu’	-1.18 [-1.77, -0.58] < 0.001 *** 66/931 (7%)	-4.92 [-6.22, -3.61] < 0.001 *** 4/947 (0,5%)	-3.09 [-5.42, -0.75] 0.009 ** 5/214 (2%)
precedida por 3P/’você’	0.56 [-0.07, 1.20] 0.086 . 197/257 (77%)	2.68 [1.33, 4.01] < 0.001 *** 190/200 (95%)	1.56 [-0.36, 3.49] 0.113 245/248 (99%)
Tipo de comunicação			
agrad. e pedido (referência)	92/207 (44%)	39/157 (25%)	82/115 (71%)
conselho	-2.38 [-3.64,-1.12] < 0.001 *** 29/220 (13%)	-1.00 [-3.26, 1.26] 0.388 28/186 (15%)	-4.42 [-10.11, 1.28] 0.129 21/32 (66%)
crítica e reclamação	0.31 [-0.83, 1.45] 0.594 65/158 (41%)	-1.05 [-2.78, 0.69] 0.239 52/213 (24%)	-1.98 [-5.26, 1.31] 0.239 134/192 (70%)
relato	-1.31 [-2.11, -0.51] 0.001 ** 202/935 (22%)	-0.53 [-1.61, 0.56] 0.345 143/768 (19%)	-3.25 [-6.19, -0.30] 0.030 * 115/267 (43%)
Temática			
cotidiano (referência)	194/449 (43%)	115/249 (46%)	133/201 (66%)
cultura e política	-1.99 [-3.27, -0.71] 0.002 ** 31/107 (29%)	0.10 [-1.42,1.62] 0.893 45/112 (40%)	0.62 [-1.60, 2.85] 0.583 195/282 (69%)
relacionamento	-2.06 [-2.84, -1.28] < 0.001 *** 163/964 (17%)	-2.55 [-4.46, -0.63] 0.009 ** 102/963 (11%)	-4.11 [-7.99, -0.22] 0.038 * 24/123 (20%)
Faixa temporal			
1915-1920 (referência)	130/507 (26%)	137/443 (31%)	93/180 (52%)
1921-1926	-0.20 [-1.17,0.78] 0.692 85/561 (15%)	-0.38 [-1.46, 0.70] 0.495 106/783 (14%)	-0.53 [-3.89, 2.82] 0.756 85/200 (42%)
1927-1932	1.60 [0.59, 2.59] 0.002 ** 173/452 (38%)	-1.22 [-3.08, 0.65] 0.202 19/98 (19%)	2.18 [-1.37, 5.73] 0.230 174/226 (77%)

Modelo: glmer (VD~TIPO.DE.SUJEITO + CONTEXTO.VERBAL + PARALELISMO + TIPO.DE.COMUNICACAO + TEMATICA + FAIXA.TEMPORAL + (1 | IDENTIFICACAO.AUTORIA), data = dados, family = binomial)

Fonte: Própria.

O controle de *tipo de sujeito* permite aferir se as primeiras décadas do século XX (1915-1932), levando em consideração as diferenças sociais de publicações (no que se refere ao gênero) em cada córpus, apontam para a tendência de mudança de parâmetro, nos termos de Duarte (1995), ou de rearranjos sintáticos, nos termos de Faraco (2017 [1996]), em que o sujeito passa a ocorrer pleno. Com o objetivo de melhor compreender os resultados dos modelos de regressão logística de efeitos mistos, a Figura 14, à frente, expõe a distribuição dos dados da variável resposta quanto ao *tipo de sujeito* nos 3 córpus:

Figura 14 - Proporção de uso da variável resposta quanto ao *tipo de sujeito* em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*)



Fonte: Própria.

Em todos os córpus em análise, as proporções de uso de 3P/‘você’ são maiores quando o sujeito se encontra pleno se comparadas às proporções de uso quando o sujeito se encontra nulo. No entanto, como exibido na Tabela 6, apenas nas cartas da revista *A Cigarra* a diferença entre os níveis é estatisticamente significativa. Em outras palavras, em *A Cigarra*, o tipo de sujeito pleno (exemplo 79) favorece o uso de 3P/‘você’ (estimativa 0.91, $p = 0.031$), com 32% (N total = 140) das ocorrências, em relação ao nível de referência (sujeito nulo), com 25% (N total = 1.380) das ocorrências (exemplo 80).

(79) (Ao "João Mansinho"). **Você** quer mesmo ser o meu tão sonhado "noivinho"? Possue você todas as qualidades que expuz? Mas... eu estava brincando quando exigi tantos predicados... porque, para que assim eu quizesse, era preciso que eu tambem os possuisse, não é verdade? Mas... ha aqui uma unica condição - essa eu exigo - que o meu noivinho seja meu... só meu... que as suas palavras repassadas de ternuras deliciosas... de uma meiguice branda, suave, sejam só para mim... [...] (*A Cigarra*, junho de 1929).

(80) De sua gentileza espero a publicação destas linhas, com o que encherá de alegria o coração de uma amiguinha esquecida pela <*A Cigarra*>. Estão na Berlinda: Mariquita Campos, por ter lindos olhos; [...]. Alguns rapazes> Setubal, convencido; M. Baptista, insurpotavel; [...]. **Desculpe** a cacetada, sim? (*A Cigarra*, janeiro de 1916).

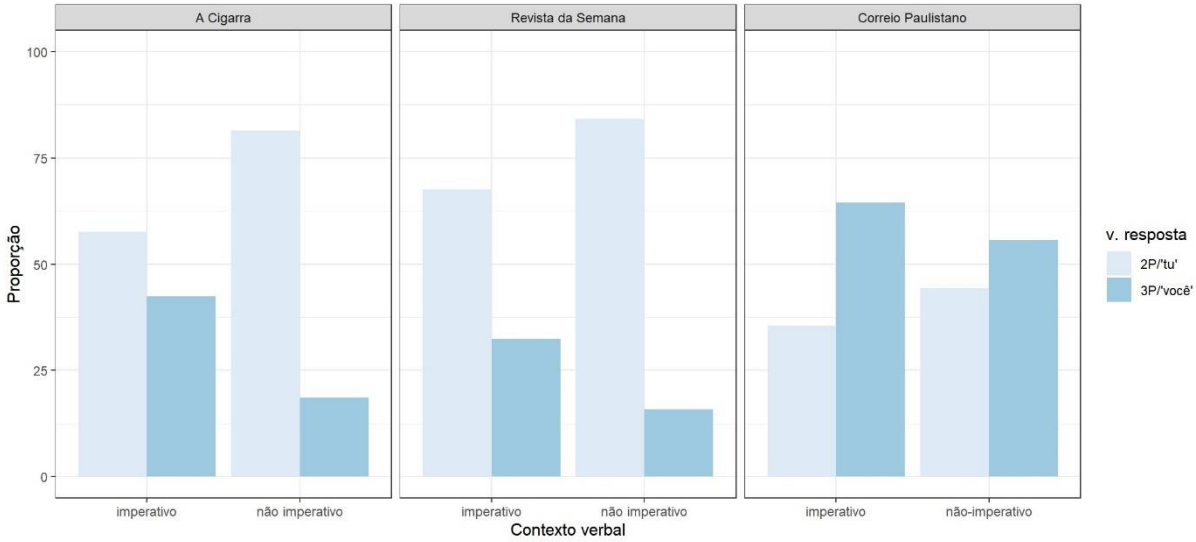
Nos dados do grupo controle, seja nas cartas da *Revista da Semana*, seja nas cartas do jornal *Correio Paulistano*, não há diferenças significativas para essa variável previsora. Na *Revista da Semana*, a variante 3P/'você' é aplicada em 19% (N total = 1.160) das ocorrências de sujeito nulo e em 26% (N total = 164), de sujeito pleno. Especificamente para os dados do *Correio Paulistano*, em que a aplicação de 3P/'você' em casos de sujeito nulo é de 51% (N total = 474) e de sujeito pleno, de 84% (N total = 132), a falta de correlação para essa variável previsora no modelo reportado pode ser consequência do comportamento idiossincrático de autor(es) das cartas ou pelo número de dados[117].

Os resultados para *tipo de sujeito*, nesta tese, indicam que os dados extraídos d'*A Cigarra*, um córpus de publicação feminina, estão na mesma direção do que atestam outros estudos sociolinguísticos, como os de Barcia (2006) e de Rumeu (2008), os quais comprovam o favorecimento de uso de 3P/'você' quando o sujeito da oração se encontra preenchido, corroborando a manutenção de traços da forma-fonte de tratamento nominal ('Vossa Mercê'). Para os conjuntos de dados do grupo controle, porém, essa afirmação não é viabilizada.

Sobre o *contexto verbal*, os valores de estimativa negativos em *logodds* (*cf.* Tabela 6) indicam que a utilização da variante inovadora é desfavorecida quando está inserida em contexto verbal não imperativo, em relação ao imperativo (nível de referência), nos córpus *A Cigarra* (estimativa -2.74, $p < 0.001$), com percentual de uso de 19% (N total = 1.079), e *Revista da Semana* (estimativa -1.27, $p = 0.030$), com percentual de uso de 16% (N total = 1.009). Já para o *Correio Paulistano*, o modelo sinaliza que não há diferenças significativas entre os níveis dessa variável previsora, visto pelas proporções de emprego de 3P/'você' próximas nos contextos imperativo (64%, N total = 166) e não imperativo (56%, N total = 440), como demonstrado na Figura 15:

[117] Em Apêndices, incorporamos tabelas com modelos de regressão logística de efeitos fixos, considerando as mesmas variáveis previsoras apresentadas nesta subseção.

Figura 15 - Proporção de uso da variável resposta quanto ao *contexto verbal* em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*)



Fonte: Própria.

É possível verificar um padrão de uso para a revista de publicação feminina, *A Cigarra*, e para a *Revista da Semana*, de publicação [+feminina ↔ -masculina], o qual converge com a tendência de mudança linguística, vista em outros estudos (Rumeu, 2008; Lopes *et al.*, 2018 etc.), de que a maior produtividade de 3P/'você' se deu, primeiramente, em contexto verbal imperativo[118], como ilustram os excertos (81) e (82), com 42% (N total = 441) e 32% (N total = 315) de aplicação, respectivamente. No caso do *Correio Paulistano*, de publicação [+masculina ↔ -feminina], o uso dessa variante nos anos de 1915-1932 já teria se espraiado em ambos os contextos verbais em análise, como demonstram os exemplos (83), de imperativo, e (84), de não imperativo:

(81) [...]. Mas, **queira** desculpar-me, eu não estou de saia e sim de penhior!... Adeusinho. **Proteja** o meu candidato e queira-me bem sempre, que não lhe custa nada. - Sua admiradora D.M. **Publique** esta carta, que é para elle vêr o apuro em que me deixou (*A Cigarra*, maio de 1915).

(82) [...]. Foi n'uma dessas noites de insomnia que me assaltou uma ideia singular. [...] atravessei o corredor, descança, pé-ante-pé, entrei no escriptorio de meu marido, abri, a tremer de frio, a gaveta de contador indiano onde ele guardava o tabaco, trouxe tudo para o meu quarto, deitei-me, obriguei os meus pobres dedos cheios de anneis a enrolar um cigarro, o primeiro cigarro - imagine **você** que cigarro! - o tabaco ardeu na chamma viva da vela com uma pequenina brasa vermelha, [...]. Desde essa noite, nunca mais deixei de fumar. Está provado, meu amigo, que todos os defeitos da mulher são, afinal, obra do homem. Pois não é assim? sua amiga, N. *(Revista da Semana*, janeiro de 1915).

[118] Essa preferência é motivada, possivelmente, pela manutenção de sentido de assimetria da forma-fonte 'Vossa Mercê'.

(83) [...]. Não tenho o prazer de o conhecer pessoalmente, mas habituei-me a ler os artigos que trazem seu nome. Acho-os sempre muito bem feitinhos e muitos sensatos. Sou sempre grato a quem me dá um momento de prazer intellectual; fico agradecido como a criança a quem se dá uma deliciada gulodice. **Conte**-me entre seus leitores assiduos que mais o apreciam. - Dr. Franco da Rocha (director do Hospicio de Juquery) (*Correio Paulistano*, junho de 1918).

(84) [...]. Pergunta-me **você** si eu tenho lido muito, escripto muito, sonhado muito, e "si já apertei a mão ao grande escriptor, áquelle cuja obra mais linda e bohemia nós liamos chorando, numa ancia visionaria do Rio de Janeiro" [...]. (*Correio Paulistano*, janeiro de 1919).

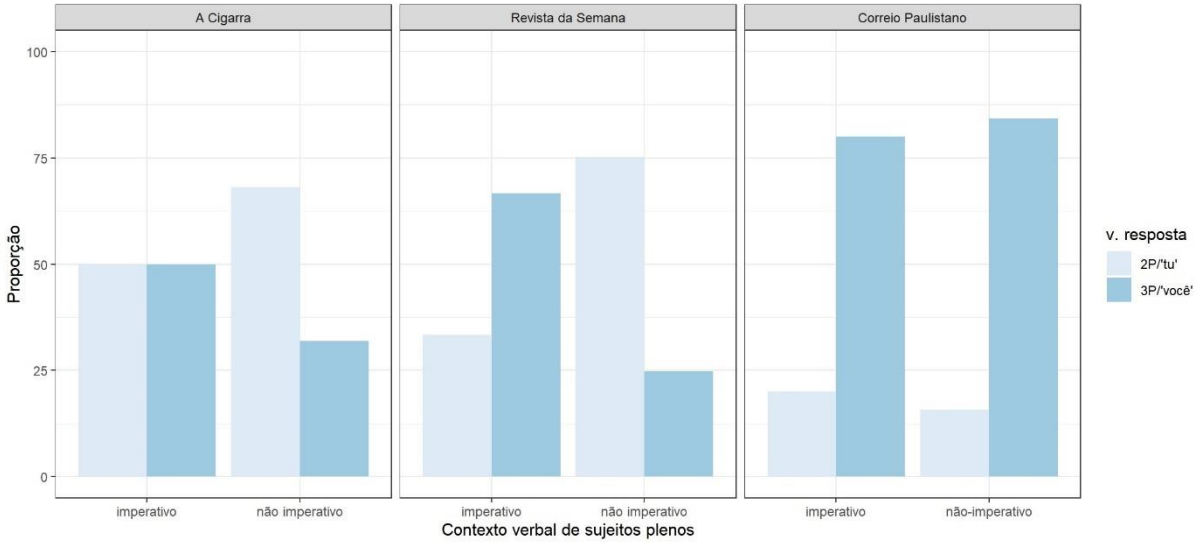
Uma das expectativas levantadas, além disso, é de que, em dados de córpus que performam gênero feminino, haveria a preferência por formas verbais no imperativo, uma vez que o ordenamento de conduta é característico de revistas femininas (*cf*. Buitoni, 1981). Nesta pesquisa, entretanto, o uso de 2P/'tu', mais frequente em *A Cigarra* e *Revista da Semana*, persiste em contexto não imperativo, o que parece indicar que as cartas publicadas, mais especificamente nesses veículos de comunicação, não necessariamente se valem de imperativos para tentar, de alguma maneira, moldar outras leitoras. Os trechos de (85) e (86) mostram ocorrências da variante conservadora em contexto verbal não imperativo nesses córpus:

(85) [...] uma tentação enorme se apoderou de mim, percebendo que era o teu diário, aquelle livrinho que tão cuidadosamente **escondias**!... Que mal faria eu em lêr só o teu ultimo escripto?... Saber o que se passava no teu escripto, desvendar o mysterio que encobria de tristeza os teus lindos olhos? [...] (*A Cigarra*, dezembro de 1922).

(86) [...]. **És** formosa e **és** moça. Quantas invejam o poder seductor dessa formosura, a graça inebriante dessa mocidade invejando-te o sem numero de enamorados... Mas, formosa, não me **enlevaste** os olhos; moça, não me **prendeste** o coração. [...] (*Revista da Semana*, junho de 1925).

Foi também realizada uma análise alternativa para a variável *contexto verbal* apenas com dados de sujeito pleno, com a finalidade de comparar os resultados e verificar se os padrões de uso permanecem os mesmos, dado que, na sincronia atual, há variação da expressão do imperativo (*cf*. Scherre, 2007). A Figura 16 traz os resultados:

Figura 16 - Proporção de uso da variável resposta quanto ao *contexto verbal* de sujeitos plenos em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*)



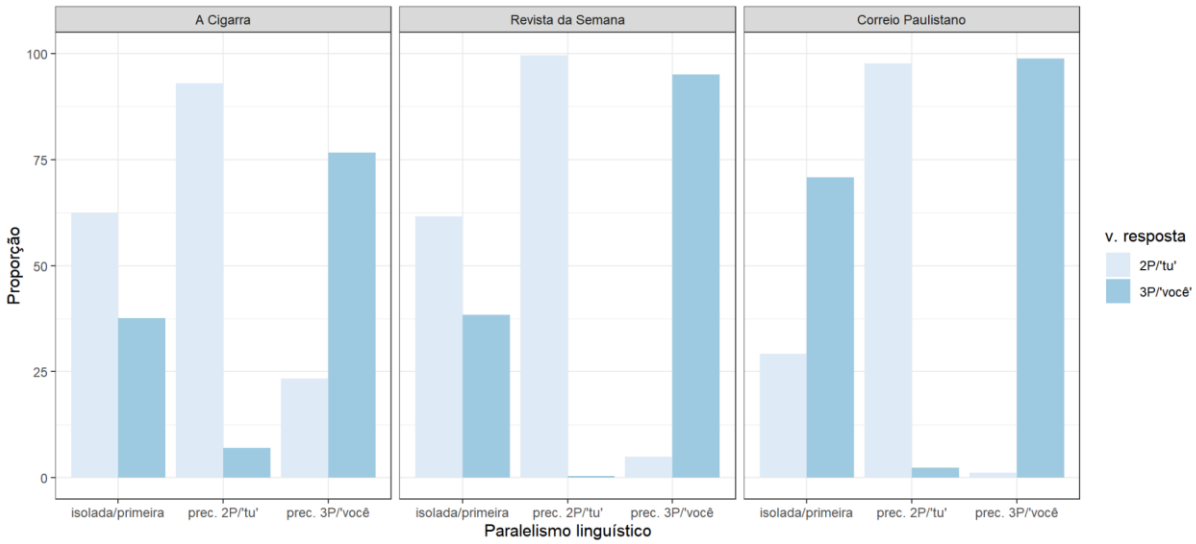
Fonte: Própria.

Ao todo, temos 436 ocorrências de sujeito pleno: 140 em *A Cigarra*, 164 na *Revista da Semana* e 132 no *Correio Paulistano*. A frequência de imperativo para 3P/‘você’ em casos de sujeito pleno é baixa (apenas 10 ocorrências, considerando os 3 córpus), o que não permite comparações seguras sobre esse contexto verbal nessa configuração de dados. Convém afirmar que o imperativo, em nossos conjuntos de dados, é preferivelmente utilizado em caso de sujeito nulo, independente dos córpus. Cabe ter em vista, portanto, esse aspecto na análise dessa variável previsora.

Em relação ao contexto não imperativo, podemos confirmar, com base na comparação de proporções de uso da variável resposta (*cf*. Figuras 15 e 16), que os padrões não se alteram, com maior percentual de uso de 2P/‘tu’, em comparação a 3P/‘você’, em contextos não imperativos, particularmente em *A Cigarra* (68%, N total = 94) e *Revista da Semana* (75%, N total = 121). Para os dados do *Correio Paulistano*, o contexto não imperativo permanece, em relação a 2P/‘tu’, com maior uso de 3P/‘você’ (84%, N total = 107), tal como observado nos dados gerais (sujeitos nulo e pleno).

No que se refere ao *paralelismo linguístico*, a aposta era de que marcas levam a marcas, como Scherre (1998) propõe. Ou seja, o uso de 3P/‘você’ levaria a mais usos da mesma variante, hipótese válida para 2P/‘tu’, nesse último caso, constituindo-se em um contexto de resistência da variante conservadora. A Figura 17, na sequência, traz as proporções de uso da variável resposta quanto a essa variável previsora:

Figura 17 - Proporção de uso da variável resposta quanto ao *paralelismo linguístico* em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*)



Fonte: Própria.

Os modelos de regressão apresentados na Tabela 6 mostram que, em relação à ocorrência isolada e à primeira ocorrência de uma série (nível de referência), a ocorrência precedida por 2P/‘tu’ desfavorece a aplicação de 3P/‘você’, quer seja nas cartas d’*A Cigarra* (-1.18, $p < 0.001$), com aplicação de 7% (N total = 931), quer seja nas do grupo controle, *Revista da Semana* (-4.92, $p < 0.001$), com aplicação de 0,5% (N total = 947), e *Correio Paulistano* (-3.09, $p = 0.009$), com aplicação de 2% (N total = 214).

Isso aponta para uma certa uniformidade nos modos de se referir ao interlocutor nesta pesquisa, apesar das diferenças de performance de gênero nos córpus, quando se trata da variante conservadora[119]. Os exemplos de (87) a (89) ilustram o contexto de resistência de uso de 2P/‘tu’ em ocorrência precedida também por 2P/‘tu’ nos córpus:

(87) A sonoridade das tuas bellas expressões, o cantico redemptor da Esperança com que **afagas**[120] a minha desdita, repercute em minh'alma, dando-me alento e força para supportar ainda os rigores mortificantes da lei do Cupido [...] Não, minha amiga. Illudiu-me, é verdade, meus sonhos se desfizeram, mas **tu** tambem te enganas, talvez com razão, porque o teu virgem coração jámais sentiu as pulsações do amor. Elle virá, **descança**, e oxalá que **sejas** a mais venturosa das suas presas, porque **és** digna pela tua bondade, pela formosura da tua alma e pelo esplendor da tua culta intelligencia [...] (*A Cigarra*, abril de 1917).

[119] Destacamos que o nível ocorrência isolada e primeira ocorrência de uma série reproduz o padrão geral de cada córpus em termos de tendências (e não de índices propriamente).
[120] Essa ocorrência trata-se da primeira de uma série. As demais são exemplos de ocorrências precedidas por 2P/‘tu’.

(88) A alguem. Agora é tarde. Por que **vens**[121] bater á minha porta, por que **procuras** novamente abrir a chaga que tanto tempo levou a cicatrizar? É tarde! Desappareceu do meu coração aquelle intenso amor de outros tempos, porque o **feriste** com a setta da ingratidão! [...] (*Revista da Semana*, abril de 1921).

(89) Minha adoravel ex-desconhecida. Bom dia. Si **imaginas**[122] que o mysterio ainda acoberta as tuas missivas, **terias** uma descoroçoante surpresa quando **soubesses** que a argueia do meu sherleismo tirou essa mascara de velludo negro e galante que te escondia o rosto, tão cuidadosa e ingenuamente velado á minha inquieta curiosidade [...] (*Correio Paulistano*, agosto de 1921).

O uso da variante inovadora em ocorrência precedida por 3P/'você' mostra-se com diferenças significativas, considerando os efeitos aleatórios (*identificação de autoria*), somente para os dados da *Revista da Semana* e indica favorecimento de uso de 3P/'você' nessa condição (2.68, $p < 0.001$), com emprego de 95% (N total = 200), em relação ao nível de referência (ocorrência isolada e a primeira ocorrência de uma série), tal como mostra o exemplo (90):

(90) [...]. Vem isto a proposito, meu amigo, do ar lastimavel com que **você** me olhou ha dois dias, quando no meio da nossa conversa, afundada no meu *couch-corner*, estendi a mão para um cofre pequeno de Limoges, tirei um horrivel cigarro egypcio amarello de ópio e o accendi na chamma doirada de uma vela. **Você** olhou para mim com uma expressão de estranheza e de desencantamento, que me fez pena. **Acredite**. Fez-me muita pena. A sua incorrigivel delicadesa não ousou sequer uma palavra. Mas eu li no seu espirito como n'um livro aberto [...] (*Revista da Semana*, janeiro de 1915).

Na revista *A Cigarra*, embora confirmada certa uniformidade de usos para 2P/'tu' nas cartas publicadas, é interessante destacar que há 23% de ocorrências (N total = 257) da variante conservadora precedida por 3P/'você' (trecho 91). O caso não se aplica ao grupo controle, no qual a ocorrência precedida por 3P/'você' se restringe mais notadamente ao emprego de 3P/'você' na *Revista da Semana*, como verificado, e no *Correio Paulistano,* com 99% (N total = 248) de uso de 3P/'você' nesse contexto (trecho 92).

(91) um profundo conhecimento sobre os felizardos rapazes que **você** se dignou mencionar. Entre estes, dois se propuzeram descobrir qual a pessôa que, servindo-se de um pseudonymo e de tantos "Espiritos Santos" como **tu** o fizeste[123], disse cousas que, na verdade, não são verdadeiras [...] (*A Cigarra*, junho de 1919).

[121] Essa ocorrência trata-se da primeira de uma série. As demais são exemplos de ocorrências precedidas por 2P/'tu'.
[122] Essa ocorrência trata-se da primeira de uma série. As demais são exemplos de ocorrências precedidas por 2P/'tu'.
[123] Essa é a ocorrência em destaque, que se refere ao uso de 2P/'tu' precedido por ocorrência de 3P/'você'.

(92) Meu caro Helios. Limeira, fevereiro de 1929. **Você**[124], Helios, está me sahindo agora um formidando (sic) pesquizador. **Você** quer mesmo conandoylescar-se, está se vendo. Entretanto, as suas investigações não deixam de ser bastante interessantes. Talvez que o nosso obrissimo "*folk-lore*" engorde um boccado mais... Mas, quero tambem concorrer com uma pedrinha para esse seu edificio em perspectiva. [...] - Osv. da Sylveyra (*Correio Paulistano*, março de 1929).

As variações de uso em *A Cigarra* podem revelar o que Rumeu (2008) denomina de "mescla de tratamento", também vista em Pereira (2012). Afirmam as autoras que essa estratégia linguística é, na maioria dos casos, estigmatizada pelos manuais de gramáticas tradicionais. Nesse sentido, levantamos a hipótese de que a revista *A Cigarra* poderia ter uma escrita em tom menos formal se comparada a do grupo controle, incluindo aquela do córpus em que a tecnologia de gênero opera de modo similar (*Revista da Semana*).

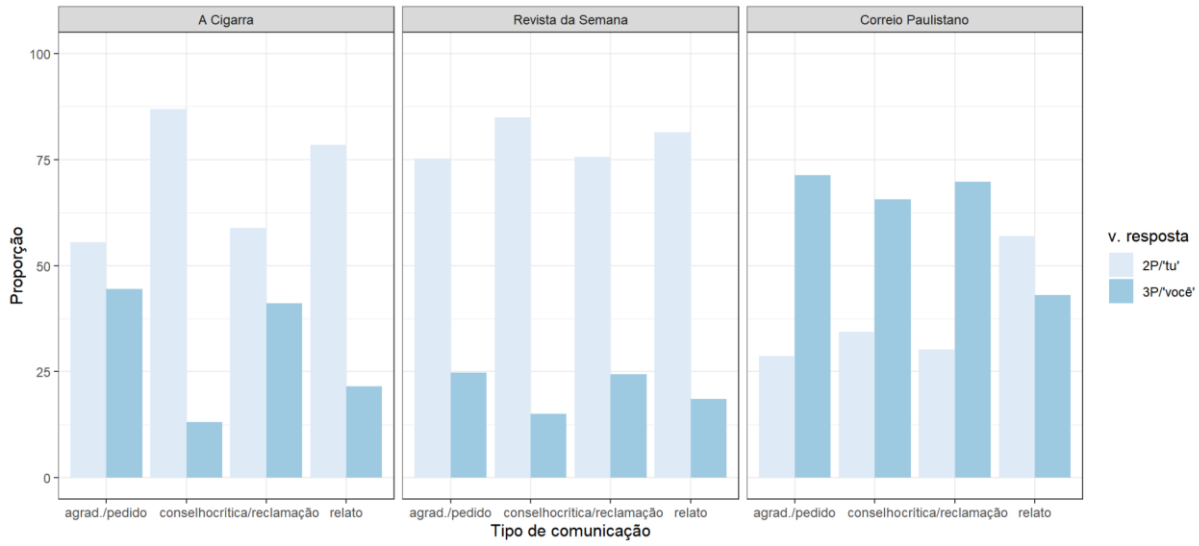
Os resultados dos modelos de regressão logística de efeitos mistos para as variáveis previsoras linguísticas *tipo de sujeito*, *contexto verbal* e *paralelismo linguístico* sugerem que as tendências apontadas pela literatura sociolinguística sobre o fenômeno (*cf*. Barcia, 2006; Rumeu, 2008; Lopes; Marcotulio, 2011; Pereira, 2012; Souza, 2012) podem ser visualizadas nesta pesquisa, nos três córpus, cada qual com as suas especificidades e com diferentes usos da variável resposta.

No entanto, consideramos que as variáveis previsoras que se relacionam com a configuração das cartas, *tipo de comunicação*, *temática* e *papel social do referente*[125], podem nos trazer mais pistas se os discursos performados em revistas com publicações direcionadas ao gênero feminino condicionam a preferência pelo uso da variante de 2P/'tu' nas cartas publicadas em *A Cigarra* e *Revista da Semana*. Além disso, tais variáveis permitem-nos, mais nitidamente, contemplar como os córpus podem operar enquanto tecnologia de gênero, como as performances de gênero, sejam quais forem as categorias, se criam e se constroem no discurso e, nesse sentido, como essas questões podem impactar os resultados obtidos.

O objetivo em analisar o *tipo de comunicação* reside em verificar se há a predominância de algum dos níveis controlados para essa variável previsora e se esse aspecto poderia influenciar – o favorecimento ou o desfavorecimento – do uso de 3P/'você'. A distribuição dos dados de acordo com o *tipo de comunicação* em *A Cigarra* e no grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*) é apresentada na Figura 18:

[124] Essa ocorrência trata-se da primeira de uma série. A segunda é um exemplo de ocorrência precedida por 3P/'você'.
[125] A análise da variável previsora *papel social do referente*, relembramos, é feita em outra subseção (5.2.1), na medida em que não foi inserida nos modelos de regressão logística.

Figura 18 - Proporção de uso da variável resposta quanto ao *tipo de comunicação* em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*)



Fonte: Própria.

Nas cartas d'*A Cigarra*, a aplicação de 3P/'você' quanto ao *tipo de comunicação* é maior, em termos de frequência, em ocorrências de agradecimento e pedido (exemplo 93), com 44% de uso (N total = 207), e em ocorrências de crítica e reclamação (exemplo 94), com 41% de uso (N total = 158). Já em ocorrências de conselho (exemplo 95), a aplicação de 3P/'você' é de 13% (N total = 220) e em ocorrências de relato (exemplo 96), de 22% (N total = 935).

Esses resultados convergem com os do modelo de regressão (*cf.* Tabela 6), na medida em que, em relação ao nível de referência (agradecimento e pedido), conselho (-2.38, $p < 000.1$) e relato (-1.31, p = 0.001) desfavorecem o uso da variante inovadora, visto os valores negativos de *loggods*.

(93) [...]. Mas, **tenha** paciência de lêr mais um pouquinho. Si **está** cançado, **descance** um pouco com a leitura e **recomece** mais tarde. [...] Mas não **vá** ficar zangado e **po**l-a na lata dos papeis, que então é que me estraga com o capitulo começado [...] (*A Cigarra*, maio de 1915).

(94) [...]. A mulher mudou e uma das causas indirectas dessa mudança é o proprio homem. Os homens tambem se transformaram. Ella continua a ter a sua alma sonhadora, onde os bons sentimentos nunca morreram. Mas foi isso que os homens perderam e acabaram desconhecendo. A mulher, constrangida pela sua posição no mundo, não podia deixar de acompanhar a evolução, pelo menos apparentemente. As condições da vida é que mudaram e foi o que **você** interpretou mal (*A Cigarra*, novembro de 1926).

(95) Ó garota, **você** tem mesmo um genio formidavel!!! **Você** não percebe que Fernanda, toda convencia e nulificada como o é, offender-se-ia com a minima parcella de compaixão que se lhe dispensasse? **Reflicta**, pequena, que ella (!) não é geniosa... (*A Cigarra*, outubro de 1929).

(96) (A Nenê). Para que não **fique** mais na duvida a respeito da senhorita a quem dirigi a listinha no nº 178 d'<*A Cigarra*>, respondo-lhe dando as iniciaes do seu sobrenome que são: L.P. e reside na rua B.G. nº par. Da amiguinha e leitora constante - Lagrima Maldicta (*A Cigarra*, maio de 1922).

Conselhos e relatos, nas cartas d'*A Cigarra*, geralmente, têm propósitos comunicativos [+ pessoais] do que agradecimento e pedido. São tipos de comunicação associados a sentimentos, amores e vivências, por exemplo. Esses indícios podem explicar a menor quantidade de ocorrências de 3P/'você', estratégia atrelada a um valor de [+distanciamento], e a resistência de ocorrências de 2P/ 'tu', de valor de [+intimidade], nesses contextos, conforme ilustram os trechos (97) e (98) à frente:

(97) Querida amiguinha. Conheço-te e sei que **és** boa. **Dizes** que tudo passa. Sim, passou aquelle sonho que foi talvez o primeiro... Mas, Porque? Por ser subjugado por outro. **Amas** com ardor. Porque **és** tão sensivel? Não **deves** ser assim. **Sabes** que numa época como esta, em que a miseria e decadencia predominam, mostrar teu amor, é fazer que elle se proste por terra e seja espisinhado! **Sê** altiva, **sepulta** em teu coraçãosinho esse affecto que é puro em ti, **procura** até encontrar (cousa difficil!) aquele que saiba avaliar o poder desse sacrosanto amor. **Escolhe**-o bem, **estuda**-o com attenção, para depositar-lhe n'alma a tua felicidade. **Podes** ficar sciente de que os homens só merecem credito depois de um minucioso estudo. Mesmo com as multiplas experiencias que tenho tido, acho que nunca lhe devemos ter inteira confiança. Já passei por muitos enganos e hoje, o meu <Eu>, só se recorda de ingratidões. Da leitora e colleguinha - Turmalina Verde (*A Cigarra*, abril de 1921).

(98) Obrigada, Filhinha. Sensibilisou-me immenso a tua prova sincera de solidariedade. **Dizes** bem. Encontrei afinal uma alma que comprehenda a minha. Só **tu** poderás avaliar a verdade das minhas palavras, porque a tua dôr, que eu reconheço no deslise da tua penna nada mais é que a imagem da minha reflectida no crystal puro da tua sinceridade. Não te **admires** se assim falo, com o desembaraço de uma calculista nas suas previsões mathematicas. Aprendi já a estudar a psycologia daquellas que se dizem victimas do Amor, e confesso-te com franqueza Filhinha, as tuas breves palavras, cheias de sentimento e ternura, delineam com notidez a grandeza do teu nobre coração, sincero e resignado. Basta, pois, que aqui deixe, por intermedio da nossa maior amiga <*A Cigarra*> o encargo de trasmittir-te um amplexo, a fusão de duas almas irmãs, numa eloquencia muda, como o transmissor mais perfeito dos nossos pezares. Adeus. Tua amiguinha – Paquita (*A Cigarra*, junho de 1917).

No trecho (97), a escrevente, cuja identificação é feita por meio de um pseudônimo (Turmalina Verde), dirige-se a uma outra leitora, uma pessoa amiga conhecida, com a utilização de expressões como "querida amiguinha". Trocas de cartas entre leitoras, conforme discutido na subseção 4.2, eram publicadas de modo frequente na revista, ao menos nos anos em análise (1915-1932).

Pelo contexto, depreendemos que a referente, não identificada, passou por uma desilusão amorosa. O propósito comunicativo construído nas linhas da carta é oferecer um conselho de teor amoroso, baseado nas vivências próprias: procurar um outro amor, mesmo que essa seja uma tarefa árdua. A autora se vale do diminutivo (coraçãozinho), assim, para tornar o

texto mais ameno quando a conduta é de ordenamento: para deixar de ser sensível, para guardar os sentimentos amorosos até encontrar alguém que o mereça.

Outro conselho é que a referente estude bem a pessoa amada (um homem, no caso) para depositar-lhe a confiança (não inteiramente merecida). Trata-se de um trecho em que as escolhas linguísticas, como "querida amiguinha", "conheço-te", "és boa", "coraçãozinho", "afeto puro", 'estuda-o com atenção" e "depositar-lhe na alma tua felicidade", são mais intimistas, o que ampara, conforme os destaques no trecho, a preferência gramatical pelo uso de 2P/'tu' apenas, estratégia íntima de referência a um interlocutor (Lopes; Marcotulio; 2011).

Já em (98), temos um exemplo de ocorrência de 2P/'tu' em que prevalece o relato. Nesse caso, "Paquita", pseudônimo de autoria da carta, traz, ao que parece, uma resposta à referente nomeada como "Filhinha". Nesse texto, publicado em *A Cigarra*, Paquita se revela grata com a prova de sinceridade, solidariedade e compreensão de amizade de Filhinha. Há uma identificação entre ambas no que diz respeito ao sofrimento amoroso, evidente pelas passagens "[...] porque a tua dôr, que eu reconheço no deslise da tua penna nada mais é que a imagem da minha reflectida no crystal puro da tua sinceridade [...]" e "[...] Aprendi já a estudar a psycologia daquellas que se dizem victimas do Amor [...]" (*A Cigarra*, junho de 1917).

Paquita também menciona *A Cigarra* como a maior amiga, que torna possível transmitir um abraço por meio de palavras e publicar as desilusões vivenciadas pelas leitoras. Tal como o trecho (97), aqui vemos a utilização de recursos linguísticos que aproximam autora e referente. São exemplos o uso de diminutivo ("filhinha", "amiguinha") e o uso de 2P/'tu'.

A revista *A Cigarra*, ao publicar um grande número de cartas, muitas vezes, de textos longos, tenta criar um vínculo com as leitoras, algo característico dessa segmentação (*cf.* subseções 3.2.2 e 4.2), cuja finalidade é atingir um maior número de vendas de edições, mesmo em tempos principiantes da imprensa feminina. A partir de um tom amigável, *A Cigarra* tem interesse no consumo do público-alvo (mulheres brancas, jovens adultas, de classes sociais altas e intermediárias) e, nessa conjuntura, instaura um espaço de escrita (específica) como um suporte para essa "amizade".

Por essa razão, levando em conta que, como afirma Buitoni (1990, p. 75), "numa linguagem muito próxima da publicitária, os textos dirigidos à mulher são verdadeira comunicação persuasiva, aconselhando-a a todo momento sobre o que fazer" e que "a imprensa feminina usa e abusa do aconselhamento" (Buitoni, 1990, p. 76), era eficaz, para essa segmentação, publicar cartas, escritas por leitoras, de conselhos e de relatos. Portanto, a preferência pelo uso de formas linguísticas mais intimistas, como 2P/'tu', em textos

performáticos de autoria feminina parece se explicar nos tipos de comunicação conselho e relato.

Na comparação desses resultados com os do grupo controle, a expectativa era, então, de que as cartas da *Revista da Semana* (publicação [+feminina ↔ -masculina] mostrassem o mesmo padrão de uso. Com os níveis amalgamados, todavia, é possível observar, por meio da Figura 18, que, embora agradecimento e pedido (25%, N total = 157) e crítica e reclamação (24%, N total = 213) sejam os níveis em que o emprego de 3P/'você é proporcionalmente maior do que o restante, quais sejam conselho (15%, N total = 186) e relato (19%, N total = 768), assim como ocorre nas cartas d'*A Cigarra*, não há diferenças estatisticamente significativas na distribuição dos dados. Considerando o nível de referência (agradecimento e pedido), os percentuais são próximos, o que leva a não significância dessa variável previsora no modelo estatístico deste córpus, reportado nesta tese (*cf*. Tabela 6).

Abaixo, trazemos os exemplos de aplicação de 2P/'tu' em tipos de comunicação conselho (excerto 99) e relato (excerto 100) para discussão e comparação com os exemplos anteriores, retirados da revista *A Cigarra*:

(99) Minha linda Boneca [...] Viver é uma de suas terriveis expressões. Eis a verdade em que **deves**, sabiamente, iniciar teus filhos. Nada, de mais fecunda forma, lhes semeará na alma sementes de solidariedade humana. [...]. E tudo isto **conseguirás** com a simples ajuda de uma pequena bibliotheca. Os livros podem ser, minha linda Boneca, um veneno mortal. É escolher os livros amparo e protecção e ensinamento; é colloca-los nas estantes do pabilhão para que as crianças os encontrem. Antes do mais: não lh'os **apontes**, não lh'os **offereças**, **deixa** que tenham a illusão de escolher, de descobrir, principalmente de pensar todos os livros mais ou menos bons; **evita**-lhes a curiosidade do mau livro [...] Beija-te tua Elena (*Revista da Semana*, novembro de 1924).

(100) Fausto. Quanta emoção eu tive ao reconhecer tua letra, e depois ao sentir em cada phrase falar teu coração! Ha tanto tempo eu soffria o tormento de quem espera na incerteza! Como tardava já a tua carta! Ella chegou emfim, trazendo comsigo tudo quanto eu desejava ouvir. Bemdigo, agora, o longo tempo em que, anciosa, eu procurava adivinhar teus pensamentos. Oh! como os homens são indecifraveis! Porque **fingias** então aquella indifferença? **Foste** muito mau para commigo. Não teste[126] sempre em meus olhos essa meiguice inconfundivel, que a mulher só sabe ter para o homem a quem ama? Quantas vezes ella teria trahido o meu segredo! Eu te amo muito, muito, e sou para sempre tua. Margarida" (*Revista da Semana*, janeiro de 1921).

Em (99), a passagem, extraída de uma das cartas publicadas na *Revista da Semana*, traz à cena um conselho sobre educação dos filhos. Podemos supor que a autora da carta, identificada como "Elena" (prenome verdadeiro ou pseudônimo), é uma mãe que sugere a uma

[126] Essa ocorrência não foi codificada por ser um possível erro de datilografia (*cf*. subseção 4.6) ou um desvio gramatical. Aqui, a autora da carta publicada utiliza o verbo "ter" na conjugação da segunda pessoa do discurso do pretérito perfeito. Nas páginas da *Revista da Semana*, a utilização é de "teste" ao invés de "tiveste".

outra mãe, nomeada de “Boneca”, que a leitura de livros pode levar a ensinamentos. A autora da carta, além disso, condena os livros “maus”, os quais, em suas palavras, seriam um “veneno mortal”, aconselhando a referente a direcionar quais as leituras apropriadas aos filhos.

No trecho (100), um relato é feito pela autora identificada como “Margarida” (prenome verdadeiro ou pseudônimo) ao referente nomeado como “Fausto” (prenome verdadeiro ou pseudônimo), que, no decorrer da carta, fica evidente tratar-se de uma pessoa amada. A escrevente mostra que ficou à espera, por bastante tempo, de uma resposta do seu amado e agora, finalmente, a mensagem chegou com aquilo que desejava “ouvir”. Margarida relata que homens são indecifráveis e que Fausto demonstrou ser indiferente aos seus sentimentos. Questiona, ainda, como o referente não percebeu o olhar de “meiguice inconfundível” que, em suas palavras, uma mulher só tem para o homem a que ama.

Os discursos performados tanto na revista *A Cigarra* quanto na *Revista da Semana*, em que se aplica a variável resposta (aqui, mais especificamente, a variante conservadora), reforçam valores ideológicos socialmente construídos em torno do gênero feminino (conselhos para encontrar um amor e ser uma boa mãe-educadora, bem como relatos sobre assuntos amorosos). Sobre isso, Buitoni (1981, p. 5) afirma que a imprensa feminina, diferentemente da imprensa em geral, não está interessada em veicular conteúdo da atualidade (registro do fato) por meio de suas folhas.

Ao contrário disso, o veículo servia, em muitos casos, como uma estratégia de convencimento acerca de comportamentos sociais mais adequados às mulheres. A inserção de cartas de relato e de conselho em revistas com publicações orientadas ao consumo feminino amparava a prescrição de determinados papéis femininos e a naturalização de diferenças de gênero, produzindo a falsa percepção de existência de uma suposta essência feminina, com repetições de normas sociais pré-estabelecidas por práticas regulatórias de poder (*cf*. subseções 3.1, 3.1.1 e 3.1.2).

Ainda que ambas as amostras desta pesquisa sejam voltadas a publicações femininas, elas não podem ser tomadas como iguais, uma vez que as categorias em análise são criadas e performadas em um contexto social e linguístico específico, o que implica diferentes resultados para o uso da variável resposta em *tipo de comunicação*, sobretudo no que se refere aos níveis conselho e relato em relação à agradecimento e pedido (nível de referência).

É interessante notar que, nas cartas do *Correio Paulistano* (publicação [+masculina ↔ -feminina), os percentuais de 3P/‘você’ são maiores do que os de 2P/‘tu’ para os tipos de comunicação agradecimento e pedido (71%, N total = 115), conselho (66%, N total = 32) e crítica e reclamação (70%, N total = 192). Já relato (43%, N total = 267) se mostra, no modelo

de regressão (*cf*. Tabela 6) deste córpus, como um nível que desfavorece o uso da variante inovadora (-3.25, $p = 0.030$) em relação ao tipo de comunicação agradecimento e pedido (nível de referência), como verificado nos dados da revista *A Cigarra*.

Outros significados são atribuídos ao uso de 2P/'tu' em (101), por exemplo, um trecho de uma carta publicada no jornal *Correio Paulistano*, no qual é possível verificar mais evidentemente a diferença de publicação de cartas com um trecho/dado de relato em uma amostra de publicação [+masculina ↔ -feminina] em comparação a uma amostra de publicação feminina, como *A Cigarra*.

(101) Meu caro amigo Helios. Hontem publiquei um dialogo entre o "Homem verde e o amarello" encimado por um texto em allemão. Perguntaram-me o que significava aquillo. Eu, como não conheço o allemão, não soube responder. Achei bonito citar o trecho em lingua estranha, tendo apprendido esse processo com um "futurista" carioca, que em logar de citar cousas bizarras na lingua de goothe, cita-as no idioma de Shakespeare. Arranquei, a esmo, um trecho de um jornal allemão. Preferia que, no Brasil, se publicasse tudo em portuguez. Seria mais claro e menos cabotino. É que a maioria dos leitores, gente apressada e simples como eu, não tem tempo para decifrar charadas... Não **achas** que tenho razão? - Teu M. D. P. (*Correio Paulistano*, novembro de 1924).

O excerto (101) traz um relato de um fato que pode ser tomado como cotidiano. O autor da carta, identificado por iniciais (M.D.P.), em referência a Hélios (pseudônimo), afirma que, ao publicar um texto, trouxe uma citação de uma passagem em alemão. O objetivo da carta é relatar que, embora não saiba o significado do que foi citado, apenas o fez por achar a expressão bonita. Entretanto, o autor ressalta que a sua preferência é publicar um texto todo em português, já que se denomina como "gente apressada e simples". Parece que a relação construída entre destinatário e remetente é mais intimista, como as saudações inicial e final deixam evidente ("Meu caro amigo Hélios" e "Teu"), o que pode embasar a escolha da estratégia de 2P/'tu' destacada no trecho em questão.

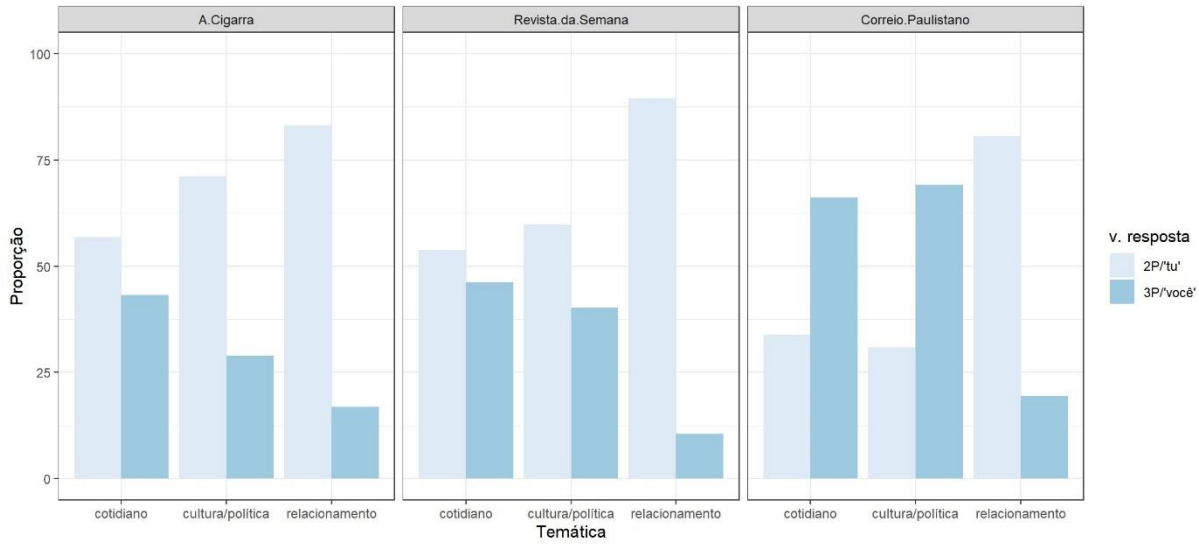
Particularmente sobre relato, o que podemos generalizar, nesta pesquisa, é que: (i) esse é o tipo de comunicação mais recorrente em todos os córpus, em comparação às demais, perfazendo 935 de 1.520 dados em *A Cigarra*, 768 de 1.324 dados na *Revista da Semana* e 267 de 606 dados no *Correio Paulistano*; (ii) desfavorece o uso de 3P/'você' em relação a agradecimento e pedido (nível de referência), tanto em *A Cigarra* quanto no *Correio Paulistano*, córpus com publicações distintas quanto ao gênero; e (iii) pode ter divergentes valores sociais atrelados a depender do meio de publicação.

Nesse último caso, destacamos que, apesar de constituírem categorias idênticas para o controle dessa variável em todos os córpus, os significados sociais de cada uma delas são construídos no discurso e podem ser distintos a depender do local em que a carta é publicada,

o que leva a diferentes escolhas linguísticas e a diferentes resultados quanto ao uso de estratégias de referência a um interlocutor. Em outras palavras, a escolha de 2P/‘tu’ ou 3P/‘você’ em um trecho/dado de agradecimento e pedido, de conselho, de crítica e reclamação ou de relato, inserido nas páginas da revista *A Cigarra*, poderia não ser a mesma nas páginas do *Correio Paulistano*, o que é, em certa medida, esperado, já que se trata de um jornal com outros propósitos, mas também nas da *Revista da Semana*, a qual opera, como *A Cigarra*, enquanto tecnologia de gênero na produção de discursos sobre “feminino” e “feminilidade”.

Somada a essa discussão, a *temática* nos auxilia a compreender se determinados temas podem ser mais sensíveis às questões de gênero feminino e condicionar o uso de uma ou outra variante linguística (2P/‘tu’ ou 3P/‘você’). A Figura 19 apresenta os resultados de distribuição de uso da variável resposta referente a essa variável previsora nos córpus em análise:

Figura 19 - Proporção de uso da variável resposta quanto à *temática* em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*)



Fonte: Própria.

No que toca às cartas da revista *A Cigarra*, o modelo de regressão logística (*cf.* Tabela 6) indica que, em relação ao nível de referência cotidiano (43%, N total = 449), as temáticas cultura e política (29%, N total = 107) e relacionamento (17%, N total = 964) desfavorecem a aplicação da variante inovadora, com estimativas negativas de -1.99 e -2.06 e valores de p = 0.002 e <0.001, respectivamente. No grupo controle *Revista da Semana* e jornal *Correio Paulistano*, os resultados dos modelos de regressão logística confirmam que, independentemente dos córpus, relacionamento, em relação a cotidiano (nível de referência), continua a ser uma temática que desfavorece o emprego de 3P/‘você’.

Nas cartas da *Revista da Semana*, a estratégia de 3P/‘você’ é empregada em 46% (N total = 249) em trechos/dados de cotidiano, em 40% (N total = 112) em trechos/dados de cultura e política e em 11% (N total = 963) em trechos/dados de relacionamento. Os valores percentuais próximos nas temáticas cotidiano e cultura e política indicam, conforme o modelo de regressão, que não há diferenças significativas de distribuição de dados para o uso dessa variante. Já para relacionamento, em relação a cotidiano (nível de referência), o valor negativo de *loggods* (-2.55, $p = 0.009$) aponta para o desfavorecimento de aplicação de 3P/‘você’ nesse contexto.

No *Correio Paulistano*, ocorrências de 3P/‘você’ em trechos de carta com a temática de cotidiano são proporcionais a 66% (N total = 201), de cultura e política, a 69% (N total = 282), e de relacionamento, a 20% (N total = 123). Relacionamento é a temática que mostra, nos resultados de modelo de regressão, desfavorecimento do uso da variante inovadora (-4.11, $p = 0.038$) em relação ao nível de referência (cotidiano).

É possível depreender, nesse sentido, que a temática cotidiano é aquela em que a entrada de 3P/‘você’ se instaura com maior facilidade nos córpus, conforme os exemplo de (102) a (104) ilustram:

(102) Foi este anno bastante homenageado o "Momo" nesta Villa Grande baile á phantazia no Salão Nobre do "Circolo", onde pude notar a: Rosinha dando preferencia ao João B. (elle é mesmo muito admirado na Villa); Julia, chegou demasiado tarde (eu estava sentindo a sua ausencia); Victoria, qual vaporosa maripoza, deslisava suavemente pelo salão (eu gosto do seu geito); Estherzita, contando historias ao Ar.; Lela, não quiz dansar (muito bem o C. não gosta de bailes); Nana, divertiu-se bastante com o Sinhozinho (cuidado, menina, o G. é trouxa mas não é muito); Magdalena, sempre amavel (continue assim); Annita, sem parada, parecia azougue. Rapazes: Rodrigo, fazendo fitas (isso não lhe fica bem); Mosquitinho, bancando o poeta (moço! **você** não conhece o "Bertho Urk"?); [...]; Oscar S., o papá Noel desthronado, tambem fez das suas; e finalmente, Elias H., com sua barbinha "á lá Judeu Errante", divertiu a todos. Da leitora - "Lire Lina" (*A Cigarra*, abril de 1927).

(103) [...]. Foi n'uma dessas noites de insomnia que me assaltou uma ideia singular. [...] atravessei o corredor, descança, pé-ante-pé, entrei no escriptorio de meu marido, abri, a tremer de frio, a gaveta de contador indiano onde ele guardava o tabaco, trouxe tudo para o meu quarto, deitei-me, obriguei os meus pobres dedos cheios de anneis a enrolar um cigarro, o primeiro cigarro - imagine **você** que cigarro! - o tabaco ardeu na chamma viva da vela com uma pequenina brasa vermelha, - e por um momento, meu amigo, por um instante de illusão e de doçura, o mesmo beijo ardido de fumo, acre de tabaco, quente de paixão, passou tremendo pela minha bocca. Desde essa noite, nunca mais deixei de fumar. Está provado, meu amigo, que todos os defeitos da mulher são, afinal, obra do homem. Pois não é assim? sua amiga, N. (*Revista da Semana*, janeiro de 1915).

(104) Começo por dizer-lhe, meu caro amigo, que um dia escancarei aqui no alto da pagina esta minha janella, debrucei-me sobre o peitoril e dispuz-me, serenamente, a ver passar o meu povo. Não quiz descer á rua. Espiando por cima a gente consegue uma impressão de conjunto e não perde o pormenor. Ainda agora estou acompanhando com vivo interesse os ataques da imprensa a sua candidatura. eu gosto desses barulhos. [...]. Não sei se **você** me reconhecerá, meu amigo [...] (*Correio Paulistano*, fevereiro de 1928).

Em *A Cigarra*, são recorrentes trechos de cotidiano como apresentando em (102), em que a autora da carta, "Lire Lina", provavelmente identificada por pseudônimo, traz as suas impressões sobre pessoas conhecidas que estiveram presentes em um baile à fantasia paulistano em 1920. Entre seus comentários, dirige-se especificamente ao "Mosquitinho", provavelmente um rapaz jovem da sociedade de elite, e utiliza a estratégia de 3P/'você' para realizar uma pergunta entre parênteses.

Embora comuns na revista *A Cigarra*, publicações de cartas sobre fatos cotidianos associados a eventos (bailes, na maioria dos casos) não aparecem nas cartas que integram o córpus *Revista da Semana*, como vemos em (103). No trecho em questão, a escrevente, "N.", traz um fato cotidiano experienciado por ela (o que levou ao seu vício em fumar – experimentar um cigarro de seu marido) a um referente, uma pessoa amiga, não identificado. Nessa situação, vale-se da variante inovadora para se dirigir ao interlocutor e comentar sobre o ocorrido.

Nas cartas do *Correio Paulistano*, tal como exemplificado na passagem (104), o trecho, com a temática cotidiano, volta-se a uma perspectiva do autor acerca de visualizar, através de sua janela, um evento de campanha eleitoral daquele a que se dirige no texto (um político, provavelmente), não identificado na publicação do jornal, com o emprego de 3P/'você'.

Nessa direção, vemos que a temática cotidiano atua de diferentes modos a depender do córpus. Entretanto, mesmo com as diferenças de propósito comunicativo, como pudemos ver acima, 3P/'você' tende, estatisticamente, a ser mais frequente nesse nível do que nos demais (cultura e política e relacionamento), no caso dos dados d'*A Cigarra*, e do que o nível relacionamento, no caso dos dados do grupo controle (os córpus *Revista da Semana* e *Correio Paulistano*).

Acerca da temática cultura e política, temos, nesta pesquisa, diferentes resultados de distribuição de usos da variante inovadora, apresentados anteriormente, de acordo com os córpus. Em *A Cigarra*, nos dados em que a temática prevalecente é de cultura e política, chama a atenção o desfavorecimento de aplicação de 3P/'você' em relação ao nível de referência (cotidiano). Esse não era o resultado esperado, na medida em que, por hipótese, essa temática estaria atrelada a um valor sociopragmático de menor intimidade, o que poderia levar, então, à preferência de uma estratégia menos invasiva (3P/'você') para se referir a um interlocutor. Os trechos (105) e (106) abaixo mostram ocorrências das duas variantes em análise quando a temática é, nesse córpus, cultura e política:

(105) (A <Lyz de France>). Venho, minha correligionaria, dar-te um conselho de amiga. Para essa decisão, não é mistér possuir a sabedoria de Salomão, mas sim um bom golpe de vista, para separar o joio do trigo. É claro, insophismavel que, abraçando nós um ideal, tão justo como seja o da nossa egualdade com o sexo masculino, é claro, repito que todos os que forem a nosso favor são positivamente mulheres e os contra são indiscutivelmente os <archanjos>, que se rebelam. Partindo deste principio, não **percas** tempo com polemicas inuteis e estereis. O homem é por demais <turrão> para se declarar vencido ante a argumentação de uma mulher. Mas, como me pareceu que Talitha não deixa de ser uma mulher, e por signal que mulher muito ingenua, venho, Lyz France, formular comtigo uns commentarios sobre alguma de suas ponderações. Vejamos: pergunta ella, com a ingenuidade de uma sertaneja, quando deixaremos de usar carmim e outras quinquilharias proprias da toilette feminina. Peço-te permissão para responder por ti a esse respeito: Nós mulheres, Lyz de France, só poderemos deixar de nos enfeitar quando os homens deixarem de ser futeis; quando elles, desprezando a materia, preferirem a mulher pela virtude; quando elles respeitando o nono mandamento da lei de Deus, acharem a sua mulher, seja ella bonita ou feia, enfeitada ou desataviada, superior a todas as outras mulheres. Quando chegarem a essa perfeição que idealisamos, então nós, mulheres, poderemos, confiantes na felicidade presente e futura, depôr as nossas armas. Não **concordas**, Lys de France? Da leitora e amiga - 16 de Março (*A Cigarra*, outubro de 1922).

(106) Leitoras da "Cigarra", que tendes lido meus simples artigos, agradeço-vos. [...]. A mulher póde estar na moda, e saber comportar-se. [...] quase todos os dias ouço pessoas de todas as edades contarem "o que fizeram em tal baile; o que viram passar com aquella moça; onde encontraram esta". É isso bonito para uma donzella que se presa? [...]. Eu e um grande amigo ouvimos ha dias, numa roda de frequentadores de bailes, referencias pouco lisongeiras a diversas moças. Disse-me, então, o meu companheiro: - Alberso, **você** faz bem escrever para "*A Cigarra*"; essas pessoas com quem estavamos são todas de boas familias, têm irmãs e chegam a contar taes cousas; o que não falarão outros? Portanto, jovens, vós precisaes tapar as boccas dessas pessoas. [...]. A mulher é para o homem sério, um ente que elle adora com prazer; que elle quer para sua companheira em todos os transes da vida; que elle quer tratar como sua igual, como ella merece. De - "Alberso" (*A Cigarra*, janeiro de 1927).

A carta (105) é uma resposta à referente, “Lyz de France”, escrita por “16 de Março”, ambas identificadas por pseudônimos. O emprego de termos como “correligionária” e “amiga” leva-nos a entender que a relação construída é amigável, o que pode amparar a escolha da estratégia linguística utilizada (2P/‘tu’), ainda que, de modo geral, a temática seja cultura e política. Parece que a relação interpessoal e solidária, nesse caso, se sobrepõe à temática. O texto traz à cena a discussão sobre igualdade entre mulheres e homens. Segundo a escrevente, esse é um direito que interessa às mulheres, enquanto os homens são contrários a esse movimento.

Em diálogo com o questionamento de uma terceira pessoa, “Thalita” (prenome ou pseudônimo), a respeito de “quando deixaremos de usar carmim e outras quinquilharias proprias da toilette feminina” (*A Cigarra*, outubro de 1922), 16 de Março sugere que tal prática depende dos homens. O que fica implícito é que os homens detêm o poder sobre as mulheres. Além disso, a categorização das duas ocorrências de 2P/‘tu’, destacadas no trecho (105), na temática cultura e política, se baseia no fato de que o assunto a que a escrevente se dedica corresponde a aspectos que interessam à pauta feminista.

Em (106), a ocorrência de 3P/‘você’ em trecho de carta de cultura e política refere-se a uma simulação de conversa de uma pessoa que se dirige, naquele momento, à pessoa autora da carta, nomeada como “Alberso” (prenome ou pseudônimo). Nesse contexto, Alberso se comunica com todas as leitoras da revista *A Cigarra* para discutir sobre a conduta adequada para mulheres e acaba por reforçar ideologias sociais em torno do gênero feminino. Uma mulher bem-comportada não deveria escrever para o periódico, expondo as suas ações em bailes ou emitindo opiniões de quem estivesse por lá, como acontece em um dos exemplos anteriores (trecho 103). Em outras palavras, o autor salienta que há assuntos que deveriam ser silenciados em detrimento de outros.

A motivação para que 2P/‘tu’ ainda resista nesse cenário em *A Cigarra*, em cartas publicadas no início dos anos novecentos, pode ter relação com uma das especificidades da amostra. A maioria das cartas coletadas fazem parte de uma seção da revista intitulada “Collaboração das leitoras” (*cf*. subseção 4.2), uma seção que permitia que a revista expusesse opiniões e valores (re)produzidos como femininos, não necessariamente escritos por mulheres, mas interpretados como tal. Concomitantemente, a temática cultura e política em *A Cigarra* pode ter sido uma forma para que fossem tratados assuntos sobre comportamentos e condutas do gênero feminino, como uma representação do real, nos termos de Bessanezi (1996) (*cf*. subseção 3.2.2), em um ambiente intencionalmente amigável ou [+intimista], na maioria das vezes. Como Almeida (2015, p. 103-104), consideramos que:

> é importante perceber não apenas aquilo que se revelava nas páginas das magazines, mas, fundamentalmente, as ausências, o não-dito, para, então, compreender como esses veículos potencializaram as definições daquilo (ideias e ações) que era considerado permitido e, portanto, tido como normal e, de outra forma, aquilo que era considerado interdito e, por isso, desviante.

A amostra *Revista da Semana*, no entanto, não tem uma seção definida de cartas (*cf*. subseção 4.3.1), o que implica o fato de que, embora seja um grupo controle de publicação [+feminina ↔ -masculina], configura-se como um contexto diferente daquele d’*A Cigarra*. A temática cultura e política, em trechos/dados de cartas desse córpus, poderia estar em qualquer página, de qualquer seção, levando, por hipótese, a outras motivações discursivas para o emprego da variável resposta.

Ou seja, as relações criadas no contexto de uso de 3P/‘você’ se modificam de um córpus para outro, gerando diferenças de resultados, uma vez que essa estratégia é empregada com percentual de 40%, nessa temática, nos dados da *Revista da Semana* (*cf*. Figura 19), como o

exemplo (107), à frente, mostra. Nessa situação, o autor da carta (possivelmente um homem) conta notícias para a referente.

Aqui, é possível verificar que estereótipos em torno do feminino são substanciados, quando é afirmado "não lhe interessam notícias de política" ou "como notícia fora das habituaes preferências femininas" (*Revista da Semana*, maio de 1931). Somado a isso, o escrevente traz assuntos culturais, tais como a semana de música e um concerto, utilizando a variante inovadora.

(107) Mademoiselle. Escrevo-lhe num dia de chuva, monótono, triste, enfadonho, cheio de névoas e de sombras. [...]. E o que, de preferencia, deverei contar-lhe, numa semana que passou tristemente sem maiores lances de sensação? Não lhe interessam as noticias politicas. É natural. [...]. Ainda como noticia politica, poderei falar-lhe da indicação do ex-ministro Pereira Lima para o alto cargo de Interventor no Estado do Rio. [...]. Como noticia ainda fóra das habituaes preferencias femininas, poderia falar-lhe da nomeação do dr. Carvalho Mourão, reitor da Universidade do Rio e presidente do Instituto dos Advogados, para ministro do Supremo Trinunal Federal. Pleonastico seria tecer louvores ao acerto da escolha. Como a nomeação do dr. Eduardo Espinola, da qual lhe falei na ultima carta, [...]. Se **Você** estivesse aqui teria tido uma admiravel semana de musica. **Imagine**: o concerto de despedida de Rubinstein, o seu pianista predilecto; [...] (*Revista da Semana*, maio de 1931).

No grupo controle *Correio Paulistano*, de publicação [+ masculina ↔ -feminina], a temática cultura e política tem percentual de uso de 3P/'você' de 69% (*cf*. Figura 19). A expectativa dessa temática se configurar com um grau [-intimista] é validada para essa amostra de dados, conforme a passagem (108) exemplifica. Diferente dos propósitos comunicativos das cartas d'*A Cigarra*, o autor se dirige a uma pessoa ilustre para elogiar seus feitos políticos.

(108) Meu caro Rodolpho. Acabo de ler com viva satisfação o seu magnifico discurso de 29 de dezembro ultimo, em defesa do projecto de se perpetuar no bronze, ahi em São Paulo, a gloriosa epopéa de 15 de novembro de 89. **Você** é, incontestavelmente, uma das nossas mais vibrantes tradições republicanas. Sem favor, a sua cooperação na propaganda de regimen victorioso a 15 de novembro marcou uma das etapas mais gloriosas desse periodo aureo [...] (*Correio Paulistano*, março de 1929).

Por fim, a temática relacionamento resiste no uso de 2P/'tu' em todos os córpus, conforme resultados dos modelos de regressão (Tabela 6) e os gráficos de proporções de uso (Figura 19) apresentados. Os trechos de (109) a (111) expõem as ocorrências da variante conservadora nesse contexto em *A Cigarra*, *Revista da Semana* e *Correio Paulistano*:

(109) O que **fizeste** de tuas juras de amor? Será possivel que o passado, aquelle passado que eu quizera tanto esquecer, e que encerra o periodo mais bello da minha vida, não se afaste as vezes da tua memoria e te faça comprehender quanto **és** ingrato, quanto és cruel para commigo Por que **és** surdo e mudo ao lamento deste coração? **Tu** afogas a minha recoração em divertimentos passageiros, em caprichos fugazes, ephemeros prazes, passando o teu tempo em festas e recreios, em contacto com gente que não te comprehende. O teu pensamento, todo envolvido nessas miserias humanas, não se occupa de mim, não pensa que na solidão da noite um pobre coração despedaçado rememora, com saudades, um sonho por ti desfeito. Oh! quanto soffro, com isso! [...] Adeus! - Maguas do Theatro São Pedro (*A Cigarra*, setembro de 1924).

(110) [...]. Creio que o que une ma\is no amor é o soffrimento, pois quanto mais soffro mais ou meu coração se prende a ti. **Tu** me quererias mais alegre, não é verdade? Ah! mas se **tivesses** passado em meu logar esta noite horrorosa, ouvindo esta criança chamar *pot ie* por mim no seu delirio, a arder em febre, talvez não **tivesses** a coragem que eu tenho de arrancar do coração mil beijos de amor para te mandar. [...]. O nosso amor é mais obra nossa do que vossa. Como os filhos, somos nós tambem que geramos o amor. O amor é uma doença feminina; nem sempre, infelizmente, contagiosa... Até logo. Estende-te os braços a tua Rosa (*Revista da Semana*, agosto de 1915).

(111) Si não temesse as "Zangas de um Vovô", eu começaria esta carta intima com uma lembrança que vale por um symbolo. **Recordas** daquellas folhas crenadas, que appellidamos "fortuna" na nossa já longinqua infancia, pobres folhas murchecidas que, postas volivamente á cabeceira da nossa cama, acabam cobrindo-se de pequeninas flores lindas e azues? [...]. Todos nós, Cardim amigo, somos como a "fortuna", a folha votiva da nossa meninice. Crestados pelas desillusões, murchos pela descrença, esterellizados pelo scepticismo quando menos esperamos, vemos, intempestivamente, brotarem de nosso amago, as florinhas impenitentes, azues, da côr ingenua de nossas primeiras ancias...[...] (*Correio Paulistano*, janeiro de 1923).

As passagens (109) e (110), de cartas de publicação feminina (*A Cigarra*) e [+feminina ↔ -masculina] (*Revista da Semana*), nessa ordem, mostram ocorrências da estratégia de 2P/'tu' em cartas de relacionamento amoroso. No primeiro caso, a autora "Águas de São Pedro" (pseudônimo) se dirige a uma pessoa amada para lamentar o desprezo do referente pelo seu sentimento, além de evidenciar toda a decepção e o sofrimento em que se encontra. No segundo caso, temos uma situação parecida, na medida em que o propósito discursivo é evidenciar o sofrimento amoroso. "Rosa" (pseudônimo) escreve a carta também para uma pessoa amada para tratar sobre a temática relacionamento. Ela performa, em seu discurso, o gênero feminino associado ao amor e à maternidade.

De fato, nessas revistas, entre as temáticas controladas (cotidiano, cultura e política, relacionamento), o uso da variável resposta é maior em trechos/dados de relacionamento, na maioria das vezes, amoroso, conforme ilustrado acima (exemplos 109 e 110). Em *A Cigarra*, de 1.520 dados, 964 tratam dessa temática. Na *Revista da Semana*, de modo similar, de 1.324 dados, 963 abordam o relacionamento como tema.

Desses resultados, é evidente que a imprensa feminina, enquanto tecnologia de gênero, articula-se com as relações de poder e contribui para a manutenção das relações de gênero ao

determinar um espaço particular para leitura e escrita de/para mulher, uma vez que prioriza conteúdos ligados a relacionamento (quase sempre romântico), tidos como naturalmente mais adequados ao consumo feminino. Isso nos permite apontar que um dos meios da performatividade de gênero feminino se revela, no contexto de revistas com publicações femininas, através dessa temática.

Nesse caso em específico, é possível verificar que a desigualdade social de gênero reflete na descrição linguística. Na visão patriarcal, o destino feminino, apresentado como natural, se delineava social e culturalmente com vistas ao casamento e à maternidade. Essa busca culturalmente idealizada de mulher como boa esposa e boa mãe, saliente em *A Cigarra* e *Revista da Semana*, não somente delimita certos assuntos como mais apropriados para mulheres, como também reforça desigualdades de classe, de raça e de gênero.

Conforme Bassanezi (1996), o modelo imposto só poderia ser seguido se a mulher fosse branca, de classe alta, circunscrita no ambiente doméstico, com poder de leitura e escrita e com um determinado estilo de vida. Nesse sentido, de acordo com a autora, "muitos dos aspectos e conflitos do contexto social podem ser abafados em função da manutenção da dinâmica das relações de poder existentes. Muitas vezes, as revistas podem ir, por algum tempo, contra a corrente de transformações sociais" (Bassanezi, 1996, p. 17).

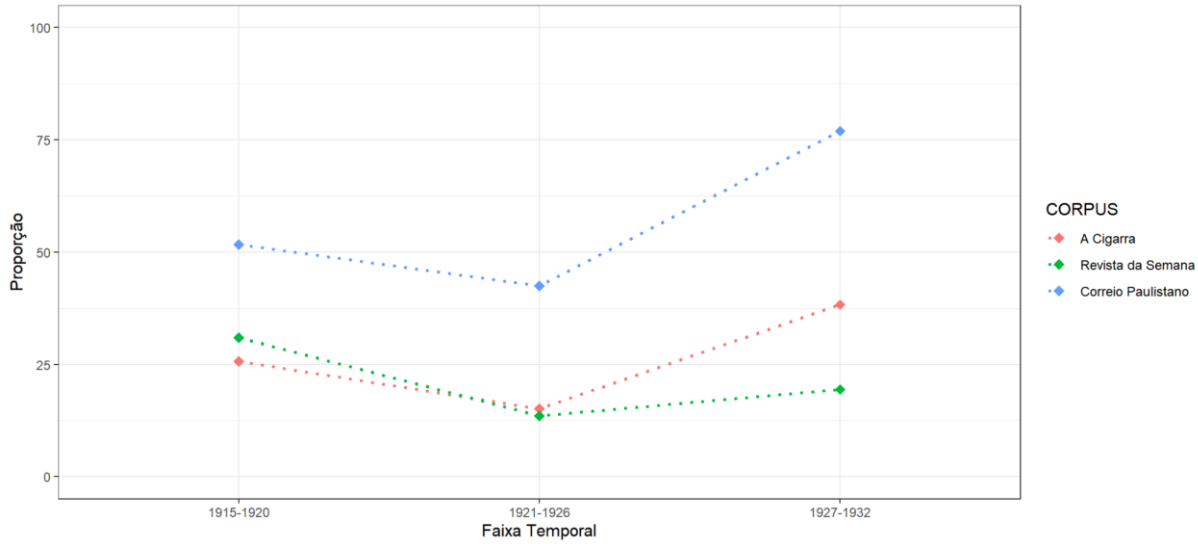
Diferentemente, no *Correio Paulistano*, com o total de 606 dados, as temáticas mais comuns são cotidiano (201 dados) e cultura e política (282 dados). Apesar disso, a temática relacionamento, também para esse córpus, resiste no uso de 2P/'tu', como o excerto (111) demonstra. Todavia, aqui, a finalidade discursiva é outra, tendo em vista que não se trata de uma passagem de relacionamento amoroso, como regularmente acontece na revista *A Cigarra* e na *Revista da Semana*. É, na verdade, uma carta íntima enviada para um provável amigo de infância com o objetivo de relembrar as vivências passadas.

Em conformidade com Pereira (2012), a qual verifica que, em dados extraídos de cartas amorosas, há o uso quase exclusivo (95%) dessa variante (*cf*. subseção 2.4.1), os resultados desta pesquisa apontam para a tendência da variante conservadora se instaurar em temas [+íntimos], especificamente, relacionamento. Contudo, compreendemos que o grau de intimidade, assim como o propósito discursivo, pode variar de um córpus para outro.

Desse modo, os resultados de *tipo de comunicação* e *temática* levam-nos a retomar as palavras de Eckert (2000) e Cheshire (2002), no que diz respeito ao fato de que as generalizações sobre a variável sexo/gênero em pesquisas sociolinguísticas não devem ser consideradas universais, já que não são capazes de abarcar um fenômeno social complexo (*cf*. subseção 2.1.2).

Por fim, a Figura 20 ilustra a proporção de uso da variável resposta quanto à *faixa temporal*:

Figura 20 - Proporção de uso de 3P/‘você’ quanto à *faixa temporal* em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*)



Fonte: Própria.

Os resultados encontrados a partir do córpus *A Cigarra* corroboram a hipótese, prevista por Lopes e Duarte (2007), de que a implementação da variante inovadora teria se acelerado entre as décadas de 1920 e 1930. O modelo de regressão logística (*cf*. Tabela 6) indica, nesse caso, que a terceira faixa temporal – anos de 1927-1932 (38%, N total = 452) –, em relação ao nível de referência, a primeira faixa temporal (anos de 1915-1920) (26%, N total = 507), favorece a aplicação de 3P/‘você’, com estimativa positiva de 1.60 e valor de $p = 0.002$.

Apesar da resistência da variante conservadora no contexto de publicação feminina, esse cenário tende a se modificar a partir de 1930 e a levar, por hipótese, à efetiva implementação da variante inovadora no córpus em análise. Nos dados do grupo controle, seja no córpus *Revista da Semana*, seja no *Correio Paulistano*, os resultados apontam que não há diferenças significativas na distribuição dos dados (*cf*. Tabela 6).

Nas cartas da *Revista da Semana*, os percentuais de uso da variante inovadora correspondem a 31% (N total = 443) na primeira faixa temporal, a 14% (N total = 783) na segunda faixa temporal e a 19% (N total = 98) na terceira faixa temporal. Nessa amostra, apesar de haver certa estabilidade de emprego de 3P/‘você’, vemos um desequilíbrio de dados da

variável resposta, principalmente entre a primeira e a terceira faixa temporal, o que pode comprometer os resultados[127].

Nas cartas do *Correio Paulistano*, o uso de 3P/'você' se configura maior, em termos de proporção, na primeira faixa temporal (52%, N total = 180), com declínio de uso na segunda faixa temporal (42%, N total = 200) e ascendência na terceira faixa temporal (77%, N total = 226). O percentual de uso da variante inovadora no final de 1920 e início de 1930, no córpus em questão, revela que a implementação dessa estratégia linguística estava avançada.

Na sequência, em subseção específica, exploramos mais detalhadamente os resultados de proporções de uso da variável previsora *papel social do referente*, não inserida nos modelos de regressão logística.

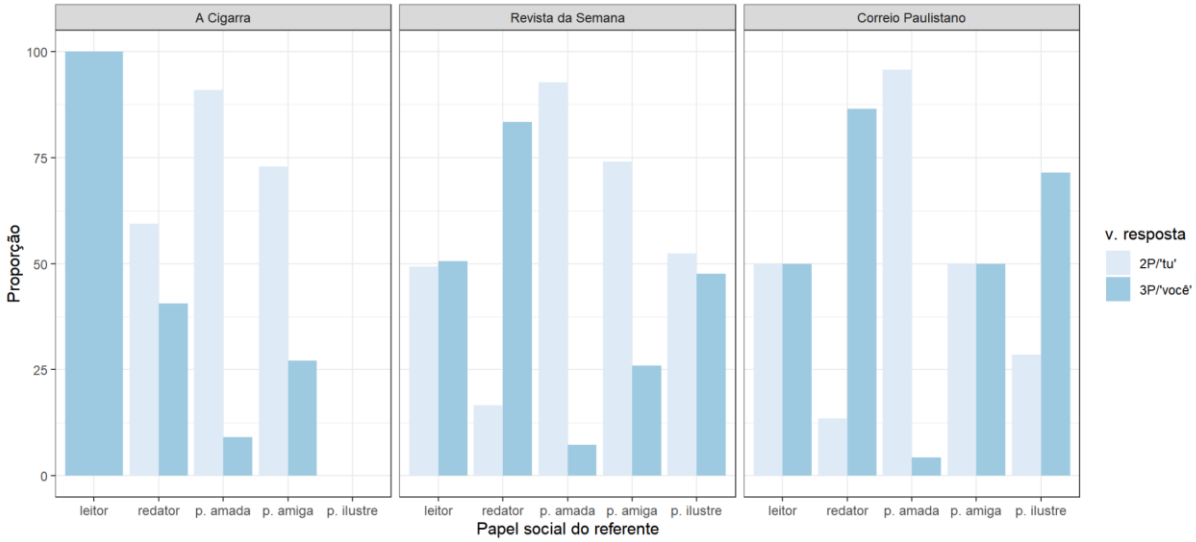
5.2.1 Do *papel social do referente*

Estudos diversos (Barcia, 2006; Machado, 2006; Souza, 2012) têm colocado o papel social do referente como importante para a compreensão geral do fenômeno variável, fazendo ver que 3P/'você' teria seu uso mais frequente quando empregado em situações [-solidárias] e [+distantes], permanecendo 2P/'tu' como o favorito em relações [+solidárias] e [-distantes] no contexto dos anos 1800 e início dos anos 1900 (*cf*. subseção 2.4.1). Em outras palavras, devido aos valores pragmáticos de 2P/'tu' e 3P/'você', ligados, respectivamente, à intimidade e ao distanciamento das relações sociais, o papel desempenhado pelo interlocutor das cartas pode condicionar o uso de uma ou de outra variante.

Nosso objetivo, então, é mapear as diferenças de emprego da variável resposta quanto ao *papel social do referente* (leitor, redator, pessoa amada, pessoa amiga e pessoa ilustre), levando em consideração a comparação entre os córpus e a discussão social sobre gênero feminino. Os resultados estão dispostos na Figura 21, a seguir:

[127] Nesse caso, optamos por não apontar tendências sobre os resultados desse córpus, tampouco compará-los com os d'*A Cigarra*.

Figura 21 - Proporção de uso da variável resposta quanto ao *papel social do referente* em *A Cigarra* e grupo controle (*Revista da Semana* e *Correio Paulistano*)



Fonte: Própria.

Em contextos em que o escrevente faz referência a um leitor, observamos o emprego categórico (100%) de 3P/'você' nas cartas d'*A Cigarra*, ainda que com baixo número de dados (N total = 12), exemplo (112), e usos equilibrados da variável resposta nas cartas do grupo controle, *Revista da Semana* e *Correio Paulistano*, com percentuais de 3P/'você' correspondente a 51% (N total = 77), exemplo (113), e 50% (N total = 32), exemplo (114), respectivamente.

(112) Recebemos sua linda carta. Muito obrigado. Seu soneto será aproveitado na nossa secção. **Mande** tambem as caricaturas a que **faz** referencia (*A Cigarra*, dezembro de 1932).

(113) A sua idéa é digna de apreço, mas o meio ainda ainda (sic) não permitte executal-a com exito. Se a REVISTA abrisse entre os seus leitores uma "enquête" sobre o genero de publicação que mais lhes agrada, **creia** que muitos poucos attenderiam ao appello, que é de interesse muito abstracto e que só poderia offerecer recompensas muito remotas. A nossa obrigação, como a de todas as publicações modernas, é tactear, sondar, aprofundar o gosto do publico, satisfazendo-lhe as multiplas e complexas exigencias. É por isso que a vida de imprensa se torna uma lucta constante (*Revista da Semana*, fevereiro de 1923).

(114) As informações que nos **pede** não estão comprehendidas no programma de operações que foi traçado para esta secção. Quanto á segunda pergunta, **queira** consultar o livro do dr. Theodoro Sampaio "O tupy, na Geographia Nacional", que tem um completo vocabulario indigena. O preço desse livro é de 5$590 inclusivé o porte (*Correio Paulistano*, dezembro de 1917).

Cartas com direcionamento ao leitor referem-se, invariavelmente, como em (112), (113) e (114), a respostas breves dos veículos de comunicação, geralmente em torno de alguma dúvida

enviada. Nas cartas d'*A Cigarra*, a relação que se constrói nos 12 dados de 3P/'você' em que o referente é um leitor é de [+distanciamento], diferente da relação quando o referente é o redator, como veremos adiante. No caso da *Revista da Semana* e *Correio Paulistano*, os editores/revisores alternam a estratégia para se dirigir ao referente leitor a depender da relação social que se cria no discurso.

A respeito da referência ao redator, enquanto o uso de 3P/'você' equivale a 41% dos dados (N total = 182) no córpus *A Cigarra*, no grupo controle *Revista da Semana* e *Correio Paulistano*, corresponde a 83% (N total = 12) e a 87% (N total = 89), nessa ordem. Em *A Cigarra*, o redator, na maioria das vezes, é tratado como a própria revista e, nessa situação, personificado como uma pessoa [+íntima][128], refletindo a resistência de 2P/'tu', conforme o trecho (115) mostra. Esse não é o caso do grupo controle (*Revista da Semana* ou *Correio Paulistano*), conforme os excertos (116) e (117) apresentam, em que a preferência é por 3P/'você'.

A distribuição dos usos, na comparação dos córpus, pode ser indicativa de que não é o papel social (nesse contexto, do redator) em si que importa, mas sim a relação social que se cria no momento da enunciação. Dessa maneira, a categoria não é compreendida como estática, dada *a priori*, mas performada no discurso.

(115) Bôa amiguinha <Cigarra>. O teu demasiado carinho para mim tua collaboradora, veio-me despertar um desejo ardente de collocar-me ao lado dessa pleiade de jovens intelligentes, de figurar em um cantinho das tuas assetinadas paginas, embora a minha palavra seja modestissima e despida de brilho. Enviar-te-ei uns perfis ligeiros, isto é, em breves palavras apresentar-te-ei figuras da sociedade piracicabana mas, desejo que as **agazalhes**, sim, amiguinha? José Vieira: Um dia. Pelotas, a linda cidade do sul, enviou á soberba Noiva da Collina, um filho seu, afim de cursar a Escola Agricola <Luiz Queiroz>. [..]. É de estatura regular, elegante; moreno pallido, de cabellos castanhos escuros, penteados para traz e em seu olhar tristonho ha um que de enigmatico... Apezar de retrahido é apreciadissimo pelos que têm a ventura de conhecl-o. Brevemente crespos, ornam sua téz dum moreno rosado, seu olhar é meigo e expressivo; modesta no trajar, porém elegante e de bom gosto. Recita muito bem, mas ha tempo não a vejo nos salões para tal fim. (Porque faz isso?) Dansa com graça, e é bastante apreciada pelos jovens da nossa melhor sociedade, aos quaes dispensa pelo seu fino trato, indistinctamente, muitas attenções. Da leitora - Mal-me-quer (*A Cigarra*, outubro de 1918).

(116) Meu caro chronista: Porque não inicia **você** um concurso interessantissimo nas columnas dessa folha? Seria curioso recolher os votos das leitoreas da *Revista da Semana* e saber qual o velho mais moço de toda a luzida (sic) geração dos nossos elegantes de quasi ou mais de 50 annos... [...]. Que **acha** da minha ideia? – X (*Revista da Semana*, outubro de 1915).

[128] Recordamos que, no córpus em questão, a partir de 1916, o redator passa a ser chamado pelo nome da própria revista, muitas vezes pelo uso de diminutivo ("Cigarrinha", "amiguinha *A Cigarra*", por exemplo).

(117) Meu caro Honorio de Sylos. O chronista que, no "*Correio Paulistano*", vem narrando os factos da cidade de Guaratinguetá, commetteu, involutariamente, estou certo, uma injustiça para com alguns filhos illustres daquella linda terra, omittindo os seus nomes entre os dos notaveis guaratinguetaenses, [...]. Junto tenho o prazer de enviar-lhe uma lista de homens notaveis de Guaratinguetá, entre vivos e mortos, que me foi offerecida por um grande amigo, estudioso de historia. Quererá **você** reparar a injustiça, publicando-a nas mesmas brilhantes columnas do "Correio"? Si assim o fizer, prestará serviço a Guaratinguetá e o obsequio a este seu amigo sincero (a.) Percival de Oliveira (*Correio Paulistano*, julho de 1930).

Em (115), a escrevente "Mal me quer" refere-se à redação da revista com tratamentos como "boa amiguinha", mostrando-nos ser uma relação entre iguais, ou seja, uma relação [+solidária] e [-distante], evidente em passagens como "O teu demasiado carinho para mim tua collaboradora" (*A Cigarra*, outubro de 1918). Em contrapartida, em (116), há a referência ao redator (na figura de um cronista não identificado da *Revista da Semana*) numa relação de inferior para superior, ou seja, [-solidária] e [+distante], levando em consideração que uma leitora, nomeada como "X", se dirige ao cronista da *Revista da Semana* para propor um concurso.

Já em (117), embora o autor da carta, "Percival de Oliveira", em saudação final, se coloque na função de "amigo sincero" do referente, o texto é endereçado ao redator de uma das seções do *Correio Paulistano*, identificado como "Honorio de Sylos", com a finalidade de pedir para que corrija a omissão de nomes de pessoas ilustres de Guaratinguetá, publicando a lista enviada de "homens notáveis" da cidade. Ademais, o fato de a carta ser destinada a pedidos ao redator pode contribuir, em determinados casos, para o uso de uma estratégia linguística [+distante] nos córpus que compõem o grupo controle.

Já em situações nas quais o papel social do referente é pessoa amada, a frequência de 3P/'você' é a mais baixa, comparada aos demais níveis da variável previsora, nos três córpus: nas cartas da revista *A Cigarra* (9%, N total = 318), nas da *Revista da Semana* (7%, N total = 602) ou nas do *Correio Paulistano* (4%, N total = 46). Em outras palavras, a variante conservadora persiste nesse contexto, independentemente do local de publicação, como as passagens de (118) a (120) exemplificam:

(118) (Para o R. Perrone lêr). Por que não me **respondes**? Porque **és** tão cruel? **Nasceste** por acaso na Judéa? **Tens** nas veias sangue de S. Domingos? **Mates**-me, por caridade, duma só vez, todas as fibras do meu coração se contraem, tudo o que é sentimento chora, todas as faculdades da minha alma não são senão dores; tudo o que sou, tudo o que penso, não é senão dor. [...]. O amor é a mais santa alegria da vida. **Queres** fazer delle um cadinho em que se funde veneno? Adeus. **Responda-**me depressa. Tua admiradora - Filha do Jardim dos Deuses (*A Cigarra*, janeiro de 1926).

(119) Querido: Recebi a tua carta. Tamanha foi a minha ventura que duvidei no primeiro instante dos meus olhos. Oh, sim! Quão feliz me dizeram as tuas palavras! Porque **tardaste** tanto? Porventura não te diziam os meus olhares, os meus labios sequiosos, entreabertos, a intensidade do meu sentir? Não te denunciaram os meus gestos, a minha attitude indecisa ao ver-te, o grande, o immenso e incommensuravel affecto que te consagro? Meu amor, minha esperança, minha vida: espero-te com o coração nos labios, a alma nos olhos; **anda** - **vem** que é bem junto ao coração que te deseja ter a tua Aquila (*Revista da Semana*, fevereiro de 1921).

(120) Myriam. Tenho saudades dos teus olhos de pervinca, das tuas mãos de archi-duqueza, da tua fala, dos teus gestos, de ti, vergel vivo e cheio de aromas, como o corpo da Sulamita... Estou em crise de lyrismo e com os nervos retesos pelas crabelhas de um romantismo endiabrado, que me assaltou sabbado a tarde, durante o "footing" pelo triangulo. **Imagina** - Myriam das formas perfeitas - que, sahindo do fojo da minha misanthropia, nesse sabbado enlouquecedor, ao atravessar a rua Quinze, me pareceu que a vontade dos deuses me metamorphoseara em Ulysses e que S. Paulo, por um sortilegio, se transformára na linha de Calupso, a senhora das supremas perfeições. Sei que esta carta frivola, mundana, sentimental estragará, como uma cor berrante e canhestra, a paizagem bucolica dessa fazenda paulista onde **tiras** ás auroras limpidas e sanguineas cores para teu rosto, empallidecido com o porphuro das sonhadoras de 1$30, pelos effeitos dessa tua romantica convalescença. Como, porém, **insistes** em ter noticias minhas, e como minha vida é liza e sem aventuras, encherei esta carta com saudades, que são muitas, com as cousas que sei, que são poucas. Que te direi? [...] (*Correio Paulistano*, março de 1921).

Nos trechos acima, as relações amorosas, com pessoa amada exercendo o papel social do referente em cada caso, são criadas no decorrer das cartas. No primeiro exemplo (excerto 118), a autora da carta publicada em *A Cigarra*, identificada como “Filha do Jardim dos Deuses”, faz um apelo ao seu amado, “R. Perrone”, com o objetivo de que, assim, tenha respostas sobre a demonstração do seu amor.

No exemplo (119), “Aquila”, a escrevente de uma das cartas que compõem o córpus *Revista da Semana*, questiona a resposta tardia de seu amado, não identificado no texto, mas agradece a reciprocidade de sentimento, evidenciando a sua espera pelo romance, conforme a seguinte passagem deixa entrever: “Meu amor, minha esperança, minha vida: espero-te com o coração nos labios, a alma nos olhos” (*Revista da Semana*, fevereiro de 1921).

Embora menos comum se comparada às revistas em análise, a pessoa amada como referente da carta aparece no jornal *Correio Paulistano*, tal como o terceiro exemplo (excerto 120) deixa evidente. A relação construída na carta em questão é [+íntima], portanto, [+solidária] e [-distante], o que pode justificar a preferência por 2P/‘tu’. Aqui, o propósito discursivo, além de relatar a saudade e de conceder diversos elogios, é trazer notícias sobre o próprio escrevente (sem identificação), solicitadas pela destinatária, denominada “Myriam”.

O papel social de pessoa amiga enquanto referente apresenta resultados similares em *A Cigarra* e *Revista da Semana*, apontando para a conservação de 2P/‘tu’ nesse tipo de relação (exemplos 121 e 122), diferente daqueles vistos no córpus *Correio Paulistano* (exemplos 123

e 124). Nos conjuntos de dados d'*A Cigarra* e *Revista da Semana*, a estratégia de 3P/'você' é utilizada em 27% (N total = 1.008) e 26% (N total = 612) das ocorrências, nessa ordem.

Em contrapartida, no conjunto de dados do *Correio Paulistano*, os usos das variantes são equilibrados, com 50% (N total = 264) de ocorrências de 3P/'você'. Os resultados encontrados a partir desse último córpus seguem a tendência, apontada em trabalhos diversos, como os de Machado (2006) e Souza (2012), sobre o avanço do processo de gramaticalização e mudança linguística, uma vez que passa a ocorrer no mesmo domínio sociopragmático de 2P/'tu', ou seja, em relações [+solidárias] e [-distantes].

Em cada um dos exemplos, na sequência, o discurso performado pela autora ou pelo autor da carta traz evidências do papel social construído no decorrer dos textos. Em (121), a autora, "Alma de Tigre", escreve para a leitora "Olga", referida em passagens da carta como "minha amiga", "minha meiga e boa amiga" e "gentil amiga", com o propósito de relatar as suas considerações sobre o amor. No trecho (122), temos uma carta-resposta, em que "Elena" se dirige a "Regina", uma "doce amiga", em suas palavras, para comentar sobre a notícia dada pela referente: a de que vai se tornar mãe.

Já em (123), embora o autor da carta (não identificado) não utilize expressões que garantam que o referente, "Paulo Flores", seja uma pessoa amiga, depreendemos, pelo contexto, a relação amigável entre ambos, dado que há um relato sobre a saudade sentida pela ausência do convívio. Em (124), por fim, em uma carta aberta publicada no jornal *Correio Paulistano*, o escrevente "E.S." relata as novidades ao destinatário, um amigo (não identificado), acerca das experiências vivenciadas na cidade do Rio de Janeiro.

(121) (Olga:). **Pediste**-me, minha amiga, que te dissesse em rapidas palavras, algo do que sinto de real sobre o amor - esse trefedo demonio que anda a cabriolar em certos corações. [...]. Banido por todos, por todos injuriado, bemdiz ainda o seu divino amor! Corações creanças! Corações repletos de sentimentos puros hospedae sempre o amor! [...]. Escuta, agora, mais um conselho, minha meiga e boa amiga - O amor, uma vez renegado, nunca mais tornará o coração ingrato. Por isso é necessario bem saber guardal-o [...]. **Perdôa**, gentil amiga, se esta pobre carta não tem phrases floridas e quentes... pois gosto immenso de tudo que é simples e bom, sem os beijos loucos da mentira. **Acceita** saudades minhas e **pede**, por mim, ao digno redactor da <Cigarra> um pouco de complacencia para esta carta, que eu ainda sou (pobre de mim!) um (sic) endiabrada caloira em materia literaria. Abraços a ti e beijos á <Cigarra>. Tua amiga - Alma de Tigre (*A Cigarra*, novembro de 1924).

(122) Minha doce amiga: Com que alegria alviçareira e profunda reli, ainda ha instantes, a tua carta de hontem. **Vaes** ser mãe. São naturaes o orgulho e o temor com que m'o **annuncias**. Ante meus olhos encantados tenho já - oh! milagres da imaginação... - a radiosa creaturinha de teus sonhos: [...]. Porque elle se ha de parecer comtigo, Regina, esse pedaço de ti mesma, filho de tua tortura, nascida para teu prazer como para tortura tua - tortura de consciencia de responsabilidade, de temor do destino, de medo da vida... Eu comprehendo, minha doce amiga, a inquietação que te domina. "Tenho medo da sorte – **escreves**. Que reservará para meu filho o futuro? [...]". Nunca houve em bello destino que fosse feliz... [...]. Com o carinho de sempre, beija-te, minha formososa pensadora, a tua Elena" (*Revista da Semana*, novembro de 1924).

(123) Paulo Flores. Tua carta reascendeu a saudade que tua ausencia puzera no fundo do meu espirito. teu convivio me fôra constante, na gloria continua do teu talento fulgescendo nos teus livros, que releio a cada momento. São elles os perfitos conselheiros do meu espirito, tão cheio do teu, tão dominado pelo teu. Tua carta, porém, fez-me reflectir dolorosamente sobre o subtil veneno que por elles espalhas e, mais que isso, fez-me olhar com angustia e com temor para os desastres que **semeias**. [...] (*Correio Paulistano*, setembro de 1922).

(124) [...]. Meu amigo: não tenho feito nada do que me **pergunta**. Nada... É doloroso mas é verdadeiro. E quando porventura sou obrigado, agora, a realizar um bocado de prosa, não mais me detenho, penna no ar, pensamento em suspensão, na busca de um torneio de phrase colorido, de um effeito novo de rythmo - nada que nos dava, a nós, artistas obscursos, a pretensão anonyma de sermos filhos legitimos de Fialho. O Rio de Janeiro dispersou-me o sonho e matou-me o embryão do estylo que se gerava, lento, dentro da minha arte ensôssa. O Rio futiliza, que quer **você**? A vida carioca é um deslumbramento de frivolidade. E eu tive que me adaptar ao meio. Aí do que resiste á assimillação! É posto de lado, como uma pequenina pedra que ficou no fundo da peneira. Vida intellectual? Mas **você** foi mal informado, como eu tambem o fui! O que existe aqui, nesta cidade de um milhão de futebolistas, são quatro ou cinco criaturas dispersas e que se desconhecem mutuamente, contentes dos seus livros e do seu sonho, [...] ...Isto é uma cidade de curiosos e cabotinos. Curiosos, porque se contentam com o brilho, a méra apparencia, pouco se importante do mysterio do amago. Curiosos que, passando, - avalie **você**! [...] São as unicas novidades. E.S. (*Correio Paulistano*, janeiro de 1919).

É particularmente importante destacar que, dos 1.520 dados da variável resposta em cartas que perfazem o córpus *A Cigarra*, 1.008 tem como referência uma pessoa amiga, de modo que é o papel social mais frequente na revista. No grupo controle *Correio Paulistano*, em relação aos demais níveis, pessoa amiga é a que mais aparece enquanto referente das cartas (264 de 606 dados). Na *Revista da Semana*, por outro lado, as referências mais comuns, nos 1.324 dados desse córpus, dividem-se entre pessoa amada (N total = 602) e pessoa amiga (N total = 612).

A hipótese que temos para que *A Cigarra* leve a outros resultados, na comparação entre os dados do grupo controle *Correio Paulistano*, está relacionada ao objetivo da imprensa feminina em fazer com que as leitoras se identificassem como amigas, seja uma das outras, seja da própria revista. Na época em estudo, como pontua Buitoni (1986), *A Cigarra*, por meio da seção "Collaboração das leitoras", tinha como especificidade trazer:

> [...] recados de moças enamoradas a príncipes encantados, fofocas entre colegas da escola, comentário a moças que estiveram em bailes..., com expressiva presença de endereços do interior. A seção era uma espécie de *'cotillon'*, de comunicação adolescente girando em torno de namoros e *'footings'* em praças (Buitoni, 1986, p. 49).

Esses propósitos comunicativos, como os listados por Buitoni (1986) em *A Cigarra*, diferente do *Correio Paulistano*, podem influenciar a escolha por um referente [+intimista] e a preferência pelo uso de 2P/'tu'.

Quando voltamos à pessoa ilustre enquanto papel social do referente, chama a atenção a ausência de dados do fenômeno variável em *A Cigarra*, o que corrobora a evidência de que tal periódico, enquanto tecnologia de gênero, buscava determinar e reduzir as relações das escreventes e leitoras em relações amigáveis nas cartas em análise.

Diferente desse resultado, mesmo sendo de publicação [+feminina ↔ -masculina], na *Revista da Semana*, pessoa ilustre aparece, ainda que relativamente pouco nos dados coletados, com uso de 3P/'você' proporcional a 48% (N total = 21). Esse é mais um indício de que as amostras *A Cigarra* e *Revista da Semana*, mesmo que semelhantes em muitos aspectos, podem divergir em outros, o que pode levar a escolhas linguísticas e sociais distintas em cada publicação.

A passagem (125), por exemplo, revela que, nas páginas da *Revista da Semana*, estavam inseridas também cartas com autores ilustres, como "Maurício de Lacerda", político, tribuno e escritor brasileiro, prática atípica na seção "Collaboração das leitoras" em *A Cigarra*. Nesse caso, o texto (trecho 125) é endereçado ao diretor da revista[129], uma pessoa igualmente ilustre, a fim de solicitar a publicação da fotografia de seu falecido pai.

[129] Lembramos que o papel social de pessoa ilustre, nesta pesquisa, diz respeito não somente a políticos, mas também a sujeitos com prestígio na sociedade paulistana no início dos anos novecentos.

(125) Pedi-lhe, num encontro que tivemos, para inserir na sua tão bella *Revista da Semana* uma photographia de meu pae, isto é: do medalhão em bronze que nós, os seus, iremos collocar no seu tumulo, a 18 de Maio proximo, data do seu natalicio. [...]. Se. **V.**[130] puder, na Revista, dar a photographia junta, com uma breve noticia do seu porquê, isso de modo a coincidir a publicação com a data de 18 de Maio vindouro ou outra proxima desse dia, muito obrigará (sic) a quem sempre tem sido seu admirador e amigo sincero[131] - Mauricio de Lacerda (*Revista da Semana*, maio de 1927).

Já no jornal *Correio Paulistano*, grupo controle de publicação [+masculina ↔ -feminina], a variante inovadora, em relação à variante conservadora, é preferida nesse contexto, com percentual de 71% (N total = 175). A frequência de publicação de cartas em referência a uma pessoa ilustre, numa relação [-solidária] e [+distante], com o maior uso de 3P/'você, poderia ser uma aposta para que o jornal se mantivesse voltado aos interesses de homens burgueses (*cf*. subseção 4.3.2), como um modo de deter maior prestígio. O excerto (126) é exemplo disso, em que o autor da carta (não identificado) agradece o envio de uma obra, além de parabenizar o trabalho a um escritor e político brasileiro, referente do texto.

(126) Meu caro Alfredo Ellis - Acabo de ler seu livro "Raça de Gigantes". Não quiz agradecer a gentileza com que **você** me offereceu um exemplar da sua obra, com generosa dedicatoria, antes de percorrer o seu trabalho. Não faço restricções nos applausos que lhe envio. É seguramente um grande livro [...] (*Correio Paulistano*, outubro de 1926).

Nossos resultados acompanham, portanto, a tendência demonstrada em outros estudos sociolinguísticos (Machado, 2006; Pereira, 2012; Souza, 2012; Balsalobre; Monte, 2018), quanto ao papel social desempenhado pelo referente da carta (ou de determinado trecho da carta). Por um lado, verificamos que 2P/'tu' resiste em relações sociais de maior solidariedade e menor distanciamento, em referência a uma pessoa amada, em todos os córpus, sejam aqueles mais voltados a publicações femininas (*A Cigarra* e *Revista da Semana*), sejam aqueles mais voltados a publicações masculinas (*Correio Paulistano*). Por outro lado, vemos que o uso de

[130] Compreendemos, aqui, "V." como abreviatura de "você".

[131] A exemplo d'*A Cigarra*, em que 'redator', apesar de referenciado, muitas vezes, como "amiguinha *A Cigarra*", "Cigarrinha", não é categorizado como 'pessoa amiga', nesse caso, embora o autor da carta da *Revista da Semana* evidencie o referente como um amigo, o fato de desempenhar o papel social de pessoa ilustre predomina para a categorização. Além disso, em (125), não consideramos que a relação seja [+solidária] e [-distante], já que se trata de uma reiteração de um pedido feito ao diretor da revista, um ato que pode ameaçar a face negativa do interlocutor. Não entraremos, aqui, na discussão sobre a Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1999). Porém, importa ressaltar que, para os autores, a face é uma imagem social (positiva ou negativa) construída pelos falantes em situações de interação social. Segundo essa perspectiva, a utilização de determinados atos de fala podem ameaçar as faces envolvidas (como é o caso de desacordos, críticas, reclamações e solicitações/pedidos), o que faz com que os sujeitos em interação busquem mecanismos para preservar as faces, como utilizar uma estratégia menos invasiva de referência (3P/'você'). Barrere (2017, p. 387) resume que "a face é o que as pessoas têm de mais íntimo e particular, mas que ao mesmo tempo é apenas um empréstimo feito pela sociedade. Nas interações verbais, a utilização de determinados atos de fala pode comprometer as faces envolvidas, motivo que conduz as pessoas a utilizarem certas estratégias linguísticas para evitar seu rompimento e também os confrontos que podem surgir no momento da interação".

3P/‘você’ começa a se generalizar e ampliar seus contextos de uso, afastando-se do valor original da forma-fonte ‘Vossa Mercê’, de cortesia e distanciamento, passando a ser utilizado com o valor sociopragmático de [+intimidade] quando o autor se dirige a uma pessoa amiga, possivelmente uma figura também masculina, no córpus *Correio Paulistano*. Nos córpus *A Cigarra* e *Revista da Semana*, essa difusão, no período em análise (1915-1932), ainda não aconteceu, já que 2P/‘tu’ persiste nos conjuntos de dados.

Ademais, averiguamos que não há dados, nas cartas da revista *A Cigarra*, quando o direcionamento do texto é a uma pessoa ilustre. Ao passo que, nas cartas da *Revista da Semana*, há ocorrências nessa situação, com usos equilibrados das variantes, resultado que reitera que as amostras, embora performem gênero feminino, não levam, necessariamente, aos mesmos resultados. Já nos dados do jornal *Correio Paulistano*, quando pessoa ilustre é papel social desempenhado pelo referente, há maior emprego de 3P/‘você’, mostrando que, nesse caso, há a intenção de usar uma estratégia menos invasiva para se dirigir a um interlocutor.

Os papéis sociais de leitor e redator, por fim, evidenciam diferentes resultados quanto ao uso da variante inovadora. Em cada córpus, conforme discutimos, esses papéis não são estáticos, mas construídos pelo discurso. À medida que, no córpus *A Cigarra*, a aplicação de 3P/‘você’ é categórica para leitor, nos córpus *Revista da Semana* e *Correio Paulistano*, há um uso equilibrado da variável resposta. Também em *A Cigarra* o uso de 2P/‘tu’ resiste quando há referência ao redator, firmando uma relação de maior intimidade, enquanto no grupo controle *Revista da Semana* e *Correio Paulistano* há um maior distanciamento entre as partes – com maior uso de 3P/‘você’.

5.3 Em resumo

Nesta seção, com base na Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2016 [1972]), contemplamos os resultados dos usos do fenômeno variável, obtidos pela análise de cartas publicadas na revista *A Cigarra* (publicação feminina), em comparação com as cartas publicadas no grupo controle, *Revista da Semana* (publicação [+feminina ↔ -masculina]) e jornal *Correio Paulistano* (publicação [+masculina ↔ -feminina]).

Na subseção 5.1, trazemos à cena a frequência geral de uso da variável resposta quanto ao córpus por meio de uma análise inferencial, gerada a partir de um diagrama arbóreo. Verificamos que a aplicação de 3P/‘você’ corresponde a 26% (N total = 1.520) dos dados d’*A Cigarra*, a 20% (N total = 1.324) dos dados da *Revista da Semana* e a 58% (N total = 606) dos dados do *Correio Paulistano*. De modo geral, do ponto de vista estatístico, os resultados

indicam que o jornal tem uma distribuição do fenômeno linguístico diferente em comparação com as duas revistas.

De encontro às tendências de outros trabalhos sociolinguísticos (Rumeu, 2008; Pereira, 2012; Souza, 2012) e de uma das hipóteses do Paradoxo do gênero (Labov, 2001), que sinaliza as mulheres, em relação aos homens, como líderes da implementação de uma variante inovadora (aqui, 3P/'você'), nesta pesquisa, o grupo controle de publicação [+masculina ↔ -feminina], *Correio Paulistano*, parece ter avançado mais rapidamente em direção à mudança linguística do que os córpus orientados ao consumo feminino, *A Cigarra* e grupo controle *Revista da Semana*.

Em nossas discussões, buscamos argumentar que a interpretação do papel das mulheres no uso de determinada variante deve ser feita com cautela, levando em consideração a metodologia empregada (tipo de amostra e seleção das variáveis previsoras controladas, por exemplo). Enquanto os estudos afirmam que, no final dos anos oitocentos e início dos anos novecentos, num contexto sócio-histórico marcado pela submissão de mulheres, era mais adequado, às figuras femininas, o uso de uma estratégia menos invasiva para se dirigir ao interlocutor (3P/'você'), nesta tese, consideramos que, pela imprensa feminina privilegiar um contato mais pessoal com as leitoras, num processo que envolve construções de gênero feminino e feminilidade, o maior emprego de uma variante [+intimista], 2P/'tu', parece ser justificado.

Nesse sentido, em 5.2, passamos às análises multivariadas dos conjuntos de dados por meio de modelos de regressão logística de efeitos mistos, com *identificação de autoria* como efeito aleatório. Demos início à subseção com a indicação de algumas decisões metodológicas, após rodadas teste, quais sejam (i) a amálgama de níveis de algumas variáveis previsoras (*paralelismo linguístico, tipo de comunicação* e *temática*) e (ii) a exclusão da variável *papel social do referente* dos modelos finais reportados.

As variáveis linguísticas *tipo de sujeito, contexto verbal* e *paralelismo linguístico* nos auxiliaram a verificar como a variável resposta se comporta em diferentes córpus e, dessa maneira, se podemos atestar as mesmas tendências apontadas por pesquisas sociolinguísticas. Nesses casos, observamos que, em *A Cigarra*, o uso de 3P/'você' é favorecido quando o sujeito da sentença se encontra pleno e desfavorecido, em contrapartida, em contexto verbal não imperativo e em ocorrência precedida por 2P/'tu'.

No grupo controle, alguns padrões se repetem: na *Revista da Semana*, a variante inovadora é favorecida em ocorrência precedida por 3P/'você' e desfavorecida em contexto verbal não imperativo e em ocorrência precedida por 2P/'tu'; no *Correio Paulistano*, ocorrência

precedida por 2P/‘tu’ também aponta para o desfavorecimento de emprego de 3P/‘você’. Assim, independentemente dos aspectos sociais em torno do gênero, os resultados encontrados, a partir de córpus específicos, estão em consonância com o que evidenciam outros estudos (*cf.* Barcia, 2006; Rumeu, 2008; Lopes; Marcotulio, 2011; Pereira, 2012; Souza, 2012).

Já as variáveis previsoras que se relacionam com a configuração das cartas, *tipo de comunicação* e *temática,* inseridas nos modelos de regressão logística, permitiram investigar se os discursos performados em revistas orientadas ao gênero feminino poderiam ser um contexto de resistência de uso de 2P/‘tu’. As análises dos dados mostram que a variante inovadora tem seu emprego desfavorecido, nas cartas d’*A Cigarra*, quando os tipos de comunicação do trecho/dado são de conselho ou de relato e, além disso, quando as temáticas envolvem cultura e política ou relacionamento.

Na *Revista da Semana*, vemos um resultado parecido, mas não idêntico, na medida em que, nessa amostra, a utilização de 3P/‘você’ é desfavorecida quando a temática é relacionamento. Em relação aos dados do *Correio Paulistano,* o tipo de comunicação relato e a temática relacionamento desfavorecem a aplicação dessa variante.

Em geral, as mesmas tendências em relação ao *tipo de comunicação* e à *temática*, nos três córpus, demonstram a pertinência da análise contextual para o entendimento do fenômeno. Argumentamos que o significado social da variação linguística nos dados pode ser apreendido de maneiras distintas a depender do córpus, tendo em vista que o valor social das categorias analisadas pode se modificar conforme o veículo de publicação.

Ademais, a análise de *faixa temporal*, incluída nos modelos de regressão logística, possibilitou-nos verificar que *A Cigarra*, ainda que seja um córpus em que 2P/‘tu’ resista, caminha no sentido da mudança linguística, com favorecimento de uso de 3P/‘você’ na terceira faixa temporal (anos de 1927-1932). No grupo controle, essa variável previsora não apresentou significância estatística.

Na subseção 5.2.1, voltamo-nos à investigação do *papel social do referente* do trecho/dado das cartas. Os resultados seguem o que outros estudos sociolinguísticos sobre o fenômeno variável observam (Machado, 2006; Pereira, 2012; Souza, 2012; Balsalobre; Monte, 2018). A estratégia de 2P/‘tu’ persiste quando a referência é uma pessoa amada, portanto, em relações de maior solidariedade e intimidade, nos três córpus.

Depreendemos também que o contexto de uso de 3P/‘você’, no jornal *Correio Paulistano,* começa a se generalizar e se afastar do valor de distanciamento e de cortesia, advindo da forma-fonte ‘Vossa Mercê’, em relações em que o referente é uma pessoa amiga. Todavia, os dados indicam que, nos casos d’*A Cigarra* e da *Revista da Semana*, esse movimento

não se realizou no início dos anos novecentos, tendo em vista que a variante conservadora é a mais utilizada nesse tipo de papel social.

Nessa direção, nas cartas da revista *A Cigarra*, não há ocorrências da variável resposta em situações em que o referente é uma pessoa ilustre, diferente do que averiguamos no grupo controle. Na *Revista da Semana*, há usos equilibrados de 2P/'tu' e 3P/'você' nesse cenário, o que engrossa a discussão de que as revistas em análise, ainda que tenham publicações mais voltadas ao gênero feminino, podem gerar resultados específicos que se diferem. Já no *Correio Paulistano*, há maior uso da variante inovadora, em comparação à conservadora, no momento que o escrevente se dirige a uma pessoa ilustre. Nesse último caso, o fato de ser uma relação [-solidária] e [+distante] pode ter motivado a escolha por uma estratégia menos invasiva se comparada a 2P/'tu'.

Os papéis sociais de leitor e redator, como apontamos na subseção 5.2.1, revelam diferentes usos das variantes conforme o córpus, levando em consideração que esses papéis são construídos no e pelo discurso, de acordo com as especificidades das revistas e do jornal. Em *A Cigarra*, 3P/'você' tem uso categórico quando, na carta, há referência a um leitor, à medida que, na *Revista da Semana* e *Correio Paulistano*, há um equilíbrio maior nos dados. Por outro lado, em situações em que a escrevente orienta seu discurso ao redator, em *A Cigarra*, há a preferência pelo emprego de 2P/'tu', uma vez que uma relação de proximidade entre leitora e revista é firmada. No grupo controle, seja na *Revista da Semana*, seja no *Correio Paulistano*, notamos maior uso de 3P/'você' do que 2P/'tu', em uma relação de distanciamento entre as partes (escrevente e redator).

Em geral, as análises mostram que certos padrões de favorecimento ou desfavorecimento da aplicação de 3P/'você' são observados nos três córpus. No entanto, as diferenças dos resultados das variáveis previsoras, em cada conjunto de dados, e dos significados sociais da variação linguística nos ajudaram a responder como questões sociais atreladas ao gênero feminino em *A Cigarra* levam a um resultado quanto ao uso do fenômeno variável em análise (maior frequência de 2P/'tu').

Defendemos que, de modo específico, nas cartas publicadas na revista *A Cigarra*, as construções de sentido sustentam, a partir de uma visão patriarcal[132], a regulamentação de determinados papéis femininos e de determinado modelo de feminilidade, aspectos que corroboram a naturalização e a manutenção das diferenças de gênero e da falsa percepção de uma essência atrelada ao que significa ser mulher.

[132] Recordarmos que *A Cigarra*, na época, era dirigida por homens.

A seção “Collaboração das leitoras”, por exemplo, em que grande parte das cartas desse córpus foi coletada, permitia que a revista selecionasse a carta divulgada. Na maioria das vezes, o texto contemplava opiniões e valores (re)produzidos como femininos (casamento, maternidade, lar) numa encenação coletiva. Os valores ideológicos em torno do gênero feminino eram propositalmente fabricados em um ambiente amigável e [+pessoal], fator que conduz a preferência por uma variante de valor sociopragmático associado à intimidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O controle e a análise da variável social gênero em estudos sociolinguísticos têm esbarrado, muitas vezes, em perspectivas essencialistas e em universalizações e/ou abstrações demográficas ao partirem, por exemplo, de estereótipos sociais sobre a categoria e de interpretações generalizadas sobre seu papel na mudança linguística. Dessa maneira, embora o termo "sexo" tenha sido substituído por "gênero", não há uma discussão teórico-social que dê suporte ao entendimento e à análise dessa variável extralinguística.

Por essa razão, nesta tese, lançamos mão dos preceitos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2016 [1972]) e da Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009 [1982]), em articulação com Estudos de Gênero (Butler, 2018 [1988], 2018 [1990]; Lauretis, 1994), para verificar como as construções sócio-históricas em torno do gênero feminino, em determinados contextos sociais, podem atuar nos processos de variação e mudança, ou seja, podem levar a um certo resultado quanto aos usos linguísticos. Nesse sentido, tomamos como fenômeno de estudo as marcas variáveis de 2P/3P associadas a tu/você na posição sintática de sujeito em textos pretéritos do português brasileiro (anos de 1915 a 1932).

Mais especificamente, lidamos com a análise de cartas publicadas em *A Cigarra* (revista de publicação feminina) em comparação aos dados extraídos de cartas do que denominamos grupo controle, composto por duas amostras definidas a partir de um esquema de *continuum* baseado nas práticas sociais e nas representações de gênero conforme o direcionamento das publicações: a *Revista da Semana* (publicação [+feminina ↔ -masculina]) e o *Correio Paulistano* (publicação [+masculina ↔ -feminina]). Vale destacar que a proposta metodológica de comparação – a construção de um grupo controle – permitiu-nos identificar as similaridades e, em particular, as diferenças entre cada córpus em relação ao comportamento linguístico variável.

Trazemos como contribuição de pesquisa a leitura e a operacionalização de gênero com vistas à análise de variação linguística apoiada na teoria da performatividade (Butler, 2018 [1988], 2018 [1990]) e na noção de tecnologia de gênero (Lauretis, 1994). Sustentamos que a imprensa feminina, como é o caso d'*A Cigarra*, é uma tecnologia de gênero, nos termos de Lauretis (1994), por atuar a partir de diferentes mecanismos (textos, imagens, anúncios) a fim de promover determinadas representações de gênero feminino, relacionadas a um conceito de feminilidade, trazendo à cena uma performatividade de gênero feminino em acordo com um imaginário social (e patriarcal) (Butler, 2018 [1988], 2018 [1990]).

Por esse motivo, é importante salientar que, embora a autoria desses textos não seja comprovada, diferentemente do que ocorre com a caracterização sociodemográfica tradicional de sincronias atuais, não nos interessa se cada carta foi escrita por uma mulher ou por um homem. Buscamos mostrar como é possível trabalhar com textos escritos pretéritos, com ausência de informações dos perfis sociais de cada escrevente e, ainda assim, testar a influência do papel do gênero feminino mediante uma abordagem crítica e social e de um córpus sensível a essa questão. Nessa perspectiva, a combinação entre Sociolinguística Variacionista e Histórica e Estudos de Gênero, proposta nesta tese, pode trazer novos avanços tanto para captar aspectos de gênero de outras épocas quanto para refinar o tratamento dessa categoria social nas análises de variação e mudança linguísticas.

É tendo em vista esses aspectos, portanto, que as cartas são analisadas. A interpretação dos dados também não ignora a especificidade de perfil, criado pela revista, de quem eram (ou quem deveriam ser) as mulheres consumidoras. Segundo o levantamento feito neste estudo (preço da tiragem, representação das capas e estudos históricos que se dedicam à análise de *A Cigarra*), a revista se dirigia sobretudo a mulheres brancas, jovens-adultas, cultas e letradas, de camadas médias a altas, situadas no Estado e na cidade de São Paulo no início do século XX.

A hipótese norteadora deste trabalho se relaciona a dois aspectos: (i) a imprensa feminina, desde os tempos principiantes, prioriza o pessoal e, nessa orientação, colabora para a manutenção de padrões de gênero e de relações de poder existentes (Buitoni, 1981; Bassanezi, 1996); e (ii) a passagem do século XIX e início do século XX é marcada pela semântica de [+distanciamento], no caso de 3P/‘você’, e de [+intimidade], no caso de 2P/‘tu’ (Lopes; Marcotulio, 2011). Assim, a expectativa, na contramão do Paradoxo do gênero (Labov, 1990, 2001) e do que verificam estudos sociolinguísticos sobre o papel das mulheres na mudança do fenômeno linguístico (Rumeu, 2008, 2013; Pereira, 2012; Souza, 2012), era de que as cartas d’*A Cigarra* mostrassem ser um contexto em que o uso da variante conservadora persistiria.

Diante de uma análise quantitativa dos dados, os resultados revelam que o grupo controle de publicação [+masculina ↔ -feminina], as cartas do jornal *Correio Paulistano*, avança mais rapidamente rumo à mudança linguística se comparado às cartas da revista *A Cigarra* (publicação feminina) e da *Revista da Semana* (publicação [+feminina ↔ -masculina), resultados que corroboram a hipótese do trabalho. As análises multivariadas, dessa maneira, auxiliaram-nos a compreender o que condiciona (em termos de favorecimento ou desfavorecimento) a aplicação da variante de 3P/‘você’ em córpus composto por textos performados ou não pelo gênero feminino.

Por um lado, os resultados das variáveis previsoras linguísticas (*tipo de sujeito*, *contexto verbal* e *paralelismo linguístico*) mostram que as tendências evidenciadas por outros estudos sociolinguísticos (Barcia, 2006; Rumeu, 2008; Lopes; Marcotulio, 2011; Pereira, 2012; Souza, 2012) se confirmam neste trabalho, independentemente de questões de gênero, em *A Cigarra* (uso de 3P/'você' favorecido quando o sujeito é pleno e desfavorecido em contexto verbal não imperativo e em ocorrência precedida por 2P/'tu'), com alguns padrões de uso que se repetem no grupo controle *Revista da Semana* (uso de 3P/'você' favorecido em ocorrência precedida por 3P/'você' e desfavorecido em contexto verbal não imperativo e em ocorrência precedida por 2P/'tu') e *Correio Paulistano* (uso de 3P/'você' desfavorecido em ocorrência precedida por 2P/'tu').

Os resultados quanto à *faixa temporal*, além disso, indicam que *A Cigarra*, mesmo que seja um córpus em que 2P/'tu' é mais frequente, caminha no sentido da mudança linguística, com favorecimento de uso de 3P/'você' na terceira faixa temporal (anos de 1927-1932). No que se refere aos córpus do grupo controle, essa variável previsora não apresentou significância estatística.

Por outro lado, os resultados das variáveis previsoras que se relacionam com a configuração das cartas, inseridas nos modelos de regressão logística de efeitos mistos (*tipo de comunicação* e *temática*), corroboram a verificação de como questões sociais de gênero feminino impactam os resultados encontrados. Em *A Cigarra*, o emprego de 3P/'você' é desfavorecido quando os tipos de comunicação do trecho/dado são de conselho ou de relato e quando as temáticas envolvem cultura e política ou relacionamento. Já na *Revista da Semana*, o emprego de 3P/'você' é desfavorecido quando a temática é relacionamento. Ao passo que, no *Correio Paulistano*, o emprego de 3P/'você' é desfavorecido quando o tipo de comunicação é relato e quanto a temática é relacionamento.

O *papel social do referente*, ademais, variável analisada separadamente, demonstra que pessoa amada e pessoa amiga são referentes em que 2P/'tu' tende a se conservar – no primeiro caso, nos três córpus (*A Cigarra*, *Revista da Semana* e *Correio Paulistano*), no segundo, em *A Cigarra* e *Revista da Semana*. A maior diferença de resultado, em termos de frequência, na comparação dos dados se apresenta no momento que os referentes são redator (maior emprego de 2P/'tu' em *A Cigarra* e maior emprego de 3P/'você' nos córpus do grupo controle) ou leitor (emprego categórico de 3P/'você' em *A Cigarra* e emprego equilibrado das variantes nos córpus do grupo controle).

Cabe destacar que a categorização das variáveis e a quantificação dos dados se alinham, nesta tese, a uma abordagem qualitativa de análise. A união quanti-quali nos faz ser possível

conciliar a ideia de performatividade de gênero feminino à metodologia tradicional sociolinguística. Assim, com nossas interpretações dos dados, buscamos evidenciar a dinamicidade do significado social da variação linguística.

Observamos que os valores sociais de cada categoria controlada podem se modificar de acordo com o córpus, mesmo nos casos em que há discursos performados pelo gênero feminino (*A Cigarra* e *Revista da Semana*), o que pode levar a diferentes usos do fenômeno variável. Um exemplo é o indício de que trechos de carta de política e cultura publicados em *A Cigarra* podem ter um valor socialmente diferenciado em relação à mesma temática quando inserida em trechos de cartas da *Revista da Semana* ou do *Correio Paulistano*, levando ao favorecimento da variante de 2P/'tu' no primeiro caso, mas não nos demais.

Nesse sentido, podem ser as relações sociais, construídas em determinados contextos discursivos, as responsáveis por guiar as diferenças na escolha das estratégias linguística em análise. De modo geral, considerarmos que a configuração das cartas serve para que as diferenças de gênero se mantenham. Na revista *A Cigarra*, diferentemente da proposta de um jornal do início do século XX, como o *Correio Paulistano*, não se inaugura um espaço de escrita para que determinadas mulheres se mobilizem social e politicamente. Ao contrário, ao escolher publicar cartas com um discurso alegadamente mais suave e mais adequado ao público-alvo, procura-se seguir os valores patriarcais e a opinião pública acerca dos papéis de gênero feminino.

Significados sociais construídos em torno do gênero feminino, pautado em um ideal de feminilidade, como a perspectiva de que a mulher se interessa apenas por beleza e por moda, aspectos tidos como efêmeros e superficiais, e de que a mulher é destinada a encontrar um relacionamento amoroso e a ser uma boa esposa e a maternar, além de viver em situação de subserviência à família, são incorporados ao *tipo de comunicação*, *temática* e *papel social do referente* nas cartas da revista *A Cigarra*. Eles conduzem, ainda, os resultados no sentido de refrear, em certa medida, a implementação de 3P/'você', estratégia de [+distanciamento, -intimidade], uma vez que verificamos um maior uso de 2P/'tu', uma estratégia de [+intimidade, -distanciamento] nos anos de 1915-1932.

Finalmente, mais do que dar uma resposta objetiva para o problema do gênero na Sociolinguística, esta tese mostra que é necessário considerar teorias feministas de gênero para evitar análises baseadas em concepções particulares, e mesmo visões estigmatizadas, sobre a diferenciação de gêneros nas análises dos processos de variação e mudança linguísticas. Na

linha do que afirmam Wodak e Bank (2017, tradução nossa[133]), verificamos que, "se as teorias sociológicas do contexto e das conceitualizações de gênero, etc. continuarem a ser ignoradas, as explicações contraditórias não desaparecerão".

Um olhar social de gênero (no caso desta pesquisa, a partir das teorias de performatividade e de tecnologia de gênero) faz com que tenhamos uma visão mais dinâmica sobre a mudança linguística, tendo em vista que foi possível comprovar que a intimidade de 2P/'tu' é construída em um contexto de prática social. Logo, é o tipo de publicação atrelada ao gênero feminino, e não propriamente as mulheres, que favorece a manutenção da variante conservadora nos dados d'*A Cigarra*.

[133] "*If sociological theories of context and of conceptualizations of gender, etc. continue to be ignored, contradictory explanations will not disappear*" (Wodak, Benke, 2017).

REFERÊNCIAS

A Cigarra. São Paulo: Arquivo público, 1915-1916. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas. Acesso em: 23 nov. 2021.

A Cigarra. São Paulo: Biblioteca Nacional, 1917-1932. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003085&pesq=&pagfis=1. Acesso em: 23 nov. 2021.

ALMEIDA, J. M. de. **Madames e mocinhas em revista:** corpo, gênero e moda em *A Cigarra* (1940-1955). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

ARAÚJO, M. L. P. de. **A escolarização de crianças negras paulistas (1920-1940)**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

AUER, A.; PEERSMAN, C.; PICKL, S.; RUTTEN, G.; VOSTERS, R. Historical sociolinguistics: the field and its future. **Journal of Historical Sociolinguistics**, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2015.

BALSALOBRE, S.; MONTE, V. M. Formas de tratamento em cartas de São Paulo. *In*: CASTILHO, A. T. (coord.). **História do português brasileiro**. Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista. São Paulo: Editora Contexto, v. 4, 2018. p. 78-91.

BANDEIRA, A. P. B. da S. Jornalismo feminino e jornalismo feminista: aproximações e distanciamentos. **Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 14, n. 2, p. 190-199, 2015.

BARCIA, L. R. **As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas**: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal. 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BARRERE, L. L. Face e polidez linguística em reclamações online: uma análise sob o viés pragmático. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 383-405, 2017.

BASSANEZI, C. B. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BASSANEZI, M. S. C. B.; SCOTT, A. S. V.; BACELLAR, C. de A. P.; TRUZZI, O. M. S. **Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução: Sérgio Milliet. 5. ed., v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019 [1949].

BERGS, A. **Social Networks and Historical Sociolinguistics**: Studies in Morphosyntactic Variation in the Paston Letters (1421-1503). New York: Walter de Gruyter, 2005.

BERGS, A. The Uniformitarian Principle and the Risk of Anachronisms in Language and Social History. *In*: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. M. (ed.). **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2012. p. 83-101.

BERLINCK, R. A.; BRANDÃO, S. M.; BARBOSA, J. B.; BIAZOLLI, C. C.; SENE, M. G. Projeto Língua EmCena: peças teatrais como fonte para o estudo sócio-histórico da língua. **Revista LaborHistórico**, v. 9, n. 2, p. 1-28, 2023. DOI: https://doi.org/10.24206/lh.v9i2.55295. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/55295. Acesso em: 18 maio 2024.

BESSE, S. K. **Modernizando a desigualdade**: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil-1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999.

BONINI, A. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos pagu**, v. 43, p. 441-474, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011.

BRAGLIA, N. C. Paulicéia de ontem: O viver urbano na Belle Époque paulistana. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 40, p. 523-531, 2010.

BRANCO, L. C. **O que é escrita feminina**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BRASIL. Lei nº 7.247/1879, de 19 de abril de 1879. Reforma o ensino primário e secundário no município da Côrte e o superior em todo o Império. **Coleção de Leis do Império do Brasil**, v. I, pt. II, p. 196, 1879. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html. Acesso em: 23 fev. 2022.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

BUCHOLTZ, M. From 'sex differences' to gender variation in sociolinguistics. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 8, p. 33-45, 2002.

BUITONI, D. H. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BUITONI, D. H. S. **Imprensa feminina**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. **Caderno de leituras**, n. 78, p. 1-16, 2018 [1988].

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018 [1990].

CAMPOS, C. M. **Os rumos da cidade**: urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: Editora Senac, 2019.

CAPELATO, M. H. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARREÃO, V. **Variedades transatlânticas**: o contato linguístico entre paulistas e portugueses no século XX. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

CASADEI, E. B. Questões de consumo e a feminização da *Revista da Semana*. **Revista Z Cultural**, v. 7, p. 1-15, 2017.

CHAVES, E. **Implementação do Pronome *Você***: a contribuição das pistas gráficas. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CHESHIRE, J. Sex and Gender in Variationist Research. *In*: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. **The Handbook of Language Variation and Change**. Malden: Blackwell, 2002. p. 423-443.

CITELI, M. T. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, p. 131-145, 2001.

CLEMPI, C. B. **Variação entre futuro sintético e perifrástico em textos escritos**: um estudo diacrônico sobre o papel do gênero feminino na mudança linguística. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019 [1990].

CONCEIÇÃO, A. C. L. da. Teorias feministas: da "questão da mulher" ao enfoque de gênero. **RBSE**, v. 8, n. 24, p. 738-757, 2009.

CONDE-SILVESTRE, J. C. **Sociolingüística Histórica**. Madrid: Gredos Editorial S.A., 2007.

CONDE-SILVESTRE, J. C.; HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M. Introduction. *In*: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (ed.). **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Nova Jersey: Blackwell, 2012. p. 1-8.

CONDE-SILVESTRE, J. C. Sociolinguística Histórica: problemas, principios y direcciones de investigación. *In*: **Sociolinguística Histórica, Tratamento de Corpora e História do Português Brasileiro**, Abralin: Youtube, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XNUrqBzezLA. Acesso em: 21 abr. 2022.

Correio Paulistano. São Paulo: Biblioteca Nacional, 1915-1932. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=090972&pesq=. Acesso em: 23 nov. 2021.

CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. **Stanford Law Review**, Palo Alto, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.

CRUZ, H. F. (org.) São Paulo em revista. Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedades paulistana. São Paulo. **Arquivo do Estado**, 1997.

CRUZ, H. F. **São Paulo em Papel e Tinta**: Periodismo e Vida Urbana - 1890-1915. São Paulo: EDUC/Fapesp, 2000.

CUNHA, K. D. da. As mulheres brasileiras no século XIX. **Anais do Encontro Nacional do GT-GÊNERO/ANPUH**, Vitória, p. 1-12, 2014.

CYFER, I. Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e "a questão do sujeito" na teoria crítica feminista. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 94, p. 41-77, abr. 2015.

CZRNORSKI, S. R.; MEYRER, M. R. Chics, elegantes e distintas: a moda na seção Jornal das famílias da *Revista da Semana* (1915-1918). **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 8, n. 15, p. 247-271, 2016.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016 [1981].

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. *In*: ROBERTS, I., KATO, M. A. (org.) **Português Brasileiro:** uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 107-128.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio 'evite pronome' no português brasileiro**. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

DUBOIS, S.; HORVATH, B. When the music changes, you change too: Gender and language change in Cajun English. **Language Variation and Change**, v. 11, n. 3, p. 287-313, 2000.

DUMONT, L. M. M.; SANTO, P. E. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. **Ciências & Cognição**, v. 10, p. 28-37, 2007.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**: the linguistic construction of identity in Belten High. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. Three waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. *In*: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. **Linguagem, sexo, sexualidade**. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010 [1992]. p. 93-107.

FAGGION, M. O.; SOUZA, S. C. O *Correio Paulistano* (1918-1929) e a popularização do ideário da eugenia. *In*: BOARINI, M. L. (org.). **A busca da perfeição**: o ideário eugenista em pauta. Maringá: EDUEM, 2019. p. 57-82.

FARACO, C. A. O tratamento "você" em português: uma abordagem histórica. **LaborHistórico**, v. 3 n. 2, p. 114-132, 2017 [1996].

FISCHER, M. P. Ler Judith Butler: sujeito, desidentificação, performatividade. **Princípios**: Revista de Filosofia, v. 27, n. 52, p. 165-179, 2020.

FLORESTA, N. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. *In*: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (org). **Mulheres, Linguagem e Poder** - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015. p. 17-74.

FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, p. 445-460, 2016.

FREITAG, R. M. K.; PINHEIRO, B. F. M. Modelo de árvore de inferência condicional para explicar usos linguísticos variáveis. *In*: CARVALHO, C. dos S.; LOPES, N. da S; RODRIGUES, A. (org.) **Sociolinguística e Funcionalismo**: vertentes e interfaces. Salvador: EDUNEB, 2020. p. 247-262.

GOMES, C. de M. Gênero como categoria de análise decolonial. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, p. 65-82, 2018.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GRAÇA, R. Performatividade e política em Judith Butler: corpo, linguagem e reivindicação de direitos. **Revista Perspectiva Filosófica**, Universidade Federal de Pernambuco, v. 43, n. 1, p. 21-38, 2016.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HAHNER, J. E. Mulheres de elite: Honra e distinção das famílias. *In*: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-64.

HELLER, B. **Em busca de novos papéis**: imagens da mulher leitora no Brasil (1890-1920). 1997. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

HELLER, B. Vossas filhas sabem ler? **INTERCOM**, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande, 2001. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP4HELLER.pdf. Acesso em: 16 mar. 2022.

HOLLANDA, H. B. de. **Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil**: uma primeira abordagem, v.1. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

hooks, b. **O feminismo é para todo mundo**. políticas arrebatadoras. Tradução: Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018 [2000].

hooks, b. **E eu não sou uma mulher?** 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Recenseamento Geral do Brasil** (1º de setembro de 1940). Sinopse do Censo Demográfico (Dados Gerais). Rio de Janeiro: Coleção IBGEANA, 1946.

JESUS, J. G.; ALVES, H. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Revista Cronos**, v. 11, n. 2, p. 8-19, 2012.

JESUS, J. G. de. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. *In:* Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013, Anais eletrônicos**,** Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis, p. 1-9, 2013.

KOCH, P. Tradiciones discursivas y cambio linguístico: el ejemplo del tratamento vuestra merced en español. *In*: KABATEK, J. (ed.). **Sintaxis histórica del español y cambio linguístico**: nuevas perspectivas desde las tradiciones discursivas. Madrid: Vervuert, 2008. p. 53-88.

LABOV, W. Where does the Linguistic Variable Stop? A Response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, n. 44, p. 1-22, 1978.

LABOV, W. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**, v. 2, n. 2, p. 205-254, 1990.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**, vol. 1: Internal Factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**, vol. 2: Social Factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. *In*: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). **Sociolinguistics**: The Essential Readings. Massachusetts: Blackwell, 2003. p. 234-250.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016 [1972].

LAURETIS, T. de. A tecnologia do gênero. Tradução: Susana Bornéo Funck. *In*: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, n.7, p.171-182, 1978.

LIMA, S. L. L. Imprensa feminina, revista feminina. A imprensa feminina no Brasil. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 35, p. 221-240, 2007.

LOPES, C. R. S. dos; DUARTE, M. E. L. Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX. *In*.: RAMOS, J. M.; ALKMIM, M. A. (org.). **Para a história do português brasileiro**: Estudos sobre Mudança Lingüística e História Social. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 5, 2007, p. 329-357.

LOPES, C. R. S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. *In*: LOPES, C. R. S. (org.). **A norma brasileira em construção**: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: FAPERJ/UFRJ, 2005. p. 45-66.

LOPES, C. R. S.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento a Rui Barbosa. *In*: CALLOU, D.; BARBOSA, A. (org.). **A norma brasileira em construção**: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899). 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, v. 2, 2011. p. 265-292.

LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L.; OLIVEIRA, T. L. A atuação dos papéis sociais na mudança no sistema de tratamento no português brasileiro: análise de cartas pessoais (1870-1979). **Estudos de Lingüística Galega**, p. 29-44, 2018.

LOPES, C. R. S.; MARCOTULIO, L. L.; RUMEU, M. C. B.; COELHO, I. L.; ANDRADE, A.; MARTINS, M. A.; LACERDA, M. O.; GOMES, V. S.; MONTE, V. M.; CARNEIRO, Z. O. N.; SOUZA, C. M. N.; BALSALOBRE, S.; SOUZA, J. P.; OLIVEIRA, T. L.; MOURA, K. K.; CRUZ, I. A.; CARDOSO, N. D. A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. *In*: CASTILHO, A. T. (coord.). **História do português brasileiro**. Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista. São Paulo: Editora Contexto, v. 4, 2018. p. 26- 141.

LUCCHESI, D. A variação na concordância verbal no português popular na cidade de Salvador. **Estudos linguísticos e literários**, n. 52, p. 166-204, 2015.

MACHADO, A. C. M. **A implementação de "você" no quadro pronominal**: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX. 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MACHADO, C. E. D. **População negra e escolarização na cidade de São Paulo nas décadas de 1920 e 1930**. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MATOS, H. M. Z. A revista *A Cigarra* no espaço urbano 1914-1934. **Anais do XIX Encontro Regional de História**: Poder, exclusão e violência. São Paulo, 2008.

MATOS, M. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 333-357, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da linguística histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2008.

MCELHINNY, B. Theorizing Gender in Sociolinguistics and Linguistic Anthropology. *In*: HOLMES, J; MEYERHOFF, M. (org.). **The handbook of language and gende**r. Oxford: Blackwell, 2003. p. 21-42.

MILROY, L. **Language and Social Networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

MIRA, M. C. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura do século XX. São Paulo: Olho D'Água/Fapesp, 2001.

MODESTO, A. T. T. **Formas de tratamento no português brasileiro**: a alternância tu/você na cidade de Santos-SP. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MOREIRA, L. G. **Em dia com a moda**. Da emancipação feminina ao culto à juventude nos anos 60: a representação da feminilidade nas páginas de *A Cigarra*. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2011.

MOURA, M. L. de. **Amai e... não vos multipliqueis**. São Paulo: Chão Editora, 2023.

MUZART, Z. L. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, p. 225-233, 2003.

NARVAZ, M.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.

NASCIMENTO, L. A cidade do Rio de Janeiro em dois tempos: um estudo comparado das reformas urbanas nos séculos XX e XXI. **Revista Espacialidades**, v. 12, n. 1, p. 1-15, 2017.

NOZCOLETIVO. [**Sem título**], 9 jul. 2020. [*S.l.*], Instagram: @nozcoletivo. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CCbuzr1pR0n/. Acesso em: 19 jul. 2022.

OUSHIRO, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. *In*: FREITAG, R. M. K. (org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Editora Blucher, 2014. p. 129-172.

OUSHIRO, L. As variáveis sexo/gênero e indivíduo em situação de contato dialectal. *In*: CARVALHO, D.; BRITO, D. (org.). **Gênero e língua(gem)**: formas e usos. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 43-65.

OUSHIRO, L. **Introdução à Estatística para linguistas**. Campinas: Editora da Abralin, 2022. Disponível em: https://editora.abralin.org/publicacoes/introducao-a-estatistica-para-linguistas/. Acesso em: 20 out. 2023.

PADILHA, M. **A cidade como espetáculo**: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: Annablume, 2001.

PAIVA, M. da C.; GOMES, C. A. (Org.). **Dinâmica da Variação e da Mudança na Fala e na Escrita**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015.

PAREDES SILVA, V. L. P. Variações tipológicas no gênero textual carta. *In*: KOCH, I. G. V.; BARROS, K. S. M. de. (orgs.). **Tópicos em Lingüística de Texto e Análise da Conversação**. Natal: EDUFR, 1997. p. 118-126.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. *In*: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org..). **Português Brasileiro**: contato lingüístico, heterogeneidade, história. Rio de Janeiro: 7 Letras., 2003. p. 160-169.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, p. 77-98, 2005.

PEREIRA, R. de O. **O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna**: um estudo diacrônico. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PISCITELLI, A. Re-criando a (categoria) mulher? *In*: ALGRANTI, L. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002. Disponível em: http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf. Acesso em: 25 fev. 2022.

R CORE TEAM. **R**: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing: Vienna, Austria, 2023. Disponível em: https://www.R-project.org/. Acesso em: 20 jul. 2023.

RABELO, A. M. R. 1922-2022: cem anos do sufragismo feminino no Brasil. **Princípios**, v. 41, n. 163, p. 96-117, 2022. DOI: https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2022.163.004. Disponível em: https://revistaprincipios.emnuvens.com.br/principios/article/view/163. Acesso em: 18 maio 2024.

RAGO, M. A invenção do cotidiano da metrópole: Sociabilidade e Lazer em São Paulo, 1900-1950. *In*: PORTA, P. (Org.) **História da cidade de São Paulo**: a cidade na primeira metade do século XX, 1890 a 1954. São Paulo: Paz e Terra, v. 3, 2004. p. 387-435.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista (Brasil 1890-1930). São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

Revista da Semana. São Paulo: Biblioteca Nacional, 1915-1932. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=025909&pesq=. Acesso em: 23 nov. 2021.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays**: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 5, p. 18-44, 2010 [1980].

RIO DE JANEIRO. **Recenseamento do Brasil** (1 de setembro de 1920). População: população do Brasil por Estados, municípios e districtos, segundo o sexo, o estado civil e a nacionalidade. Rio de Janeiro: TYP. DA ESTATISTICA, 1926.

RODRIGUES, A. C. Z. Concordância verbal, sociolingüística e história do português brasileiro. **Fórum linguístico**. v. 4, n. 1, p. 115-145, 2007.

RODRIGUES, A.; CLEMPI, C. B.; FELIX, R. de A. A. Approaching Gender and Sexuality Issues from a Sociolinguist Corpus-Based Analysis: A Methodologic Challenge. *In*: MASSINI-CAGLIARI, G.; BERLINCK, R. A.; RODRIGUES, A. (eds.) **Understanding Linguistic Prejudice**. Cham: Springer, 2023. p. 139-155.

ROMAINE, S. **Socio-Historical Linguistics**: its status and methodology. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1982].

ROSEMBERG, F. Educação: Mulheres educadas e a educação de mulheres. *In*: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 333-359.

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a economia política do sexo. Tradução: Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sônia Correa. Recife: SOS Corpo, 1993 [1975].

RUMEU, M. C. de B. **Para uma história do português no Brasil**: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RUMEU, M. C. B. **A implementação do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista**: um estudo de painel. 2008. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

RUMEU, M. C. B. A Variação "tu" e "você" no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. **Alfa**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 545-576, 2013.

SÃO PAULO. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do estado de São Paulo**. São Paulo, 1940.

SARDINHA, T. B. Lingüística de corpus: histórico e problemática. **Revista DELTA**, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. **Revista de estudos da linguagem**, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **ALFA**: Revista de Linguística, v. 51, n. 1, p. 189-222, 2007.

SCHERRE, M. M. P.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C.; MARTINS, G. F. Variação dos pronomes "tu" e "você". *In*: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SCOTT, J. W. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11-27, 1994 [1988].

SCOTT, J. W. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Tradução: Cristhiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1996 [1989].

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVERA, G. C. P. **A prosódia da fala em situação de contato dialetal**: Um estudo sociofonético da fala de migrantes alagoanos em São Paulo. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

SOIHET, R. Movimento de mulheres: A conquista do espaço público. *In*: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 218-237.

SOUZA, J. P. F. **Mapeando a entrada de *você* no quadro pronominal**: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SWAIN, T. N. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas femininas. **História**: Questões & Debates, v. 34, n. 1, p. 11-44, 2001.

THALASSA, A. ***Correio Paulistano***: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna - O jornal que "não ladra, não cacareja e não morde". 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

TILIO, R. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Revista Gênero**, v. 14, n 2, p. 125-148, 2014.

TOSALD, L. Do problema do essencialismo a outra maneira de se fazer política: retomando o potencial transformador das políticas de diferença. **Mediações**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 166-183, 2010.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M**. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WESTIN, R. Para lei escolar do Império, meninas tinham menos capacidade intelectual que meninos. **Senado Federal**, Brasília, 2 mar. 2020. Arquivo S. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/nas-escolas-do-imperio-menino-estudava-geometria-e-menina-aprendia-corte-e-costura. Acesso em: 23 fev. 2022.

WITTMANN, I. Transgeneridade e cinema: discursos, limites e tecnologias de gênero. *In:* Seminário Internacional Fazendo Gênero 11: Transformações, conexões, deslocamentos - 13º Mundos de Mulheres. **Anais** [...]. Florianópolis, p. 1-12, 2017.

WODAK, R.; BENKE, G. Gender as a sociolinguistic variable: New perspectives on variation studies. *In*: COULMAS F. (org.). **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 2017 [1998]. p. 127-150.

WOLFRAM, W.; SCHILLING-ESTES, N. **American English**. Oxford: Blackwell, 1998.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

APÊNDICES

Tabela 7 - Distribuição geral dos resultados (níveis sem amálgamas) para o uso de 3P/‘você’ em relação ao uso de 3P/‘tu’ na posição sintática de sujeito (*A Cigarra*, *Revista da Semana*, *Correio Paulistano*)

Variável	*A Cigarra* Apli./N	*Revista da Semana* Apli./N	*Correio Paulistano* Apli./N
Tipo de sujeito			
nulo	343/1.380 (25%)	220/1.160 (19%)	241/474 (51%)
pleno	45/140 (32%)	42/164 (26%)	111/132 (84%)
Contexto verbal			
imperativo	187/441(42%)	102/315 (32%)	107/166 (64%)
não imperativo	201/1.079 (19%)	160/1.009 (16%)	245/440 (56%)
Paralelismo linguístico			
ocorrência isolada	44/95 (46%)	16/32 (50%)	32/38 (84%)
primeira ocorrência	81/237 (34%)	52/145 (36%)	70/106 (66%)
precedida por 2P/‘tu’	66/931 (7%)	4/947 (0,5%)	5/214 (2%)
precedida por 3P/‘você’	197/257 (77%)	190/200 (95%)	245/248 (99%)
Tipo de comunicação			
agradecimento	7/17 (41%)	7/9 (78%)	32/38 (84%)
conselho	29/220 (13%)	28/186 (15%)	21/32 (66%)
crítica	29/87 (33%)	49/112 (44%)	122/179 (68%)
pedido	85/190 (45%)	32/148 (22%)	50/77 (65%)
reclamação	36/71 (51%)	3/101 (3%)	12/13 (92%)
relato	202/935 (22%)	143/768 (19%)	115/267 (43%)
Temática			
cotidiano	194/449 (43%)	115/249 (46%)	133/201 (66%)
cultura	22/82 (27%)	33/99 (33%)	131/196 (67%)
política	9/25 (36%)	12/13 (92%)	64/86 (74%)
relacionamento	163/964 (17%)	102/963 (11%)	24/123 (20%)
Papel social do referente			
leitor	12/12 (100%)	39/77 (51%)	16/32 (50%)
redator	74/182 (41%)	10/12 (83%)	77/89 (87%)
pessoa amada	29/318 (9%)	44/602 (7%)	2/46 (4%)
pessoa amiga	273/1.008 (27%)	159/612 (26%)	132/264 (50%)
pessoa ilustre	0/0 (0%)	10/21 (48%)	125/175 (71%)
Faixa temporal			
1915-1920	130/507 (26%)	137/443 (31%)	93/180 (52%)
1921-1926	85/561 (15%)	106/783 (14%)	85/200 (42%)
1927-1932	173/452 (38%)	19/98 (19%)	174/226 (77%)

Fonte: Própria.

Tabela 8 - Análises de regressão logística de efeitos fixos (*A Cigarra*). Resultado para o uso de 3P/‘você’ em relação ao uso de 2P/‘tu’ na posição sintática de sujeito (*Intercept* < 0.001)

Variável	**Estimativa**	**Erro padrão**	**Valor-*z***	***P***	**Apli./N**
Tipo de sujeito					
nulo (referência)					343/1.380 (25%)
pleno	0.86	0.28	3.1	0.002 **	45/140 (32%)
Contexto verbal					
imperativo (referência)					187/441 (42%)
não imperativo	-1.77	0.19	-9.4	< 0.001 ***	201/1.079 (19%)
Paralelismo linguístico					
isolada e primeira (referência)					125/332 (38%)
precedida por 2P/‘tu’	-2.04	0.19	-10.5	< 0.001 ***	66/931 (7%)
precedida por 3P/‘você’	1.54	0.21	7.4	< 0.001 ***	197/257 (77%)
Tipo de comunicação					
agrad. e pedido (referência)					92/207 (44%)
conselho	-1.39	0.33	-4.2	< 0.001 ***	29/220 (13%)
crítica e reclamação	0.42	0.30	1.4	0.173	65/158 (41%)
relato	-0.76	0.22	-3.4	< 0.001 ***	202/935 (22%)
Temática					
cotidiano (referência)					194/449 (43%)
cultura e política	-0.85	0.35	-2.4	0.014 *	31/107 (29%)
relacionamento	-1.07	0.18	-5.9	< 0.001 ***	163/964 (17%)
Faixa temporal					
1915-1920 (referência)					130/507 (26%)
1921-1926	-0.03	0.22	-0.2	0.876	85/561 (15%)
1927-1932	0.70	0.20	3.6	< 0.001 ***	173/452 (38%)

Modelo: glm (VD~TIPO.DE.SUJEITO + CONTEXTO.VERBAL + PARALELISMO.LINGUISTICO + TIPO.DE.COMUNICACAO + TEMATICA + FAIXA.TEMPORAL, data = dados, family = binomial)

Fonte: Própria.

Tabela 9 - Análises de regressão logística de efeitos fixos (*Revista da Semana)*. Resultado para o uso de 3P/‘você’ em relação ao uso de 2P/‘tu’ na posição sintática de sujeito (*Intercept* < 0.001)

Variável	**Estimativa**	**Erro padrão**	**Valor-*z***	***P***	**Apli./N**
Tipo de sujeito					
nulo (referência)					220/1.160 (19%)
pleno	0.59	0.49	1.2	0.226	42/164 (26%)
Contexto verbal					
imperativo (referência)					102/315 (32%)
não imperativo	-0.97	0.34	-2.9	0.004 **	160/1.009 (16%)
Paralelismo linguístico					
isolada e primeira (referência)					68/177 (38%)
precedida por 2P/‘tu’	-5.08	0.56	-9.1	< 0.001 ***	4/947 (0,5%)
precedida por 3P/‘você’	3.25	0.40	8.1	< 0.001 ***	190/200 (95%)
Tipo de comunicação					
agrad. e pedido (referência)					39/157 (25%)
conselho	-0.29	0.69	-0.4	0.673	28/186 (15%)
crítica e reclamação	-0.66	0.61	-1.1	0.278	52/213 (24%)
relato	-0.31	0.40	-0.8	0.430	143/768 (19%)
Temática					
cotidiano (referência)					115/249 (46%)
cultura e política	0.08	0.59	0.1	0.890	45/112 (40%)
relacionamento	-1.74	0.38	-4.6	< 0.001 ***	102/963 (11%)
Faixa temporal					
1915-1920 (referência)					137/443 (31%)
1921-1926	-0.30	0.35	-0.8	0.396	106/783 (14%)
1927-1932	-0.85	0.63	-1.3	0.177	19/98 (19%)

Modelo: glm (VD~TIPO.DE.SUJEITO + CONTEXTO.VERBAL + PARALELISMO.LINGUISTICO + TIPO.DE.COMUNICACAO + TEMATICA + FAIXA.TEMPORAL, data = dados, family = binomial)

Fonte: Própria.

Tabela 10 - Análises de regressão logística de efeitos fixos (*Correio Paulistano*). Resultado para o uso de 3P/‘você’ em relação ao uso de 2P/‘tu’ na posição sintática de sujeito (*Intercept* = 0.001)

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-*z*	*p*	Apli./N
Tipo de sujeito					
nulo (referência)					241/474 (51%)
pleno	1.47	0.60	2.5	0.014 *	111/132 (84%)
Contexto verbal					
imperativo (referência)					107/166 (64%)
não imperativo	-0.04	0.43	-0.1	0.926	245/440 (56%)
Paralelismo linguístico					
isolada e primeira (referência)					102/144 (71%)
precedida por 2P/‘tu’	-4.60	0.52	-8.8	< 0.001 ***	5/214 (2%)
precedida por 3P/‘você’	3.38	0.63	5.4	< 0.001 ***	245/248 (99%)
Tipo de comunicação					
agrad. e pedido (referência)					82/115 (71%)
conselho	-0.26	1.45	-0.2	0.860	21/32 (66%)
crítica e reclamação	-1.30	0.60	-2.2	0.031 *	134/192 (70%)
relato	-1.53	0.50	-3.1	0.002 **	115/267 (43%)
Temática					
cotidiano (referência)					133/201 (66%)
cultura e política	0.13	0.44	0.3	0.770	195/282 (69%)
relacionamento	-1.27	0.52	-2.4	0.016 *	24/123 (20%)
Faixa temporal					
1915-1920 (referência)					93/180 (52%)
1921-1926	-0.12	0.44	-0.3	0.780	85/200 (42%)
1927-1932	0.62	0.48	1.3	0.200	174/226 (77%)

Modelo: glm (VD~TIPO.DE.SUJEITO + CONTEXTO.VERBAL + PARALELISMO.LINGUISTICO + TIPO.DE.COMUNICACAO + TEMATICA + FAIXA.TEMPORAL, data = dados, family = binomial)

Fonte: Própria.